

G. K. Chesterton

**A incredulidade do
Padre
Brown**



SÉTIMO
SELO



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

G. K. Chesterton

A incredulidade do

Padre Brown



Sumário

NOTA DO AUTOR

I - A RESSURREIÇÃO DO PADRE BROWN

II - A FLECHA DO CÉU

III - O ORÁCULO DO CÃO

IV - MILAGRE EM MOON CRESCENT

V - A MALDIÇÃO DA CRUZ DE OURO

VI - A ADAGA ALADA

VII - A SINA DOS DARNAWAYS

VIII - O FANTASMA DE GIDEON WISE

NOTAS DE RODAPÉ

G. K. Chesterton

A incredulidade do
Padre
Brown



SÉTIMO
SELO

G. K. Chesterton



A incredulidade do
Padre
Brown

Tradução de Igor Barbosa



SÉTIMO
SELO

A incredulidade do Padre Brown

G. K. Chesterton

1ª edição — junho de 2024 — CEDET

Título original: The Incredulity of Father Brown (1926).

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, adotado no Brasil em 2009.

Os direitos desta edição pertencem ao

CEDET — Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico

Rua Armando Strazzacappa, 490

CEP: 13087-605 — Campinas, SP

Telefone: (19) 3249-0580

E-mail: livros@cedet.com.br

CEDET LLC is licensee for publishing and sale of the electronic edition of this book

CEDET LLC

1808 REGAL RIVER CIR - OCOEE - FLORIDA - 34761

Phone Number: (407) 745-1558

e-mail: cedetusa@cedet.com.br

Editor:

Ulisses Trevisan Palhavan

Tradução:

Igor Barbosa

Revisão:

Daniel Araújo

Preparação de texto:

Mariana Souto Figueiredo

Diagramação:

Maurício Amaral

Capa:

Nelson Provazi

Leitura de provas:

Flávia Regina Theodoro

Telma Regina Matheus

Victor Helder Corrêa Figueiredo

Conselho editorial:

Adelice Godoy

César Kyn d'Ávila

Silvio Grimaldo de Camargo

FICHA CATALOGRÁFICA

Chesterton, G. K. (1874–1936).

A incredulidade do Padre Brown / G. K. Chesterton; tradução de Igor Barbosa — 1ª ed.
— Campinas, sp: Editora Sétimo Selo, 2024.

Título original: The Incredulity of Father Brown.

ISBN: : 978-65-88732-94-6

1. Literatura inglesa: ficção.

I. Título II. Autor

CDD — 823

INDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura inglesa: ficção — 823



SÉTIMO
SELO

www.editorasetimoselo.com.br

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.



Gilbert Keith Chesterton (1874–1936)

NOTA DO AUTOR

Não sei se, a respeito de histórias tão leves, é necessário declarar que os fatos arqueológicos e históricos foram presumidos apenas para servir à narrativa. Existem situações problemáticas muito semelhantes às que aparecem aqui, mas evitei deliberadamente reproduzir qualquer uma delas.



I - A RESSURREIÇÃO DO PADRE BROWN

Houve um breve período durante o qual Padre Brown desfrutou — ou, melhor dizendo, desgostou — de algo semelhante à fama. Por nove dias, foi ele uma verdadeira febre nos jornais, tornando-se inclusive tema de polêmica nos semanários atuais; suas façanhas eram narradas com entusiasmo e imprecisão em vários clubes e salões, especialmente na América. Por mais estranho e incrível que possa parecer a quem o conhecesse, as suas aventuras como detetive chegaram a ser tema de contos publicados em revistas.

Coisa estranha, esse êxito fugaz foi encontrá-lo no mais obscuro, ou pelo menos no mais distante, dos muitos lugares em que residiu. Ele havia sido enviado para exercer o seu ministério, como algo entre um missionário e um pároco, em uma dessas regiões da Costa Norte da América do Sul, onde partes de territórios ainda se agarram inseguramente às potências europeias, ou ameaçam constantemente tornarem-se repúblicas independentes, sob a sombra descomunal do presidente Monroe.¹ A população era de pele vermelha e morena, com manchas rosadas; isto é, era hispano-americana e, em grande parte, hispano-ameríndia, mas havia uma considerável e crescente infiltração de americanos do tipo setentrional — ingleses, alemães e afins. E o problema parece ter começado quando um desses visitantes, recém-chegado e muito aborrecido pelo extravio de uma de suas malas, dirigiu-se ao primeiro edifício que avistou — por sinal a casa de missão e sua capela anexa, com uma longa varanda na frente e uma extensa fileira de estacas, às quais se agarravam trepadeiras escuras e retorcidas, cujas folhas quadradas o outono avermelhara. Atrás delas, também em fila, estavam sentados alguns seres humanos, quase tão rígidos quanto as estacas e coloridos nos mesmos tons que as videiras. Os seus olhos imóveis eram tão negros quanto os chapéus de abas largas que usavam, ao passo que a pele de muitos deles parecia feita da madeira vermelha

daquelas florestas transatlânticas. Alguns fumavam charuto preto, muito comprido e fino; e em meio ao grupo, a fumaça era praticamente a única coisa que se movia. O estrangeiro provavelmente os descreveria como nativos, embora alguns deles se orgulhassem muito de ter sangue espanhol. Ele, porém, não era o tipo de pessoa capaz de fazer a sutil distinção entre espanhóis e índios peles-vermelhas, disposto como estava a desconsiderar quem tivesse a culpa de ser nativo.

Era um jornalista de Kansas City, um homem magro, de cabelos claros e dotado do que Meredith chamava de nariz aventureiro: quase se poderia imaginar que o nariz orientava seu dono, tateando à frente e se movendo como a tromba de um tamanduá. Seu sobrenome era Snaith, e os pais, após alguma obscura meditação, decidiram batizá-lo de Saul, fato que ele teve o bom senso de esconder na medida do possível. Na verdade, ele acabou adotando para si o nome de Paul, embora não pelo mesmo motivo do Apóstolo dos Gentios. Muito pelo contrário, no que diz respeito a esse tema, o nome do perseguidor lhe resultava muito mais apropriado, pois considerava a religião institucionalizada com o desprezo convencional que pode ser aprendido mais facilmente com as leituras de Ingersoll do que com as de Voltaire. E foi este, aliás, o não tão importante lado de seu caráter que ele exibiu à estação missionária e aos grupos em frente à varanda. Algo no seu desavergonhado descanso e indiferença lhe inflamou o furor de eficiência; e como não conseguiu obter resposta alguma para suas primeiras perguntas, desatou a falar sozinho.

Lá fora, de pé sob a forte luz do Sol, figura esguia com seu chapéu panamá e roupas elegantes, a mão segurando com força a maleta, pôs-se a gritar com as pessoas sentadas à sombra. Começou a explicar-lhes, aos berros, o motivo de serem tão preguiçosos e imundos, bestialmente ignorantes e inferiores aos animais que perecem, caso este problema já tivesse passado por suas cabeças. Na sua opinião, era a influência nefasta dos padres que os tornava tão miseravelmente pobres e tão irremediavelmente oprimidos que podiam sentar-se à sombra, fumar e não fazer nada.

— E vocês devem ser uma turma bem molenga — disse ele —, para serem oprimidos por esses fantoches presunçosos que andam para lá e para cá com suas mitras, tiaras, mantos dourados e outros trapos alegres; que olham todos de cima como se fossem lixo; sendo enganados por suas coroas, pálios e santas sombrinhas, como uma criança ao assistir uma pantomima; só porque um Sumo Sacerdote de Não-sei-das-quantas, velho e empolado, se mostra como o senhor do mundo. E vocês? Não veem como estão, seus patetas? Eu lhes digo, é por isso que vocês voltaram à barbárie e não sabem ler nem escrever e...

Nesse ponto, o Sumo Sacerdote saiu correndo porta afora de modo pouco cerimonioso. Não se mostrava muito como um senhor do mundo, mas antes

como uma trouxa de roupas pretas e usadas, enfiadas num travesseiro, como se fosse um Judas prestes a ser malhado. Não trazia sua tiara, se é que possuía uma, mas um chapéu largo e surrado, não muito diferente daquele dos índios espanhóis, e o enterrava na parte de trás da cabeça com um gesto de preocupação. Parecia prestes a falar com os nativos imóveis, quando avistou o estrangeiro e então disse rapidamente:

— Ah, posso ajudá-lo em alguma coisa? Gostaria de entrar?

O Sr. Paul Snaith entrou; e isso deu início a um considerável aumento das informações daquele jornalista sobre muitas coisas. É possível que seu instinto jornalístico fosse mais forte do que seus preconceitos, como, de fato, costuma ser o caso de jornalistas inteligentes. Fez muitas perguntas, cujas respostas o interessaram e surpreenderam. Descobriu que os índios sabiam ler e escrever, pela simples razão de que o padre os havia ensinado; mas só faziam uso de tal conhecimento quando indispensável, pois por natureza preferiam comunicações mais diretas. Ficou sabendo que aquelas pessoas estranhas, ali amontoadas na varanda, sem mexer um fio de cabelo, podiam trabalhar duro em seus próprios pedaços de terra; especialmente aqueles cujo sangue era, em mais da metade, espanhol; e também ficou sabendo, com maior espanto ainda, que todos tinham pedaços de terra legitimamente seus. Isso fazia parte de uma tradição obstinada que, para aqueles nativos, parecia bastante nativa. Mas também nisso o padre exercera uma certa influência e, ao fazê-lo, assumiu talvez o que foi seu primeiro e último papel na política, pelo menos na política local.

Recentemente havia varrido aquela região uma dessas febres de radicalismo ateu e quase anarquista que, de quando em quando, irrompem em países de cultura latina, e que costumam começar em uma sociedade secreta e geralmente terminam em uma guerra civil e pouco mais. O líder local do partido iconoclasta era um certo Alvarez, um aventureiro bastante pitoresco de nacionalidade portuguesa, mas, como diziam os seus inimigos, de ascendência parcialmente negra, mestre de inúmeras lojas e templos de iniciação do tipo que nesses lugares revestem até mesmo o ateísmo de algum misticismo. O líder do lado mais conservador era um sujeito mais vulgar, um homem bastante rico chamado Mendoza, proprietário de várias fábricas e muito respeitável, mas nada animador. Todos concordavam que os defensores da lei e da ordem acabariam sendo completamente derrotados se não tivessem adotado uma política mais popular: a de garantir a posse de terras para os camponeses; e este movimento havia se originado na pequena missão do Padre Brown.

Enquanto conversava com o jornalista, entrou Mendoza, o líder conservador. Era um homem robusto, moreno, com uma cabeça lisa como uma pera e um corpo redondo, também como uma pera; fumava um charuto muito

aromático, mas jogou-o fora, talvez um pouco teatralmente, quando chegou à presença do padre, como se estivesse entrando na igreja; e curvou-se numa reverência, inesperada num cavalheiro tão corpulento. Colocava sempre extrema seriedade em seus gestos sociais, sobretudo diante das instituições religiosas. Era um daqueles leigos que são muito mais eclesiásticos que os próprios eclesiásticos. Isso embaraçava bastante o Padre Brown, especialmente quando se estendia à vida privada.

— Acho que sou um anticlerical — costumava dizer Padre Brown, com um leve sorriso —, mas se deixassem as coisas por conta dos clérigos, não haveria tanto clericalismo.

— Ora, Sr. Mendoza — exclamou o jornalista com uma animação renovada —, acho que já nos encontramos antes. O senhor não esteve no Congresso de Comércio no México, no ano passado?

Mendoza bateu as pesadas pálpebras em sinal de familiaridade, e sorriu com seu jeito vagaroso:

— Eu me lembro — murmurou.

— Fizeram lá um belo negócio, em uma ou duas horas — disse Snaith com satisfação. — Acho que também foi bom para o senhor.

— Tive muita sorte — disse modestamente Mendoza.

— Creio que sim! — exclamou o entusiasmado Snaith. — A boa sorte vem para as pessoas que sabem aproveitá-la, e o senhor aproveitou bem. Mas espero não estar atrapalhando algum de seus assuntos...

— De jeito nenhum — respondeu o outro. — Muitas vezes tenho a honra de visitar o padre para uma conversinha. Apenas para uma conversinha.

Foi como se essa familiaridade entre o Padre Brown e um homem de negócios bem-sucedido e até famoso viesse completar a reconciliação entre o sacerdote e o pragmático Sr. Snaith. Ele viu, pode-se supor, uma nova respeitabilidade revestir a estação e a missão, e se dispôs a ignorar coisas como uma capela e um presbitério, sinais bem evidentes da existência da religião. Ficou bastante entusiasmado pelo programa do padre — pelo menos em seu aspecto secular e social — e anunciou-se pronto para atuar, quando solicitado, na qualidade de enérgico porta-voz para comunicação com o mundo exterior. E foi precisamente então que Padre Brown começou a considerar o jornalista mais indesejável na sua simpatia do que na sua hostilidade.

O Sr. Paul Snaith passou, dali em diante, a divulgar vigorosamente o Padre Brown. Enviou longos e clamorosos elogios de sua pessoa através

do continente para seu jornal no Meio-Oeste. Tirou retratos do desafortunado clérigo nas atividades mais banais e as exibiu em gigantescas fotografias nos enormes jornais de domingo dos Estados Unidos. Transformou seus ditos em slogans e apresentou insistentemente ao mundo uma “mensagem” do reverendo cavalheiro da América do Sul. Qualquer linhagem menos forte e vigorosamente receptiva do que a raça americana acabaria ficando muito entediada com o Padre Brown. Mas, ao contrário, ele recebeu régios e ávidos convites para fazer uma série de palestras nos Estados Unidos; e à sua recusa, foram refeitos em melhores termos, com declarações de admiração respeitosa. Uma série de publicações sobre ele, como as histórias de Sherlock Holmes, foram, por intermédio do Sr. Snaith, planejadas e apresentadas ao herói, a quem só se pedia auxílio e encorajamento. Quando soube que já haviam começado a produção, o padre nada pôde sugerir, exceto que parassem. E isso foi tomado pelo Sr. Snaith como o mote para uma discussão sobre se o Padre Brown deveria desaparecer por algum tempo, caindo de um penhasco, como o herói do Dr. Watson. A todas essas exigências, o padre teve de responder pacientemente por escrito, dizendo que consentiria nessa solução, a fim de que se desse a interrupção temporária das histórias, e implorando que houvesse um intervalo considerável antes de sua retomada. As mensagens escritas por ele foram ficando cada vez mais curtas; e enquanto escrevia a última, ele suspirou aliviado.

Desnecessário dizer que esse estranho frenesi ao Norte impactou o pequeno posto avançado no Sul, onde ele esperava viver no mais solitário exílio. A considerável população inglesa e americana já presente no local começou a se orgulhar de ter entre eles uma pessoa tão amplamente propagandeada. Os turistas americanos, do tipo que chegam ansiosos por ver a Abadia de Westminster, desembarcavam naquela costa remota ávidos pelo Padre Brown. Vinham de enormes distâncias, em excursões de trens com seu nome, cheios de multidões para vê-lo como se ele fosse um monumento público. Ele estava especialmente preocupado com os novos, ativos e ambiciosos comerciantes e lojistas do lugar, sempre atrás dele para que lhes experimentasse os artigos e desse a própria opinião. Mesmo se a opinião não viesse, insistiam eles na correspondência, visando autógrafos. E como era uma pessoa de bom coração, conseguiram muito do que queriam dele; e foi em resposta a um pedido particular de um comerciante de vinhos de Frankfurt, chamado Eckstein, que o padre apressadamente escreveu em um cartão algumas palavras que causariam uma terrível reviravolta em sua vida.

Eckstein era um homenzinho meticuloso de cabelos crespos e pince-nez, que se mostrou extremamente ansioso para que o padre, ao acusar o recebimento, não apenas experimentasse um pouco de seu célebre porto medicinal, mas também o informasse onde e quando o beberia. O padre não ficou

particularmente surpreso com o pedido, pois há muito já estava acostumado com as loucuras da propaganda. Rabiscou então qualquer coisa em resposta e avançou para outro assunto que parecia mais urgente. Mas logo foi de novo interrompido por uma mensagem de ninguém menos que seu inimigo político Alvarez, pedindo-lhe que comparecesse a uma reunião na qual se pretendia entrar em acordo sobre certo assunto importante que precisava ser resolvido; sugeria um encontro naquela mesma noite, em uma cafeteria fora dos muros da pequena cidade. Em resposta, o clérigo enviou uma mensagem de aceitação através de um militar bastante decorado que tinha ficado à espera; depois, tendo uma ou duas horas disponíveis, sentou-se e tentou resolver parte de seus assuntos. Passado esse tempo, serviu-se de um copo do notável vinho do Sr. Eckstein e, olhando o relógio com uma expressão bem-humorada, bebeu e saiu noite adentro.

A lua cheia iluminava a pequena cidade hispânica, de modo que, quando ele chegou ao pitoresco portal, com sua arcada verdadeiramente rococó e a fantástica orla de palmeiras do lado de fora, o cenário parecia o de uma ópera espanhola. Via-se, através da arcada, a silhueta de uma longa folha de palmeira com bordas irregulares, com a Lua de fundo, pendendo contra a construção e um pouco parecida com a mandíbula de um crocodilo negro. A fantasia não teria perdurado em sua imaginação se não fosse por outra coisa que captou sua atenção naturalmente alerta. O ar estava mortalmente parado e não havia uma brisa; mas ele viu distintamente que a folha de palmeira pendente se movera.

Olhou ao redor e verificou estar sozinho. Havia deixado para trás as últimas casas, em sua maioria fechadas e com cortinas cerradas, e caminhou entre dois longos muros sem pintura, construídos com pedras grandes e disformes, mas achatadas, adornadas aqui e ali pelas estranhas ervas daninhas espinhosas daquela região — muros que corriam paralelos até o portal. Não conseguia ver as luzes da cafeteria fora dos muros; provavelmente ainda estava muito longe. Nada podia ser visto sob o arco, exceto uma área mais ampla e pavimentada com grandes lajes, pálida ao luar, com cactos dando frutos espalhados cá e lá. Percebeu com toda a intensidade o cheiro do mal; deu-se conta de uma estranha opressão física; mas não pensou em parar. Sua coragem, embora considerável, era todavia menor que sua curiosidade. Durante toda a vida foi conduzido por uma fome intelectual pela verdade, ainda que a respeito de ninharias; procurava não cair em exageros, mas essa fome sempre o acompanhava. Atravessou o portão e, ao chegar do outro lado, um homem saltou como um macaco do topo da árvore, empunhando uma faca. No mesmo instante, outro homem se esgueirou junto ao muro e, erguendo um porrete bem alto, deu com ele na sua cabeça. Padre Brown se virou, cambaleou e desabou, mas, ao cair, uma expressão de suave e imensa surpresa desenhou-se em seu rosto redondo.

Naquela época, vivia na mesma pequena cidade outro jovem americano,

particularmente diferente do Sr. Paul Snaith. Chamava-se John Adams Race. Era um engenheiro elétrico, contratado por Mendoza para equipar a velha cidade com todas as novas conveniências. Sua figura era muito menos conhecida nos meios da crítica e das intrigas internacionais do que a do jornalista americano. No entanto, como se sabe, para cada homem do tipo moral de Snaith há, na América, um milhão de homens do tipo moral de Race. O que o tornava excepcional era ser excepcionalmente bom no trabalho, mas muito simples em todos os outros aspectos. Ele havia começado a vida como assistente de farmacêutico em um vilarejo do Oeste e crescido por puro esforço e mérito; mas ainda considerava sua cidade natal o coração natural do mundo habitável. No colo de sua mãe, aprendera uma espécie de cristianismo muito puritano, ou puramente evangélico, a partir da Bíblia da família; e na medida em que tinha tempo para ter alguma religião, essa ainda era sua religião. Em meio a todas as luzes ofuscantes das mais recentes e até as mais loucas descobertas, quando ele estava no limite extremo de um experimento, operando milagres de luz e som como um deus a criar novas estrelas e sistemas solares, nem por um momento deixou de pensar que as coisas “lá de casa” eram as melhores do mundo; sua mãe, a Bíblia da família e a moralidade tranquila e pitoresca de sua aldeia. Ele tinha um senso da sacralidade de sua mãe tão sério e nobre como o teria um francês frívolo. Convicto de que a religião da Bíblia era a única verdadeira, sentia apenas uma vaga falta dessa religião aonde quer que fosse no mundo moderno. Dificilmente se poderia esperar que ele simpatizasse com as externalidades religiosas dos países católicos; e por não gostar de mitras e báculos, ele simpatizava com o Sr. Snaith, embora não adotasse, nisso, um ar pedante. Não gostava das reverências e adulações públicas de Mendoza e certamente não era tentado pelo misticismo maçônico do ateu Alvarez. Talvez toda aquela vida semitropical fosse colorida demais para ele, pintada com vermelho indígena e ouro espanhol. De qualquer forma, quando ele dizia que não havia nada que chegasse aos pés de sua cidade natal, não estava se gabando. Realmente queria dizer que, em algum lugar, havia algo simples, despretensioso e comovente que ele realmente respeitava mais do que qualquer outra coisa no mundo. Sendo essa atitude mental de John Adams Race em uma missão na América do Sul, há algum tempo vinha crescendo nele um sentimento curioso, que contradizia todos os seus preconceitos e que ele não podia explicar. Pois a verdade era esta: a única coisa que ele havia encontrado em suas viagens que, de alguma forma, o lembrava da velha pilha de lenha, das propriedades provinciais e da Bíblia que aprendera no colo de sua mãe era (por alguma razão inescrutável) o rosto redondo e o guarda-chuva preto e desajeitado do Padre Brown.

Pegava-se observando, alheado, aquela vulgar e cômica figura negra em seus movimentos, com um fascínio quase mórbido, como se fosse um enigma ambulante ou uma contradição. Representava tudo o que odiava, mas no fundo desse personagem havia encontrado algo de que não conseguia deixar

de gostar; era como se tivesse sido horripilantemente atormentado por demônios menores e então descobrisse que o Diabo era uma pessoa bastante comum.

Assim aconteceu que, ao olhar pela janela, naquela noite de luar, ele viu passar o Diabo, um demônio inexplicavelmente inocente, com seu largo chapéu preto e longo casaco preto, arrastando os pés ao ganhar a rua em direção ao portão, e o viu com um interesse que ele mesmo não conseguiu entender. Perguntou-se aonde ia o sacerdote e o que de fato pretendia; e permaneceu olhando a rua enlunarada muito tempo depois da passagem da pequena figura negra. Em seguida, viu outra coisa que o intrigou ainda mais: dois outros homens que ele reconheceu passaram por sua janela, como se por um palco iluminado. Uma espécie de brilho lunar azul formava um halo espectral em torno do grande arbusto de cabelos que se levantava verticalmente da cabeça do pequeno Eckstein, o vendedor de vinhos, e marcava a silhueta de uma outra figura mais alta e morena, com perfil de águia e encimada por um estranho chapéu preto, fora de moda e grosseiro, que parecia tornar o todo ainda mais bizarro, como uma forma em uma pantomima de sombras. Race repreendeu-se por permitir que a Lua pregasse tais peças à sua imaginação, pois logo em seguida reconheceu as negras costeletas espanholas e o rosto de traços salientes do Dr. Calderón, um respeitável médico da cidade, que conhecera quando este atendia Mendoza, no exercício da profissão. Ainda assim, algo na maneira como os homens sussurravam entre si e espiavam a rua pareceu-lhe peculiar. Num impulso repentino, pulou pela janela e, com a cabeça descoberta, subiu a estrada, seguindo o rastro deles. Viu-os desaparecer sob o arco escuro; e, um instante depois, ouviu-se um grito terrível vindo do outro lado, curiosamente alto e penetrante, e para Race muito assustador, porque dizia, muito distintamente, alguma coisa em uma língua que ele não conhecia.

No momento seguinte houve um crescendo de passos, mais gritos, e então um rugido confuso de raiva ou dor que sacudiu as torres e as altas palmeiras do lugar; houve um movimento na multidão que se reunira, como se recuassem pelo portão. E então do arco escuro ressoou uma nova voz, desta vez compreensível para ele e soando com a nota da tragédia, a voz de alguém gritando através do portal:

— Padre Brown está morto!

Nunca soube qual mecanismo foi acionado em sua mente, ou por que algo com que ele contava subitamente não aconteceu; mas correu em direção ao portão e chegou bem a tempo de encontrar seu compatriota, o jornalista Snaith, saindo pela passagem escura, mortalmente pálido e estalando os dedos, nervoso.

— É verdade sim — disse Snaith, com um tom que para ele se

aproximava da reverência. — Ele já era. O médico está examinando, e não há esperança. Algum desses malditos mestiços o atingiu quando ele passou pelo portão, sabe Deus por quê. Vai ser uma grande perda para o lugar.

Race não respondeu ou, talvez, não conseguiu responder, mas correu sob o arco, em direção à cena. A pequena figura negra jazia onde havia caído, no ermo de pedras largas pontilhado aqui e ali de espinhos verdes; e a grande multidão era contida, principalmente, pelos gestos de uma gigantesca figura no primeiro plano. De fato, havia ali muitos a quem o simples movimento de sua mão fazia deslizar de um lado para o outro, como se fosse um mágico.

Alvarez, o ditador e demagogo, era uma figura alta e pedante, sempre vestida de maneira excessivamente vistosa, e nessa ocasião usava um uniforme verde com bordados ao modo de cobras prateadas rastejando por todo o torso, tendo suspensa em seu pescoço, numa fita de um bordô muito vivo, a insígnia de uma ordem. Seu cabelo crespo já era grisalho; em contraste, sua tez, que seus amigos diziam ser oliva e seus inimigos mulata, parecia quase literalmente dourada, como se fosse uma máscara moldada em ouro. Mas seu rosto de traços largos, que era poderoso e animado, naquele momento estava sério e sombrio. Ele estava na cafeteria, explicou, esperando o Padre Brown, quando ouviu um farfalhar e uma queda e, ao sair, encontrou o cadáver caído nas lajes.

— Sei o que estão pensando — disse ele, olhando em volta altivo —, e se vocês têm medo de mim, como sei que têm, eu mesmo o direi. Sou ateu; não tenho nenhum deus por quem jurar diante daqueles que não aceitam minha palavra. Mas dou minha palavra de honra de homem e de soldado que não tenho parte nesse ato. Se eu tivesse à mão os homens que fizeram isso, teria prazer em enforcá-los naquela árvore.

— Naturalmente, estamos contentes em ouvir essas suas afirmações — disse o velho Mendoza, rígido e solene, de pé ao lado do corpo de seu falecido aliado. — Este golpe foi terrível demais para expressarmos o que sentimos no momento. Sugiro que será mais decente e adequado removermos o corpo do meu amigo e encerrarmos esta reunião imprevista. Acredito — acrescentou gravemente ao médico — que, infelizmente, não haja dúvida.

— Nenhuma — confirmou o Dr. Calderón.

Triste e com uma singular sensação de vazio, John Race voltou para seus aposentos. Parecia impossível que ele sentisse falta de um homem que nunca conheceu. Foi informado de que o funeral seria no dia seguinte, pois todos achavam que convinha passar pela crise o mais rápido possível, pelo temor de tumultos que se tornavam cada vez mais prováveis. Quando Snaith viu, no dia de sua chegada, a fileira de índios sentados na varanda, eles pareciam uma

fleira de antigas imagens astecas esculpidas em madeira vermelha. Mas não os viu quando souberam que o padre estava morto.

Na verdade, era certo que se levantariam em revolta e linchariam o líder republicano, se naquele instante não os imobilizasse a estrita necessidade de agir respeitosamente diante do caixão de seu líder religioso. Os verdadeiros assassinos, cujo linchamento seria mais natural, pareciam ter sumido nos ares. Ninguém sabia seus nomes; e ninguém jamais saberia se o defunto havia sequer visto seus rostos. Aquela expressão de surpresa, sua última na Terra, talvez indicasse o reconhecimento de seus rostos. Alvarez repetia violentamente que aquilo não era obra dele e compareceu ao funeral, caminhando atrás do caixão em seu esplêndido uniforme prateado e verde com uma espécie de reverência bravateira.

Por trás da varanda da casa de missão subia-se um lance de degraus de pedra por um declive verde muito íngreme, cercado por uma sebe de cactos, e por ele o caixão foi levado com esforço até o nível superior e temporariamente depositado ao pé do grande e esquelético crucifixo que dominava a estrada e defendia o solo consagrado. Lá embaixo, na estrada, um grande mar de pessoas lamentava e desfiava seus rosários — um povo órfão que havia perdido um pai. Apesar de todos esses símbolos bastante provocativos para ele, Alvarez se portou com moderação e respeito; e tudo teria corrido bem — como Race disse a si mesmo — se o tivessem deixado em paz.

Com amargura, Race disse a si mesmo que o velho Mendoza sempre parecera um velho tolo e agora se comportava realmente, e diante de todos, como tal. Por costume nas sociedades mais simples, o caixão estava aberto e o rosto exposto, levando à agonia os ânimos de toda aquela gente humilde. Isso, estando em consonância com a tradição, não deveria ter causado nenhum problema; mas alguma pessoa mais comunicativa adicionara o costume dos livres-pensadores franceses de fazer discursos junto ao túmulo. Mendoza começou a fazer um discurso — um discurso um tanto longo, e quanto mais longo, mais e mais afundavam o ânimo e a simpatia de John Race pelo ritual religioso. Uma lista de atributos de santidade, aparentemente do gênero mais antiquado, foi apresentada com a monotonia dilatatória de um orador que não sabe quando descer do palco. Isso já era ruim o bastante; mas Mendoza também teve a inefável estupidez de começar a repreender e até insultar seus adversários políticos. Em três minutos ele havia conseguido fazer uma cena, e era uma cena extraordinária.

— Cabe perguntar — disse ele, olhando pomposamente em volta. — Cabe muito bem perguntar onde podem ser encontradas tais virtudes entre aqueles que, por loucura, abandonaram o credo de seus pais. É quando temos ateus entre nós, líderes ateus e, aliás, às vezes até governantes ateus, que observamos sua infame filosofia frutificando em crimes como este. Se perguntarmos quem

assassinou este santo homem, certamente descobriremos...

A África das florestas brilhava nos olhos de Alvarez, o aventureiro mulato; e Race julgou notar, de repente, que no fim das contas o homem era um bárbaro, incapaz de se controlar completamente; podia-se supor que todo o seu transcendentalismo “iluminado” tinha um toque de vodu. De qualquer forma, Mendoza não pôde ir em frente, pois Alvarez havia se levantado e gritava de volta para ele, sobrepujando-o com seus pulmões infinitamente superiores.

— Quem o assassinou? — rugiu ele. — Seu Deus o assassinou! Seu próprio Deus o assassinou! De acordo com vocês, ele mata todos os seus fiéis e tolos servos, como assassinou aquele — e fez um gesto violento, não em direção ao caixão, mas ao crucifixo.

Parecendo se controlar um pouco, continuou em tom ainda bravo, porém mais argumentativo:

— Eu não acredito, mas você acredita. Não é melhor não ter um Deus do que ter um que nos defrauda dessa maneira? Eu, pelo menos, não tenho medo de dizer que não há Deus. Não há poder em todo este universo cego e acéfalo que possa ouvir sua oração ou devolver seu amigo. Mesmo que você implore ao Céu para ressuscitá-lo, ele não ressuscitará. Mesmo que eu desafie o Céu a ressuscitá-lo, ele não ressuscitará. Aqui e agora vou colocar isso à prova: desafio o Deus que não existe a acordar o homem que dorme para sempre.

Houve um choque de silêncio; o demagogo tinha causado sensação.

— Devíamos ter adivinhado — exclamou Mendoza com uma voz rouca e pastosa — quando permitimos que homens como você...

Uma nova voz interrompeu sua fala; uma voz alta e estridente, com sotaque ianque.

— Parem! Parem! — gritou Snaith, o jornalista. — Está acontecendo alguma coisa! Juro que o vi se mover!

Subiu correndo os degraus em direção ao caixão, enquanto a multidão, lá embaixo, se aglomerava num frenesi indescritível. No momento seguinte, ele virou uma cara de espanto por cima do ombro e fez com o dedo um sinal para o Dr. Calderón, que se apressou a ir conferenciar com ele. Quando os dois homens se afastaram novamente do caixão, todos puderam ver que a posição da cabeça havia mudado. Ergueu-se um rugido inquieto do meio da multidão e logo cessou num instante, como se tivesse sido sufocado no ar; pois o padre, no caixão, deu um gemido e ergueu-se sobre um cotovelo, encarando a multidão com olhos turvos e piscantes.

John Adams Race, que até então conhecera apenas milagres da ciência, nunca se considerou capaz, nos anos seguintes, de descrever a confusão daqueles dias após o acontecimento. Parecia-lhe ter saído do mundo do tempo e do espaço e estar vivendo no impossível. Em meia hora, toda aquela cidade e o distrito haviam se transformado em algo há mil anos ignorado; num povo medieval que um milagre impressionante transformou em uma multidão de monges; numa cidade grega cujo deus havia descido entre os homens. Milhares se prostraram na estrada; centenas fizeram votos ali mesmo; e mesmo os forasteiros, como os dois americanos, só conseguiam pensar e falar sobre o prodígio. O próprio Alvarez estava atônito, como fazia sentido que estivesse; e mantinha-se sentado, com a cabeça apoiada nas mãos.

E no meio de todo esse furacão de bem-aventurança havia um homenzinho tentando ser ouvido. Sua voz era baixa e fraca, e o barulho era ensurdecedor. Ele fazia pequenos e débeis gestos que pareciam mais de irritação do que qualquer outra coisa. Foi até o parapeito da varanda acima da multidão, acenando para que ficasse quieta, com movimentos parecidos com o bater das asas curtas de um pinguim. O barulho deu lugar a algo mais similar a uma calmaria; e então o Padre Brown, pela primeira vez, atingiu o auge da indignação que poderia derramar contra seus filhos.

— Ah, povo bobo — disse ele, em voz alta e trêmula. — Ah, povo bobo, bobo.

De repente, ele pareceu se recompor, dirigiu-se aos degraus numa marcha mais corriqueira e começou a descer apressadamente.

— Aonde vai o senhor, padre? — disse Mendoza, com uma veneração maior do que a habitual.

— Para a estação telegráfica — disse com pressa Padre Brown. — O quê? Não, claro que não é um milagre. Por que seria um milagre? Milagres não são tão ordinários assim.

E desceu os degraus, entre as pessoas que pulavam diante dele para implorar sua bênção.

— Deus os abençoe, Deus os abençoe — respondia apressadamente Padre Brown. — Deus abençoe a todos e lhes dê mais bom senso.

E fugiu com extraordinária rapidez para a estação telegráfica, onde mandou a seguinte mensagem ao secretário do bispo:

CORRE POR AÍ UMA HISTÓRIA MALUCA SOBRE UM MILAGRE AQUI.

ESPERO QUE VOSSA EXCELÊNCIA NÃO CREIA NELA. NÃO É NADA.

Ao começar o caminho de volta, em reação a tal esforço, cambaleou um pouco, e John Race o segurou pelo braço.

— Deixe-me levá-lo para casa — disse ele. — O senhor merece um tratamento melhor do que o que esse povo está lhe oferecendo.

•

John Race e o padre estavam sentados no presbitério; a mesa ainda encontrava-se lotada de papéis com os quais este último batalhara no dia anterior; a garrafa de vinho e a taça vazia ainda estavam onde ele as havia deixado.

— E agora — disse o Padre Brown quase sombriamente —, posso começar a pensar.

— Eu não me esforçaria tanto tão cedo — aconselhou o americano. — Deveria descansar. No mais, sobre o que o senhor deveria pensar?

— Por acaso, muitas vezes tive a tarefa de investigar assassinatos — disse Padre Brown. — Agora, cabe a mim investigar meu próprio assassinato.

— Se eu fosse você — disse Race —, beberia antes um pouco de vinho.

Padre Brown levantou-se, serviu-se de um copo, ergueu-o contra a luz, olhou pensativo para o nada e pousou-o novamente. Depois, voltou a se sentar e disse:

— Sabe como me senti quando morri? Você pode não acreditar, mas meu sentimento foi de grande surpresa.

— Olha — respondeu Race —, suponho que tenha ficado surpreso ao levar uma pancada na cabeça.

Padre Brown inclinou-se para ele e disse em voz baixa:

— Fiquei surpreso por não levar uma pancada na cabeça.

Race olhou para ele por um momento, como se pensasse que a pancada na cabeça tinha sido eficaz demais, mas se limitou a responder:

— O que o senhor quer dizer?

— Quero dizer que, quando aquele homem baixou sua clava em um golpe violento, ela parou perto da minha cabeça, mas não a tocou. Da mesma forma, o outro sujeito fez o movimento de me esfaquear, mas nem sequer me arranhou a pele. Foi como uma encenação. Acho que foi uma encenação. Mas

então aconteceu algo extraordinário.

Pensativo, olhou os papéis em cima da mesa por um momento; e depois continuou:

— Embora eu não tivesse sido tocado pela faca nem pelo porrete, comecei a sentir minhas pernas cedendo e a própria vida me escapando. Eu sabia que estava sendo atingido por alguma coisa, mas não era por aquelas armas. Sabe o que eu acho que foi?

E apontou para o vinho na mesa.

Race pegou na taça de vinho, olhou-a e cheirou-a.

— Acho que o senhor tem razão — disse ele. — Meu primeiro emprego foi o de farmacêutico e estudei química. Eu não poderia afirmar com certeza sem uma análise; mas acho que há algo muito incomum nesta taça. Existem drogas com as quais os asiáticos produzem um sono temporário que parece a morte.

— Isso mesmo — disse o padre, calmamente. — Esse milagre foi inteiramente forjado, por um ou outro motivo. A cena do funeral foi encenada e cronometrada. Acho que é parte dessa febre de publicidade que se apoderou de Snaith; mas mal posso acreditar que ele iria tão longe apenas pela propaganda. Afinal, uma coisa é escrever coisas sobre mim, e me apresentar como uma espécie de Sherlock Holmes de araque, e...

Enquanto o padre falava, seu rosto se alterou. Fechou de repente suas pálpebras piscantes e se ergueu como se estivesse sufocando, depois esticou a mão vacilante, como se tateasse em direção à porta.

— Aonde vai? — perguntou o outro, com certa admiração.

— Se quer saber — disse Padre Brown, muito pálido —, eu estava indo rezar. Ou melhor, louvar a Deus.

— Acho que não entendi. O que está havendo com o senhor?

— Eu ia louvar a Deus por, tão estranha e incrivelmente, livrar-me; e livrar-me por pouco.

— Claro — disse Race. — Não sou da sua religião; mas acredite em mim, sou suficientemente religioso para entender isso. Claro, o senhor pretendia agradecer a Deus por livrá-lo da morte.

— Não — disse o padre. — Não da morte. Da desgraça.

O outro ficou sentado olhando; e as próximas palavras vieram da boca

do sacerdote junto a uma espécie de lamento.

— E quem dera fosse a minha desgraça, apenas! Mas seria a desgraça de tudo que eu defendo; a desgraça da fé que eles se dispuseram a derrotar. O que poderia ter sido! O maior e mais horrível escândalo já lançado contra nós, desde que a última mentira foi sufocada na garganta de Titus Oates.²

— Do que diabos está falando? — perguntou seu conviva.

— Ora, é melhor eu lhe dizer de uma vez — disse o padre e, sentando-se, prosseguiu com mais serenidade: — Tudo me ocorreu num piscar de olhos, quando mencionei Snaith e Sherlock Holmes. Agora me lembro do que escrevi sobre seu esquema absurdo; era a coisa mais natural a dizer, mas acho que fui engenhosamente induzido a escrever exatamente essas palavras. Eram algo como “Estou disposto a morrer e voltar à vida como Sherlock Holmes, se esse for o melhor caminho”. E no momento em que pensei nisso, percebi que fui levado a escrever muitas coisas desse tipo, todas indicando a mesma ideia. Escrevi, como se a um cúmplice, dizendo que beberia o vinho entorpecido em determinado momento. Ora, você entende?

Race levantou-se ainda olhando fixamente:

— Sim — declarou. — Acho que começo a entender.

— Eles proclamariam o milagre. Depois eles denunciariam o milagre. E o que é pior, teriam provado que eu estava metido com a conspiração. Esse seria, no fim, o nosso falso milagre. Isso é tudo; e que nem eu nem você jamais cheguemos mais perto do Inferno que isso, assim espero.

E, depois de uma pausa, acrescentou em voz bastante suave:

— Certamente pretendiam me usar para atingir bastante gente.

Race olhou para a mesa e disse com tom sombrio:

— Quantos desses animais estavam metidos nisso?

Padre Brown balançou a cabeça.

— Mais do que podemos imaginar — respondeu. — Mas espero que alguns deles sejam apenas ferramentas. Alvarez pode pensar que na guerra vale tudo, talvez; ele tem uma mente esquisita. Receio muito que Mendoza seja um velho hipócrita; nunca confiei nele e ele odiou minha atuação em uma questão trabalhista. Mas tudo isso pode esperar; só tenho a agradecer a Deus por escapar dessa. E sobretudo por ter telegrafado imediatamente ao bispo.

John Race parecia muito pensativo.

— Você me contou muita coisa que eu não sabia — confessou por fim —, e me sinto inclinado a lhe dizer a única coisa que você não sabe. Posso imaginar com qual precisão aqueles sujeitos maquinaram. Acreditavam que qualquer homem vivo que acordasse em um caixão e se visse canonizado como um santo e transformado em um milagre ambulante para a admiração geral seria arrastado junto com seus adoradores e aceitaria a coroa de glória caída do Céu sobre ele. E acho que o cálculo deles envolve uma psicologia bastante prática, de acordo com os atos dos homens. Já vi todo tipo de gente nos mais diferentes lugares, e confesso francamente que não acredito que haja um homem em mil capaz de acordar assim, com toda a sua inteligência ativa, e de, ainda meio acordado, reter a sanidade, a simplicidade e a humildade de...

Com enorme espanto, sentiu-se comovido e com a voz trêmula.

Padre Brown estava olhando distraído a garrafa sobre a mesa com um ar enviesado. Depois disse:

— Pois bem, que tal uma garrafa de vinho de verdade?

II - A FLECHA DO CÉU

É de se temer que pelo menos cem histórias de detetive se iniciem com o assassinato de algum milionário americano, acontecimento que, por algum motivo, é considerado uma espécie de calamidade. A presente história, fico feliz em dizer, começa com o assassinato de um milionário; em certo sentido, começa com três milionários assassinados, o que alguns podem considerar um embarras de riqueza. Foi, porém, precisamente essa coincidência, ou continuidade da política criminoso, que destacou o caso em relação a outros crimes ordinários e o transformou no extraordinário problema que foi.

Dizia-se, muito genericamente, que todos haviam sido vítimas de alguma vingança ou maldição ligada à posse de uma relíquia de grande valor, tanto intrínseco quanto histórico: uma espécie de cálice incrustado de pedras preciosas e comumente chamado de Taça Copta. Sua origem era obscura, mas supunha-se que tivera alguma função religiosa; e havia quem atribuisse a má sorte de seus possuidores ao fanatismo de algum cristão oriental horrorizado com a passagem da taça por mãos tão materialistas. Contudo, o misterioso assassino, fanático ou não, já era uma figura de sinistro e sensacionalista interesse no mundo do jornalismo e da fofoca. O desconhecido personagem

recebeu um nome ou, melhor dizendo, um codinome. Aqui, porém, vamos nos ocupar apenas da história da terceira vítima, pois só nesse caso um certo Padre Brown, figura central desses episódios, teve a oportunidade de fazer notar sua presença.

Quando desembarcou de um transatlântico e pela primeira vez pôs os pés em solo americano, Padre Brown descobriu, como tantos outros ingleses antes dele, que era uma pessoa muito mais importante do que jamais supusera. Sua figura baixa, o semblante simplório e míope, os trajes clericais desgastados, poderiam passar despercebidos por qualquer multidão em seu país natal; só notariam talvez sua extraordinária insignificância. A América, porém, tem uma tendência a exagerar a fama das pessoas; e sua presença em um ou dois curiosos problemas criminais, juntamente à sua longa associação com Flambeau, o ex-criminoso e detetive, haviam consolidado, na América, uma reputação para quem era, na Inglaterra, pouco mais que um boato. Seu rosto redondo ficou pálido de surpresa ao se ver emboscado no cais por um grupo de jornalistas, como se fossem uma quadrilha de bandidos, que lhe faziam perguntas sobre todos os assuntos que lhe eram mais estranhos, como os detalhes do vestuário feminino e as estatísticas criminais do país que ele, naquele momento, acabava de ver pela primeira vez. Talvez tenha sido o contraste com a negra e conflituosa solidariedade desse grupo que tornou mais vívida outra figura que se destacava dele, igualmente negra contra a luz branca e ardente daquele lugar e estação brilhantes, mas inteiramente solitária; era um homem alto, de rosto um tanto amarelado e óculos imensos, que deteve o padre com um gesto no momento em que os jornalistas se afastavam:

— Com licença — disse ele —, creio que o senhor esteja procurando o Capitão Wain.

É possível apresentar algumas desculpas em nome do Padre Brown, pois ele mesmo teria se desculpado sinceramente. Devemos lembrar que até então ele nunca tinha visto a América e, de modo específico, nunca tinha visto aquele tipo de óculos de tartaruga, uma vez que, naquele momento, tal moda ainda não havia alcançado a Inglaterra. À primeira vista, cuidou estar diante de algum monstro marinho de olhos arregalados com uma espécie de capacete de mergulhador. À parte isso, o homem trajava com requinte, e para Brown, em sua inocência, os óculos pareciam a mais estranha desfiguração de um dândi. Era como se um dândi se adornasse com uma perna de pau para um toque extra de elegância. A pergunta também o envergonhou. Um certo aviador americano de nome Wain, amigo de alguns de seus amigos na França, de fato figurava em uma longa lista de pessoas que desejavam encontrá-lo ao longo de sua visita à América; não esperava, porém, ouvir falar dele tão cedo.

— Perdoe-me — murmurou temeroso. — O senhor é o Capitão Wain? O senhor... o senhor o conhece?

— Tenho certeza de que não sou o Capitão Wain — disse o homem de óculos, com seu rosto impassível. — Tive essa certeza quando o vi lá no carro, esperando pelo senhor. Mas a outra pergunta é um pouco mais complicada. Creio conhecer Wain e seu tio, bem como o velho Merton. Conheço o velho Merton, mas o velho Merton não me conhece. E ele acha que a vantagem é dele, e eu acho que a vantagem é minha. Entende?

Padre Brown não estava entendendo nada. Piscou diante da paisagem marítima brilhante e dos pináculos da cidade, depois observou o homem de óculos. Não era apenas a máscara que cobria seus olhos que conferia àquele homem uma aspecto impenetrável. Havia em seu rosto amarelo algo de asiático, até mesmo chinês; e suas palavras consistiam em camadas estratificadas de ironia. Era um tipo que se encontrava de quando em quando em meio àquela população saudável e sociável; era o americano inescrutável.

— Meu nome é Drage — disse ele —, Norman Drage, e sou um cidadão americano, o que explica tudo. Pelo menos imagino que seu amigo Wain gostaria de explicar o resto; então vamos adiar o 4 de Julho³ para outra data.

Meio confuso, Padre Brown foi arrastado até um carro perto dali, no qual um jovem com louros tufos desgrenhados e uma expressão bastante atormentada e abatida o saudou de longe, apresentando-se depois como Peter Wain. Antes que se desse conta de onde estava, Padre Brown foi colocado no carro e se viu atravessando a cidade em velocidade considerável, até deixá-la para trás. Pouco acostumado com a impetuosa praticidade americana, sentia-se tão confuso como se fosse levado por uma carruagem de dragões para a terra das fadas. Foi em tal desconcerto que ouviu pela primeira vez, em longos monólogos de Wain e frases curtas de Drage, a história da Taça Copta e dos dois crimes ligados a ela.

Parecia que Wain tinha um tio chamado Crake, que tinha um sócio chamado Merton, que era o terceiro na série de ricos homens de negócios a quem a taça pertencera. O primeiro deles, Titus P. Trant, o Rei do Cobre, havia recebido cartas ameaçadoras de alguém que se autodenominava Daniel Doom. Este nome era, presumivelmente, um pseudônimo, mas passou a designar um personagem muito conhecido, embora pouco popular; tão conhecido como Jack, o Estripador, e Robin Hood juntos. Logo ficou claro, porém, que o autor da carta não se limitava a ameaçar. Seja como for, resultou que o velho Trant foi encontrado, certa manhã, com a cabeça afundada em sua própria piscina natural, sem que houvesse a menor pista do autor. Felizmente, a taça estava a salvo no banco, e passou com o resto da propriedade de Trant para seu primo, Brian Horder, que também era um homem de grande riqueza e que também foi ameaçado pelo inimigo sem nome. Brian Horder foi encontrado morto ao pé de um penhasco próximo de sua residência à beira-mar, na qual houve um roubo, desta vez em grande escala. Pois embora a taça tenha aparentemente

escapado de novo, foram roubados títulos e apólices mobiliários suficientes para complicar o levantamento do inventário de Horder.

— A viúva de Brian Horder — explicou Wain — teve de vender a maior parte de seus objetos de valor e, creio eu, Brander Merton deve ter comprado a taça nessa época, pois ele a possuía quando o conheci. Mas o senhor já deve ter notado que não se trata de uma posse muito confortável.

— O Sr. Merton já recebeu alguma das cartas com ameaças? — perguntou Padre Brown, após uma pausa.

— Imagino que sim — disse o Sr. Drage; e algo em sua voz fez o padre olhá-lo com curiosidade, até notar que o homem de óculos ria silenciosamente, de uma maneira que causou no recém-chegado uma espécie de calafrio.

— Tenho quase certeza que sim — disse Peter Wain, franzindo a testa. — Nunca vi essas cartas. Apenas seu secretário vê parte de sua correspondência, pois é muito reticente em seus negócios, como é costume dos grandes empresários. No entanto, já o vi muito chateado e preocupado com algumas cartas, bem como o vi rasgar algumas delas antes mesmo que seu secretário as lesse. O próprio secretário está ficando nervoso e afirma que alguém está tramando algo contra o velho; em resumo, ficaríamos muito gratos ao receber qualquer pequeno conselho do senhor a esse respeito. Todos conhecem sua grande reputação, Padre Brown, e o secretário me pediu que o levasse imediatamente à casa dos Merton.

— Ah, entendo — disse Padre Brown, para quem o significado desse aparente sequestro finalmente começava a ficar claro. — Mas a verdade é que não vejo o que possa fazer mais do que os senhores. Vocês vivem aqui, e devem ter cem vezes mais informações para uma conclusão científica do que um simples visitante.

— Sim — disse o Sr. Drage secamente. — Mas nossas conclusões são científicas demais para serem verdadeiras. Entendo que, fosse o que fosse que atingiu um homem como Titus P. Trant, só pode ter vindo do céu, sem esperar por nenhuma explicação científica; quase como um raio vindo das nuvens.

— Você não está querendo dizer — exclamou Wain — que tenha sido algo sobrenatural?!

Mas nunca era fácil descobrir o que o Sr. Drage queria dizer, exceto quando ele dizia que alguém era realmente inteligente, pois nesse caso muito provavelmente queria dizer que era um idiota. Drage manteve-se orientalmente imóvel até que o carro parou, um pouco depois, no que obviamente era o destino deles. Tratava-se de um local bastante singular. Eles haviam passado por uma região de poucas árvores que se abria numa vasta

planície, e bem na frente deles havia uma construção que consistia em uma única parede ou cerca muito alta e redonda, como um acampamento romano, e aparentava ser um aeródromo. A barreira não parecia ser de madeira nem pedra; uma inspeção mais detalhada revelou que era de metal.

Todos desceram do carro e, após manipulações semelhantes à abertura de um cofre, uma pequena porta na parede foi aberta com bastante cuidado. Mas, para grande surpresa do Padre Brown, o homem chamado Norman Drage não mostrou nenhuma intenção de entrar, e se despediu deles com uma alegria sinistra.

— Não vou entrar — disse ele. — Seria, a meu ver, uma excitação muito prazerosa para o velho Merton. Ele gosta tanto de me ver que a felicidade o mataria.

Afastou-se enquanto Padre Brown, cada vez mais espantado, era recebido através da porta de aço que, após sua passagem, se fechou de supetão. Dentro, havia um grande e elaborado jardim de cores alegres e variadas, mas privado de quaisquer árvores, arbustos altos ou flores. No centro, erguia-se uma casa de arquitetura bonita e até impressionante, mas tão alta e estreita que parecia uma torre. A luz do Sol ardente brilhava esparsa em telhados de vidro no topo, mas não parecia haver nenhuma janela na parte inferior. Em tudo, via-se aquela limpeza imaculada e cintilante que parece tão típica da atmosfera americana. Ao adentrar o pórtico, eles se viram cercados de mármore cintilante, metais e esmaltes de cores vivas, mas não havia escada. Apenas um único elevador subia pelo meio, entre as paredes sólidas, e a entrada era guardada por homens fortes e robustos, lembrando policiais à paisana.

— Proteção bastante elaborada, bem sei — disse Wain. — Talvez o senhor ache alguma graça, Padre Brown, em descobrir que Merton tem que viver em uma fortaleza como esta, sem ter no jardim uma árvore sequer atrás da qual alguém possa se esconder. Mas o senhor não imagina que tipo de situação nós enfrentamos neste país. E talvez não saiba exatamente o que significa o nome Brander Merton. Ele parece um homem de bem comum, do tipo que ninguém repararia ao cruzar com ele na rua; embora hoje em dia isso seja pouco provável, pois só de vez em quando ele consegue sair em um carro fechado. Mas se alguma coisa acontecesse com Brander Merton, haveria terremotos do Alasca ao Caribe. Imagino que nenhum rei ou imperador jamais teve tanto poder sobre as nações quanto ele. Enfim, suponho que se lhe pedissem para visitar o czar, ou o Rei da Inglaterra, o senhor se interessaria por ir. Talvez não ligue muito para czares ou milionários; mas um poder desse tipo é sempre interessante. E espero que não seja contra seus princípios visitar um tipo de imperador moderno como Merton.

— De jeito nenhum — disse Padre Brown, baixinho. — É meu dever visitar

os prisioneiros e todos os pobres homens que estão no cativeiro.

Houve um silêncio, e o jovem franziu a testa com um olhar estranho e quase astuto em seu rosto magro. Então ele disse, abruptamente:

— Bem, o senhor deve lembrar que não são apenas bandidos comuns ou a Mão Negra que estão contra ele. Este Daniel Doom é muito parecido com o Diabo. Veja como ele acabou com Trant em seus próprios jardins e Horder nas vizinhanças de sua casa e saiu impune.

O andar mais alto da mansão, dentro das paredes enormemente grossas, consistia em dois cômodos; um saguão externo, no qual eles desceram do elevador, e um cômodo interno que era o santuário do grande magnata. Chegaram ao saguão externo no momento em que dois outros visitantes estavam saindo do cômodo interno. Um foi saudado por Peter Wain como seu tio — um homem pequeno, mas muito robusto e ativo, com a cabeça raspada a ponto de parecer careca e um rosto moreno a ponto de parecer quase marrom demais para ter sido branco um dia. Este era o velho Crake, comumente chamado de Hickory Crake, em memória do outro mais famoso, o velho Hickory,⁴ por causa de sua fama nas mais recentes guerras contra os peles-vermelhas. Seu companheiro fazia com ele um contraste singular — um cavalheiro muito elegante com cabelos tão escuros quanto um verniz preto e uma larga fita preta no monóculo: Barnard Blake, que atuava como advogado do velho Merton e vinha discutindo com os sócios os negócios da firma. Enquanto uns chegavam e outros saíam, os dois pares de homens se encontraram no meio da sala externa e pararam educadamente para uma rápida conversa. E durante ambas as idas e vindas, outra figura estava parada no fundo do saguão, perto da porta interna, enorme e imóvel à meia-luz da janela; um homem com feições negroides e ombros gigantes. Representava o que os americanos chamam por ironia de “Homem Mau”, a quem os amigos podem chamar de guarda-costas e os inimigos de capanga.

Este homem não fez qualquer movimento nem menção de cumprimentar ninguém; mas vê-lo no saguão externo pareceu levar Peter Wain à sua primeira pergunta nervosa.

— Tem alguém com o chefe? — perguntou.

— Não fique nervoso, Peter — riu seu tio. — Wilton, o secretário, está com ele, e creio que isso baste para todos. Acho que Wilton nem mesmo dorme, para vigiar Merton. Ele é melhor do que vinte guarda-costas. E é rápido e silencioso como um índio.

— Bem, você é que sabe — respondeu o sobrinho, rindo. — Lembro-me dos truques dos peles-vermelhas que você costumava me ensinar quando eu era

menino e gostava de ler histórias de índios. Só que, nessas histórias, os peles-vermelhas sempre levavam a pior.

— Na vida real era diferente — disse, sombriamente, o velho pioneiro.

— Era mesmo? — perguntou o brando Sr. Blake. — Eu imaginava que eles poderiam fazer muito pouco diante das nossas armas de fogo.

— Já vi índio enfrentar cem armas com apenas uma faquinha de escalpelo e matar um branco que estava ao meu lado, no topo de um forte — disse Crake.

— Mas ora, como fez isso? — perguntou o outro.

— Arremessando — respondeu Crake. — Arremessando num piscar de olhos, antes que qualquer tiro pudesse ser disparado. Não sei onde ele aprendeu o truque.

— Bem, espero que você não o tenha aprendido — disse o sobrinho, rindo.

— Tenho a impressão — disse o Padre Brown, pensativo — de que essa história pode ter uma moral.

Enquanto falavam, o secretário, Sr. Wilton, saiu da sala interna e ficou esperando; um homem pálido, de cabelos claros, queixo quadrado e olhos firmes com uma expressão canina; e não era difícil acreditar que ele tinha os olhos singulares de um cão de guarda.

— O Sr. Merton poderá vê-los em cerca de dez minutos — disse ele, e nada além disso; mas serviu como um sinal para dividir o grupo mexeriqueiro. O velho Crake disse que deveria estar de folga, e seu sobrinho saiu com ele e seu acompanhante legal, deixando Padre Brown por um momento sozinho com o secretário; pois o gigante negroide do outro lado da sala mal marcava presença, pois permanecia imóvel, com suas costas largas voltadas para eles, olhando para o cômodo interno.

— Aqui temos um sistema bastante elaborado, infelizmente — disse o secretário. — O senhor provavelmente já ouviu tudo sobre esse tal Da niel Doom, e como não é seguro deixar o chefe sozinho muito tempo.

— Mas ele está sozinho agora, não está? — perguntou Padre Brown.

O secretário olhou para ele com olhos cinzentos graves.

— Por quinze minutos — disse ele. — Por quinze minutos a cada vinte e quatro horas. Essa é, de fato, toda a solidão de que ele desfruta. E o chefe insiste nisso, por um motivo digno de nota.

— E qual é esse motivo? — perguntou o visitante.

Wilton, o secretário, manteve seu olhar firme, mas sua boca, que até então tinha sido apenas grave, mudou-se numa expressão severa.

— A Taça Copta — disse ele. — Talvez o senhor tenha esquecido a Taça Copta; mas o chefe não se esqueceu dela nem de qualquer outra coisa. Ele não confia em nenhum de nós, no que diz respeito à Taça Copta. Ela está trancada naquela sala, em algum lugar e de modo que apenas ele consegue encontrá-la; e não a tira do lugar até que estejamos todos longe. Portanto, somos obrigados a correr o risco durante esse quarto de hora em que ele cultua a taça. Acho que é a única idolatria que o chefe pratica. Não que haja algum risco real; eu transformei todo este lugar em uma armadilha, na qual acredito que nem o próprio Diabo possa entrar ou, pelo menos, sair dela. Se esse Daniel Doom dos infernos nos fizer uma visita, ele ficará para o jantar e até um pouco mais, Deus sabe! Eu me mantenho de prontidão por quinze minutos, preparado para, no instante em que ouvir um disparo ou um barulho de luta, apertar este botão que fará uma corrente elétrica correr em um anel ao redor do muro do jardim, matando imediatamente quem o estiver atravessando ou escalando. Claro, não poderia haver um disparo, pois esta é a única entrada; e a única janela junto à qual o chefe se sente fica no alto de uma torre lisa como um pau de sebo. Mas, de qualquer forma, aqui estamos todos armados, é claro; e se Doom entrasse naquele cômodo, não sairia vivo.

Padre Brown olhava o tapete com um padrão de desenhos marrons. Então disse repentinamente como um solavanco:

— Espero que o senhor não se importe com o que vou dizer, mas uma ideia me veio à cabeça neste minuto, a seu respeito.

— Sério? E o que seria?

— Acho que o senhor é um homem com uma ideia fixa — disse Padre Brown —, e não fique bravo se digo que, pelo que posso observar, essa ideia é mais a de pegar Daniel Doom do que a de defender Brander Merton.

Wilton retesou-se um pouco e continuou a encarar o companheiro; então, muito lentamente, sua boca amargurada adquiriu um sorriso bem esquisito.

— Como o senhor... O que o faz pensar isso? — perguntou.

— O senhor disse que, se ouvisse um disparo, poderia eletrocutar instantaneamente o inimigo em fuga — comentou o padre. — Suponho que já

tenha lhe ocorrido que o disparo poderia ser fatal para seu patrão antes que o choque fosse fatal para seu inimigo. Não quero dizer que o senhor não protegeria o Sr. Merton se pudesse, mas esse objetivo parece ocupar o segundo lugar em suas preocupações. Um sistema bastante elaborado, como diz o senhor, que ao que parece é quem o elaborou. Mas ele parece projetado mais para pegar um assassino do que para salvar um homem.

— Padre Brown, o senhor é muito inteligente — disse o secretário, que havia recuperado seu tom calmo. — Possui, porém, algo mais que a mera inteligência. O senhor é aquele tipo de homem a quem desejamos dizer a verdade; de qualquer modo, o senhor provavelmente vai ouvi-la, pois num certo sentido já é uma piada que fazem contra mim. Todos me consideram um maníaco em perseguição a esse grande bandido, e talvez seja mesmo. Mas vou lhe dizer uma coisa que nenhum deles sabe. Meu nome completo é John Wilton Horder.

Padre Brown assentiu como se visse tudo perfeitamente às claras, mas o outro continuou.

— Esse sujeito que se autodenomina Doom matou meu pai e meu tio e arruinou minha mãe. Quando Merton procurou um secretário, aceitei o emprego, pensando que, mais cedo ou mais tarde, o criminoso apareceria no local onde está a taça. Mas eu não sabia quem era o criminoso e nada podia fazer além de esperá-lo, e sempre pretendi servir a Merton fielmente.

— Entendo — disse gentilmente Padre Brown. — A propósito, não é hora de irmos vê-lo?

— Ah, sim — respondeu Wilton, novamente saindo um pouco de seus pensamentos, de modo que o padre concluiu que sua sede de vingança mais uma vez o havia absorvido por um momento. — Pode entrar agora, por gentileza.

Padre Brown se dirigiu ao cômodo interno. Não ouviu saudação, apenas um silêncio mortal, e um momento depois o sacerdote voltou a aparecer na porta.

No mesmo instante, o silencioso guarda-costas sentado perto da porta moveu-se repentinamente, como se uma enorme peça de mobília tivesse ganhado vida. Parecia que algo na própria atitude do padre havia sido um sinal, pois sua cabeça estava recortada contra a luz da janela interna e seu rosto estava ensombrecido.

— Acho que o senhor vai apertar esse botão — disse ele com uma espécie de suspiro.

Wilton pareceu acordar de sua obcecada ruminação e ergueu-se de um

salto, com a voz embargada.

— Não houve disparo — exclamou.

— Veja bem — disse Padre Brown —, depende do que quer dizer com um disparo.

Wilton correu para a frente e eles mergulharam juntos no cômodo interno. Era uma sala relativamente pequena e mobiliada de maneira simples, mas elegante. Em frente a eles, abria-se uma ampla janela, com vista para o jardim e a planície arborizada. Perto da janela havia uma cadeira e uma mesinha, como se o cativo desejasse tanto ar e luz quanto lhe fosse permitido durante seu breve luxo de solidão.

Na mesinha sob a janela estava a Taça Copta; era evidente que seu dono a estivera observando sob a melhor luz possível. Era mesmo algo que valia a pena olhar, pois aquela luz branca e brilhante transformava suas pedras preciosas em chamas multicoloridas, fazendo-a capaz de passar por uma cópia do Santo Graal. Valia a pena olhar a taça, mas Brander Merton não a estava vendo. Pois sua cabeça havia caído para trás sobre a cadeira, com sua cabeleira branca pendurada e apontando para o chão, sua barba grisalha apontada para o teto e, saindo de sua garganta, uma longa flecha pintada de marrom e com penas vermelhas na outra extremidade.

— Um disparo silencioso — disse Padre Brown, em voz baixa. — Eu estava justamente pensando sobre essas novas invenções para silenciar armas de fogo. Mas esta é uma invenção muito antiga e igualmente silenciosa.

Então, depois de um momento, acrescentou:

— Receio que ele esteja morto. O que o senhor vai fazer?

Pálido, o secretário levantou-se com abrupta resolução.

— Vou apertar esse botão, é claro — disse ele —, e se isso não der conta de Daniel Doom, vou caçá-lo pelo mundo até encontrá-lo.

— Tome cuidado para que isso não dê conta de nenhum de nossos amigos — observou Padre Brown. — Não é possível que eles estejam longe. É melhor chamá-los.

— Todos estão cientes quanto ao muro — respondeu Wilton. — Nenhum deles tentará escalá-lo, a menos que algum deles... esteja com muita pressa.

Padre Brown foi até a janela pela qual a flecha evidentemente havia entrado e olhou para fora. O jardim, com seus canteiros planos, esten dia-se lá embaixo

como um mapa-múndi delicadamente colorido. Toda a paisagem parecia tão vasta e vazia, a torre parecia tão elevada no céu que, enquanto olhava para fora, uma frase estranha voltou à sua memória.

— Um raio caído do céu — disse ele. — O que foi que alguém disse sobre um raio caído e a morte vinda do céu? Veja como tudo parece distante. Parece extraordinário que uma flecha pudesse chegar tão longe, a menos que fosse uma flecha vinda do céu.

Wilton havia voltado, mas não respondeu, e o padre continuou como em um solilóquio.

— Faz a gente pensar sobre aviação. Devemos perguntar ao jovem Wain... sobre aviação.

— Há muitos aviões por aqui — disse o secretário.

— Este é um caso de armas muito antigas ou muito novas — observou Padre Brown. — Algumas seriam bastante familiares para seu velho tio, suponho; devemos perguntar-lhe sobre flechas. Essa flecha se parece bastante com uma flecha dos peles-vermelhas. Não sei de onde o pele-vermelha atirou; mas você se lembra da história que o velho contou. Eu disse que ela tinha uma moral.

— Se existe uma moral — disse Wilton calorosamente —, é apenas que um verdadeiro pele-vermelha consegue atirar uma coisa mais longe do que se pensaria. É um absurdo você sugerir um paralelo.

— Acho que você não entendeu bem a moral da história — disse o Padre Brown.

Embora o pequeno sacerdote se misturasse aos milhões de moradores de Nova York no dia seguinte, sem qualquer tentativa aparente de ser nada além de um número em uma rua lotada, durante a quinzena seguinte ele ficou, de fato, discretamente ocupado com a comissão que lhe havia sido dada, pois estava profundamente temeroso de um possível erro judiciário. Sem qualquer demonstração própria de que os escolhera especificamente dentre novos conhecidos, ele teve facilidade em conversar com os dois ou três homens recentemente envolvidos no mistério; e sobretudo com o velho Hickory Crake teve uma conversa curiosa e interessante. Aconteceu em um assento no Central Park, onde o veterano estava sentado com as mãos e o rosto ossudos apoiados na ponta de uma bengala de madeira vermelha escura moldada de modo estranho, possivelmente modelada na forma de uma machadinha.

— Olha, pode ser um disparo longínquo — disse ele, balançando a cabeça —, mas eu não diria que é possível sermos precisos a respeito do quão longe uma flecha indígena pode voar. Eu soube de alguns disparos de arco que parecem

voar mais alto do que qualquer bala, e atingem o alvo com perfeição espantosa, considerando a distância viajada. Claro, hoje em dia praticamente não se ouve falar de índios peles-vermelhas usando arco e flechas, muito menos de peles-vermelhas rondando por aqui. Mas se por acaso um dos antigos arqueiros indígenas, com um dos seus arcos, estivesse escondido naquelas árvores centenas de metros além da muralha externa de Merton... ora, então eu não duvidaria que este bravo selvagem fosse capaz de disparar uma flecha por cima da parede e na janela superior da casa de Merton; nem duvidaria que pudesse acertar o próprio Merton. Nos velhos tempos, vi coisas tão espantosas quanto essa.

— Sem dúvida — disse o padre —, o senhor não apenas viu, mas também fez coisas espantosas.

O velho Crake deu uma risadinha e depois disse rispidamente:

— Ah, isso é história antiga.

— Algumas pessoas levam jeito para o estudo da história antiga — disse o padre. — Suponho que podemos concluir não haver nada em seu histórico que leve alguém a dizer inconvenientes sobre esse caso.

— O que quer dizer? — perguntou Crake, seus olhos se movendo nitidamente pela primeira vez, em seu rosto vermelho e duro, que parecia a cabeça de uma machadinha.

— Bem, já que o senhor foi tão perfeitamente apresentado a todas as artes e ofícios dos peles-vermelhas... — Padre Brown começou, lentamente.

Até então, Crake mantivera uma postura encurvada e quase encolhida, sentado e apoiando o queixo na estranha ponta de sua bengala. Mas nesse instante ele se ergueu e ficou ereto como um bravo lutador, agarrado à bengala como a um porrete.

— O quê? — gritou ele num ganido estridente. — Que diabos! Você está me dizendo, sem meios termos, que posso ter assassinado meu próprio cunhado?

De uma dúzia de assentos espalhados pelo parque, as pessoas olharam os querelantes um diante do outro no meio da viela: o homenzinho enérgico de cabeça calva brandindo sua extravagante bengala como um porrete, e a figura negra e atarracada do pequeno clérigo olhando para ele sem mover um músculo, à exceção de suas pálpebras piscantes. Por um momento, parecia que a figura negra e atarracada cairia vítima de uma pancada na cabeça desferida com a prontidão e presteza dos peles-vermelhas; e a imensa silhueta de um policial irlandês pôde ser vista erguendo-se à distância e avançando até eles. Mas o padre apenas disse, muito calmo, como quem responde a uma pergunta

comum:

— Tenho certas conclusões a respeito, mas não vou mencioná-las até apresentar meu relatório.

Seja sob a influência dos passos do policial ou dos olhos do padre, o velho Hickory enfiou a bengala debaixo do braço e tornou a colocar o chapéu, resmungando. O padre placidamente desejou-lhe um bom-dia e saiu sem pressa do parque, dirigindo-se ao saguão do hotel onde sabia que o jovem Wain se encontrava. O jovem levantou-se com uma saudação. Ele parecia ainda mais abatido e atormentado do que antes, como se alguma preocupação o estivesse consumindo; e o padre suspeitava que seu jovem amigo havia recentemente se empenhado, com sucesso visível, em burlar a última emenda à Constituição Americana.⁵ Mas ao ouvir a primeira palavra sobre sua ciência ou passatempo favorito ele voltou a ficar suficientemente atento e concentrado. Pois o Padre Brown perguntou, como quem não quer nada, se a aviação era muito praticada naquele distrito, e contou como a princípio confundiu o muro circular do Sr. Merton com um aeródromo.

— Que surpresa o senhor não ter visto nenhum avião enquanto a gente estava lá — respondeu o Capitão Wain. — Há épocas em que há mais aviões que moscas. Aquela planície aberta é ótima para o voo, e não me surpreenderá se, no futuro, se tornar o principal ninho, por assim dizer, desse meu tipo de pássaro. Eu mesmo voei bastante por lá, é claro, e conheço a maioria dos camaradas daqui que serviram voando na guerra; mas agora muita gente por aí, de quem nunca ouvi falar na vida, está voando para aquelas bandas. Acho que em breve voar será como dirigir, e cada americano terá seu próprio avião.

— Sendo dotados por seu Criador — disse Padre Brown com um sorriso —, com o direito à vida, à liberdade e à busca do automobilismo...⁶ para não falar da aviação. Portanto, suponho podermos considerar que a passagem de um avião estranho por cima daquela casa, em determinados momentos, não seria notada como algo fora do comum.

— Não — respondeu o jovem —, acho que não.

— Ou mesmo se o homem fosse conhecido — continuou o outro —, acho que ele poderia fazer uso de uma máquina que não seria reconhecida como sua. Se você, por exemplo, voasse da maneira normal, o Sr. Merton e seus amigos talvez reconhecessem o equipamento; mas você poderia passar bem perto daquela janela com outra aeronave, perto o bastante para fins práticos.

— Bem, sim — começou o jovem, quase automaticamente, e então parou, e ficou olhando para o clérigo com a boca aberta e os olhos arregalados. — Meu

Deus! — disse ele em voz baixa. — Meu Deus!

Então, levantou-se da poltrona, pálido e tremendo da cabeça aos pés, ainda olhando para o padre.

— Você está louco? — disse ele. — Está louco?

Houve um silêncio, depois sibilou de forma rápida.

— Realmente veio até aqui para insinuar...

— Não; apenas para coletar sugestões — disse Padre Brown, levantando-se.
— Posso ter chegado a algumas conclusões provisórias, mas por ora é melhor deixá-las de lado.

E, cumprimentando o outro com a mesma civilidade rígida, saiu do hotel para continuar suas curiosas peregrinações.

Ao entardecer daquele dia, elas o haviam conduzido por ruas e passagens sombrias que se retorciam, descendo em direção ao rio, na parte mais antiga e irregular da cidade. Bem lá embaixo, sob a lanterna colorida que marcava a entrada de um restaurante chinês, ele encontrou uma figura que já vira antes, embora esta figura de maneira alguma se apresentasse aos olhos do padre como ele a vira antes.

O Sr. Norman Drage ainda encarava sombriamente o mundo por trás de seus grandes óculos, que pareciam de alguma forma cobrir seu rosto como uma máscara escura de vidro. Mas, exceto pelos óculos, sua aparência havia sofrido uma estranha transformação no mês decorrido desde o assassinato. Na época, como observou Padre Brown, ele se trajava com esmero, de modo que era difícil distinguir entre o dândi e o manequim de vitrine de uma alfaiataria. Mas agora todos esses aspectos externos tinham sido misteriosamente alterados para pior; como se o manequim do alfaiate tivesse se transformado em espantalho. A cartola ainda existia, mas estava gasta e surrada; suas roupas estavam dilapidadas; a corrente do relógio e os ornamentos menores haviam sumido. Padre Brown, no entanto, dirigiu-se a ele como se tivessem se encontrado ontem, e não hesitou em sentar-se com ele em um banco do restaurante barato para onde o homem se dirigia. Porém não foi o padre quem iniciou a conversa.

— E aí? — rosnou Drage. — Conseguiu vingar seu bem-aventurado milionário? Sabemos que todos os milionários são bem-aventurados; é o que se lê nos jornais no dia seguinte, falando sobre como eles viveram à luz da Bíblia que leram no colo de suas mães. Puxa! Se tivessem lido alguma coisa do que há na Bíblia, a mãe talvez ficasse um pouco assustada. E o milionário também, suponho eu. O velho livro está cheio

de grandes ideias antigas e ferozes que não são mais cultivadas hoje em dia; um tipo de sabedoria da Idade da Pedra, enterrada sob as pirâmides. Imagine que alguém jogasse o velho Merton do alto daquela torre dele, e o deixasse ser comido por cães lá embaixo; isso não seria pior que o que aconteceu com Jezabel. Agag não foi cortado em pedacinhos, apesar de caminhar com muito cuidado? Merton, maldito seja, caminhou com muito cuidado toda a sua vida... até que ficou incapaz demais para andar. Mas a flecha do Senhor o atingiu, como talvez fizesse no livro sagrado, e o deixou morto no topo de sua torre, dado em espetáculo ao mundo.

— Pelo menos, a flecha era material — disse seu conviva.

— As pirâmides são brutalmente materiais e guardam bem os reis mortos — sorriu o homem de óculos. — Acho que há muito a ser dito sobre essas velhas religiões materiais. Há esculturas antigas que sobreviveram aos milênios, exibindo seus deuses e imperadores com arcos retesados, cujas mãos parecem realmente capazes de dobrar arcos de pedra. Materiais, talvez... mas que materiais! Você às vezes não fica olhando aqueles velhos padrões e objetos orientais, até ter um pressentimento de que o velho Senhor Deus ainda vaga em sua carruagem como um Apolo sombrio, arremessando fatais raios negros?

— Se fosse assim — respondeu Padre Brown —, eu poderia chamá-lo por outro nome. Mas duvido que Merton tenha sido morto por um raio obscuro ou mesmo por uma flecha de pedra.

— Acho que você pensa que ele é São Sebastião — zombou Drage —, morto a flechadas. Sendo milionário, deve ser mártir. Que certeza tem de que ele não merecia isso? Acho que você não conhece bem seu milionário. Ora, digo que ele merecia cem vezes mais.

— Bem — perguntou Padre Brown gentilmente —, por que você não o matou?

— Quer saber por que não fiz algo errado? — disse o outro, encarando-o. — Caramba, você é uma maravilha de clérigo.

— De jeito nenhum — disse o outro, como se dispensasse um elogio.

— Acho que é sua maneira de dizer que fiz isso — rosnou Drage. — Bem, basta provar. Quanto a ele, acho que não foi uma grande perda.

— Foi, sim — disse Padre Brown, rispidamente. — Foi uma perda para você. É por isso que você não o matou.

E saiu da sala, deixando atrás de si, boquiaberto, o homem de óculos.

Foi quase um mês depois que Padre Brown revisitou a casa onde o terceiro milionário havia sofrido a vingança de Daniel Doom. Realizava-se uma espécie de conselho entre as pessoas mais interessadas. O velho Crake estava sentado à cabeceira da mesa, com o sobrinho à direita e o advogado à esquerda; o homenzarrão de feições africanas, cujo nome aparentemente era Harris, fazia-se presente com sua imponência, ainda que apenas como testemunha material; um indivíduo ruivo e de nariz pontudo chamado Dixon parecia ser o representante da Pinkerton's ou de alguma agência privada semelhante; o Padre Brown deslizou discretamente até um assento vazio ao lado deste.

Todos os jornais do mundo falavam da catástrofe do colosso das finanças, do brilhante maestro do grande mercado que domina o mundo moderno. Do minúsculo grupo que estivera mais próximo dele no exato instante de sua morte, porém, ninguém sabia nada. O tio, o sobrinho e o advogado declararam que estavam fora e já longe do muro externo antes de o alarme ser disparado; e as averiguações oficiais em ambas as barreiras obtiveram respostas um tanto confusas, mas no geral confirmativas. Havia apenas uma complicação que merecia exame. Parece que, perto da hora da morte, um estranho chamou insistente e misteriosamente na entrada, pedindo para ver o Sr. Merton. Os criados haviam tido alguma dificuldade em entender o que ele queria dizer, pois sua linguagem era muito obscura; mas depois disso foi considerado muito suspeito, já que ele havia dito algo sobre um homem perverso que seria destruído por uma palavra vinda do céu.

Peter Wain inclinou-se para a frente, os olhos brilhantes em seu rosto abatido, e disse:

— Com certeza, essa é a minha aposta. Norman Drage.

— E quem diabos é Norman Drage? — perguntou seu tio.

— É isso que quero saber — respondeu o jovem. — Na prática, perguntei quem era ele, mas o sujeito tem uma maravilhosa capacidade de retorcer todas as perguntas diretas; interrogá-lo é como atacar um esgrimista. Ele se aproximou de mim falando sobre a aeronave do futuro; mas não lhe dei muito crédito.

— Mas que tipo de homem é ele? — perguntou Crake.

— É um mistagogo — disse o Padre Brown, com presteza inocente. — Há muitos deles por aí; o sujeito cosmopolita que, nos cafés e cabarés de Paris, insinua ter levantado o véu de Ísis ou conhecer o segredo de Stonehenge. Em um caso como este, pode contar que eles terão algum tipo de explicação mística.

A cabeça morena e lisa do Sr. Barnard Blake, o advogado, inclinava-se educadamente para o orador, mas seu sorriso era um tanto hostil.

— Eu não imaginava — disse ele — que o senhor combateria explicações místicas.

— Pelo contrário — respondeu o Padre Brown, piscando amigavelmente para ele. — É só por isso que posso combatê-las. Qualquer advogado de araque poderia me enganar, mas não seria capaz de enganar o senhor porque o senhor também é advogado. Qualquer tolo poderia se vestir como um pele-vermelha e eu o aceitaria sem hesitar como o próprio Hiawatha, mas o Sr. Crake notaria o golpe imediatamente. Um vigarista poderia fingir, na minha presença, que sabe tudo sobre aviões, mas não diante do Capitão Wain. E é a mesma coisa com o outro, você não vê? É só porque aprendi um pouco sobre os místicos que não me interesse por mistagogos. Os verdadeiros místicos não escondem mistérios, mas revelam-nos. Expõem uma coisa em plena luz do dia e, quando a olhamos, ela ainda é um mistério. No entanto, os mistagogos escondem uma coisa na escuridão e no segredo, e quando você a encontra, é uma banalidade. No caso de Drage, entretanto, admito que ele também teria outro motivo mais prático ao falar sobre o fogo do céu ou um raio caído do céu.

— E qual seria o motivo? — perguntou Wain. — Acho que requer vigilância, seja o que for.

— Veja bem — respondeu o padre, lentamente —, ele queria que pensássemos que os assassinatos foram milagres porque... bem, porque ele sabia que não foram.

— Ah — disse Wain, com uma espécie de silvo —, eu estava esperando algo assim. Em palavras simples, ele é o criminoso.

— Em palavras simples, ele é o criminoso que não cometeu o crime — respondeu calmamente o Padre Brown.

— Essa é a sua concepção de palavras simples? — perguntou Blake, educadamente.

— Agora o senhor vai me acusar de ser o mistagogo — disse Padre Brown, um tanto embaraçado, mas com um largo sorriso —, mas foi realmente accidental. Drage não cometeu o crime... digo, este crime. Seu único crime foi chantagear alguém, e ele apareceu por aqui para fazer isso; mas não era provável que quisesse que o segredo chegasse ao conhecimento do público ou que a negociação fosse interrompida pela morte. Podemos falar sobre ele depois. No momento, só quero que ele saia do caminho.

— De qual caminho? — perguntou o outro.

— Do caminho da verdade — respondeu o padre, olhando-o tranquilamente, sem pestanejar.

— Quer dizer — vacilou o outro — que o senhor sabe a verdade?

— Acho que sim — disse Padre Brown, com ar modesto.

Houve um silêncio abrupto, após o qual Crake gritou de repente com uma voz áspera:

— Caramba, onde está aquele secretário? Wilton! Ele deveria estar aqui.

— Estou em comunicação com o Sr. Wilton — disse Padre Brown gravemente. — Na verdade, pedi a ele para me ligar aqui mesmo, dentro de alguns minutos. Poderia dizer que resolvemos tudo juntos, de certa forma.

— Acho bom que tenham trabalhado juntos — resmungou Crake. — Sei que ele sempre foi uma espécie de cão de caça no encalço do bandido desaparecido, então talvez convenha tê-lo como parceiro de caçada. Mas se o senhor sabe a verdade, onde diabos a encontrou?

— Eu a encontrei no senhor — respondeu o padre, com calma, sempre encarando suavemente o veterano furioso. — Quero dizer, tive o primeiro palpite depois de uma pista em uma de suas histórias, sobre um índio que arremessou uma faca e atingiu um homem no topo de uma fortaleza.

— Essa história foi contada várias vezes — disse Wain, com um ar perplexo —, mas não consigo ver nenhuma relação direta, exceto que esse assassino atirou uma flecha e atingiu um homem no topo de uma casa muito parecida com uma fortaleza. Mas é claro que a flecha não foi lançada, mas atirada, e por isso poderia ir muito mais longe. Com certeza ela foi bem longe, mas não vejo de que isso nos adiantaria.

— Receio que você não tenha compreendido o sentido da história — disse Padre Brown. — Não é que se uma coisa vai longe, outra pode ir mais longe. É que uma ferramenta, mal utilizada, se torna uma faca de dois gumes. Os homens no forte de Crake pensavam na faca como sendo um objeto que se usa numa luta corpo a corpo, e esqueceram que ela poderia ser um projétil, como um dardo. Só que algumas outras pessoas pensaram em algo parecido com dardo sendo usado como um projétil, e esqueceram que, afinal, ele poderia ser usado corpo a corpo, como uma lança. Resumindo, a moral da história é que, já que uma adaga pode se transformar em uma flecha, uma flecha também pode se transformar em uma adaga.

Todos estavam olhando para ele agora; mas ele continuou no mesmo tom casual e desatento:

— Naturalmente nos perguntamos e nos preocupamos muito a respeito de quem teria atirado aquela flecha pela janela, e se ela tinha vindo de longe, e assim por diante. Mas a verdade é que ninguém atirou a flecha. Ela nunca passou pela janela.

— Então como foi parar lá? — perguntou o advogado obscuro, com um rosto bastante sombrio.

— Eu diria que alguém a trouxe consigo — disse o Padre Brown —, pois não seria algo difícil de carregar ou esconder. Alguém a tinha na mão enquanto estava com Merton, no próprio cômodo de Merton. Alguém a enfiou na garganta de Merton como um punhal e então teve a ideia muito inteligente de arrumar tudo em lugar e ângulo tais que todos nós presumimos, num piscar de olhos, que a flecha havia passado pela janela como um pássaro.

— Alguém... — disse o velho Crake, com uma voz pesada como pedra.

A campainha do telefone tocou com um estridente e horrível clamor de insistência. O aparelho ficava na sala ao lado, e o Padre Brown correu para lá antes que qualquer outra pessoa pudesse se mexer.

— Que diabos é isso? — exclamou Peter Wain, que se mostrava muito abalado.

— Ele disse que esperava o telefonema de Wilton, o secretário — respondeu o tio com a mesma voz soturna.

— Será que é o Wilton? — disse o advogado, como quem fala para preencher um silêncio. Mas ninguém respondeu à pergunta, até que o Padre Brown de súbito voltou a surgir na sala, em silêncio, trazendo a resposta.

— Cavalheiros — disse ele, quando voltou ao seu lugar —, foram os senhores que me pediram para investigar a verdade sobre esse enigma; e tendo descoberto a verdade, devo contá-la, sem tentar de modo algum amenizar o choque. Infelizmente, qualquer pessoa que se envolva com esse tipo de coisa não pode se dar ao luxo de respeitar suscetibilidades.

— Suponho — disse Crake, quebrando o silêncio que se seguiu — que isso significa que alguns de nós são acusados ou suspeitos.

— Todos nós somos suspeitos — respondeu o Padre Brown. — Eu mesmo sou um dos suspeitos, pois encontrei o corpo.

— É claro que somos suspeitos — disse Wain, abruptamente. — Padre Brown gentilmente me explicou como eu poderia sitiar a torre em uma máquina voadora.

— Não — respondeu o padre, com um sorriso. — Você me descreveu como poderia fazer isso. Essa foi a parte mais interessante de nossa conversa.

— O padre parecia achar provável — rosnou Crake — que tivesse sido eu quem, com uma flecha de pele-vermelha, matou o homem.

— Eu achava isso muito improvável — disse Padre Brown, fazendo uma careta. — Peço desculpas se agi mal, mas não consegui pensar em outra maneira de testar a hipótese. A ideia de que o Capitão Wain passasse em alta velocidade pela janela, numa máquina enorme, no exato momento do assassinato, e ninguém o percebesse, talvez seja a coisa mais improvável que consigo pensar; a não ser, talvez, a ideia de que um respeitável cavalheiro entrado em anos resolvesse brincar de pele-vermelha, ocultando-se atrás dos arbustos com um arco e flecha, para matar alguém que ele poderia ter matado de vinte outras maneiras muito mais simples. Mas eu precisava averiguar se eles tinham alguma ligação com o crime; e então tive de acusá-los para provar sua inocência.

— E como se pode provar a inocência deles? — perguntou Blake, o advogado, inclinando-se ansiosamente para frente.

— Basta a agitação que mostraram quando foram acusados — respondeu o outro.

— O que exatamente o senhor quer dizer?

— Serei franco, se me permitem — observou o Padre Brown, com bastante compostura. — Sem dúvida, considere como meu dever suspeitar deles e de todos os demais. Suspeitei do Sr. Crake e do Capitão Wain, no sentido de que considere a possibilidade ou probabilidade de sua culpa. Eu lhes disse que chegara a conclusões sobre o caso e agora direi a eles quais eram essas conclusões. Tive certeza de que eram inocentes pela maneira e pelo momento em que passaram do alheamento à indignação. Enquanto não suspeitavam que seriam acusados, eles não deixaram de contribuir com indícios para sustentar a acusação. Praticamente me explicaram como o crime poderia ser cometido. Então perceberam, chocados e aos gritos, que estavam sendo acusados. Perceberam isso muito depois de haver base para serem acusados, mas muito antes que eu os acusasse. Ora, nenhum culpado agiria assim. Ele pode se mostrar mal-humorado e desconfiado desde o início ou pode simular desconhecimento e inocência até o fim. Mas não começaria tornando as coisas piores para si mesmo e então daria um grande pulo e começaria a negar furiosamente a possibilidade que ele mesmo ajudou a sugerir. Isso só poderia acontecer por ele ter realmente sido incapaz de perceber o que estava sugerindo. A autoconsciência de um assassino seria sempre morbidamente vívida, ao menos em grau suficiente para impedi-lo de, primeiro, esquecer sua

relação com o fato e, depois, de se lembrar de negá-la. Portanto, excluí vocês dois e também outros por motivos diversos que não preciso discutir agora. Por exemplo, havia o secretário... Mas não vou falar sobre isso agora. Escutem, acabei de falar com Wilton ao telefone, e ele me deu permissão para lhes pôr a par de uma notícia bastante séria. Bem, imagino que todos os senhores já saibam quem era Wilton e o que ele queria.

— Sei que ele estava atrás de Daniel Doom e não sossegará até capturá-lo — respondeu Peter Wain. — E ouvi dizer que ele é filho do velho Horder, o que o torna um vingador de sangue. De qualquer forma, certamente está atrás desse homem chamado Doom.

— Bem — disse Padre Brown —, agora já o encontrou.

Peter Wain levantou-se de um salto, excitado.

— O assassino! — gritou ele. — O assassino já está preso?

— Não — respondeu Padre Brown, gravemente. — Eu disse que a notícia era séria, e é mais séria do que isso. Receio que o pobre Wilton talvez tenha assumido uma responsabilidade terrível. Receio que ele esteja pondo uma responsabilidade terrível sobre nós. Ele caçou o criminoso e, quando finalmente o encurralou... bem, ele fez justiça com as próprias mãos.

— Quer dizer que Daniel Doom... — começou o advogado.

— Quero dizer que Daniel Doom está morto — disse o padre. — De alguma maneira, eles lutaram selvagememente, e Wilton o matou.

— Bem feito — rosou o Sr. Hickory Crake.

— Não posso culpar Wilton por acabar com um bandido como esse, especialmente considerando a rixa — concordou Wain. — Foi como pisar em uma víbora.

— Não concordo com os senhores — disse Padre Brown. — Acho que todos nós falamos coisas românticas aleatoriamente em defesa do linchamento e do desrespeito às leis; mas tenho a suspeita de que, se perdermos nossas leis e liberdades, nos arrependemos. Além disso, parece-me ilógico justificar Wilton por cometer assassinato, sem que nos perguntemos se há como justificar Doom por cometer assassinato. Duvido que Doom fosse apenas um assassino vulgar. Talvez ele fosse uma espécie de fora da lei maníaco pela taça, exigindo-a com ameaças e só matando depois de uma luta, pois ambas as vítimas foram derrubadas próximas de suas casas. O problema da ação de Wilton é que nunca ouviremos o que Doom teria a dizer, neste caso.

— Ah, não tenho paciência com essa defesa sentimental de canalhas assassinos e inúteis — exclamou Wain, acaloradamente. — Se Wilton deu um fim no bandido, ele fez um bom trabalho e ponto final.

— Exatamente, exatamente — disse seu tio, balançando a cabeça de modo vigoroso.

O rosto do Padre Brown ia adquirindo uma gravidade ainda maior enquanto olhava lentamente os rostos ao redor.

— Isso é realmente o que os senhores pensam? — perguntou. Ao fazê-lo, percebeu que era um inglês no exílio. Percebeu que estava entre estrangeiros, mesmo que estivesse entre amigos. Por entre aquele círculo de estrangeiros corria um fogo incansável que não se via em sua raça; o ferocíssimo espírito da nação ocidental capaz de se rebelar e linchar e, acima de tudo, conspirar. Ele sabia que já haviam conspirado.

— Bem — disse Padre Brown, com um suspiro —, devo entender, então, que os senhores definitivamente toleram, no caso deste infeliz, o crime, ou ato de justiça privada, ou seja lá como o chamem. Nesse caso, não vai fazer mal contar um pouco mais sobre o assunto.

Subitamente, ele se ergueu e, embora ninguém visse significado algum nesse ato, seu movimento pareceu mudar ou esfriar, de alguma forma, a atmosfera do lugar.

— Wilton matou Doom de uma forma bastante curiosa — começou ele.

— Como? — perguntou Crake abruptamente.

— Com uma flecha — respondeu Padre Brown.

O crepúsculo chegava ao saguão maior, e a luz do dia ia se encolhendo em um brilho fraco na grande janela do cômodo interno onde morrera o grande milionário. Devagar e quase automaticamente, os olhos do grupo voltaram-se para lá, mas nada se ouviu. Então a voz rachada, alta e senil de Crake se ergueu em uma espécie de arenga cantada.

— Mas como pode? Mas como pode? Brander Merton morto por uma flecha. Esse bandido morto por uma flecha...

— Pela mesma flecha — disse o padre — e no mesmo momento.

Novamente houve uma espécie de silêncio estrangulado, mas inflado e explosivo, e o jovem Wain começou:

— Quer dizer que...

— Quero dizer que seu amigo Merton era Daniel Doom — disse Padre Brown com firmeza —; e o único Daniel Doom que se pode achar. Seu amigo Merton sempre foi louco por aquela Taça Copta, que ele adorava como um ídolo todos os dias; e na loucura de sua juventude ele chegou mesmo a matar dois homens para obtê-la, embora eu ainda ache que as mortes podem ter sido, em certo sentido, acidentes que ocorreram por ocasião do roubo. O fato é que ele a conseguiu. Aquele homem Drage sabia da história e o estava chantageando. Mas Wilton estava atrás dele com um propósito muito diferente. Imagino que ele só descobriu a verdade quando entrou nesta casa. De qualquer forma, foi nesta casa e naquele cômodo que a caçada terminou e ele matou o assassino de seu pai.

Por um longo tempo, ninguém respondeu. Então ouviu-se o velho Crake tamborilando com os dedos na mesa e resmungando:

— Brander devia estar louco. Ele devia estar louco.

— Mas, bom Deus! — explodiu Peter Wain. — O que vamos fazer? O que vamos dizer? Agora a coisa muda de figura! E os jornais e os grandes empresários? Brander Merton é algo como o presidente ou o Papa lá em Roma.

— Com certeza, eu também acho que tudo muda de figura — começou Barnard Blake, o advogado, em voz baixa. — A nova situação envolve todo um...

Padre Brown bateu na mesa com tal força que os copos balançaram e eles quase imaginaram ouvir um eco fantasmagórico da misteriosa taça que ainda estava no cômodo contíguo.

— Não! — ele berrou, com uma voz explosiva. — Não haverá nova situação. Dei a vocês a chance de sentir pena do pobre diabo, quando pensavam que ele era um criminoso comum. Vocês não quiseram saber. Todos vocês aprovavam a vingança privada, naquele momento. Eram totalmente a favor de que ele fosse abatido como um animal selvagem, sem audiência ou julgamento público, e disseram que simplesmente recebeu o que merecia. Muito bem, então: se Daniel Doom merece, Brander Merton merece. Se foi bem feito o suficiente para Doom, por tudo que é sagrado, foi bem-feito para Merton. Escolham entre sua justiça selvagem ou nossa legalidade maçante, mas em nome do Deus Todo-Poderoso, deve haver igualdade, na lei ou fora dela.

Ninguém respondeu, exceto o advogado, e ele respondeu com algo como um rosnado:

— O que a polícia responderá, se dissermos que pretendemos tolerar

um crime?

— O que responderão se eu disser que vocês já toleraram? — respondeu Padre Brown. — Seu respeito pelas leis chegou um pouco tarde, Sr. Barnard Blake.

Depois de uma pausa, ele retomou em tom mais brando:

— Eu, por exemplo, estou pronto para dizer a verdade se as autoridades competentes me interrogarem; vocês podem fazer o que quiserem. Mas, de fato, a situação não vai mudar muito. Wilton me ligou apenas para me autorizar a apresentar a confissão dele aos senhores, pois quando a ouvissem, ele já estaria fora de alcance.

Padre Brown caminhou lentamente para o cômodo interno e ficou parado ao lado da mesinha perto da qual o milionário havia morrido. A Taça Copta permanecia no mesmo lugar, e ele se manteve ali por algum tempo, observando sua coleção de cristais com todas as cores do arco-íris e, atrás dela, o abismo azul do céu limpo.

III - O ORÁCULO DO CÃO

Sim — declarava o Padre Brown —, gosto de qualquer cachorro, contanto que não sejam tomados por deuses.

Quem é rápido ao falar nem sempre é rápido ao ouvir. Às vezes, até mesmo seu brilhantismo gera uma espécie de estupidez. O amigo e companheiro do Padre Brown era um jovem com uma torrente de ideias e histórias, um jovem entusiasmado chamado Fiennes, com ávidos olhos azuis e cabelos loiros que pareciam penteados para trás não por uma mera escova, mas pelo vento do mundo que, veloz, ele cruzava. Entretanto, momentaneamente perplexo, a torrente de sua fala pausou até ele entender o sentido muito simples do que o padre lhe dizia.

— O senhor quer dizer que as pessoas os valorizam demais? — perguntou. — Bem, eu não sei. Eles são criaturas maravilhosas. Às vezes acho que sabem muito mais do que nós.

Padre Brown não disse nada, mas continuou a acariciar a cabeça do grande retriever de uma forma meio distraída, mas aparentemente tranquilizadora.

— Ora — disse Fiennes, acelerando novamente seu monólogo —, há um cachorro no caso do qual vim falar com o senhor: o que chamam de “Caso do

assassino invisível”, como sabe. É uma história estranha, mas, do meu ponto de vista, o cachorro é o que há de mais estranho. Claro, há o mistério do crime em si, e como o velho Druce pode ter sido morto por alguém enquanto estava sozinho em sua casa de campo...

A mão que acariciava o cachorro parou por um momento em seu movimento rítmico, e Padre Brown disse calmamente:

— Ah, era uma casa de campo, é?

— Pensei que o senhor tivesse lido tudo sobre o caso nos jornais — respondeu Fiennes. — Espere um minuto; tenho um recorte que, acredito, lhe dará todos os pormenores.

Tirou então do bolso um pedaço de jornal e o entregou ao padre, que começou a lê-lo, segurando-o com uma das mãos perto dos olhos piscantes, enquanto a outra prosseguia suas semiconscientes carícias no cão. Parecia a ilustração da parábola do homem que não deixava sua mão direita saber o que sua mão esquerda fazia.

Muitos contos de mistério, sobre homens assassinados por trás de portas e janelas trancadas, e sobre assassinos que escapam, mesmo sem ter meios de entrada e saída, tornaram-se realidade no decorrer dos eventos extraordinários em Cranston, na costa de Yorkshire, onde o Coronel Druce foi encontrado esfaqueado pelas costas por uma adaga completamente desaparecida da cena e, ao que parece, até das cercanias.

A casa de campo em que ele morreu, de fato, era acessível por uma única entrada, a porta comum que se abria para o passadiço no centro do jardim, terminando na casa. Mas, por uma combinação de eventos que quase pode ser chamada de coincidência, parece que tanto o passadiço quanto a entrada eram observados no momento crucial, e há uma cadeia de testemunhas que se confirmam mutuamente. A casa de campo fica na extremidade do jardim, onde não há saída ou entrada de qualquer tipo. O passadiço é uma alameda entre duas fileiras de delphinios altos, plantados em tal proximidade que qualquer passo fora do caminho deixaria rastros; e tanto o caminho quanto as plantas vão até a entrada da casa de campo, de modo que quem se desviar desse caminho reto será necessariamente percebido, e não se pode imaginar qualquer outro meio de acesso.

Patrick Floyd, secretário do homem assassinado, testemunhou ter estado em posição na qual podia vigiar o jardim inteiro, desde a última vez que o Coronel Druce apareceu vivo na porta até o momento em que foi encontrado morto; e isso porque ele, Floyd, estivera no alto de uma escada, cortando a sebe do jardim. Janet Druce, a filha do morto, confirmou isso, dizendo ter ficado no terraço da casa durante todo esse tempo e observado Floyd em seu trabalho. No tocante a um certo intervalo de tempo, isso é apoiado também por Donald Druce, seu irmão, que observava o jardim da janela de seu quarto, ainda de roupão, pois havia acordado tarde. Por fim, o relato é reforçado pelo Dr. Valentine, um vizinho, que visitava o local para falar com a Srta. Druce, no terraço, e pelo advogado do coronel, Sr. Aubrey Traill, que aparentemente foi o último a ver a vítima ainda viva — à presumível exceção do assassino.

Todos concordam que o curso dos eventos foi o seguinte: por volta das três e meia da tarde, a Srta. Druce atravessou o passadiço para perguntar ao pai a que horas ele ia querer seu chá; mas o pai disse que não queria chá e precisava ver Traill, seu advogado, que devia ser mandado ao seu encontro na casa. A garota então se afastou e encontrou Traill que vinha pelo caminho; ela o encaminhou ao pai e ele entrou, conforme as instruções. Cerca de meia hora depois, ele saiu novamente, acompanhado até a porta pelo coronel, que se mostrava, ao que tudo indica, com

saúde e até bom humor. Ele tinha se irritado um pouco, no início do dia, com os horários irregulares de seu filho, mas seu humor parecia ter se recuperado, e demonstrara notável cordialidade ao receber outros visitantes, incluindo dois de seus sobrinhos, que tinham ido passar o dia. Mas como estes estavam fora, passeando, durante o intervalo no qual se deu a tragédia, não tinham provas a apresentar. Diz-se, além disso, que o coronel não se dava muito bem com o Dr. Valentine, cavalheiro este que fizera apenas uma breve entrevista com a filha da casa, a quem tem dado, pelo que se sabe, séria atenção.

Traill, o advogado, diz que deixou o coronel totalmente sozinho em sua casa de campo, e isso é confirmado pela perspectiva de Floyd que, do alto da escada no jardim, não viu mais ninguém passando pela única entrada. Dez minutos depois, a Srta. Druce desceu novamente ao jardim e não havia chegado ao fim do caminho quando viu seu pai, que se destacava por seu sobretudo de linho branco, caído no chão. Ela soltou um grito que chamou outros ao local e, ao entrarem, encontraram o coronel morto ao lado de sua cadeira de vime, que também estava revirada. O Dr. Valentine, que ainda estava nas imediações, testemunhou que o ferimento foi feito por algum tipo de estilete, que penetrou o corpo sob a omoplata e perfurou o coração. A polícia vasculhou as proximidades em busca dessa arma, mas nenhum vestígio dela foi encontrado.

— Então Coronel Druce estava usando um sobretudo branco, não é? — disse o Padre Brown, baixando o recorte.

— Coisa que ele aprendeu nos trópicos — respondeu Fiennes, um pouco surpreso. — Viveu algumas aventuras estranhas por lá por conta própria, e imagino que sua antipatia por Valentine estava ligada ao fato de o médico também vir dos trópicos. Mas é um enigma infernal. A narrativa é bastante precisa. Eu não vi a tragédia, isto é, a descoberta; estava passeando com os sobrinhos e o cachorro, o cachorro de quem queria lhe falar. Mas vi o cenário montado conforme a descrição; o caminho reto entre as flores azuis até a entrada escura, e o advogado descendo por ela de preto e chapéu de seda, e a cabeça ruiva do secretário aparecendo bem acima da sebe verde, enquanto trabalhava nela com sua tesoura. Ninguém poderia confundir aquela cabeça ruiva, não importa a distância; e se os presentes dizem tê-lo visto lá o tempo todo, pode ter certeza de que viram. Este secretário ruivo, Floyd, é um personagem e tanto, um tipo de sujeito saltitante e ofegante, sempre fazendo o trabalho de todo mundo, como fazia, na ocasião, o do jardineiro. Acho que ele é americano; tem sem dúvida uma visão americana da vida, o que eles chamam de “ponto de vista”, Deus os abençoe.

— E o advogado? — perguntou Padre Brown.

Houve um silêncio e então Fiennes falou bem devagar, para seus padrões:

— Traill me parecia um homem singular. Em suas finas roupas pretas, era quase um almofadinha, mas não se poderia qualificá-lo como elegante. Ora, ele usava bigodes pretos longos e exuberantes, do tipo que não se vê desde a Era Vitoriana. Tinha um rosto muito sério e modos muito sérios, mas de vez em quando parecia se lembrar de sorrir. E quando mostrava os dentes brancos parecia perder um pouco de sua dignidade, e nele havia algo de bajulador.

Podia ser apenas constrangimento, pois ele também ficava mexendo na gravata e no alfinete de gravata, que eram ao mesmo tempo bonitos e incomuns, como ele. Se eu pudesse pensar em alguém... mas de que adianta, se o enigma é completamente insolúvel? Ninguém sabe quem é o culpado. Ninguém sabe como tal crime poderia ser cometido. Há, porém, pelo menos uma exceção que eu poderia apontar, e é só por isso que falei desse assunto: o cão sabe.

Padre Brown suspirou e depois disse distraidamente:

— Você estava lá como amigo do jovem Donald, não estava? Ele não foi passear com você?

— Não — respondeu Fiennes, sorrindo. — O jovem canalha tinha ido para a cama naquela manhã e levantou-se à tarde. Fui com seus primos, dois jovens oficiais da Índia, e nossa conversa foi bastante trivial. Lembro que o mais velho, chamado Herbert Druce, se não me engano, uma autoridade em criação de cavalos, falava apenas sobre uma égua que tinha comprado e sobre o caráter moral do homem que a vendeu; enquanto seu irmão Harry parecia estar remoendo sua má sorte em Monte Carlo. Só mencionei isso para mostrar a você, à luz do que aconteceu em nossa caminhada, que nós não tínhamos nada de incomum. O cachorro era o único místico em nossa turma.

— De que raça é? — perguntou o padre.

— Da mesma que esse — respondeu Fiennes. — O que me levou a contar a história foi ouvir do senhor que não acredita que se possa crer em um cachorro. É um grande retriever preto, chamado Nox,⁷ um nome bastante sugestivo; pois acho que o que ele fez é um mistério mais sombrio do que o assassinato. Você sabe que a casa e o jardim de Druce ficam à beira-mar; de lá, andamos cerca de uma milha ao longo da praia e depois voltamos, seguindo no sentido contrário. Passamos por uma rocha bastante curiosa, chamada Pedra da Fortuna, famosa nos arredores por ser um daqueles exemplares em que uma pedra se equilibra precariamente sobre outra, de modo que um toque parece poder derrubá-la. Na verdade ela não é muito alta, mas seu contorno oscilante a faz parecer um pouco perigosa e sinistra; pelo menos foi o que me pareceu, pois não imagino que meus jovens e alegres companheiros tenham sido afligidos por seu pitoresco. Contudo, pode ser que eu estivesse começando a sentir uma atmosfera, pois naquele momento começamos a nos perguntar se seria hora de voltar para o chá, e me parece que foi então que pressenti a importância de saber as horas. Como nem Herbert Druce nem eu tínhamos relógio, chamamos seu irmão, que estava alguns passos atrás acendendo seu cachimbo sob a sebe. Sob o crepúsculo que crescia, ele gritou as horas com sua voz forte: eram quatro e vinte. De alguma forma, o volume de sua voz fez seu grito

soar como a proclamação de algo tremendo. Seu ar distraído pareceu fortalecer tal efeito, mas é o que sempre acontece no caso dos presságios, e naquela tarde cada tique do relógio parecia algo especialmente agourento. Conforme o depoimento do Dr. Valentine, o pobre Druce morreu por volta das quatro e meia. Pois bem, disseram que não precisávamos estar em casa antes de dali a dez minutos, e nós caminhamos um pouco mais ao longo da praia, sem fazer nada em particular; atirando pedras para o cachorro e lançando galhos no mar, para que ele os fosse buscar nadando. No entanto, para mim, o crepúsculo parecia tornar-se estranhamente opressivo, e a própria sombra da pesada Pedra da Fortuna pairava sobre mim como um fardo. E então aconteceu algo estranho. Nox tinha acabado de trazer do mar a bengala de Herbert, e seu irmão também havia jogado a sua. O cachorro entrou na água outra vez, mas exatamente às quatro e meia, suponho eu, ele parou de nadar. Voltou para a margem e parou na nossa frente. Depois, ergueu de súbito a cabeça e soltou um uivo ou lamento de aflição, se é que já ouvi algo assim antes. Herbert perguntou: “Que diabos há com o cachorro?”; mas nenhum de nós poderia responder. Houve um longo silêncio depois que os lamentos e ganidos do animal cessaram na costa desolada; e então o silêncio foi quebrado. Foi quebrado, juro em nome de Deus, por um grito fraco e distante, como o de uma mulher além das cercas vivas. No momento não entendemos o que havia ocorrido, só depois viemos a saber: foi o grito que a jovem deu ao encontrar o corpo do pai.

— Suponho que vocês voltaram — disse o Padre Brown pacientemente. — O que aconteceu então?

— Vou contar o que aconteceu — disse Fiennes com uma ênfase sombria. — Quando voltamos para o jardim, a primeira coisa que vimos foi Traill, o advogado. Ainda consigo vê-lo com seu chapéu preto, as suíças pretas em relevo contra a perspectiva das flores azuis que se estendem até a casa de campo, com o pôr do sol e o estranho contorno da Pedra da Fortuna ao longe. Seu rosto e figura estavam ensombrecidos contra o pôr do sol, mas posso jurar que vi seus dentes brancos e ele estava sorrindo. Nox, assim que o viu, avançou e parou diante dele, no meio do passadiço, latindo loucamente, com ímpeto assassino, lançando sobre o advogado maldições quase verbais em seu ódio terrivelmente nítido. E o homem se encolheu e fugiu, pelo caminho entre as flores.

Padre Brown levantou-se com uma impaciência surpreendente.

— Então o cachorro o denunciou, não é? — contestou ele. — O oráculo do cão o condenou. Você viu quais pássaros voavam nos céus, e tem certeza se eles estavam à direita ou à esquerda? Consultou os áugures sobre os

sacrifícios? Com certeza, não se esqueceu de abrir o cachorro e examinar suas entranhas. Parece que esse é o tipo de teste científico em que vocês, humanitários pagãos, costumam confiar quando estão pensando em tirar a vida e a honra de um homem.

Fiennes ficou boquiaberto por um instante antes de encontrar fôlego para dizer:

— Ora, o que foi? O que eu fiz agora?

Uma espécie de ansiedade voltou aos olhos do padre, a ansiedade de um homem que, andando no escuro, esbarra num poste e se pergunta, por um momento, se o feriu.

— Lamento muitíssimo — disse ele com sincera angústia. — Mil perdões por ser tão rude; por favor, perdoe-me.

Fiennes o encarou com curiosidade.

— Às vezes penso que o senhor é mais misterioso que qualquer um dos seus mistérios — disse ele. — Contudo, se não acredita no mistério do cachorro, pelo menos não pode ignorar o mistério do homem. Não pode negar que, no exato momento em que o animal voltou do mar e uivou, a alma de seu mestre foi expulsa de seu corpo pelo golpe de algum poder invisível que nenhum mortal pode rastrear ou mesmo imaginar. E quanto ao advogado, não me baseio só no cachorro; há também outros detalhes curiosos. Ele me pareceu um tipo de pessoa cortês, sorridente e ambígua, e um de seus trejeitos tinha algo de pista. O senhor sabe que o médico e a polícia chegaram rapidamente. Valentine foi chamado de volta à casa e telefonou no mesmo instante. Com isso, tratando-se de uma casa isolada, com poucas pessoas em um ambiente ermo, foi perfeitamente possível revistar todos que poderiam estar por perto, e todos foram minuciosamente revistados em busca de uma arma. Toda a casa, o jardim e a praia foram revistados em busca de uma arma. O desaparecimento da adaga é quase tão absurdo quanto o desaparecimento do assassino.

— O desaparecimento da adaga — disse Padre Brown, balançando a cabeça. Ele pareceu, subitamente, ficar atento.

— Bem — continuou Fiennes —, eu lhe disse que o tal Traill tinha a mania de ficar mexendo na gravata e no alfinete de gravata... especialmente no alfinete. Como ele, era ao mesmo tempo vistoso e antiquado. Tinha uma daquelas pedras com círculos concêntricos coloridos, parecendo um olho; e sua própria concentração nesse hábito me dava nos nervos, como se ele fosse um ciclope com um olho no meio do corpo. O alfinete, porém, não era apenas grande,

mas comprido; e ocorreu-me que sua ansiedade a respeito da peça devia ser porque ela era ainda mais comprida do que parecia; tanto quanto um estilete, na verdade.

Padre Brown assentiu pensativamente.

— Algum outro instrumento já foi cogitado? — perguntou.

— Houve outra sugestão — respondeu Fiennes —, de um dos jovens Druces; isto é, os primos. Nem Herbert nem Harry Druce fariam qual quer um achar que eles talvez fossem úteis para a investigação científica; porém, embora Herbert fosse, de fato, o tipo tradicional de oficial da infantaria montada, que se importa apenas com cavalos e com fazer boa figura em meio à Guarda Montada, seu irmão mais novo, Harry, tinha estado na Polícia Indiana e sabia algo sobre esses assuntos. Na verdade, à sua maneira, ele era bastante esperto, e parece que tinha sido esperto demais; para dar uma ideia, ele saiu da polícia por quebrar alguns regulamentos burocráticos e assumir certa medida de risco e responsabilidade por conta própria. De qualquer forma, pode-se dizer que era um detetive desempregado e se lançou no assunto com um interesse maior do que o de um iniciante. E foi com ele que tive uma discussão sobre a arma; uma discussão que trouxe um novo elemento. O começo foi quando ele questionou minha descrição do cachorro latindo para Traill e disse que um cão em seu pior humor não latia, mas rosnava.

— Nisso ele estava certo — observou o padre.

— Em seguida, esse jovem declarou que já tinha ouvido Nox rosnar para outras pessoas antes; e entre outros para Floyd, o secretário. Repliquei que o argumento dele se anulava, pois o crime não poderia ser atribuído a duas ou três pessoas, e muito menos a Floyd, que era tão inocente quanto um rapaz colegial de férias, tendo sido visto por todos, o tempo todo, empoleirado sobre a sebe do jardim com seu leque de cabelos ruivos tão chamativos quanto uma cacatua escarlate. “De qualquer forma, sei que há dificuldades”, disse meu amigo, “mas gostaria que você viesse comigo ao jardim por um minuto. Quero lhe mostrar algo que acho que ninguém mais viu”. Isso foi no mesmo dia da descoberta, e o jardim estava exatamente como antes. A escada ainda estava de pé ao lado da sebe, e logo abaixo da sebe meu guia parou e desembarçou algo da grama alta. Era a tesoura usada para cortar a sebe, e na ponta de uma de suas lâminas havia uma mancha de sangue.

Houve um curto silêncio, após o qual Padre Brown disse de supetão:

— Por que o advogado estava lá?

— Ele nos disse que o coronel havia mandado chamá-lo para alterar seu testamento — respondeu Fiennes. — E, a propósito, há outra coisa que devo

mencionar sobre esse assunto do testamento. Veja bem, na verdade o testamento não foi assinado naquela tarde na casa de campo.

— Nota-se que não — disse o Padre Brown —, precisaria haver duas testemunhas.

— De fato, o advogado viera no dia anterior, e o testamento foi assinado então; mas ele foi chamado novamente, no dia seguinte, porque o velho tinha uma dúvida sobre uma das testemunhas e precisava ser tranquilizado.

— Quem eram as testemunhas? — perguntou Padre Brown.

— Esse é o ponto — respondeu seu informante, ansioso —, as testemunhas eram Floyd, o secretário, e esse Dr. Valentine, o estrangeiro cirurgião ou sei lá o que ele é; e os dois tiveram uma briga. Agora, sou obrigado a dizer que o secretário é um intrometido. É uma daquelas pessoas quentes e obstinadas, cujo temperamento caloroso se transformou, principal e infelizmente, em combatividade e suspeição agressiva; mais pronto a desconfiar das pessoas que a confiar nelas. Um desses sujeitos de cabelo ruivo e temperamento colérico, que acreditam em tudo ou não acreditam em nada, e às vezes em ambos. Não era apenas um faz-tudo, mas também se achava mais capaz que os especialistas. Não apenas sabia de tudo, mas punha todos em alerta contra todos. Tudo isso deve ser levado em conta ao analisar suas suspeitas sobre Valentine. Neste caso particular, no entanto, parece que havia uma certa razão. Disse ele que Valentine não era seu verdadeiro nome. Afirmou que o tinha visto, em outro lugar, conhecido pelo nome de De Villon. Afirmou também que isso invalidaria o testamento, e fez a gentileza, claro, de explicar ao advogado qual era a lei aplicável no caso. Ambos estavam assustadoramente furiosos.

Padre Brown riu.

— É comum ficar furioso quando se é testemunha de um testamento — disse ele. — Primeiro, significa que não se herdará nada. O que disse, no entanto, o Dr. Valentine? Sem dúvida, o secretário universal sabia mais sobre o nome do médico do que o próprio médico. Mas até o médico pode ter alguma informação sobre seu próprio nome.

Fiennes fez uma pausa antes de responder.

— Dr. Valentine encarou tudo de uma forma curiosa. É um homem singular. Sua aparência é bastante impressionante, mas muito estranha. É jovem, mas usa barba quadrada; e seu rosto é muito pálido, terrivelmente pálido e sério. Seus olhos demonstram uma espécie de dor, como se ele precisasse de óculos, ou tivesse ficado com dor de cabeça de tanto pensar; mas ele é muito bonito e está sempre vestido de maneira bastante formal, com cartola, casaco escuro e

uma pequena roseta vermelha. Seus modos são frios e altivos, e ele tem um jeito de olhar muito desconcertante para qualquer um. Acusado de ter mudado seu nome, simplesmente encarou-os como uma esfinge e disse, com uma risadinha, supor que os americanos não tinham nomes para mudar. Com isso, acho que o coronel também perdeu as estribeiras e disse ao médico toda uma gama de palavras irritadas; e ficou ainda mais zangado pelas pretensões do médico a um lugar na família. Mas eu não teria pensado muito nisso, não fosse por algumas palavras que ouvi no início da tarde da tragédia. Não quero forçar o sentido delas, pois não eram o tipo de palavras sobre as quais alguém gostaria, numa situação normal, de fazer o papel de bisbilhoteiro. Ao passar pelo portão da frente com meus dois companheiros e o cão, ouvi vozes que me revelaram que o Dr. Valentine e a senhorita haviam se recolhido, por breve tempo, às sombras da casa, em um canto atrás de uma parede de plantas floridas, e dialogavam entre si por sussurros apaixonados, alguns quase sibilantes, pois era uma espécie de discussão de casal, bem como um encontro amoroso. Não convém repetir a maior parte das coisas ditas por eles, mas em um assunto infeliz como este, sou obrigado a dizer que, mais de uma vez, foi repetida uma frase sobre matar alguém. Na verdade, a garota parecia estar implorando para que ele não matasse alguém, ou dizendo que nenhuma provocação justificaria matar alguém, e isso me parece um tipo incomum de conversa para se ter com um cavalheiro que veio para o chá.

— Você sabe — perguntou o padre — se o Dr. Valentine pareceu ficar muito zangado depois da cena com o secretário e o coronel? No caso, sobre testemunhar o testamento?

— Ao que tudo indica — respondeu o outro —, ele não ficou tão zangado quanto o secretário. Foi o secretário que saiu furioso depois de testemunhar.

— Agora — disse Padre Brown —, e quanto ao testamento propriamente dito?

— O coronel era um homem muito rico, e seu testamento era importante. Traill não quis nos contar a alteração naquela altura, mas depois eu soube, na manhã de hoje, aliás, que a maior parte do dinheiro foi passada do filho para a filha. Como eu lhe disse, Druce estava fulo com meu amigo Donald, por causa de suas horas mal gastas.

— A questão do motivo foi ofuscada pela questão do método — observou Padre Brown, pensativo. — Naquele instante, ao que parece, a Srta. Druce era quem mais lucraria com a morte.

— Meu Deus! Que jeito frio de falar — exclamou Fiennes, olhando para ele. — O senhor não quer insinuar, a sério, que ela...

— Ela vai se casar com esse Dr. Valentine? — perguntou o outro.

— Algumas pessoas são contra — respondeu seu amigo. — Mas ele é querido e respeitado nas cercanias, e é um cirurgião habilidoso e dedicado.

— Um cirurgião tão dedicado — disse o Padre Brown — que, ao visitar a jovem, na hora do chá, levava consigo instrumentos cirúrgicos; pois ele deve ter usado uma lanceta ou algo assim, e parece que não voltou para casa.

Fiennes levantou-se de um salto e olhou para ele com ar de indagação.

— O senhor supõe que ele pode ter usado a mesma lanceta...

Padre Brown balançou a cabeça.

— Todas essas suposições são fantasias agora — disse ele. — O problema não é quem fez ou o que fez, mas como foi feito. Podemos encontrar muitos homens e até muitas ferramentas: alfinetes, tesouras e lancetas. Mas como um homem entrou lá? Ou mesmo como um alfinete entrou lá?

Enquanto falava, olhava pensativo para o teto. Ao dizer essas últimas palavras, porém, seu olho se arregalou de modo alerta, como se de repente tivesse visto uma mosca curiosa no teto.

— Bem, o que o senhor faria neste caso? — perguntou o jovem. — O senhor tem muita experiência; o que aconselharia agora?

— Receio que não serei muito útil — disse o Padre Brown, com um suspiro. — Não posso sugerir muito sem jamais ter estado perto do lugar ou das pessoas. No momento, só se pode prosseguir com as investigações locais. Deduzo que seu amigo da Polícia Indiana está mais ou menos encarregado da investigação. Eu iria ver o que ele conseguiu, e tentaria descobrir aonde chegou em sua investigação amadora. Pode ser que já haja notícias.

À desapareição de seus companheiros, o bípede e o quadrúpede, o Padre Brown pegou sua caneta e retornou à sua ocupação interrompida pela visita: o planejamento de uma série de palestras sobre a Encíclica Rerum Novarum. O assunto era grande e ele teve que reformulá-lo mais de uma vez, de modo que estava ocupado com a mesma atividade dois dias depois, quando o grande cachorro preto entrou novamente na sala e se esparramou sobre ele, agitado e empolgado. O dono, logo atrás do cachorro, compartilhava de sua agitação, senão do entusiasmo. Estava agitado de uma forma menos agradável, pois seus olhos azuis pareciam prestes a saltar das órbitas e seu rosto ansioso estava até um pouco pálido.

— O senhor me falou — disse ele abruptamente e sem prólogo — para ir ver

o que Harry Druce estava fazendo. Sabe o que ele fez?

O padre não respondeu, e o jovem continuou em tom entrecortado:

— Vou dizer o que fez: ele se matou.

Os lábios do Padre Brown moveram-se levemente, e não havia nada de prático no que estava dizendo, nada que tivesse algo a ver com esta história ou este mundo.

— O senhor às vezes me dá arrepios — disse Fiennes. — O senhor... o senhor esperava por isso?

— Eu achava possível — disse Padre Brown. — Foi por isso que lhe pedi para ir ver o que ele estava fazendo. Eu esperava que você não chegasse tarde demais.

— Fui eu que o encontrei — disse Fiennes com a voz um tanto rouca. — A coisa mais feia e estranha que eu já vi. Voltei a atravessar aquele velho jardim e soube que havia nele algo novo e antinatural além do assassinato. As flores ainda se espalhavam em massas azuis dos dois lados da negra entrada da velha casa de campo. Mas as flores azuis pareciam, para mim, demônios azuis dançando diante de alguma caverna escura do mundo inferior. Olhei ao redor e tudo parecia estar em seu lugar normal. Mas cresceu em mim a estranha noção de que havia algo errado com a própria forma do céu. E então vi o que era. A Pedra da Fortuna sempre se erguera ao fundo, além da sebe do jardim, em frente ao mar. E a Pedra da Fortuna havia sumido.

Padre Brown tinha erguido a cabeça e estava ouvindo atentamente.

— Era como se uma montanha tivesse desaparecido de uma paisagem ou a Lua caído do céu; embora eu soubesse, é claro, que um mero toque, a qualquer momento, a poderia ter derrubado. Algo me possuiu e eu corri por aquele caminho do jardim como o vento e atravessei aquela sebe como se fosse uma teia de aranha. Na verdade, era uma sebe fina, embora seu perfeito acabamento a permitisse cumprir todos os propósitos de uma parede. Na praia, encontrei a rocha solta, derrubada de seu pedestal; e embaixo dela jazia o pobre Harry Druce, destroçado. Um braço envolvia a pedra em uma espécie de abraço, como se ele a tivesse puxado para si; e nas amplas areias marrons ao lado dele, em grandes garranchos, ele havia rabiscado as palavras: “A Pedra da Fortuna esmaga o Louco”.

— Foi o testamento do coronel que o levou a isso — observou o Padre Brown. — O jovem tinha apostado tudo em lucrar com a desgraça de Donald, especialmente quando seu tio o mandou chamar no mesmo dia em que o advogado e o recebeu com tanto carinho. Sem isso, ele estaria acabado; havia

perdido seu emprego na polícia; mendigara em Monte Carlo. E quando descobriu que havia matado seu parente por nada, ele se matou.

— Ei, devagar! — exclamou Fiennes, olhando-o fixamente. — Está indo rápido demais para mim.

— A propósito, já que falamos do testamento — continuou calma mente o Padre Brown —, e antes que me esqueça, ou passemos para assuntos mais importantes, acho que há uma explicação simples para aquela história do nome do médico. Acho que já ouvi os dois nomes antes em algum lugar. O médico é, na verdade, um nobre francês com o título de Marquês de Villon. Mas também é um republicano fervoroso, que renunciou ao seu título e voltou ao velho sobrenome de família. “Com o caso de seu cidadão Riquetti, durante dez dias a Europa ficou confusa”.⁸

— Como é? — perguntou o jovem inexpressivamente.

— Não importa — disse o padre. — Nove em cada dez vezes, mudar o próprio nome é o ato de um canalha; mas este é um caso de perfeito fanatismo. Esse é o sentido de seu sarcasmo sobre os americanos não terem nomes, ou seja, não terem títulos. Ora, na Inglaterra, o Marquês de Hartington nunca é chamado de Mr. Hartington; mas na França o Marquês de Villon é chamado M. de Villon.⁹ Portanto, isso pode muito bem criar a sensação de que um nome mudou. Quanto à conversa sobre matar, imagino que também fosse um tema de etiqueta francesa. O médico estava falando em desafiar Floyd para um duelo, e a garota estava tentando dissuadi-lo.

— Ah, entendi — exclamou Fiennes lentamente. — Agora compreendo o que ela quis dizer.

— E agora, do que estamos falando? — perguntou seu companheiro, sorrindo.

— Bem — disse o jovem —, foi algo que aconteceu pouco antes de eu encontrar o corpo daquele pobre sujeito, só que a catástrofe me fez esquecer. Suponho que seja difícil lembrar de um pequeno idílio romântico quando você acaba de se deparar com uma tragédia. Mas enquanto eu descia as vielas que levavam à antiga casa do coronel, encontrei sua filha caminhando com o Dr. Valentine. Ela estava de luto, é claro, e ele sempre vestia roupa preta, como se estivesse indo a um funeral; mas não posso dizer que seus rostos estavam muito fúnebres. Nunca vi duas pessoas, vestidas como eles, irradiando tamanha alegria. Pararam e me cumprimentaram, depois ela me disse que haviam se casado e estavam morando em uma casinha na periferia da cidade, onde o médico continuava exercendo sua profissão. Isso me surpreendeu bastante, porque eu sabia que o testamento de seu velho pai havia deixado a

propriedade para ela; e insinuei delicadamente que estava indo para a antiga casa de seu pai, onde esperava encontrá-la. Mas ela apenas riu e disse: “Oh, nós abrimos mão de tudo. Meu marido não gosta de herdeiras”. E descobri, com algum espanto, que eles tinham mesmo insistido em transferir a propriedade para o pobre Donald; espero, portanto, que ele tenha sofrido um saudável abalo e cuide dela com sensatez. O problema dele nunca foi sério. Era muito jovem e seu pai não era muito sábio. Foi, porém, em relação a isso que ela disse algo que não entendi na hora, mas agora tenho certeza de que deve ser como o senhor diz. Ela disse com uma espécie de arrogância repentina, esplêndida e totalmente altruísta: “Espero que isso dê fim às preocupações daquele ruivo idiota com o testamento. Ele acha que meu marido, que, para se ater a seus princípios, renunciou a um brasão e uma coroa tão antiga quanto as cruzadas, mataria um velho em um jardim por uma herança como essa?”. Então riu de novo e disse: “Meu marido não mata ninguém, a não ser quando algo dá errado em seu trabalho. Ora, ele nem pediu a seus amigos que desafiassem o secretário”. Agora, é claro, entendo o que ela quis dizer.

— Entendo parte do que ela quis dizer, é claro — disse Padre Brown. — A que ela se refere exatamente ao mencionar a preocupação do secretário com o testamento?

Fiennes sorriu ao responder:

— Gostaria que o senhor conhecesse o secretário, Padre Brown. O senhor acharia muita graça em vê-lo fazer as coisas andarem, como ele diz. Ele fez a casa enlutada andar. Deu ao funeral todo a agitação e entusiasmo do mais brilhante evento esportivo. Era imparável quando algo acontecia. Eu lhe contei como ele costumava supervisionar o jardineiro cuidando do jardim e ensinar legislação ao advogado. Desnecessário dizer que ele também queria ensinar o cirurgião a operar; e como o cirurgião era o Dr. Valentine, com certeza acabou por acusá-lo de algo pior do que uma cirurgia malsucedida. O secretário botou na sua cabeça ruiva que o médico havia cometido o crime, e quando a polícia chegou foi a sua hora de brilhar. Preciso dizer que ele se tornou, neste momento, o maior de todos os detetives amadores? Sherlock Holmes nunca se levantou sobre a Scotland Yard com uma soberba intelectual e desprezo mais titânicos do que os do secretário particular do Coronel Druce sobre a polícia que investigava a morte do coronel. Digo que ele deu um espetáculo. Caminhava com um ar abstraído, jogando sua crista de cabelo escarlate e dando respostas curtas e impacientes. Claro que foi seu comportamento durante esses dias que deixou a filha de Druce tão louca com ele. E claro que ele tinha uma teoria. Era exatamente o tipo de teoria que um homem teria em um livro, e Floyd é o tipo de homem que deveria ser personagem de algum livro. Em um livro ele seria mais divertido e menos inconveniente.

— Qual era a teoria dele? — perguntou o outro.

— Ah, ele se empolgou — respondeu Fiennes com tristeza. — Teria sido uma hipótese maravilhosa, se fosse sustentável por dez minutos. Disse que o coronel ainda estava vivo quando o encontraram no pavilhão e o médico o matou com o instrumento cirúrgico, sob o pretexto de cortar suas roupas.

— Entendo — disse o padre. — Suponho, então, que o coronel estava deitado de bruços no chão para fazer a sesta.

— É espantoso até onde alguém pode ir por uma ideia estapafúrdia — continuou o informante. — Acredito que Floyd teria publicado sua grande teoria nos jornais a qualquer custo, e talvez levasse o médico a ser preso, quando tudo explodiu como se fosse dinamitado pela descoberta daquele corpo morto sob a Pedra da Fortuna. E é para aí que voltamos, afinal. Suponho que o suicídio seja quase uma confissão. Mas ninguém jamais conhecerá a história toda.

Houve um silêncio, depois o padre disse modestamente:

— Acho que conheço a história toda.

Fiennes pareceu surpreender-se.

— Mas olhe aqui — gritou ele —, como o senhor sabe toda a história ou tem certeza de que é a história verdadeira? O senhor ficou sentado aqui, a cem milhas de distância, escrevendo um sermão; quer mesmo me dizer que já sabe o que aconteceu? Se chegou mesmo ao fim, onde diabos você começa? Qual é seu ponto de partida nesta história?

Padre Brown ergueu-se de um pulo, com um entusiasmo muito raro, e sua primeira exclamação soou como um estampido.

— O cão! — gritou ele. — O cão, é óbvio! Você teria toda a história em suas mãos partindo do caso do cachorro na praia, se ao menos tivesse olhado para o cachorro com atenção.

O olhar de Fiennes estava ainda mais perplexo.

— Mas o senhor me disse antes que meus sentimentos em relação ao cão eram bobagens e que o cão não tinha nada a ver com isso.

— O cão tem tudo a ver com isso — disse o Padre Brown —, como você descobriria se tivesse tratado o cão como um cão, e não como Deus Todo-Poderoso julgando as almas dos homens.

Parou por um momento, constrangido, e depois disse com um ar comovente de quem pede desculpas:

— A verdade é que gosto muito de cães. E me pareceu que, em toda essa atmosfera sinistra de superstições caninas, ninguém estava realmente pensando no pobre cachorro. Para começar com um pequeno ponto, o latido para o advogado ou rosnado para o secretário. Você perguntou como eu poderia adivinhar coisas a cem milhas de distância, mas, para ser honesto, isso é principalmente mérito seu, pois você descreveu as pessoas tão bem que conheço os tipos. Um homem como Traill, que constantemente franze a testa e sorri de repente, um homem que está sempre mexendo em objetos, sobretudo em sua garganta, é um homem nervoso e fácil de se constranger. Não preciso me perguntar se Floyd, o secretário eficiente, também é nervoso e agitado: esses ianques esforçados sempre são. Caso contrário, ele não teria cortado os dedos com a tesoura e a deixado cair ao ouvir o grito de Janet Druce.

“Já os cães odeiam pessoas nervosas. Não sei se elas também enervam o cachorro ou se, sendo um animal, ele tem algo de valentão, ou se sua vaidade canina (que é colossal) simplesmente fica ofendida quando não se sente apreciado. Seja como for, o pobre Nox não tinha por que protestar contra aquelas pessoas, exceto por não gostar do fato de que elas tivessem medo dele. Ora, sei que você é muito inteligente e ninguém de bom senso zomba da inteligência. Mas às vezes imagino, por exemplo, que é inteligente demais para entender os animais. Às vezes é inteligente demais para entender os homens, especialmente quando eles agem de maneira quase tão simples quanto os animais. Os animais são muito literais. Vivem em um mundo de truísmos. Veja este caso: um cachorro late para um homem e um homem foge de um cachorro. Pois bem, você não parece ser suficientemente simplório para ver o fato: o cachorro latiu porque não gostou do homem e o homem fugiu porque estava com medo do cachorro. Não tinham outros motivos e não precisavam de outros motivos... mas você viu mistérios psicológicos e supôs que o cachorro teve uma visão sobrenatural e era um misterioso porta-voz da tragédia. Supôs que o homem estava fugindo não do cachorro, mas do carrasco. E, no entanto, se você pensar nisso, toda essa psicologia mais profunda é extremamente improvável. Se o cachorro pudesse de fato perceber completa e conscientemente o assassino de seu dono, ele não ficaria latindo como latiria para um pároco convidado para o chá... É muito mais provável que ele voasse em sua garganta. E, por outro lado, você realmente acha que um homem que endureceu seu coração ao ponto de matar um velho amigo e depois andar por aí sorrindo para a família do velho amigo, sob os olhos da filha de seu velho amigo e do médico post-mortem... você acha que um homem como esse se dobraria de mero remorso porque um cachorro latiu? Ele talvez sentisse a trágica ironia no fato, talvez sua alma se abalasse por isso, como por qualquer outra ninharia trágica. Mas ele não correria loucamente ao longo de um jardim para escapar da única testemunha que ele sabia ser

incapaz de falar. As pessoas entram em pânico assim quando estão com medo de mordidas, não de ironias trágicas. A coisa toda é mais simples do que você imagina.

“Quando, porém, chegamos à cena à beira-mar, as coisas ficam muito mais interessantes. Do modo como você contou, elas são ainda mais intrigantes. Não entendi aquela história do cachorro entrando e saindo da água... não me pareceu uma atitude canina. Se Nox estivesse muito incomodado com outra coisa, ele poderia ter se recusado a ir atrás da bengala. Ele provavelmente sairia bisbilhotando em qualquer direção na qual farejasse algum perigo. Mas, de acordo com a minha experiência, quando um cachorro está atrás de uma coisa, uma pedra, um pedaço de pau ou um coelho, ele não parará por nada além do comando mais firme, e nem sempre isso bastará. Parece-me inconcebível que ele tenha voltado porque seu humor sofreu uma mudança”.

— Mas ele se virou — insistiu Fiennes —; e voltou sem a bengala.

— Ele voltou sem a bengala pela melhor razão do mundo — respondeu o padre. — Voltou porque não conseguiu encontrá-la. Choramingou porque não conseguiu encontrá-la. Esse é o tipo de coisa sobre a qual um cachorro realmente reclama. O cachorro é um ser terrivelmente ritualista. É tão exigente na repetição exata de uma brincadeira quanto uma criança na repetição exata de um conto de fadas. Nesse caso, algo deu errado com a brincadeira. O animal voltou para reclamar seriamente da conduta da bengala. Jamais tal coisa acontecera. Jamais um eminente e distinto cachorro foi tão desrespeitado por uma velha bengala podre.

— Mas ora, o que a bengala fez de errado? — perguntou o jovem.

— Afundou — disse Padre Brown.

Fiennes não disse nada, mas permaneceu encarando-o, quando o padre continuou:

— Afundou porque não era realmente um pau, mas sim uma barra de aço com uma finíssima casca de madeira e uma ponta afiada. Em outras palavras, era uma bengala-espada. Creio que nenhum assassino jamais se livrou de uma arma ensanguentada de maneira tão estranha e natural como jogando-a no mar para um cão de caça.

— Começo a entender o que quer dizer — admitiu Fiennes —, mas mesmo que uma bengala-espada tenha sido usada, não tenho ideia de como.

— Tive uma espécie de palpite — disse Padre Brown — logo no começo, quando você disse que era uma casa de campo. E outra quando disse que Druce usava um sobretudo branco. Enquanto todos procuravam uma adaga

curta, ninguém pensou nessa possibilidade, mas se concebermos uma lâmina suficientemente longa, como um florete, não é impossível.

Recostado, olhando para o teto, começou a falar como quem recapitula as ideias:

— Tudo que se diz em histórias de detetive como o Quarto Amarelo,¹⁰ sobre um homem que é encontrado morto em um cômodo fechado onde ninguém poderia ter entrado, não se aplica ao presente caso, porque o local do crime é uma casa de campo. Quando falamos de um quarto amarelo, ou de qualquer quarto, nos referimos a paredes realmente homogêneas e impenetráveis. No entanto, uma casa de campo não é construída assim. Muitas vezes é construída, como neste caso, de galhos e tiras de madeira estreitamente entrelaçados, mas separados, entre os quais há fendas esparsas. Havia uma fenda logo atrás das costas de Druce quando ele se sentava em sua cadeira contra a parede. Contudo, assim como o local era um jardim, a cadeira era de vime. Ela também era de um padrão feito de aberturas. Por fim, o jardim ficava perto da sebe e você acabou de me dizer que ela era, de fato, uma cerca viva fina. Um homem parado do lado de fora poderia ver facilmente, em meio a uma rede de galhos, palhas e canas, uma mancha branca como a do casaco do coronel, tão clara quanto o branco de um alvo. A geografia que você descreveu, de fato, era um pouco vaga, mas foi possível somar dois mais dois. Disse que a Pedra da Fortuna não era muito alta, mas também disse que ela podia ser vista dominando o jardim como o pico de uma montanha. Em outras palavras, ela ficava muito perto da extremidade do jardim, embora sua caminhada até ela tenha sido longa. Além disso, não é provável que a jovem tenha realmente gritado de modo a ser ouvida a meia milha. Ela deu um grito involuntário comum e, no entanto, você o ouviu na praia. E entre outras coisas interessantes que me contou, devo lembrar que você disse que Harry Druce tinha ficado para trás para acender seu cachimbo debaixo de uma sebe.

Fiennes estremeceu ligeiramente.

— Quer dizer que ele sacou a lâmina ali e com ela atacou a mancha branca através da sebe. Mas, com certeza, era uma tentativa muito arriscada e uma escolha muito repentina. Além disso, ele não podia ter certeza de que o velho deixara o dinheiro para ele, como de fato não deixou.

O rosto do Padre Brown se acendeu.

— Você não entendeu o caráter do homem — disse ele, como se conhecesse o sujeito desde sempre. — Um tipo de personagem curioso, mas não desconhecido. Se ele realmente soubesse que herdaria o dinheiro, acredito seriamente que não teria cometido o crime. Ele o teria visto como a coisa suja que foi.

— Isso não é um tanto paradoxal? — perguntou o outro.

— Este homem era um apostador — disse o padre — e um homem caído em desgraça por ter corrido riscos e se antecipado às ordens. Provavelmente foi por algo bastante inescrupuloso, pois toda polícia imperial é mais parecida com uma Polícia Secreta Russa do que gostamos de pensar. Mas ele foi além da linha e falhou. Ora, a tentação desse tipo de homem é a de fazer uma loucura, justamente porque o risco, em retrospecto, será maravilhoso. Ele deseja dizer: “Ninguém além de mim poderia ter agarrado essa oportunidade ou visto que era agora ou nunca. Que louco e maravilhoso palpite o meu, quando juntei tudo. Donald malvisto pelo pai, a convocação do advogado, e Herbert e eu chamados ao mesmo tempo... e então, nada mais que o modo como o velho sorriu para mim e apertou minha mão. Qualquer um diria que eu fui louco ao arriscar, mas é assim que as fortunas são feitas, pelo homem louco o bastante para ter um pouco de antevisão”. Em suma, é a vaidade de adivinhar. É a megalomania do apostador. Quanto mais incongruente a coincidência, quanto mais instantânea a decisão, mais provável é que ele agarre a oportunidade. O acidente, a própria trivialidade do ponto branco e da brecha na sebe o embriagou como uma visão do destino. Ninguém inteligente o suficiente para enxergar tal combinação de acidentes poderia ser tão covarde que não os usasse! É assim que o Diabo fala com o apostador. Mas o próprio Diabo dificilmente teria induzido aquele infeliz a tomar o caminho da frente, de forma estúpida e deliberada, e matar um velho tio de quem sempre esperara favores. Isso seria muito respeitável.

Parou por um momento, depois continuou com certa ênfase silenciosa:

— E agora tente evocar a cena, como você mesmo a viu. Enquanto estava ali parado, tonto com sua oportunidade diabólica, ele olhou para cima e viu aquele estranho contorno que poderia ser a imagem de sua própria alma vacilante... aquele grande rochedo pairando perigosamente sobre o outro, como uma pirâmide de ponta-cabeça, e lembrou que era chamado de Pedra da Fortuna. Você consegue adivinhar como tal homem, em tal momento, leria tal sinal? Acho que isso o levou à ação e até à vigilância. Aquele que deseja ser uma torre não pode temer ser uma torre instável. De qualquer forma, ele agiu. Sua próxima dificuldade foi cobrir seus rastros. Ser encontrado com uma bengala-espada, ainda mais uma bengala-espada manchada de sangue, seria fatal na busca que certamente se seguiria. Se ele a deixasse em algum lugar, seria encontrada e provavelmente rastreada. Mesmo que a jogasse no mar, a ação poderia ser percebida e considerada suspeita... a menos que ele pudesse pensar em alguma maneira mais natural de encobrir a ação. Como você sabe, ele pensou em uma, e muito boa. Sendo o único de vocês com relógio, disse que ainda não era hora de voltar, caminhou um pouco mais e começou a brincadeira de jogar bengalas para o retriever. Mas como seus olhos devem ter rolado sombriamente por toda aquela praia desolada, antes de pousar no cão!

Fiennes assentiu, olhando pensativo para o nada. Sua mente parecia ter voltado para uma parte menos prática da narrativa.

— É estranho — disse ele — que o cachorro realmente tenha participado da história, afinal.

— O cachorro quase poderia ter contado a história, se ele soubesse falar — disse o padre. — Minha única queixa é que, por ele não saber falar, você inventou a história dele e o fez falar nas línguas dos homens e dos anjos. É parte de algo que tenho notado cada vez mais no mundo moderno, aparecendo em todos os tipos de rumores de jornais e palavras de ordem. Algo que é arbitrário sem ser autoritário. As pessoas prontamente engolem as alegações não comprovadas disso ou daquilo. Algo que está afogando todo o seu antigo racionalismo e ceticismo, e que está subindo como uma maré. O nome disso é superstição. — Ele levantou-se abruptamente, com a expressão carregada, como em uma carranca, e continuou a falar quase como se estivesse sozinho: — O primeiro efeito de não acreditar em Deus é que você perde o bom senso e não consegue ver as coisas como elas são. Qualquer coisa sobre a qual alguém fale, e diga que nela há algo a mais, ganha proporções indefinidas como uma visão em um pesadelo. E um cachorro é um presságio, e um gato é um mistério, e um porco é um mascote, e um besouro é um escaravelho, evocando todo o zoológico do politeísmo do Egito e da velha Índia. O cão Anúbis, e o grande Pasht de olhos verdes, e os santos touros uivantes de Bashan; cambaleando de volta aos deuses bestiais do início, escapando para elefantes, cobras e crocodilos, e tudo porque temos medo de quatro palavras: “E se fez Homem”.

O jovem levantou-se um pouco constrangido, quase como se tivesse ouvido alguém falando sozinho. Chamou o cachorro e deixou o cômodo com despedidas vagas, mas alegres. No entanto, precisou chamar o cão duas vezes, pois o animal havia permanecido imóvel por um momento, olhando fixamente para o Padre Brown, como o lobo havia olhado para São Francisco.

IV - MILAGRE EM MOON CRESCENT

Moon Crescent pretendia ser uma cidade tão romântica quanto seu nome, e as coisas que aconteciam lá eram, à sua maneira, bastante românticas. Ela era, ao menos, uma expressão daquele genuíno elemento sentimental — histórico e quase heroico — que tem sobrevivido nas cidades mais antigas da Costa Leste da América, lado a lado com o mercantilismo. Ela foi, originalmente, uma curva de edifícios de arquitetura clássica que lembrava, de fato, aquela atmosfera do século XVIII na qual homens como Washington e Jefferson pareciam ser ainda mais republicanos por serem aristocratas. Viajantes confrontados com a costureira pergunta sobre o que teriam achado da cidade eram considerados especialmente responsáveis pelo que se pensava de nossa Moon Crescent. Os próprios contrastes que confundem sua harmonia originária eram característicos de sua sobrevivência. Em uma das extremidades ou chifres do crescente, suas últimas janelas davam para um recinto similar a um trecho de um parque cavalheiresco, com árvores e sebes tão formais quanto as de um jardim real. Mas ao virar a esquina via-se que as janelas, até as dos próprios imóveis (ou melhor, “apartamentos”), davam para a parede nua e feia de um enorme armazém anexo a uma fábrica pavorosa. Naquela extremidade, os próprios apartamentos de Moon Crescent eram remodelados conforme o padrão monótono de um hotel americano e se elevavam a uma altura que, embora menor que a do colossal armazém, em Londres poderiam ser chamados de arranha-céus. Mas a colunata que circundava toda a fachada da rua tinha uma imponência cinzenta e erodida, a insinuar que os fantasmas dos Pais da República ainda poderiam estar caminhando por ali. O interior dos imóveis, no entanto, era tão limpo e novo quanto as últimas inovações noaiorquinas os poderiam deixar, especialmente na extremidade Norte, entre o jardim bem cuidado e a parede nua do armazém. Eram um sistema de pequeníssimos flats, como diríamos na Inglaterra, cada um deles consistindo em uma sala de estar, quarto e banheiro, tão idênticos quanto os cem favos de uma colmeia. Em um deles, o célebre Warren Wynd sentava-se à sua escrivaninha, separando cartas e distribuindo ordens com rapidez e exatidão maravilhosas. Ele só poderia ser comparado a um turbilhão ordenado.

Warren Wynd era um homem muito pequeno, com cabelos grisalhos desgrehados e barba pontiaguda, de aparência frágil, mas ferozmente ativo. Tinha olhos maravilhosos, mais brilhantes do que as estrelas e mais fortes do

que ímãs, que ninguém que já os tivesse visto poderia esquecer facilmente. E, de fato, em seu trabalho como reformador e regulador de muitas boas obras, ele havia demonstrado ter, ao menos, um par de olhos na cabeça. Contava-se todo tipo de histórias e até lendas sobre a rapidez milagrosa com que ele podia formar um bom julgamento, especialmente do caráter humano. Dizia-se que ele escolhera a esposa que o acompanharia nos trabalhos de caridade por tanto tempo pescando-a em meio a todo um regimento de mulheres uniformizadas que marchavam em alguma celebração oficial. Alguns diziam que entre as Bandeirantes, outros falavam da Polícia Feminina. Outra história contada era sobre como três vagabundos, indistinguíveis um do outro em sua comunidade de sujeira e farrapos, se apresentaram diante dele pedindo caridade. Sem hesitar, ele mandou um deles para um determinado hospital especializado em certo distúrbio nervoso, recomendou o segundo a uma clínica para alcóolatrás e contratou o terceiro, por um belo salário, como seu próprio criado particular, função que ele cumpriu com sucesso nos anos seguintes. Havia, é claro, as inevitáveis anedotas sobre suas críticas imediatas e réplicas breves ao ter contato com Roosevelt, com Henry Ford, com a Sra. Asquith e todas as outras pessoas com quem um homem público americano precisava ter uma conversa registrada, mesmo que apenas nos jornais. Não era provável que tais personagens o intimidassem, com certeza; e no momento aqui em questão ele continuava muito calmamente a girar seu turbilhão de papéis, embora o homem que o confrontava fosse um personagem de importância quase igual.

Silas T. Vandam, o milionário e magnata do petróleo, era um homem magro com um rosto longo e amarelado e cabelos preto-azulados, cores que se apresentavam atenuadas, mas de alguma forma mais sinistras, porque seu rosto e figura estavam escurecidos em contraste com a janela e a parede branca do armazém lá fora. Ele estava rigorosamente abotoado, em um elegante sobretudo com listras de astracã. Já o rosto ávido e os olhos brilhantes de Wynd mostravam-se à plena luz da outra janela, que dava para o pequeno jardim, pois sua cadeira e escrivaninha ficavam de frente para ela. Embora seu rosto estivesse preocupado, não parecia indevidamente preocupado por causa do milionário. O valete ou criado pessoal de Wynd, um homem grande e potente, com cabelos loiros e lisos, estava parado atrás da escrivaninha de seu patrão segurando um maço de cartas. O secretário particular de Wynd, um jovem ruivo asseado e de rosto anguloso, já estava com a mão na maçaneta da porta, como se adivinhasse algum propósito ou obedecesse a algum gesto de seu patrão. A sala não era apenas arrumada, mas austera a ponto de não ter nada nela, pois Wynd, com meticulosidade característica, havia alugado todo o andar de cima e o transformado em um sótão ou depósito, onde estavam todos os seus outros papéis e pertences, empilhados em caixas e fardos amarrados.

— Dê isso ao contínuo, Wilson — disse Wynd ao criado que segurava as cartas —, e depois me traga o panfleto sobre as casas noturnas de Minneapolis. Você o encontrará no pacote marcado com a letra G. Quero ele aqui em meia

hora, e não me perturbe até lá. Bem, Sr. Vandam, acho que sua proposta parece muito promissora, mas não posso dar uma resposta final antes de ver o relatório. Devo recebê-lo amanhã à tarde, e eu ligarei para o senhor imediatamente. Lamento não poder dizer nada mais definitivo agora.

O Sr. Vandam pareceu sentir que isso era algo como uma despedida educada e seu rosto pálido e sombrio sugeriu que ele via uma certa ironia no fato.

— Pois bem, acho que preciso ir — disse ele.

— Muito gentil da sua parte visitar-me, Sr. Vandam — disse Wynd educadamente. — Peço que me desculpe por não o levar até à porta, pois tenho aqui algo de que devo tratar imediatamente. Fenner — acrescentou ao secretário —, leve o Sr. Vandam até o carro e só volte daqui a meia hora. Tenho algo aqui que quero resolver sozinho. Depois disso vou precisar de você.

Os três homens seguiram juntos para o corredor, fechando a porta após saírem. O grande criado, Wilson, foi para um lado do corredor em direção ao contínuo, e os outros dois se moveram na direção oposta indo ao elevador, pois o apartamento de Wynd ficava no alto do décimo quarto andar. Eles mal haviam se afastado um metro da porta fechada quando perceberam que o corredor estava preenchido por uma imponente e magnífica figura. O homem era muito alto e tinha ombros largos, sendo seu volume ainda mais notável por estar vestido de branco, ou quase, um cinza muito claro, com um chapéu panamá branco muito largo e uma juba, ou auréola de cabelos, da mesma cor. Engastado em tal auréola, seu rosto era forte e bonito, como o de um imperador romano, exceto pelo ar travesso, quase infantil, que guardava no brilho dos olhos e na beatitude do sorriso.

— O Sr. Warren Wynd está? — perguntou ele, em tom caloroso.

— O Sr. Warren Wynd está ocupado — respondeu Fenner. — Ele não deve ser perturbado de forma alguma. Sou seu secretário e posso receber qualquer mensagem.

— O Sr. Warren Wynd não está em casa nem para o Papa nem para cabeças coroadas — disse Vandam, o magnata do petróleo, com uma ironia azeda. — O Sr. Warren Wynd é muito exigente. Quando fui lhe entregar uma ninharia de vinte mil dólares sob certas condições, ele me disse para voltar outro dia, como se eu fosse um garoto de recados.

— É bom ser um garoto — disse o estranho —, e melhor ainda é ter um recado. Tenho um recado que ele precisa ouvir. É um recado das grandes e boas terras do Oeste, onde o verdadeiro americano está sendo construído enquanto vocês estão roncando. Diga-lhe apenas que Art Alboin, de Oklahoma, veio convertê-lo.

— Eu lhe digo que ninguém pode vê-lo — disse bruscamente o secretário de cabelos ruivos. — Ele mandou não incomodá-lo por meia hora.

— Vocês, do Leste, não querem ser incomodados — disse o alegre Sr. Alboin. — Há, porém, uma forte brisa soprando no Oeste que, pelos meus cálculos, certamente vai incomodá-los. Ele está calculando quanto dinheiro deve ir para esta e aquela velha religião enfadonha, mas posso lhe dizer que qualquer esquema que deixe de fora o novo movimento do Grande Espírito, no Texas e em Oklahoma, está deixando de fora a religião do futuro.

— Ah, sei tudo sobre essas religiões do futuro — disse o milionário, com desdém. — Já passei um pente fino nelas, e vi que são tão sarnentas quanto um vira-lata. Havia aquela mulher que tomou o nome de Sophia. Para mim, deveria ter escolhido Sapphira. Uma fraude, simplesmente. Cordinhas amarradas a todas as mesas e tamborins. Depois, teve a turma da Vida Invisível; diziam ser capazes de desaparecer quando quisessem, e desapareceram mesmo, levando cem mil dos meus dólares. Conheci Júpiter Jesus em Denver, vi-o por semanas a fio, e ele era apenas um vigarista comum. A mesma coisa com o Profeta Patagônio. Pode apostar que ele fugiu para a Patagônia. Não, estou farto de tudo isso. A partir de agora só acredito no que vejo. Acho que isso é ser ateu.

— Acho que o senhor se engana a meu respeito — disse o homem de Oklahoma, quase ansioso. — Acho que sou tão ateu quanto o senhor. Nada há de sobrenatural ou supersticioso em nosso movimento. É simplesmente ciência. A única ciência verdadeira é a saúde, e a única saúde verdadeira é a respiração. Encha seus pulmões com o ar amplo da pradaria e poderá arrebentar todas as antigas cidades litorâneas aqui no Leste. Quem o fizer, será capaz de simplesmente soprar os maiores homens como dentes-de-leão. É isso que fazemos no novo movimento lá em casa: respiramos. Nós não oramos, nós respiramos.

— Bem, acredito que respiram — disse o secretário, cansado. Apesar do rosto vivo e inteligente, que mal conseguia esconder seu cansaço, ouviu os dois monólogos com a admirável paciência e polidez (em tão forte contraste com as lendárias impaciência e insolência) com que tais monólogos são ouvidos na América.

— Nada sobrenatural — continuou Alboin —, apenas o grande fato natural por trás de todas as fantasias sobrenaturais. O que os judeus esperavam de Deus, senão que soprasse nas narinas do homem o sopro da vida? Em Oklahoma, nós respiramos com nossas próprias narinas. Qual é o significado da própria palavra Espírito? É apenas “exercícios respiratórios” em grego. Vida, progresso, profecia; é tudo respiração.

— Alguns admitiriam que é tudo vento — disse Vandam —, mas me alegra que tenham se livrado do engodo da divindade, de qualquer maneira.

O rosto agudo do secretário, um tanto pálido sob o cabelo ruivo, exibia o lampejo de algum sentimento estranho, a sugerir uma secreta amargura.

— Não me alegro — disse ele —, só tenho certeza. Como o senhor parece gostar de ser ateu, pode ser que apenas acredite no que gosta de acreditar. Mas quem me dera houvesse um Deus! Só que não existe e este é o meu fado.

Neste momento, sem um som ou agitação, todos tomaram uma consciência quase assustadora de que o grupo parado do lado de fora da porta de Wynd havia, silenciosamente, crescido de três para quatro figuras. Nenhum dos disputantes sinceros poderia dizer desde quando a quarta figura estivera ali, mas ela parecia estar, respeitosa e até timidamente, esperando pela oportunidade de dizer algo urgente. Contudo, para a sensibilidade nervosa deles, ele parecia ter surgido repentina e silenciosamente como um cogumelo. E, de fato, ele parecia mesmo um grande cogumelo preto, pois era bem baixo e sua figura pequena e atarracada era eclipsada por seu grande chapéu clerical preto. A semelhança poderia ser mais completa se os cogumelos tivessem o hábito de carregar guarda-chuvas, mesmo que surrados e disformes.

Fenner, o secretário, sentiu-se duplamente surpreso ao reconhecer a figura de um padre. Mas quando o padre ergueu o rosto redondo sob o chapéu redondo e inocentemente perguntou pelo Sr. Warren Wynd, deu a resposta negativa de sempre, numa linguagem mais concisa do que antes. O padre, porém, não se rendeu.

— Quero ver o Sr. Wynd — disse ele. — Parece estranho, mas é exatamente o que quero fazer. Não quero falar com ele. Só quero vê-lo. Quero ver se ele está aí, podendo ser visto.

— Pois bem, posso lhe dizer que ele está aqui, mas não pode ser visto — disse Fenner, cada vez mais aborrecido. — O que quer dizer com isso, de querer ver se ele pode ser visto? Claro que ele está aqui. Todos nós o deixamos cinco minutos atrás e desde então estamos diante da porta.

— Quero ver se ele está bem — disse o padre.

— Por quê? — perguntou o secretário, exasperado.

— Porque tenho um motivo sério, poderia até dizer solene — disse o clérigo, gravemente —, para duvidar que ele esteja bem.

— Oh, Senhor! — exclamou Vandam, numa espécie de fúria. — Chega de superstições.

— Vejo que terei de dar minhas razões — observou o miúdo clérigo, gravemente. — Parece que não devo crer que me deixarão olhar sequer pela fresta de uma porta, antes de lhes contar toda a história.

Ficou em silêncio por um momento como se refletisse, depois continuou sem perceber os rostos perplexos ao seu redor.

— Eu estava caminhando ao longo da frente da colunata, quando vi um homem muito esfarrapado correndo velozmente pela esquina no final do crescente. Ele veio em minha direção, pisando forte e revelando uma grande figura ossuda e um rosto que eu reconheci. Era o rosto de um louco irlandês a quem certa vez prestei um pequeno auxílio. Não vou lhes dizer o nome dele. Quando me viu, ele cambaleou, chamando-me pelo nome e dizendo: “Nossenhora, é o Padre Brown! O senhor é o único homem cujo rosto poderia me assustar hoje”. Eu sabia que ele queria dizer que estava cometendo alguma insensatez, e acho que meu rosto não o assustou tanto, pois ele logo estava me dizendo o que era. E era uma coisa muito estranha. Perguntou-me se eu conhecia Warren Wynd, e eu disse que não, embora soubesse que era alguém que mora perto do topo desses apartamentos. Ele disse: “É um homem que pensa que é um santo de Deus, mas se ele soubesse o que eu estava dizendo a seu respeito, ia se enforcar rapidinho”. E repetiu histericamente, mais de uma vez: “Sim, ia se enforcar rapidinho”. Perguntei se ele havia feito algum mal a Wynd, e sua resposta foi muito estranha. Ele disse: “Arrumei uma pistola e não a carreguei com bala nem projétil, mas só com uma maldição”. Pelo que pude entender, tudo o que ele fez foi cruzar aquele pequeno beco entre este prédio e o grande armazém, com uma velha pistola descarregada, sem projétil, e simplesmente atirar contra a parede, como se isso fosse demolir o prédio. “Mas quando atirei”, disse ele, “eu o amaldiçoei com a grande maldição; a justiça de Deus vai pegá-lo pelo cabelo e a vingança do Inferno pelo calcanhar, e ele vai ser malhado como Judas e o mundo não vai saber mais dele”. Bem, agora não importa o que mais eu disse ao pobre louco. Ele foi embora um pouco mais calmo e eu dei a volta pelos fundos do prédio para verificar a situação. E, é claro, no pequeno beco ao pé desta parede havia uma pistola obsoleta e enferrujada. De pistolas, entendo o suficiente para saber que aquela tinha sido carregada apenas com um pouco de pólvora. Havia manchas pretas de pólvora e fumaça na parede, e até mesmo a marca do cano, mas nem sequer uma trinca de bala. Ele não havia deixado vestígios de sua destruição. Não havia deixado vestígio nenhum, exceto aquelas manchas negras e a negra maldição que ele havia lançado ao céu. Então vim aqui para perguntar por esse tal de Warren Wynd e confirmar se ele está bem.

O secretário Fenner riu.

— Posso resolver essa dificuldade para o senhor em um instante. Garanto-lhe que ele está bem. Nós o deixamos escrevendo em sua mesa apenas alguns

minutos atrás. Ele estava sozinho em seu apartamento, que fica a trinta metros da rua e está posicionado de forma que nenhum tiro poderia alcançá-lo, mesmo que seu amigo não tivesse dado um tiro de festim. Não há outra entrada para o lugar a não ser esta porta, e desde então estamos do lado de fora dela.

— Mesmo assim — disse o Padre Brown, gravemente —, eu gostaria de dar uma olhada e ver.

— Tudo bem, mas não pode — retorquiu o outro. — Bom Deus, não me diga que acredita em maldição.

— Está esquecendo — disse o milionário, com um leve desdém — que o ofício deste reverendo cavalheiro consiste todo em proferir bênçãos e maldições. Diga, senhor, se ele foi amaldiçoado com o Inferno, por que não o abençoa para compensar? De que valem suas bênçãos, se elas não podem vencer a maldição de um irlandês encenqueiro?

— Acreditam nessas coisas agora? — protestou o homem do Oeste.

— Suponho que o Padre Brown acredite em um monte de coisas — disse Vandam, cujo gênio estava sofrendo com o desprezo recebido e a discussão em curso. — Padre Brown acredita que um eremita atravessou um rio sobre um crocodilo conjurado do nada, e então mandou o crocodilo morrer, e com certeza o animal morreu. Padre Brown acredita que um ou outro santo morreu e seu corpo morto se dividiu em três cadáveres, para ser entregue a três paróquias muito devotas que se consideram, cada uma, sua terra natal. Padre Brown acredita que um santo pendurou seu manto em um raio de sol e outro usou o dele como um barco para cruzar o Atlântico. Padre Brown acredita que o burro sagrado tinha seis patas e que a casa de Loreto foi levada voando pelos ares. Ele acredita em centenas de virgens de pedra piscando e chorando o dia inteiro. Para ele, acreditar que um homem possa escapar pelo buraco da fechadura ou desaparecer de uma sala trancada não é nada. Acho que ele não dá muita importância às leis da natureza.

— Seja como for, devo dar importância às leis de Warren Wynd — disse o secretário, cansado —, e a regra dele é deixá-lo em paz quando ele manda. Wilson dirá a mesma coisa. — Nesse momento, o grande criado que havia sido enviado para buscar o panfleto veio caminhando placidamente pelo corredor enquanto Fenner falava, trazendo o panfleto, mas entrando na antecâmara. — Ele se sentará no banco ao lado do contínuo e ficará girando os polegares até que seja solicitado, mas ele não entrará antes disso. E nem eu. Acho que nós dois sabemos nosso lugar, e seriam necessários muitos santos e anjos do Padre Brown para nos fazer esquecer disso.

— Quanto aos santos e anjos... — começou o padre.

— É tudo bobagem — repetiu Fenner. — Não quero dizer nada ofensivo, mas esse tipo de coisa pode ser muito bom para criptas e claustros e outros lugares iluminados pela Lua. Mas fantasmas não conseguem passar por uma porta fechada em um hotel americano.

— Mas homens conseguem abrir uma porta, mesmo em um hotel americano — respondeu o Padre Brown, pacientemente. — E me parece que a coisa mais simples seria abri-la.

— Seria simples o suficiente para me tirar o emprego — respondeu o secretário —, e Warren Wynd não gosta de seus secretários tão simplórios assim. Não posso ser tão simplório a ponto de crer no tipo de conto de fadas em que o senhor parece acreditar.

— Pois bem — disse o padre com voz grave —, é verdade que acredito em muitas coisas em que o senhor provavelmente não acredita. Mas levaria um tempo considerável para explicar todas as coisas em que acredito e todas as razões que tenho para pensar que estou certo. Levaria cerca de dois segundos abrir aquela porta e provar que estou errado.

Algo na frase pareceu agradar ao espírito mais rebelde e inquieto do homem do Oeste.

— Admito que adoraria provar que o senhor está errado — disse Alboin, passando repentinamente por eles —, e o farei.

Abriu a porta do apartamento e olhou para dentro. O primeiro vislumbre mostrou que a cadeira de Warren Wynd estava vazia. Um segundo exame mostrou que o cômodo também estava vazio.

Fenner, já eletrizado, passou correndo pelo outro e entrou no apartamento.

— Ele está no quarto — disse ele secamente —, deve estar lá.

Enquanto ele desaparecia na câmara interna, os outros homens permaneciam na sala vazia, olhando ao redor. A severidade e a simplicidade de sua mobília, já notadas, se voltavam contra eles com um duro desafio. Nesta sala, certamente não havia como esconder um rato, muito menos um homem. Não havia cortinas e, o que é raro nos arranjos americanos, não havia armários. Até a escrivaninha não passava de uma mesa simples com uma gaveta rasa e um tampo inclinado. As cadeiras eram esqueletos duros e de espaldar alto. Um momento depois, o secretário reapareceu na porta interna, depois de revistar os dois quartos internos. Havia em seus olhos uma negação fixa, e sua boca

pareceu se mover por um mecanismo independente quando ele disse de maneira brusca:

— Ele não saiu por aqui?

De alguma forma, os outros nem mesmo acharam necessário responder negativamente a essa negação. Suas mentes haviam se deparado com algo similar à parede nua do armazém diante da janela oposta, passando gradualmente de branco para cinza à medida que, com o avanço da tarde, o crepúsculo descia lentamente. Vandam foi até o peitoril da janela no qual se apoiara meia hora antes e olhou pela janela aberta. Não havia cano ou escada de incêndio, nenhuma plataforma ou qualquer tipo de apoio para os pés na queda direta para a pequena rua abaixo, e não havia nada semelhante em toda a extensão da parede, que se erguia por muitos andares acima. Do outro lado da rua, ainda menos variedade. Não havia nada além da extensão cansativa da parede caiada. Ele olhou para baixo, como se esperasse ver o desaparecido filantropo no chão, destruído em um acidente suicida. Não conseguiu ver nada além de um pequeno objeto escuro que, embora minúsculo à distância, poderia muito bem ser a pistola que o padre encontrara lá. Enquanto isso, Fenner caminhou até a outra janela, que dava para uma parede igualmente nua e inacessível, mas com vista para um pequeno parque ornamental em vez de uma rua lateral. Aqui um grupo de árvores interrompia a visão real do terreno, mas elas se estendiam só até uma certa parte do enorme penhasco de cimento. Ambos voltaram para a sala e se encararam no crepúsculo crescente, em que os últimos brilhos prateados da luz do dia nos tampos brilhantes de escrivaninhas e mesas estavam rapidamente ficando cinza. Como se o próprio crepúsculo o irritasse, Fenner acionou o interruptor e a cena saltou para a surpreendente nitidez da luz elétrica.

— Como você disse há pouco — disse Vandam severamente —, nenhum tiro lá de baixo poderia acertá-lo, mesmo que na arma houvesse algum projétil. Mas ainda que fosse atingido por uma bala, ele não teria sumido como uma bolha de sabão estourada.

O secretário, mais pálido do que nunca, olhou irritado para o semblante bilioso do milionário.

— O que o leva a cogitar noções tão mórbidas? Quem está falando sobre balas e bolhas? Por que ele não estaria vivo?

— É mesmo, por que não? — respondeu Vandam, suavemente. — Se você me disser onde ele está, eu direi como ele chegou lá.

Depois de uma pausa, o secretário murmurou, um tanto mal-humorado:

— Acho que o senhor tem razão. Estamos de fato numa sinuca de bico. Seria

estranho se qualquer um de nós chegasse a pensar que a maldição tem algo nisso. Mas quem poderia fazer mal a Wynd enquanto estava trancado aqui?

O Sr. Alboin, de Oklahoma, estava parado no meio da sala, meio sem jeito, com sua auréola branca e felpuda, assim como seus olhos redondos, parecendo irradiar espanto. Nessa altura ele disse, distraidamente, com uma dose do atrevimento irrelevante de um enfant terrible:

— O senhor não ficou muito contente com ele, não é, Sr. Vandam?

O rosto comprido e amarelo do Sr. Vandam pareceu crescer e se tornar mais sinistro, à medida que ele sorria e respondia baixinho:

— Se vamos falar de coincidências, foi o senhor quem disse, salvo engano, que um vento do Oeste sopraria nossos maiores homens como dentes-de-leão.

— Sei o que disse — afirmou o homem do Oeste, com franqueza. — E mesmo assim, como isso poderia acontecer?

O silêncio foi quebrado por Fenner dizendo com uma brusquidão que beirava a violência:

— Só há uma coisa a dizer sobre este caso. Ele simplesmente não aconteceu. Não pode ter acontecido.

— Ah, sim — disse o Padre Brown do canto em que estava. — Não há dúvida que aconteceu.

Todos tomaram um susto, pois haviam realmente se esquecido do homenzinho insignificante que os induzira a abrir a porta. E a recuperação da memória foi acompanhada por uma aguda inversão de humor. Logo, porém, se recordaram de que todos o haviam descartado como um sonhador supersticioso, apenas por insinuar a mesma coisa que desde então acontecera diante de seus olhos.

— Raios! — exclamou o impetuoso homem do Oeste, como alguém que fala antes de se conter. — Parece que ele tinha razão, afinal!

— Devo confessar — disse Fenner, franzindo a testa à mesa — que as expectativas de Sua Reverência eram, aparentemente, bem fundamentadas. Não sei se ele tem mais alguma coisa para nos dizer.

— Ele talvez possa nos dizer — pontuou Vandam com sarcasmo — o que diabos devemos fazer agora.

O pequeno clérigo pareceu aceitar o encargo com um ar modesto, mas

prático.

— A única coisa em que consigo pensar — disse ele — é, primeiro, informar às autoridades deste lugar e depois ver se há mais vestígios do meu conhecido que disparou a pistola. Ele desapareceu na outra extremidade da cidade, onde fica o pequeno jardim. Há bancos lá, e é um lugar do qual os vagabundos gostam.

Consultas diretas com a sede do hotel, levando a consultas indiretas com as autoridades policiais, ocuparam um tempo considerável, e já era noite quando saíram sob a longa curva clássica da colunata. A cidade parecia tão fria e oca quanto a Lua que lhe dava o nome, e quando eles viraram a esquina do pequeno jardim público a própria Lua vinha nascendo, luminosa mas espectral, por trás das copas negras das árvores. A noite encobria muito do que havia de urbano e artificial naquele lugar e eles, ao se fundirem às sombras das árvores, tiveram a estranha sensação de terem subitamente viajado centenas de quilômetros de distância. Depois de caminharem um pouco em silêncio, Alboin, que tinha algo de primitivo, explodiu de repente.

— Desisto — gritou ele. — Jogo a toalha. Nunca pensei que chegaria a esse ponto, mas o que fazer quando esse ponto chega até você? Peço seu perdão, Padre Brown. Acho que vou me render, no que diz respeito ao senhor e seus contos de fadas. Depois disso, só creio em contos de fadas. Ora, o senhor mesmo disse, Sr. Vandam, que é ateu e só acredita no que vê. Bem, o que foi que o senhor viu? Ou melhor, o que não viu?

— Eu sei — disse Vandam e acenou com a cabeça de forma sombria.

— Ah, parte do problema é essa Lua e essas árvores que nos dão nos nervos — disse Fenner, obstinadamente. — As árvores sempre parecem esquisitas ao luar, com seus galhos esticados. Olhem aquele...

— Sim — disse o Padre Brown, parado e olhando a Lua, através de um emaranhado de árvores. — Aquele galho lá em cima é muito esquisito.

Quando voltou a falar, disse apenas:

— Pensei que fosse um galho quebrado.

Desta vez, o tom de sua voz causou arrepio em seus ouvintes. Algo parecido com um galho seco pendia flacidamente daquela árvore que, no escuro, se destacava contra a Lua. Mas não era um galho seco. Quando se aproximavam para ver o que era, Fenner saltou outra vez, praguejando alto. Depois correu de novo e soltou uma corda do pescoço de um pequeno e sujo corpo, balançando sob plumas caídas de cabelos grisalhos. De alguma forma, soube que o corpo era um cadáver antes de conseguir retirá-lo da árvore. Um rolo muito longo de

corda estava enrolado em volta dos galhos, e um pedaço relativamente curto pendia da forquilha do galho até o corpo. Uma grande bacia estava virada a cerca de um metro dos pés, como o banquinho chutado dos pés de um suicida.

— Oh, meu Deus! — disse Albain, de um modo que soou tanto como oração quanto como maldição. — O que aquele homem disse sobre ele? “Se ele soubesse, ia se enforcar rapidinho”. Não foi isso que ele disse, Padre Brown?

— Sim — disse Padre Brown.

— Bem — disse Vandam, com voz oca —, nunca pensei em ver ou dizer uma coisa dessas. Mas o que se pode dizer, exceto que a maldição deu certo?

Fenner estava parado com as mãos cobrindo o rosto, e o Padre pôs uma mão em seu braço e disse gentilmente:

— Você gostava muito dele?

O secretário baixou as mãos. Seu rosto branco estava fantasmagórico sob a Lua.

— Diabos, eu o odiava — disse ele —, e se morreu por uma maldição, poderia ter sido minha.

A pressão da mão do padre em seu braço aumentou, e o padre disse, com uma seriedade que ainda não havia demonstrado:

— Sua maldição não o matou. Peço que não se aflija.

A polícia do distrito teve muita dificuldade em lidar com as quatro testemunhas envolvidas no caso. Todos eles eram pessoas respeitáveis e até confiáveis no sentido comum, e um deles era uma pessoa de considerável poder e importância: Silas Vandam, empresário do petróleo. O primeiro policial que tentou expressar ceticismo sobre sua história logo acendeu a ira daquele magnata.

— Não venha falar comigo sobre se ater aos fatos — disse o milionário com aspereza. — Eu me apeguei a muitos fatos antes de você nascer e alguns fatos se apegaram a mim. Eu lhe darei os fatos se você tiver o bom senso de anotá-los corretamente.

O policial em questão era jovem e de baixa patente, e tinha uma vaga ideia de que o milionário era político demais para ser tratado como um cidadão comum. Por isso encaminhou-o, com seus companheiros, para um superior mais impassível, um certo inspetor Collins, homem grisalho de fala muito mansa. Uma pessoa cordial, mas que não suportava bobagens.

— Ora, ora — disse ele, encarando com olhos brilhantes as três figuras à sua frente —, esta parece ser uma história engraçada.

Padre Brown já havia desistido de seus afazeres diários, mas Silas Vandam suspendera até mesmo os negócios gigantescos dos mercados por mais ou menos uma hora para testemunhar sua notável experiência. O trabalho de Fenner como secretário, sob certo aspecto, havia cessado com a vida de seu empregador, e o grande Art Alboin, não tendo nenhum negócio em Nova York ou em qualquer outro lugar, exceto a propagação da religião do Sopro da Vida ou do Grande Espírito, não tinha no momento nada para afastá-lo do assunto imediato. Assim, estavam eles enfileirados no escritório do inspetor, preparados para corroborar uns aos outros.

— Agora é melhor eu lhes dizer, para começar — disse o inspetor alegremente —, que não adianta nada aparecer na minha frente falando em milagres. Sou um policial e um homem prático, e esse tipo de conversa agrada padres e párocos. Este padre seu amigo parece ter deixado os senhores nervosos com alguma história sobre uma morte terrível e julgamento, mas vou deixar ele e sua religião completamente fora disso. Se Wynd saiu daquela sala, alguém o tirou de lá. E se Wynd apareceu enforcado naquela árvore, alguém o enforcou nela.

— Exatamente — disse Fenner —, mas se o que sabemos é que ninguém o tirou da sala, a questão é como alguém poderia tê-lo enforcado na árvore?

— Como pode alguém ter um nariz no próprio rosto? — perguntou o inspetor. — Ele tinha um nariz no rosto e um nó em volta do pescoço.¹¹ Estes são os fatos, e, como eu disse, sou um homem prático e sigo os fatos. O que aconteceu não pode ter sido um milagre, logo deve ter sido feito por um homem.

Alboin estava em pé, mais ao fundo e, de fato, sua figura larga parecia formar um pano de fundo natural para os homens à sua frente, mais magros e mais vivazes. Sua cabeça branca estava inclinada com certa abstração, mas quando o inspetor disse a última frase, ele a ergueu, sacudindo sua crina grisalha de modo leonino e parecendo atordoado, mas desperto. Avançou para o centro do grupo, e eles tiveram uma vaga sensação de que ele havia se tornado ainda mais vasto do que antes. Tinham estado muito propensos a considerá-lo um tolo ou um charlatão, mas ele não estava totalmente errado quando disse ter em si uma certa profundidade de pulmões e vida, como um vento oeste que, armazenado em toda sua força, algum dia pudesse soprar para longe coisas mais leves.

— Então o senhor é um homem prático, Sr. Collins — disse ele, com uma voz

ao mesmo tempo suave e pesada. — Deve ser a segunda ou terceira vez que menciona, nesta pequena conversa, que é um homem prático, de modo que não posso me enganar quanto a isso. E esse é um detalhe muito interessante para qualquer pessoa empenhada em escrever sua vida, valendo-se de cartas e entrevistas, com retrato aos cinco anos de idade, daguerreótipo de sua avó e a paisagem de sua velha cidade natal. Tenho certeza de que seu biógrafo não esquecerá de mencionar isso junto com o fato de que o senhor tinha um nariz achatado com uma verruga e era gordo a ponto de quase não poder andar. E como o senhor é um homem prático, talvez deva continuar praticando até trazer Warren Wynd de volta à vida e descobrir exatamente como um homem prático consegue passar por uma porta fechada. Mas acho que o senhor se confundiu. O senhor não é um homem prático. É praticamente uma piada, é isso que o senhor é. Quando o Todo-Poderoso o imaginou, ele estava gracejando um pouco com todos nós.

Com um senso de drama característico, ele saiu voando em direção à porta antes que o atônito inspetor pudesse responder, e nenhuma recriminação posterior conseguiu tirar dele um certo ar de triunfo.

— Acho que o senhor acertou em cheio — disse Fenner. — Se esses são os homens práticos, eu prefiro os padres.

Foi feita outra tentativa de chegar a uma versão oficial do evento quando as autoridades perceberam plenamente quem eram os patrocinadores da história e quais eram as implicações do fato. A história já havia estourado na imprensa em sua forma mais sensacionalista e até mesmo descaradamente paranormal. Entrevistas com Vandam sobre sua maravilhosa aventura e artigos sobre Padre Brown e suas intuições místicas logo levaram aqueles que se sentem responsáveis por guiar o público a desejarem guiá-lo por um canal mais sábio. Em seguida, as contrafeitas testemunhas foram abordadas de modo mais indireto e diplomático. Foram informados, de modo quase afetado, que o professor Vair estava muito interessado em tais experiências anormais. Que ele estava especialmente interessado naquele mesmo caso surpreendente. O professor Vair era um psicólogo de grande distinção, de quem se sabia ser muito interessado em criminologia. Só algum tempo depois eles descobriram que ele tinha alguma ligação com a polícia.

O professor Vair era um cavalheiro cortês, discretamente vestido com roupas cinza-claro, gravata artística e barba clara e pontiaguda. Passaria perfeitamente por um pintor de paisagens para qualquer um que não estivesse familiarizado com esse tipo de sujeito distinto. Ele tinha um ar não só de cortesia, mas de franqueza.

— Sim, sim, eu sei — disse ele, sorrindo. — Posso imaginar o que os senhores devem ter passado. A polícia não é brilhante em investigações com elementos

inexplicáveis, certo? Claro, meu velho amigo Collins disse que só queria os fatos. Que erro absurdo! Em um caso desse tipo, enfaticamente, não queremos apenas os fatos. É ainda mais essencial ter as fantasias.

— O senhor quer dizer — perguntou Vandam gravemente — que tudo o que qualificamos como fatos eram apenas fantasias?

— De jeito nenhum — disse o professor. — Só quero dizer que é uma estupidez da polícia pensar que pode deixar de fora o elemento psicológico em tais casos. Bem, o elemento psicológico, decerto, é tudo, embora esteja apenas começando a ser compreendido. Para começar, vejamos o elemento chamado personalidade. Eu já tinha ouvido falar desse clérigo, o Padre Brown. Ele é um dos homens mais notáveis do nosso tempo. Homens desse tipo carregam consigo uma espécie de atmosfera e ninguém sabe o quanto seus nervos e até mesmo seus sentidos estão afetados por ela em dado momento. As pessoas são hipnotizadas... sim, hipnotizadas, pois a hipnose, como tudo mais, é uma questão de grau. Ela tem uma ligeira participação em todas as conversas diárias. Não necessariamente é feita por um homem em traje de gala em um tablado numa sala de teatro. A religião do Padre Brown sempre compreendeu a psicologia das atmosferas e sabe como apelar a tudo simultaneamente. Até mesmo, por exemplo, ao sentido do olfato. Ela compreende os curiosos efeitos produzidos pela música nos animais e nos seres humanos. É capaz de...

— Espere aí! — protestou Fenner. — O senhor não supõe que ele veio pelo corredor carregando um órgão de igreja, não é?

— Ele conhece coisas mais eficazes que essa — disse o professor Vair, rindo. — Sabe como concentrar a essência de todos esses sons e visões espirituais, e até cheiros, em alguns gestos contidos; em uma arte ou estilo de presença. Ele poderia direcionar a concentração de suas mentes no sobrenatural pela simples presença de sua pessoa, de modo que as coisas naturais fugissem de suas mentes sem serem notadas. Os senhores sabem — prosseguiu com um feliz retorno ao bom senso — que quanto mais a estudamos, mais complicada se torna a questão do testemunho humano. Não há um homem em vinte que realmente observe as coisas. Não há um homem em cem que as observe com real precisão. Certamente não há um em cem capaz de primeiro observar, depois lembrar e, finalmente, descrever. Experimentos científicos constantemente repetidos têm demonstrado que homens sob tensão pensavam que uma porta estava fechada quando estava aberta, ou aberta quando estava fechada. Os homens divergem sobre o número de portas ou janelas em uma parede bem na frente deles. Sofrem ilusões de ótica em plena luz do dia. Isso acontece mesmo sem o efeito hipnótico da personalidade, mas aqui temos uma personalidade muito poderosa e persuasiva empenhada em fixar uma única imagem em suas mentes: a imagem do vagabundo rebelde irlandês mirando sua pistola para o céu e disparando aquela saraivada vã, cujos ecos

eram os trovões do céu.

— Professor — exclamou Fenner —, eu juro, pela minha vida, que aquela porta nunca se abriu.

— Experiências recentes — continuou o professor, calmamente — sugeriram que nossa consciência não é contínua, mas sim uma sequência de impressões muito rápidas como no cinema. É possível que alguém ou algo possa, por assim dizer, entrar ou sair entre as cenas. Ela atua apenas enquanto a cortina está abaixada. Provavelmente, o discurso dos ilusionistas e todas as formas de prestidigitação dependem do que podemos chamar de um piscar de olhos entre as centelhas da visão. Ora, este padre e pregador de noções transcendentais encheu os senhores com uma imagem transcendental: a imagem do celta semelhante a um Titã, sacudindo a torre com sua maldição. Provavelmente ele a guarneceu com algum gesto leve, mas convincente, apontando seus olhos e mentes na direção do destruidor desconhecido lá embaixo. Ou talvez alguma outra coisa tenha acontecido, ou alguém tenha passado.

— Wilson, o criado — resmungou Alboin —, atravessou o corredor para esperar no banco, mas acho que não nos distraiu muito.

— Nunca se sabe o quanto — respondeu Vair. — Pode ter sido isso ou mais provavelmente seus olhos seguindo algum gesto do padre enquanto ele contava seu conto de fadas. Foi durante uma dessas centelhas negras que o Sr. Warren Wynd escapuliu para fora de sua porta e foi ao encontro da morte. Essa é a explicação mais provável. É uma ilustração da nova descoberta. A mente não é uma linha contínua, e sim uma linha pontilhada.

— Muito pontilhada — disse Fenner debilmente. — Para não dizer picotada.

— O senhor realmente acredita — perguntou Vair — que seu patrão estava trancado em uma sala como se fosse uma caixa?

— É melhor do que acreditar que preciso ficar trancado em uma cela com as paredes acolchoadas — respondeu Fenner. — É disso que me queixo em suas sugestões, professor. Antes crer em um padre que crê em um milagre que descrever que qualquer homem tenha o direito de crer nos fatos. O padre me diz que um homem pode apelar a um Deus, sobre o qual nada sei, para vingá-lo pelas leis de alguma justiça superior, da qual nada sei. Nada posso dizer, exceto que não sei nada a respeito. Mas se ao menos a oração e a pistola do pobre irlandês pudessem ser ouvidas em um mundo superior, esse mundo superior poderia agir de alguma forma que nos pareceria estranha. O senhor, porém, me pede para não acreditar nos fatos deste mundo como eles aparecem diante dos meus cinco sentidos. Segundo o senhor, toda uma procissão de irlandeses

carregando bacamartes pode ter passado por esta sala enquanto conversávamos, desde que tenham tomado o cuidado de pisar nos pontos cegos de nossas mentes. Milagres dos padres do deserto, como materializar um crocodilo ou pendurar uma capa em um raio de sol, parecem bastante sãos compa rados ao que o senhor diz.

— Oh, bem — disse o professor Vair, um tanto secamente —, se o senhor está decidido a acreditar em seu padre e em seu irlandês milagroso, não posso dizer mais nada. Temo que o senhor não tenha tido a oportunidade de estudar psicologia.

— Não — disse Fenner azedo —; mas tive a oportunidade de estudar psicólogos.

E, curvando-se educadamente, conduziu sua comitiva para fora da sala e não falou até chegar à rua. Em seguida, dirigiu-se a eles de forma bastante explosiva:

— Lunáticos delirantes! — exclamou Fenner, furioso. — Que diabos eles pensam que vai acontecer com o mundo se ninguém souber se viu alguma coisa ou não? Só queria estourar aquela cabeça oca com um tiro de pólvora seca e depois me desculpar dizendo que o fiz em um dos espaços negros da consciência. O milagre do Padre Brown pode ser milagroso ou não, mas ele disse que aconteceria e aconteceu. Tudo o que esses excêntricos malditos podem fazer é ver uma coisa acontecer e depois dizer que não aconteceu. Olhem aqui, acho que devemos ao padre o testemunho de sua pequena demonstração. Somos todos homens sãos e sólidos que nunca acreditaram em nada. Nós não estávamos bêbados. Não éramos devotos. Simplesmente aconteceu como ele havia previsto.

— Concordo plenamente — disse o milionário. — Pode ser o começo de grandes coisas na linha espiritual, mas seja como for, é certo que, neste assunto, quem acertou foi exatamente o homem que está na linha espiritual, o Padre Brown.

Alguns dias depois, Padre Brown recebeu uma nota muito educada, assinada por Silas T. Vandam, que perguntava se ele poderia comparecer em uma hora determinada no apartamento que tinha sido o cenário do sumiço ocorrido, a fim de tomar as providências para a confirmação daquela espantosa ocorrência. A ocorrência em si já havia começado a aparecer nos jornais e estava sendo divulgada em todos os lugares pelos entusiastas do ocultismo. Padre Brown tinha observado cartazes flamejantes com as inscrições “Um suicida desaparece” e “A maldição de um homem leva um filantropo a se enforcar” ao terminar de atravessar Moon Crescent e subir os degraus a caminho do elevador. Ele encontrou o pequeno grupo exatamente como o

havia deixado: Vandam, Alboin e o secretário; mas no tom deles havia um respeito inteiramente novo e até reverência para com ele. Eles estavam parados ao lado da mesa de Wynd, sobre a qual havia um grande papel e instrumentos de escrita. Viraram-se para cumprimentá-lo.

— Padre Brown — disse o porta-voz, que era o homem de cabelos brancos do Oeste, um tanto solene por sua responsabilidade —, nós o chamamos aqui, em primeiro lugar, para oferecer nossos pedidos de desculpas e nossos agradecimentos. Reconhecemos que foi o senhor que identificou a natureza espiritual da questão desde o início. Éramos, todos nós, céticos de cabeça dura, mas percebemos agora que um homem deve quebrar essa casca para alcançar as grandes coisas além deste mundo. O senhor representa essas coisas. O senhor representa a explicação extraordinária das coisas e nós precisamos reconhecer isto no senhor. E em segundo lugar, sentimos que este documento não estaria completo sem a sua assinatura. Estamos notificando os fatos exatos à Sociedade de Pesquisas do Paranormal, porque os relatos dos jornais não são o que se poderia qualificar como exatos. Nós declaramos como a maldição foi pronunciada na rua, como o homem estava fechado aqui em uma sala como se estivesse em uma caixa, como a maldição o dissolveu no ar e, de uma maneira impensável, o materializou como um suicida içado em uma forca. Isso é tudo o que podemos declarar, mas é tudo o que sabemos e vimos com nossos próprios olhos. E como o senhor foi o primeiro a acreditar no milagre, todos nós achamos que o senhor deveria ser o primeiro a assinar.

— Não, sério — disse o Padre Brown, constrangido. — Acho que não gostaria de fazer isso.

— Como assim? Prefere não assinar em primeiro lugar?

— Quero dizer, prefiro não assinar em lugar nenhum — disse o Padre Brown, modestamente. — Veja bem, não convém a um homem na minha posição fazer brincadeiras com milagres.

— Mas o senhor disse que era um milagre — disse Alboin, olhando fixamente.

— Sinto muito — disse o Padre Brown. — Receio que haja algum engano. Acho que nunca disse que era um milagre. Tudo o que eu disse foi que a situação era possível. Os senhores que disseram não poderia acontecer, porque se acontecesse, seria um milagre. Mas aconteceu. E então os senhores disseram que era um milagre. No entanto, eu nunca pronunciei a palavra “milagre” nem falei de magia, ou qualquer coisa do tipo.

— Mas pensei que o senhor acreditasse em milagres — irrompeu o secretário.

— Sim — respondeu Padre Brown —, eu acredito em milagres. Acredito em

tigres devoradores de homens, mas não os vejo correndo pelas ruas. Se quiser algum milagre, sei onde achar.

— Não consigo entender sua opinião, Padre Brown — disse Vandam, sério.
— Ela parece tão estúpida e o senhor não tem nada de estúpido, embora seja um pároco. Não vê que um milagre como esse derrubará todo o materialismo? Revelará ao mundo inteiro, em letras garrafais, que os poderes espirituais podem funcionar e funcionam. O senhor estará servindo à religião como nenhum pároco jamais serviu.

O padre havia enrijecido um pouco e parecia de alguma forma estar envolto em uma dignidade inconsciente e impessoal, apesar de sua figura atarracada.

— Pois bem — disse ele —, o senhor não quer insinuar que eu deva servir à religião com o que sei ser uma mentira, não é? Não sei exatamente o que quer dizer com esta frase e, para ser sincero, não tenho certeza se o senhor sabe. Mentir pode ser um serviço à religião, mas tenho certeza de que não é um serviço a Deus. E já que insiste tanto nas coisas em que eu acredito, não seria bom para o senhor ter alguma ideia do que elas são?

— Acho que não entendi muito bem — observou o milionário, curioso.

— Acho que não — disse o Padre Brown, com simplicidade. — O senhor diz que tudo que aconteceu foi realizado por poderes espirituais. Que poderes espirituais? O senhor não acha que os bons anjos o pegaram e o penduraram em uma árvore do jardim, não é? E quanto aos anjos caídos... não, não, não. Os homens que fizeram isso fizeram uma coisa perversa, mas não foram além de sua própria maldade. Eles não foram perversos o suficiente para lidar com poderes espirituais. Sei algo sobre o satanismo, lamentavelmente. Fui obrigado a aprender. Sei o que ele é, o que ele é quase sempre. É orgulhoso e é ardiloso. Gosta de ser superior, adora horrorizar os inocentes com coisas mal compreendidas, causar arrepios nas crianças. É por isso que gosta tanto de mistérios e iniciações, sociedades secretas e tudo mais. Seus olhos estão voltados para dentro e, por mais grandioso e grave que pareça, está sempre escondendo um pequeno e louco sorriso — ele estremeceu de repente, como se fosse atingido por uma corrente de ar gelado. — Não se preocupe com eles. Eles não têm nada a ver com isso, acredite em mim. O senhor acha que aquele meu pobre e selvagem irlandês que, perambulando desvairado pela rua, deixou escapar metade do que tinha na cabeça no instante em que viu meu rosto e fugiu com medo de deixar escapar o resto... o senhor acha que Satanás confia quaisquer segredos a ele? Admito que ele tomou parte em uma conspiração, provavelmente em uma conspiração com outros dois homens piores do que ele; mas, apesar de tudo, ele tinha apenas uma raiva enorme ao correr pela estrada e disparar sua pistola e sua maldição.

— Mas o que diabos tudo isso significa? — perguntou Vandam. — Disparar uma pistola de brinquedo e uma maldição de dois centavos não faria nada disso acontecer, exceto por um milagre. Não faria Wynd desaparecer como uma fada. Não o faria reaparecer a um quarto de milha longe dali, com uma corda em volta do pescoço.

— Não — disse Padre Brown bruscamente —; mas o que isso faria?

— Ainda não o compreendo — disse, grave, o milionário.

— Estou perguntando, o que isso faria acontecer? — repetiu o padre, mostrando, pela primeira vez, uma espécie de agitação que beirava o aborrecimento. — O senhor fica repetindo que um tiro de pistola não faria isso e não faria aquilo, que se isso fosse tudo, o assassinato não aconteceria ou o milagre não aconteceria. Não parece lhe ocorrer perguntar o que aconteceria. O que aconteceria com o senhor, se um lunático disparasse uma arma de fogo sem motivo nem razão bem debaixo da sua janela? Qual é a primeira coisa que aconteceria?

Vandam ficou pensativo.

— Acho que eu iria olhar pela janela — disse ele.

— Sim — disse Padre Brown —, o senhor olharia pela janela. Essa é toda a história. É uma história triste, mas ela já acabou, e havia circunstâncias atenuantes.

— Por que olhar pela janela faria algum mal a ele? — perguntou Alboin. — Ele não caiu, ou teria sido encontrado na rua.

— Não — disse o Padre Brown em voz baixa. — Ele não caiu. Ele subiu.

Havia em sua voz algo como o gemido de um gongo, uma nota de tragédia, mas fora isso ele continuou firme:

— Subiu, mas não com asas. Não nas asas de quaisquer anjos santos ou profanos. Subiu na ponta de uma corda, exatamente como os senhores o viram no jardim. Uma corda desceu sobre sua cabeça no momento em que ela passou para fora da janela. Os senhores não se lembram de Wilson, aquele grande servo dele, um homem de grande força, sendo Wynd leve como um camarão? Wilson não tinha subido ao andar de cima buscar um panfleto, em uma sala cheia de coisas guardadas, amarradas com barbantes e rolos de corda? Wilson foi visto desde aquele dia? Acho que não.

— O senhor quer dizer — perguntou o secretário — que Wilson o pescou através de sua própria janela, como uma truta no anzol?

— Sim — disse o outro —, e voltou a descê-lo pela outra janela, que dava para o parque, onde o terceiro cúmplice o pendurou em uma árvore. Lembrem-se de que a rua estava vazia. Lembrem-se de que a parede oposta é completamente nua, sem janelas e portas. Lembrem-se que tudo acabou em cinco minutos, depois que o irlandês deu o sinal com a pistola. Eram três, é claro, e me pergunto se os senhores podem adivinhar quem são eles.

Estavam, todos os três, olhando a janela quadrada e simples e a parede branca e vazia do outro lado, e ninguém respondeu.

— A propósito — continuou Padre Brown —, não pensem que eu os culpo por saltar para conclusões sobrenaturais. A razão é muito simples, na verdade. Todos vocês juravam ser materialistas de cabeça dura e, na verdade, todos vocês estavam pendurados à beira da crendice... da crendice em quase tudo. Existem milhares de pessoas nessa posição, atualmente, mas esta posição é um abismo perigoso e desconfortável para ficar sentado. Ninguém descansa até que acredite em algo, é por isso que o Sr. Vandam passou um pente fino nas novas religiões, e o Sr. Alboin cita a Escritura para explicar sua religião de exercícios respiratórios, e o Sr. Fenner resmunga contra o próprio Deus que ele nega. É aí que todos vocês se dividem. É natural acreditar no sobrenatural. Aceitar apenas coisas naturais nunca parece natural. Mas, embora faltasse apenas um toque para derrubá-los no sobrenaturalismo dessas coisas, elas eram, na verdade, apenas coisas naturais. Não apenas eram naturais, como eram quase antinaturalmente simples. Suponho que nunca houve uma história tão simples como esta.

Fenner riu e depois se mostrou confuso.

— Há uma coisa que não entendo — disse ele. — Se foi Wilson, como Wynd tinha tamanha intimidade com um homem assim? Como ele foi morto por um homem que ele via todos os dias há anos? Ele era famoso por ser um bom juiz do caráter humano.

Padre Brown bateu com o guarda-chuva no chão com uma ênfase que raramente demonstrava.

— Sim — disse ele, quase ferozmente. — Foi assim que ele foi morto. Foi morto exatamente por isso. Foi morto por ser um juiz de homens.

Todos olhavam para ele, mas o padre continuou como se eles não estivessem ali.

— Quem somos nós para sermos juízes de outros homens? — perguntou. — Os três eram os vagabundos que, certa vez, estiveram diante dele e foram dispensados rapidamente para a direita e esquerda, para um lado e para o outro. Como se não tivessem direito ao manto da cortesia, a graus de

intimidade, nem ao livre-arbítrio na amizade. E vinte anos não esgotaram a indignação nascida daquele abismal insulto naquele momento em que ele ousou entendê-los num relance.

— Sim — disse o secretário. — Entendo... e entendo como é que o senhor entende... todo tipo de coisa.

— Bem, caia um raio na minha cabeça se eu entendi — exclamou ruidosamente o alegre cavaleiro do Oeste. — Esse Wilson e esse irlandês parecem ser apenas dois assassinos cruéis que mataram seu benfeitor. Não tenho como aceitar um assassino obscuro e sangrento desse tipo em minha moralidade, seja religiosa ou não.

— Ele era um assassino obscuro e sangrento, sem dúvida — disse Fenner calmamente. — Não o estou defendendo, mas suponho que o dever do Padre Brown seja rezar por todos os homens, mesmo por um homem como...

— Sim — concordou Padre Brown —, é meu dever rezar por todos os homens, mesmo por um homem como Warren Wynd.

V - A MALDIÇÃO DA CRUZ DE OURO

Seis pessoas sentavam-se ao redor de uma pequena mesa, parecendo quase tão incongruentes e acidentais como se tivessem naufragado separadamente na mesma pequena ilha deserta. E de fato estavam cercadas pelo mar, pois, em certo sentido, a ilha delas estava encerrada em outra ilha, uma enorme ilha flutuante como Laputa.¹² Pois a mesinha era uma das muitas mesinhas espalhadas no salão de jantar daquele monstruoso navio, o Moravia, veloz na noite e no vazio eterno do Atlântico. A pequena turma não tinha nada em comum, exceto que todos estavam viajando da América para a Inglaterra. Ao menos dois deles poderiam ser chamados de celebridades. Os outros poderiam ser chamados de obscuros e, em um ou dois casos, até duvidosos.

O primeiro era o famoso professor Smaill, uma autoridade em certos estudos arqueológicos relativos ao período final do Império Bizantino. Suas palestras, ministradas em uma universidade americana, eram consideradas como referência, mesmo nos locais de ensino mais abalizados da Europa. Suas obras literárias estavam tão imersas em uma suave e imaginativa simpatia pelo passado da Europa que, muitas vezes, quem não o conhecia se assustava ao ouvi-lo falar com sotaque americano. No entanto, ele era, à sua maneira, muito americano. Tinha longos cabelos louros penteados para trás de uma grande testa quadrada,

traços longos e retos e uma curiosa mistura de preocupação com uma elegância que sugeria ligeireza, como um leão a pensar, distraidamente, em seu próximo salto.

No grupo havia apenas uma dama e era (como costumavam dizer os jornalistas) uma anfitriã por excelência, mostrando-se totalmente pronta a bancar a anfitriã, para não dizer imperatriz, naquela ou em qualquer outra mesa. Era Lady Diana Wales, a célebre exploradora de países tropicais e outros. Mas durante o jantar não se via, na aparência dela, nada de rude ou masculino. Bonita num estilo quase tropical, com uma massa de cabelo ruivo quente e pesado, ela estava vestida com o que os jornalistas chamam de moda ousada, mas seu rosto era inteligente e seus olhos tinham aquela aparência brilhante e bastante proeminente dos olhos das damas que fazem perguntas em reuniões políticas.

As outras quatro figuras pareciam a princípio como sombras nessa companhia brilhante, mas vistas mais de perto exibiam diferenças entre si. Um deles era um jovem inscrito no registro do navio como Paul T. Tarrant. Ele era um tipo americano que poderia ser mais verdadeiramente chamado de antítese do americano. Cada nação provavelmente tem uma antítese, uma espécie de exceção extrema que comprova a regra nacional. Assim como os europeus respeitam a guerra, os americanos de fato respeitam o trabalho, no qual há uma auréola de heroísmo, e aquele que se esquivava dele é menos que um homem. A antítese é evidente por ser extremamente rara. Ele é o dândi, ou o playboy: o esbanjador rico que, em tantos romances americanos, funciona como um vilão fraco. Paul Tarrant parecia não ter nada para fazer exceto trocar de roupa, o que ele fazia cerca de seis vezes por dia, trocando para tons mais claros ou mais intensos de seu terno cinza claro requintado, ao modo das delicadas mudanças prateadas do crepúsculo. Ao contrário da maioria dos americanos, ele cultivava com muito cuidado uma barba curta e encaracolada. E ao contrário da maioria dos dândis, mesmo de seu próprio tipo, ele parecia mais metido em si mesmo do que metido à besta. Talvez houvesse algo quase byroniano em seu silêncio e melancolia.

Os próximos dois viajantes serão naturalmente classificados juntos, só porque ambos eram palestrantes ingleses voltando de uma turnê americana. Um deles foi descrito como Leonard Smyth, aparentemente um poeta menor, mas algo como um grande jornalista; cabeça comprida, cabelos claros, perfeitamente vestido e capaz de cuidar de si mesmo. O outro formava com ele um contraste bastante cômico: baixo e largo, com bigode preto de morsa, e tão taciturno quanto o outro era falador. Mas como ele havia sido acusado de roubo e elogiado por resgatar uma princesa romena ameaçada por um jaguar em seu zoológico itinerante, e, portanto, figurava em um caso da moda, era natural sentir que suas opiniões sobre Deus, progresso, sua própria juventude e o futuro das relações anglo-americanas seria de grande interesse e valor para os

habitantes de Minneapolis e Omaha. A sexta e mais insignificante figura era a de um pequeno padre inglês chamado Brown. Ele escutava a conversa com respeitosa atenção, e naquele momento estava tendo a impressão de que havia algo bastante curioso nela.

— Suponho que seus estudos bizantinos, professor — Leonard Smyth estava dizendo —, poderiam esclarecer esta história de uma tumba encontrada em algum lugar na Costa Sul; perto de Brighton, não é? Brighton fica muito longe de Bizâncio, claro. Mas li algo sobre o estilo de enterrar, embalsamar ou outra coisa ser supostamente bizantino.

— Os estudos bizantinos, sem dúvida, têm um longo caminho a percorrer — respondeu o professor, com secura. — Fala-se muito sobre especialistas, mas considero especializar-se a coisa mais difícil do mundo. Neste caso, por exemplo: como um homem pode saber algo sobre Bizâncio antes de saber tudo sobre sua antecessora Roma e sobre seu sucessor, o Islã? A maioria das artes árabes eram antigas artes bizantinas. Ora, pense na álgebra...

— Mas não quero pensar em álgebra — exclamou a dama, decididamente. — Nunca pensei, e nunca penso em álgebra. Mas estou muito interessada em embalsamamento. Veja, eu estava com Gatton quando ele abriu as tumbas da Babilônia. Desde então, eu acho múmias, corpos preservados e coisas do tipo arrepiantes. Fale-nos sobre isso.

— Gatton era um homem interessante — disse o professor. — Os Gatton eram uma família interessante. Aquele irmão dele que foi para o Parlamento era muito mais do que um político comum. Eu só entendi os Fascisti depois daquele discurso dele sobre a Itália.

— Bem, não estamos viajando para a Itália — disse Lady Diana, persistente. — E acredito que o senhor está indo para aquele lugarzinho onde encontraram a tumba. Em Sussex, não é?

— Sussex é muito grande, como todos os condados ingleses — respondeu o professor. — Lá é possível andar longamente a esmo e é um bom lugar para andar a esmo. É maravilhoso como aquelas colinas baixas parecem grandes quando se está no alto delas.

Houve um silêncio abrupto e inesperado, e então a dama disse:

— Ah, eu vou para o convés — e levantou-se, levantando-se os outros com ela.

O professor, porém, se deixou ficar, e o padrego foi o último a sair da mesa, dobrando cuidadosamente o guardanapo. E como foram deixados sozinhos, o professor disse de repente ao seu companheiro:

— Na sua visão, qual era o objetivo dessa conversa?

— Bem — disse Padre Brown, sorrindo —, já que me pergunta, houve algo que me divertiu um pouco. Posso estar errado, mas me pareceu que nossos convivas tentaram, três vezes, fazer o senhor falar sobre um corpo embalsamado que dizem ter sido encontrado em Sussex. E o senhor, por sua vez, gentilmente se ofereceu para conversar... primeiro sobre álgebra, depois sobre os Fascisti e por fim sobre a paisagem das colinas de Sussex.

— Em suma — respondeu o professor —, o senhor concluiu que eu estava disposto a falar sobre qualquer assunto, menos esse. E tem toda razão.

O professor ficou em silêncio por um tempo, observando a toalha de mesa, depois olhou para cima e, com aquela impulsividade rápida que sugeria o salto do leão, falou:

— Veja, Padre Brown — disse ele —, eu o considero o homem mais sábio e mais puro que já conheci.

Padre Brown era muito inglês. Ele era inteiramente dotado da típica incapacidade nacional de reagir a um elogio sério e sincero que, à maneira americana, lhe fosse repentinamente lançado ao rosto. Sua resposta foi um murmúrio sem sentido, e foi o professor quem prosseguiu, com o mesmo tom de seriedade:

— Veja, até certo ponto tudo é bastante simples. Uma tumba cristã da Idade das Trevas, aparentemente a de um bispo, foi encontrada sob uma pequena igreja em Dulham, na costa de Sussex. Acontece que o vigário também é um tanto arqueólogo e conseguiu encontrar muito mais coisas de que ainda não tenho ciência. Correu o boato de que o cadáver havia sido embalsamado de uma forma peculiar aos gregos e egípcios, mas desconhecida no Ocidente, especialmente naquela data. Portanto, o Sr. Walters (que é o vigário) naturalmente se pergunta sobre as influências bizantinas. Mas ele também menciona outra coisa, que para mim é de um interesse pessoal ainda maior.

Seu rosto comprido e sério pareceu ficar ainda mais comprido e mais sério enquanto ele franzia a testa para a toalha de mesa. Seu longo dedo pareceu traçar nela esboços dos planos de cidades mortas, seus templos e túmulos.

— Portanto, vou dizer ao senhor, e a mais ninguém, por que devo ter cuidado ao falar sobre esse assunto com as pessoas em geral, e por que, quanto mais desejarem falar sobre ele, mais eu devo ser cauteloso. Também foi dito que há, no caixão, uma corrente com uma cruz, aparentemente bastante comum, mas tendo na parte de trás um certo símbolo secreto encontrado em apenas uma outra cruz no mundo. Pertence aos arcanos da Igreja primitiva e supostamente indica o estabelecimento, por São Pedro, de sua sede em Antioquia antes de vir

para Roma. De qualquer forma, acredito que haja apenas uma outra igual, e ela me pertence. Embora eu tenha ouvido dizer que há uma história sobre uma maldição nela, não dou atenção a isso. Mas haja uma maldição ou não, realmente há, em certo sentido, uma conspiração, embora essa conspiração deva consistir em um homem só.

— Um homem só? — repetiu o Padre Brown, de forma quase mecânica.

— Um louco, pelo que sei — disse o professor Smaill. — É uma história longa e, de certa forma, boba.

Fez uma nova pausa, ainda traçando plantas e desenhos arquitetônicos com o dedo sobre a toalha, depois retomou:

— Talvez seja melhor eu lhe contar desde o início, pois o senhor talvez veja na história algum detalhe cujo sentido me tenha escapado. Começou muitos anos atrás, quando eu estava realizando algumas investigações particulares sobre as antiguidades de Creta e das Ilhas Gregas. Fiz grande parte do trabalho praticamente sozinho. Às vezes com a ajuda mais rude e temporária dos habitantes do lugar, e às vezes literalmente sozinho. Foi nestas últimas circunstâncias que encontrei um labirinto de passagens subterrâneas, que por fim levavam a um rico monte de entulho, ornamentos quebrados e pedras espalhadas que pensei serem as ruínas de algum altar soterrado, e no qual encontrei a curiosa cruz de ouro. Virei-a e, no verso, vi o Ichthus ou peixe, que era um símbolo cristão primitivo, mas de forma e padrão bem diferentes dos que são normalmente encontrados e, na minha avaliação, mais realista... como se o artista antigo pretendesse não apenas criar um símbolo convencional ou adornos iconográficos, mas fazê-lo um pouco mais parecido com um peixe real. Pareceu-me que havia um achatamento em uma das extremidades que não era como uma simples decoração geométrica, e sim como uma espécie de zoologia rude ou mesmo selvagem.

“A fim de explicar brevemente por que considere este achado importante, devo lhe contar o objetivo da escavação. Por um lado, ela tinha algo da natureza de uma escavação feita sobre outra escavação. Estávamos na trilha não só das antiguidades, mas dos antiquários da antiguidade. Tínhamos razões para acreditar, ou alguns de nós assim pensavam, que essas passagens subterrâneas, principalmente do período minoico como aquela famosa que de fato é identificada com o labirinto do Minotauro, não haviam estado realmente perdidas e esquecidas por todas as eras entre o Minotauro e o explorador moderno. Acreditávamos que esses lugares subterrâneos, quase se poderia dizer essas cidades e vilas subterrâneas, já haviam sido explorados no período intermediário por pessoas levadas a isso por algum motivo. Sobre o motivo,

havia diferentes escolas de pensamento: algumas sustentavam que os imperadores haviam ordenado uma exploração oficial por mera curiosidade científica. Outros que, no final do Império Romano, a selvagem moda em que entraram todos os tipos de superstições asiáticas sinistras havia levado alguma das seitas maniqueístas que tumultuavam as cavernas a orgias que precisavam ser escondidas da face do Sol. Eu pertencço ao grupo que acreditava que essas cavernas tinham sido usadas da mesma forma que as catacumbas. Ou seja, acreditávamos que, durante algumas das perseguições que se espalharam como um incêndio por todo o Império, os cristãos se esconderam nesses antigos labirintos de pedra pagãos. Foi, portanto, com um abalo como o de um trovão que encontrei a cruz de ouro caída, a tomei nas mãos e vi o desenho nela. E foi com um choque de ventura ainda maior que, ao me virar para percorrer meu caminho para fora e para cima, em direção à luz do dia, olhei para as paredes de rocha nua que se estendiam infinitamente ao longo das passagens baixas e vi gravada em contorno ainda mais rude, mas se possível mais inconfundível, a forma do Peixe.

“Alguma característica dela fazia parecer que talvez fosse um fóssil de peixe ou algum organismo rudimentar eternamente fixado em um mar de gelo. Não pude analisar essa semelhança, sob todos os demais aspectos desconectada de um mero desenho riscado na pedra, até que percebi estar dizendo, subconscientemente, que os primeiros cristãos devem ter sido um pouco parecidos com peixes: mudos e habitando um mundo caído de crepúsculo e silêncio, bem abaixo dos pés dos homens e movendo-se na escuridão, na penumbra, em um mundo surdo.

“Quem quer que caminhe por passagens de pedra sabe o que é ser seguido por passos de fantasmas. Atrás ou à frente, o eco repete o ruído dos passos, tornando impossível a um homem verdadeiramente solitário crer em sua própria solidão. Eu havia me acostumado com os efeitos desse eco e já não o notava muito há algum tempo, quando avistei a forma simbólica rabiscada na parede de pedra. Parei, e no mesmo instante senti meu coração parar também, pois os meus pés pararam, mas o eco continuou marchando.

“Corri para frente, e os passos fantasmagóricos também pareceram correr, mas não com aquela cópia exata que identifica a reverberação material de um som. Parei de novo, e os passos pararam também; no entanto, eu poderia jurar que eles pararam com um instante de atraso. Lancei no ar uma pergunta, e meu clamor foi respondido, mas a voz não era minha.

“A voz veio da curva de uma rocha bem à minha frente, e durante aquela perseguição misteriosa notei que era sempre do mesmo ângulo no caminho tortuoso que ela parava e falava. O pequeno espaço à minha frente que podia ser iluminado por minha pequena lanterna estava tão perfeitamente vazio quanto um quarto vazio. Nessas condições, travei com não sei quem uma

conversa que durou até o primeiro raio de sol despontar, e mesmo nesta altura não pude ver como ele desapareceu à luz do dia. Mas a boca do labirinto tinha muitas aberturas, rachaduras e abismos, e não lhe teria sido difícil, de alguma forma, voltar e desaparecer outra vez no submundo das cavernas. Só sei que saí pelos degraus solitários de uma grande montanha, no que parecia um pátio de mármore, com uma vegetação verde que era a única variação da paisagem que, de alguma forma, parecia mais tropical do que a pureza da rocha. Como a invasão oriental que se espalhava esporadicamente ao longo da decadência da Grécia clássica. Olhei um mar de azul imaculado, e o Sol brilhava com afincio, em total solidão e silêncio, e não havia uma folha de grama agitada pelo sussurro de um vento, nem a sombra de uma sombra de homem.

“Tinha sido uma conversa terrível. Tão íntima e tão individual e, de certo modo, tão casual. Este ser, sem corpo, sem rosto, sem nome e que, no entanto, me chamava pelo meu nome, falara comigo, naquelas criptas e fendas onde estávamos enterrados vivos, sem mais paixão ou melodrama do que se estivéssemos sentados em duas poltronas em um clube. Mas ele também me disse que sem dúvida mataria a mim ou a qualquer outro homem que possuísse a cruz com a marca do peixe. Disse francamente que não era tolo o suficiente para me atacar lá no labirinto, sabendo que eu tinha um revólver carregado e que ele corria tanto risco quanto eu. Mas me disse, com a mesma calma, que planejava meu assassinato com certeza de sucesso, com cada detalhe desenvolvido e cada perigo afastado, com o tipo de perfeição artística que um artesão chinês ou um bordador indiano dão ao trabalho artístico de uma vida. No entanto, ele não era oriental. Tenho certeza de que era um homem branco. Suspeito que era meu compatriota.

“Desde então tenho recebido, de tempos em tempos, sinais, símbolos e estranhas mensagens impessoais que me deram a certeza, pelo menos, de que se o homem é um maníaco, um monomaníaco. Está sempre me dizendo, nesse estilo etéreo e distante, que os preparativos para minha morte e enterro estão caminhando de forma satisfatória e que a única maneira de evitar que sejam coroados de um êxito tranquilo é abrir mão da relíquia em minha posse... a cruz singular que encontrei na caverna. Ele não parece ter nenhum sentimento religioso ou fanatismo sobre o assunto. Não demonstra paixão, a não ser a paixão de um colecionador de curiosidades. Essa é uma das coisas que me dá a certeza de que ele é um homem do Ocidente e não do Oriente. Mas essa curiosidade particular parece tê-lo levado à loucura.

“E então surgiu este relatório, ainda sem fundamento, sobre a relíquia gêmea encontrada em um corpo embalsamado numa tumba em Sussex. Se ele já era um maníaco antes, esta notícia o transformou em um endemoninhado possuído por sete demônios. Que houvesse uma de tais cruces na posse de outro homem já era ruim o suficiente, mas que haja duas e nenhuma delas

pertencesse a ele era uma tortura insuportável. Suas mensagens loucas começaram a chegar densas e rápidas como chuvas de flechas envenenadas, e cada uma gritava com mais confiança do que a outra que a morte me atingiria no momento em que eu estendesse minha indigna mão para a cruz da tumba.

“Você nunca saberá quem sou”, escreveu ele, “não pronunciará meu nome e nunca verá meu rosto. Morrerá e nunca saberá quem o matou. De algum modo posso estar entre aqueles ao seu redor, mas estarei somente naquele que você esquecer de olhar”.

“Dessas ameaças deduzo que é bem provável que ele me acompanhe nesta expedição e que tente roubar a relíquia ou me fazer algum mal por possuí-la. Mas como nunca vi o homem em minha vida, ele pode ser quase qualquer homem que conheço. Sendo lógico, pode ser qualquer um dos garçons que me servem à mesa. Pode ser qualquer um dos passageiros que se sentam comigo à mesa”.

— Ele pode até ser eu — disse Padre Brown, com alegre desprezo pela gramática.

— Pode ser qualquer outra pessoa — respondeu Smaill com seriedade. — Isso é o que eu quis dizer. O senhor é o único homem que tenho certeza de que não é o inimigo.

Padre Brown pareceu novamente envergonhado. Depois sorriu e disse:

— Pois bem, por mais estranho que pareça, não sou eu. Mas temos de considerar todas as maneiras de descobrir se ele está ou não aqui antes que... antes que ele faça algo de desagradável.

— Penso que há uma maneira de descobrir — observou o professor, bastante sombrio. — Quando chegarmos a Southampton, tomarei imediatamente um carro para a viagem ao longo da costa. Ficaria feliz se o senhor me acompanhasse. Aparentemente, nossa turma vai se dissipar. Se, no entanto, um deles voltar a dar as caras naquele pequeno adro na costa de Sussex, saberemos a sua real identidade.

O programa do professor foi devidamente cumprido, pelo menos no que diz respeito ao carro e sua carga na forma do Padre Brown. Seguiram pela estrada, com o mar de um lado e as colinas de Hampshire e Sussex do outro. Nenhuma sombra de perseguição era visível ao olhar. Ao chegarem à vila de Dulham, encontraram apenas um sujeito de alguma forma ligado ao assunto em questão. Um jornalista que acabara de visitar a igreja e fora gentilmente escoltado pelo vigário através da nova capela escavada, mas suas observações e notas pareciam pertencer ao comum do jornalismo. Porém, o professor Smaill era talvez um pouco

fantasioso e não conseguia descartar a sensação de algo estranho e desencorajador na atitude e na aparência do homem, que era alto e maltrapilho, de nariz adunco e olhos fundos, com bigodes caídos numa expressão deprimida. Ele parecia tudo, menos animado por sua recente experiência turística. Na verdade, ele parecia estar caminhando o mais rápido possível para longe da vista, quando eles o pararam com uma pergunta.

— Trata-se de uma maldição — disse ele. — Uma maldição sobre o local, de acordo com o guia, o pároco, ou o habitante mais antigo, ou quem quer que seja a autoridade. E realmente parece muito ser verdade. Maldição ou não, estou feliz por ter saído dessa.

— O senhor acredita em maldições? — perguntou Smaill, curiosamente.

— Não acredito em nada, sou jornalista — respondeu o ser melancólico. — Sou Boon, do Daily Wire. Mas há algo assustador naquela cripta e jamais poderei negar que senti um calafrio — e ele caminhou em direção à estação ferroviária com um passo ainda mais acelerado.

— Esse sujeito parece um corvo ou uma gralha — observou Smaill enquanto se dirigiam para o adro. — Qual é mesmo o que dizem ser de mau agouro?

Cruzaram o adro, caminhando lentamente. Os olhos do arqueólogo americano, extasiado, demoravam-se avidamente no velho pórtico e nos teixos negros e insondáveis que pareciam desafiar a luz do dia. A viela subia, atravessando o terreno inclinado e coberto de relva, onde lápides jaziam em todos os ângulos. Pareciam jangadas de pedra jogadas em um mar verde, até chegar ao cume além do qual se estendia como uma barra de ferro o próprio imenso mar, no qual piscavam luzes pálidas como aço. Quase a seus pés, a grama dura e rala dava lugar aos tufo de azevinho-do-mar, e por fim à areia cinza e amarela; e a um ou dois pés do azevinho, recortada contra o mar de aço, estava uma figura escura e imóvel. Não fosse por suas roupas cinza, quase poderia ser a estátua de algum monumento sepulcral. Mas Padre Brown reconheceu instantaneamente algo na elegante curvatura dos ombros e na barba curta projetada para diante e um tanto sisuda.

— Nossa! — exclamou o professor de arqueologia. — É aquele homem, Tarrant, se é que se pode chamá-lo de homem. O senhor pensou, quando conversamos no navio, que eu obteria uma resposta tão rápida à minha pergunta?

— Achei que o senhor poderia obter muitas respostas para ela — respondeu Padre Brown.

— Por que, o que quer dizer? — perguntou o professor, lançando um

olhar por cima do ombro na direção dele.

— Quero dizer — respondeu o outro suavemente — que pensei ter ouvido vozes atrás do teixo. Não acho que o Sr. Tarrant esteja tão solitário quanto parece. Posso até arriscar dizer, tão solitário quanto gosta de parecer.

Exatamente enquanto Tarrant se virava lentamente, com seu estilo trombudo, veio a confirmação. Outra voz, aguda e dura, mas nem por isso menos feminina, dizia com zombaria experiente:

— E como eu poderia saber que ele estaria aqui?

Ficou claro para o professor Smaill que essa alegre observação não se dirigia a ele, então foi forçado a concluir, com alguma perplexidade, que havia ainda uma terceira pessoa presente. Quando Lady Diana Wales saiu da sombra do teixo, radiante e resoluta como sempre, ele notou sombriamente que ela era seguida por uma sombra viva. A figura esguia e elegante de Leonard Smyth, aquele insinuante homem de letras, surgiu imediatamente atrás da extravagante silhueta dela, sorrindo, a cabeça um pouco inclinada para o lado como a de um cachorro.

— Demônios! — murmurou Smaill. — Ora, estão todos aqui! Ou todos, exceto aquele baixinho chamativo com bigodes de morsa.

Ouviu Padre Brown rindo baixinho ao seu lado, e de fato a situação estava passando um pouco do ponto do risível. Ela parecia estar virando de cabeça para baixo e caindo em cima das próprias orelhas, como um truque de pantomima. Pois enquanto o professor falava, suas palavras haviam recebido a mais cômica contradição. A cabeça redonda, com o grotesco bigode preto em forma de crescente, surgiu num instante, assim pareceu, saindo de um buraco no chão. Um segundo depois, perceberam que o buraco era, na verdade, um buraco imenso, levando a uma escada que descia até as entranhas da terra. Com efeito, era a entrada para a cena subterrânea que eles tinham vindo visitar. O homenzinho tinha sido o primeiro a encontrar a entrada e já havia descido um ou dois degraus da escada antes de pôr outra vez a cabeça para fora, para falar com seus companheiros de viagem. Ele parecia um coveiro particularmente absurdo, em uma montagem burlesca de Hamlet. Apenas disse, com voz grossa, por trás de seus bigodes grossos:

— É aqui embaixo.

Mas o resto da turma percebeu, com um sobressalto, que embora tivessem se sentado à sua frente durante as refeições por uma semana, quase nunca o tinham ouvido falar, e que, embora se pensasse que ele era um professor de inglês, falava com um sotaque estrangeiro inescrutável.

— Veja, meu caro professor — exclamou Lady Diana com vivacidade —, sua múmia bizantina era emocionante demais para que a ignorássemos. Eu simplesmente precisei vir vê-la; e tenho certeza de que os cavalheiros pensaram o mesmo. Agora o senhor tem que nos contar tudo sobre ela.

— Não sei tudo sobre ela — disse o professor, grave, para não dizer severo. — Em alguns aspectos eu nem mesmo sei do que se trata. Certamente parece estranho que todos nos tenhamos reencontrado tão cedo, mas suponho que hoje em dia não existam limites para a sede de informação. Porém, se todos nós vamos visitar o sítio arqueológico, deve ser feito de forma responsável e, se me permitem, sob uma liderança responsável. Devemos notificar quem está encarregado das escavações. No mínimo, precisaremos escrever nossos nomes em um livro de registros.

Algo similar a uma querela se seguiu a essa colisão entre a impaciência da dama e as suspeitas do arqueólogo, mas a insistência deste último nos direitos oficiais do vigário e na investigação local acabou prevalecendo. O homenzinho de bigode, ainda relutante, voltou de seu túmulo e, em silêncio, concordou com uma descida menos impetuosa. Felizmente, o próprio clérigo apareceu neste momento, um cavalheiro grisalho de boa aparência, com uma inclinação acentuada por óculos de lente dupla. No breve tempo que levou para estabelecer relações cordiais com o professor, como um colega arqueólogo, ele não pareceu dar a seu grupo heterogêneo de companheiros nenhuma consideração mais hostil que o riso.

— Senhora e senhores, espero que nenhum de vocês seja supersticioso — falou querendo ser divertido. — Para começar, devo dizer-lhes que todo o tipo de maus presságios e maldições pairam sobre nossas queridas cabeças interessadas neste assunto. Acabo de decifrar uma inscrição latina encontrada sobre a entrada da capela e parece que há nada menos que três maldições envolvidas. Uma maldição por entrar na câmara selada, uma maldição dupla por abrir o caixão e uma maldição tripla e terrível por tocar na relíquia de ouro encontrada dentro dele. Nas duas primeiras maldições eu mesmo já incorri — acrescentou com um sorriso. — Temo, porém, que vocês vão incorrer na primeira e mais branda delas, se quiserem ver alguma coisa. De acordo com a lenda, as maldições se concretizam após longos intervalos e em ocasiões posteriores. Não sei se isso serve de consolo para vocês. — E o reverendo Sr. Walters sorriu mais uma vez com seu jeito melancólico e benevolente.

— Lenda? — repetiu o professor Smaill. — Como assim, qual lenda?

— É uma longa história e cheia de variações, como outras lendas locais — respondeu o vigário. — Mas é indubitavelmente contemporânea da época da tumba, e o principal dela está incorporado na inscrição e é mais ou menos o

seguinte: Guy de Gisors, um senhor feudal do início do século XIII, cobiçava um belo cavalo preto possuído por um enviado de Gênova, um cavalo que aquele príncipe mercador, um homem prático, não venderia senão por um preço enorme. Levado pela ganância, Guy pilhou o santuário e, segundo uma história, chegou até a matar o bispo, que então residia ali. De qualquer forma, o bispo lançou uma maldição que cairia sobre qualquer um que mantivesse a cruz de ouro longe de seu lugar de descanso em seu túmulo, ou fizesse algo para a mover quando ela voltasse para lá. O senhor feudal conseguiu o dinheiro para o cavalo vendendo a relíquia de ouro a um ourives da cidade, mas no primeiro dia em que ele montou o cavalo, o animal empinou e o jogou na frente do pórtico da igreja, quebrando seu pescoço. Enquanto isso, o ourives, até então rico e próspero, foi arruinado por uma série de acidentes inexplicáveis e caiu nas mãos de um agiota judeu que vivia no feudo. Por fim, o infeliz ourives, não tendo outra perspectiva além da fome, enforcou-se em uma macieira. A cruz de ouro com todos os seus outros bens, sua casa, loja e ferramentas, há muito haviam passado para a posse do agiota. Enquanto isso, o filho e herdeiro do senhor feudal, chocado com o julgamento de seu blasfemo genitor, tornou-se um devoto religioso à maneira sombria e severa daqueles tempos, e concebeu como seu dever perseguir toda heresia e descrença entre seus vassalos. Assim, o judeu, cinicamente tolerado pelo pai, foi sem piedade queimado por ordem do filho; de modo que ele, por sua vez, sofreu pela posse da relíquia. Depois desses três julgamentos, ela foi devolvida ao túmulo do bispo e desde então nenhum olho a viu e nenhuma mão a tocou.

Lady Diana Wales pareceu estar mais impressionada do que se poderia esperar.

— Realmente, dá um arrepio — disse ela — pensar que seremos os primeiros, além do vigário.

O pioneiro de grandes bigodes e sotaque forte não desceu, afinal, por sua querida escada, que na verdade só havia sido usada por alguns dos operários que trabalhavam na escavação. O clérigo os conduziu a uma entrada maior e mais conveniente a cerca de cem metros de distância, da qual ele próprio acabara de sair de suas investigações no subsolo. Lá a descida era por um declive gradual, sem dificuldades, exceto a crescente escuridão. Eles logo se viram movendo-se em fila única por um túnel tão escuro quanto piche, e demorou um pouco até que enxergassem um vislumbre de luz à frente deles. Em dado momento, durante aquela marcha silenciosa, ouviu-se um som como a respiração de uma pessoa, sendo impossível saber de quem; e em outro momento alguém praguejou em uma língua desconhecida, o que soou como uma explosão distante e surda.

Saíram em uma câmara circular como uma basílica, constituída por um anel de arcos redondos. A capela havia sido construída antes que o primeiro arco

ogival do gótico perfurasse, como uma lança, nossa civilização. Um brilho de luz esverdeada entre alguns dos pilares marcava a posição da outra abertura para o mundo acima e dava uma vaga sensação de estar-se sob o mar, sensação intensificada por uma ou duas outras semelhanças incidentais e talvez fantasiosas. Pois, ao redor de todos os arcos, eram vagamente perceptíveis os padrões denteados da arquitetura normanda, que lhes davam, na escuridão cavernosa, alguma semelhança com as bocas de monstruosos tubarões. E no centro, a massa escura da própria tumba, com sua tampa de pedra levantada, quase poderia ser a mandíbula de algum desses leviatãs.

Fosse por um senso de conveniência ou por falta de recursos mais modernos, o antiquário clerical havia providenciado a iluminação da capela com apenas quatro velas altas em grandes candelabros de madeira colocados no chão. Destas, apenas uma estava acesa quando eles entraram, lançando um leve brilho sobre as poderosas formas arquitetônicas. Quando todos se reuniram, o clérigo começou a acender as outras três, e a aparência e o conteúdo do grande sarcófago tornaram-se claramente visíveis.

Todos os olhos se voltaram primeiro para o rosto do morto, com os traços que tivera em vida preservados ao longo de todas aquelas eras por algum processo oriental secreto herdado da antiguidade pagã, dizia-se, e desconhecido nos humildes cemitérios de nossa própria ilha. O professor mal pôde reprimir uma exclamação de surpresa, pois, embora o rosto estivesse pálido como uma máscara de cera, parecia um homem adormecido, que havia fechado os olhos naquele momento. Era um rosto do gênero ascético, talvez até fanático, com uma moldura óssea destacada; a figura estava vestida com uma capa dourada e vestimentas deslumbrantes, e no alto do peito, na base da garganta, brilhava a famosa cruz de ouro presa a uma pequena corrente ou, melhor dizendo, colar de ouro. O caixão de pedra havia sido aberto levantando-se a tampa na extremidade da cabeça e apoiando-a no alto sobre duas fortes toras de madeira, presas em cima pela face da pedra e embaixo nos cantos do caixão atrás da cabeça do cadáver. Portanto, dos pés ou da parte inferior da figura era possível ver menos, mas a luz brilhava totalmente sobre o rosto e, em contraste com seus tons de marfim morto, a cruz de ouro parecia dançar e brilhar como uma fogueira.

Desde que o clérigo contara a história da maldição, a testa ampla do professor Smaill trazia uma grande ruga de esforço mental, ou possivelmente de inquietude. Mas a intuição feminina, não livre de uma histeria feminina, compreendeu o significado de sua taciturna imobilidade melhor do que os homens ao seu redor. No silêncio daquela caverna iluminada por velas, Lady Diana gritou de repente:

— Cuidado! Não toque nisso!

O homem, porém, já fizera um de seus rápidos movimentos leoninos, inclinando-se sobre o corpo. No instante seguinte, todos dispararam, alguns para a frente e outros para trás, mas todos em um terrível movimento de esquiwa, como se o céu estivesse caindo.

Quando o dedo do professor tocou a cruz de ouro, os suportes de madeira, que estavam ligeiramente inclinados por sustentar a tampa de pedra do sarcófago, pareceram pular e voltar à posição vertical, num solavanco. A laje de pedra escorregou das madeiras que a sustentavam e todas as almas e estômagos presentes foram invadidos por uma mórbida sensação de catástrofe deslanchada, como se tivessem sido arremessados do alto de um precipício. No reflexo de tirar a cabeça do caminho, Smaill se movera rápido, mas não o bastante; e ele jazia inconsciente ao lado do caixão, em cima de uma poça vermelha de sangue que saía de seu couro cabeludo ou do crânio. E o velho caixão de pedra estava novamente fechado, como estivera por séculos, exceto por dois gravetos presos na fenda, horivelmente semelhantes a ossos triturados por um ogro. O leviatã mordera, com suas mandíbulas de pedra.

Lady Diana estava olhando para os destroços com olhos nos quais havia um brilho similar ao da loucura. Seu cabelo ruivo parecia escarlate sobre a palidez de seu rosto na meia-luz esverdeada. Smyth estava olhando para ela, ainda com um ar canino na inclinação de sua cabeça, mas era a expressão de um cachorro a observar o dono, cuja catástrofe só parcialmente consegue entender. Tarrant e o estrangeiro haviam enrijecido suas atitudes taciturnas de sempre, mas seus rostos haviam assumido uma cor de barro. O vigário parecia ter desmaiado. Padre Brown estava de joelhos ao lado da figura caída, verificando seu estado.

Para surpresa geral, o ocioso byroniano, Paul Tarrant, adiantou-se para ajudá-lo.

— É melhor ele ser levado para fora — disse ele. — Acho que as chances dele são mínimas.

— Ele não está morto — disse o Padre Brown em voz baixa —, mas acho que está muito mal. Você por acaso não seria médico, não é?

— Não, mas tive que aprender muitas coisas em ocasiões diferentes — disse o outro. — Contudo, não se preocupe comigo agora. Minha verdadeira profissão provavelmente surpreenderia o senhor.

— Acho que não — respondeu Padre Brown, com um leve sorriso. — Pensei nisso pela metade da viagem. Você é um detetive e está perseguindo alguém. Bem, seja como for, a cruz está a salvo de ladrões agora.

Enquanto eles conversavam, Tarrant ergueu a frágil figura do homem caído

com força e destreza bem treinadas e o carregou cuidadosamente em direção à saída. Ele respondeu por cima do ombro:

— Sim, a cruz está perfeitamente a salvo.

— Quer dizer que ninguém mais está — respondeu Brown. — Também está pensando na maldição?

Padre Brown andou pelas próximas uma ou duas horas sob o fardo de uma perplexidade carrancuda que era algo além do choque pelo trágico acidente. Ele ajudou a transportar a vítima para a pequena estalagem em frente à igreja, interrogou o médico, que qualificou o ferimento como grave e perigoso, embora não necessariamente fatal, e levou a notícia ao pequeno grupo de viajantes reunidos em torno da mesa no salão da pousada. Mas onde quer que fosse, a nuvem de mistificação repousava sobre ele e, quanto mais ele ponderava, mais escura ela parecia ficar. Pois o mistério central se tornava cada vez mais misterioso, e na mesma proporção em que muitos dos mistérios menores começavam a se esclarecer em sua mente. Na exata medida em que começava a se explicar a presença das figuras individuais naquele grupo heterogêneo, o que havia acontecido tornava-se cada vez mais difícil de explicar. Leonard Smyth viera apenas porque Lady Diana viera, e Lady Diana viera simplesmente porque quis. Eles estavam envolvidos em um daqueles flertes voláteis da sociedade, ainda mais tolos por serem semi-intelectuais. Mas o romantismo da dama tinha um lado supersticioso e ela estava bastante prostrada pelo terrível final de sua aventura. Paul Tarrant era um detetive particular, possivelmente vigiando o flerte de alguma esposa ou marido; e era provável que seguisse o bigodudo palestrante estrangeiro, que tinha muito o ar de um estrangeiro indesejável. Mas se ele ou qualquer outra pessoa havia pretendido roubar a relíquia, a intenção, no fim, foi frustrada. E, até onde qualquer mortal poderia enxergar, o que a frustrou foi uma incrível coincidência ou a intervenção da antiga maldição.

Enquanto permanecia em inusitada perplexidade no meio da rua da vila, entre a estalagem e a igreja, sentiu um leve choque de surpresa ao ver avançando pela rua uma figura recém-conhecida, mas um tanto inesperada. O Sr. Boon, o jornalista, parecendo muito abatido sob o Sol, que mostrava sua roupa surrada como a de um espantalho, tinha seus olhos escuros e fundos (proximamente separados pelo longo nariz caído) fixos no padre. Este olhou duas vezes antes de perceber que o pesado bigode escuro escondia algo como um ar de riso ou ao menos um sorriso sombrio.

— Pensei que o senhor estava indo embora — disse o Padre Brown, um tanto incisivo. — Achei que tivesse partido naquele trem há duas horas.

— Bem, como vê, não parti — disse Boon.

— Por que voltou? — perguntou o padre de maneira quase severa.

— Não cabe a um jornalista sair às pressas de um pequeno paraíso rural como este — respondeu o outro. — Aqui, tudo acontece rápido demais para que valha a pena voltar para um ambiente monótono como Londres. Além disso, eles não podem me manter longe do caso... digo, deste segundo caso. Fui eu quem encontrei o corpo, ou pelo menos as roupas. Conduta bastante suspeita da minha parte, não é? Talvez o senhor pense que eu pretendia me disfarçar com as roupas dele. Eu não ficaria adorável, vestido de pároco?

E o charlatão magro e de nariz comprido de súbito fez um gesto extravagante no meio da praça, estendendo os braços e abrindo as mãos enluvadas em uma espécie de bênção burlesca e dizendo:

— Oh, meus queridos irmãos e irmãs, eu gostaria de acolhê-los todos....

— Do que diabos você está falando? — exclamou o Padre Brown, e bateu levemente nas pedras com seu guarda-chuva atarracado, pois estava um pouco menos paciente do que de costume.

— Oh, o senhor descobrirá tudo sobre isso se perguntar àquela sua excursão na estalagem — respondeu Boon com desdém. — Aquele Tarrant parece suspeitar de mim, só porque eu achei as roupas, embora ele só tenha chegado um minuto atrasado para encontrá-las ele mesmo. Mas há uma coleção de mistérios neste caso. O homenzinho com grandes bigodes pode estar escondendo o jogo. Por falar nisso, não vejo por que não suspeitar que o senhor mesmo matou o pobre sujeito.

Padre Brown não pareceu nem um pouco aborrecido com a insinuação, mas mostrou-se extremamente incomodado e confuso com o comentário.

— Quer dizer — perguntou ele com simplicidade — que fui eu quem tentou matar o professor Smaill?

— De jeito nenhum — disse o outro, acenando com a mão com ar de quem faz uma bela concessão. — Há gente morta o bastante para escolher. Não estamos limitados ao professor Smaill. Ora, o senhor não sabia que apareceu outra pessoa bem mais morta que o professor Smaill? E não vejo por que não pode ter sido o senhor quem o matou, discretamente. Diferenças religiosas, sabe... a lamentável desunião da cristandade... Suponho que os senhores sempre desejaram recuperar as paróquias da Inglaterra.

— Vou voltar para a estalagem — disse o padre baixinho. — Pelo que o senhor diz, as pessoas que estão lá sabem o que o senhor quer dizer, e talvez elas possam me contar.

Na verdade, logo depois suas perplexidades sofreram uma dispersão momentânea com a notícia da nova calamidade. Quando entrou na pequena sala em que o resto do grupo estava reunido, algo em seus rostos pálidos lhe disse que estavam abalados por motivo ainda mais recente do que o acidente na tumba. Precisamente quando ele entrou, Leonard Smyth ia dizendo:

— Onde tudo isso vai parar?

— Não vai parar, é o que eu acho — repetia Lady Diana, contemplando o vazio com olhos vidrados. — Não vai parar até que não reste nenhum de nós. Um após outro, a maldição nos levará. Talvez devagar, como dizia o pobre vigário, mas nos levará a todos, como o levou.

— O que diabos aconteceu? — perguntou Padre Brown.

Houve um breve silêncio e, em seguida, Tarrant disse com uma voz que soou um pouco rouca:

— O Sr. Walters, o vigário, cometeu suicídio. Suponho que foi o choque que o desestabilizou. Temo, porém, que não restem dúvidas. Acabamos de encontrar seu chapéu preto e roupas em uma rocha que se projeta da costa. Parece que ele pulou no mar. Achei que ele parecia ter ficado meio perturbado, e talvez devêssemos ter cuidado dele, mas havia tanta coisa para cuidarmos.

— Você não poderia ter feito nada — disse a dama. — Não vê que essa coisa está causando catástrofes numa sequência sinistra? O professor tocou a cruz e partiu primeiro, o vigário abriu a tumba e foi o segundo a partir. Nós apenas entramos na capela, e nós...

— Espere — disse o Padre Brown, com uma voz forte que ele raramente usava. — Isto tem que parar.

Ele ainda tinha a testa franzida, sem consciência disso, mas em seus olhos não havia mais a nuvem de mistificação, que dera lugar a uma quase terrível luz de entendimento.

— Que idiota eu sou! — murmurou ele. — Eu deveria ter visto isso há muito tempo. A história da maldição deveria ter me dito.

— O senhor quer dizer — perguntou Tarrant — que é verdade que podemos ser mortos agora por algo que aconteceu no século XIII?

Padre Brown balançou a cabeça e respondeu com voz baixa e enfática:

— Não vou analisar se podemos ser mortos por algo que aconteceu no século XIII, mas tenho certeza de que não podemos ser mortos por algo que nunca

aconteceu no século XIII, algo que nunca aconteceu em momento algum.

— Bem — disse Tarrant —, é revigorante encontrar um padre tão cético em relação ao sobrenatural.

— De jeito algum — respondeu o padre calmamente. — Não é do aspecto sobrenatural que eu duvido. É do aspecto natural. Estou exatamente na posição do homem que disse: “Posso acreditar no impossível, mas não no improvável”.

— É isso que o senhor chama de paradoxo, não é? — perguntou o outro.

— É o que chamo de bom senso, compreendido da maneira certa — respondeu o Padre Brown. — De fato, é mais natural acreditar em uma história sobrenatural que lide com coisas que não entendemos do que em uma história natural que contradiga coisas que entendemos. Diga-me que o grande Sr. Gladstone, em suas últimas horas, foi assombrado pelo fantasma de Parnell, e me mostrarei agnóstico quanto a isso. Mas diga-me que o Sr. Gladstone, quando apresentado pela primeira vez à Rainha Vitória, não tirou seu chapéu na sala do trono, deu-lhe um tapa nas costas e ofereceu-lhe um charuto, e eu não me mostrarei nada agnóstico. Uma cena como essa não é impossível; é simplesmente impossível de se acreditar. Mas tenho muito mais certeza de que ela não aconteceu do que tenho de que o fantasma de Parnell não apareceu, porque ela viola as leis do mundo que eu conheço. Assim é com o conto da maldição. Não é a lenda que desacredito, é a história.

Lady Diana havia se recuperado um pouco de seu transe de Cassandra, e sua curiosidade perene sobre coisas novas começou a espreitar mais uma vez em seus olhos brilhantes e proeminentes.

— Que homem estranho é o senhor! — ela disse. — Por que não acredita na história?

— Não acredito na história porque não é história — respondeu o Padre Brown. — Para quem quer que, por acaso, saiba um pouco sobre a Idade Média, era uma história tão provável quanto Gladstone oferecer um charuto à Rainha Vitória. Mas alguém sabe algo sobre a Idade Média? A senhora sabe o que era uma guilda? Já ouviu falar em salvo wanagio suo? Sabe que tipo de gente eram Servi Regis?

— Não, claro que não — disse a dama, bastante zangada. — Que ladainha!

— Claro que não — disse o Padre Brown. — Se fosse Tutancâmon e uma turma de africanos secos e preservados, Deus sabe por quê, do outro lado do mundo, se fosse a Babilônia ou a China, se fosse alguma raça tão remota e misteriosa quanto o Homem da Lua, seus jornais trariam tudo a respeito, até a

última descoberta de uma escova de dente ou um colarinho. Mas os homens que construíram as matrizes de suas paróquias e deram os nomes às suas cidades e praças, e às próprias estradas pelas quais vocês andam... nunca lhes ocorreu saber nada sobre eles. Eu mesmo não quero dizer que sei muito, mas sei o suficiente para perceber que essa história é absurda do começo ao fim. O agiota era proibido de tomar em penhor a loja e as ferramentas de um homem. Seria extremamente improvável que a guilda não salvasse um homem de tal ruína absoluta, especialmente se ele fosse arruinado por um judeu. As pessoas medievais tinham seus próprios vícios e tragédias, às vezes elas torturavam e queimavam pessoas. Mas essa ideia de um homem que, sem Deus nem esperança neste mundo, se arrasta para a morte porque ninguém se importava se ele vivia... essa não é uma ideia medieval. É um produto de nossa ciência econômica e progresso. O judeu não teria sido um vassalo do senhor feudal. Os judeus normalmente tinham uma posição especial como servos do rei. E principalmente, o judeu não poderia ter sido queimado por causa de sua religião.

— Os paradoxos estão se multiplicando — observou Tarrant —; mas o senhor, com certeza, não pretende negar que os judeus tenham sido perseguidos na Idade Média?

— Estaria mais próximo da verdade — disse o Padre Brown — dizer que eles foram o único povo que não foi perseguido na Idade Média. Se quiser satirizar o medievalismo, o senhor pode alegar que um cristão pobre poderia ser queimado vivo por se equivocar a respeito da homoousia, enquanto um judeu rico poderia andar pela rua zombando abertamente de Cristo e da Mãe de Deus. Bem, é assim que a história é. A história que ouvimos não vem da Idade Média. Nunca foi sequer uma lenda sobre a Idade Média. Ela foi inventada por alguém cujas ideias vinham de romances e jornais, e provavelmente foi inventada no calor do momento.

Os outros pareciam um pouco atordoados com a digressão histórica e pareciam se perguntar vagamente por que o padre enfatizava essa questão e a tornava uma parte tão importante do enigma. Mas Tarrant, cujo ofício era extrair os detalhes práticos de muitos emaranhados de digressões, de repente ficou alerta. Seu queixo barbudo estava mais projetado para a frente do que nunca, seus olhos taciturnos estavam bem acordados.

— Ah! — disse ele. — Inventada no calor do momento!

— Talvez seja um exagero — admitiu o Padre Brown calmamente. — Eu deveria ter dito que foi inventada de forma mais casual e descuidada do que o resto de uma trama extraordinariamente cuidadosa. Mas o conspirador não pensou que os detalhes da história medieval importariam muito para ninguém. E seu cálculo, de maneira geral, foi quase certo, como a maioria de

seus outros cálculos.

— Cálculos de quem? Quem estava certo? — perguntou a dama, num súbito acesso de impaciência. — Quem é essa pessoa de quem o senhor está falando? Já não passamos por bastante, sem você nos dar arrepios falando de forma obscura?

— Estou falando do assassino — disse o Padre Brown.

— Que assassino? — perguntou ela bruscamente. — Quer dizer que o pobre professor foi assassinado?

— Bem — disse Tarrant encarando asperamente sua própria barba —, não podemos dizer “assassinado”, pois não nos consta que ele tenha morrido.

— O assassino matou outra pessoa, que não era o professor Smaill — disse o padre, em tom grave.

— Mas como, quem mais ele teria matado? — perguntou o outro.

— Ele matou o Reverendo John Walters, vigário de Dulham — respondeu Padre Brown com precisão. — Ele queria matar só esses dois, porque ambos tinham se apossado de relíquias de raro padrão. O assassino era uma espécie de monomaníaco neste assunto.

— Tudo isso soa muito estranho — murmurou Tarrant. — Claro que também não podemos jurar que o vigário esteja realmente morto. Não vimos o cadáver dele.

— Ah, sim, viram sim — disse o Padre Brown.

Houve um silêncio tão súbito quanto a batida de um gongo, um silêncio em que aquela intuição subconsciente tão ativa e precisa na mulher quase a fez gritar.

— Isso mesmo, vocês viram — continuou o padre. — Viram o cadáver dele. Não o viram vivo, mas seu cadáver vocês viram muito bem. Olharam fixamente para ele à luz de quatro grandes velas, e ele não estava se lançando ao mar em suicídio, mas jazia, como um Príncipe da Igreja, em um santuário construído antes das cruzadas.

— Resumindo — disse Tarrant —, o senhor nos pede para acreditar que o corpo embalsamado era, na verdade, o cadáver de um homem assassinado.

Padre Brown ficou em silêncio por um momento. Depois disse, quase como se dissesse uma irrelevância:

— A primeira coisa que notei nele foi a cruz, ou melhor, o cordão que suspendia a cruz. Naturalmente, para a maioria de vocês, era apenas um cordão de contas e nada mais em particular, mas também isto, naturalmente, pertence mais ao meu ramo que ao de vocês. Lembrem-se que ele estava perto do queixo, com apenas algumas contas aparecendo, como se fosse um colar bem curto. Mas as contas visíveis estavam dispostas de maneira especial, primeiro uma, depois três, e assim por diante. De fato, percebi num relance que era um rosário, um rosário comum com uma cruz na ponta. Mas um rosário tem pelo menos cinco dezenas e também contas adicionais, e eu naturalmente me perguntei onde estava todo o resto. Um rosário daria muito mais de uma volta no pescoço do velho. Eu não consegui perceber na ocasião, e foi só depois que me dei conta de onde estava o restante dele. Estava enrolado ao redor do pé de madeira que estava fixado no canto do caixão, segurando a tampa. De modo que bastou o pobre Smaill puxar a cruz para ela derrubar o suporte e a tampa cair sobre o crânio do professor como uma clava de pedra.

— Pela madrugada! — disse Tarrant. — Estou começando a achar que há sentido no que o senhor diz. Se for verdade, esta é uma história bizarra.

— Quando percebi isso — prosseguiu o Padre Brown —, consegui mais ou menos adivinhar o resto. Lembrem-se, antes de tudo, que nunca houve nenhuma autoridade arqueológica responsável por nada além da investigação. O pobre velho Walters era um arqueólogo honesto, que estava empenhado em abrir a tumba para descobrir se havia alguma verdade na lenda sobre os corpos embalsamados. O resto era tudo boato, do tipo que muitas vezes antecipa ou exagera tais achados. De fato, ele descobriu que o corpo não havia sido embalsamado, mas havia voltado ao pó muito tempo atrás. Enquanto, porém, ele estava lá, trabalhando naquela capela submersa à luz de sua vela solitária, outra sombra além da sua se formou à luz das velas.

— Ah! — exclamou Lady Diana, com o fôlego cortado. — E sei bem o que o senhor vai dizer agora. Vai nos dizer que conhecemos o assassino, conversamos e brincamos com ele, deixamos que ele nos contasse uma história romântica e partisse sem ser tocado.

— Deixando seu disfarce clerical sobre uma rocha — concordou Brown. — É tudo terrivelmente simples. Este homem passou à frente do professor na corrida ao adro e à capela, possivelmente enquanto o professor falava com aquele lúgubre jornalista. Ele se aproximou do velho clérigo ao lado do caixão vazio e o matou. Em seguida, vestiu as roupas pretas do cadáver, envolveu-o em uma velha capa que estava entre os verdadeiros achados da exploração e colocou-o no caixão, arrumando o rosário e o suporte de madeira como descrevi. Então, tendo assim preparado a armadilha para seu segundo inimigo, ele subiu à luz do dia e cumprimentou-nos a todos com a amabilíssima polidez de um clérigo rural.

— Ele correu um risco considerável — objetou Tarrant — de que alguém conhecesse Walters de vista.

— Concorde que ele era meio louco — respondeu Padre Brown. — E acho, e vocês não de concordar, que valeu a pena correr esse risco, pois ele escapou, afinal.

— Sim, ele teve muita sorte — rosnou Tarrant. — E quem diabos era?

— Como o senhor disse, ele teve muita sorte — respondeu o Padre Brown. — E quanto a isso, não menos. Pois essa é a única coisa que talvez nunca saibamos.

Observou por um momento a mesa com a testa franzida, depois continuou:

— Esse sujeito tem vagado por aí fazendo suas ameaças durante anos, mas a única coisa com a qual ele se preocupou foi manter o segredo de sua identidade e ele ainda o mantém. Mas se o pobre Smaill se recuperar, como acho que vai acontecer, podemos supor que se ouvirá mais a respeito dele.

— Por quê? O que o senhor acha que o professor Smaill fará? — perguntou Lady Diana.

— Acho que a primeira coisa que ele faria — disse Tarrant — é contratar detetives para perseguir esse demônio assassino como se fossem cães. Eu mesmo gostaria de dar umas dentadas nele.

— Bem — disse o Padre Brown, sorrindo de repente após seu longo acesso de perplexidade carrancuda —, acho que sei a primeira coisa que ele deve fazer.

— E o que é? — perguntou Lady Diana, com graciosa avidez.

— Ele deveria se desculpar com todos vocês — disse o Padre Brown.

Não foi sobre esse assunto, porém, que o Padre Brown se viu conversando com o professor Smaill, sentado à beira da cama durante a lenta convalescença do eminente arqueólogo. Nem, de fato, foi o Padre Brown quem mais falou, pois, embora o professor estivesse limitado a pequenas doses do estimulante que é conversar, ele dedicou a maior parte dessas entrevistas a seu amigo clerical. Padre Brown tinha o talento de ficar em silêncio de uma forma encorajadora, e esse talento encorajou Smaill a falar sobre muitas coisas estranhas e nem sempre fáceis de falar. Como as fases mórbidas da recuperação e os sonhos monstruosos que muitas vezes acompanham o delírio. Muitas vezes, a lenta recuperação de uma pancada forte na cabeça é um processo no qual o equilíbrio é inconstante, e quando a cabeça é tão

interessante quanto a do professor Smaill, mesmo as perturbações e distorções tendem a ser originais e curiosas. Seus sonhos eram como ilustrações arrojadas e grandiosas, um tanto disformes, como aparecem nas fortes, mas rígidas, obras de arte antigas que ele havia estudado; cheios de estranhos santos com auréolas quadradas e triangulares, de coroas douradas salientes e glórias em volta de rostos escuros e achatados, de águias vindas do Oriente e de altas mitras de homens barbados com os cabelos presos como o das mulheres. Só que, como ele disse ao amigo, havia um tipo muito mais simples e menos complicado, que continuamente reaparecia em sua memória imaginativa. Todas as vezes, esses padrões bizantinos desapareciam como o ouro desbotado no qual eram traçados como se com fogo; e nada restava, senão a parede escura e nua de rocha na qual a forma brilhante do peixe foi traçada como se por um dedo mergulhado na fosforescência dos peixes. Pois esse era o sinal que ele vira outrora, ao olhar para cima, no momento em que ouviu pela primeira vez, na escura dobra da passagem, a voz de seu inimigo.

— E, finalmente — disse ele —, acho que percebi um significado na imagem e na voz, e um sentido que eu nunca havia captado. Por que devo me preocupar se um louco, entre um milhão de homens são aliados em uma grande sociedade contra ele, decide vangloriar-se por me importunar ou me perseguir até a morte? O homem que desenhrou na escura catacumba o símbolo secreto de Cristo foi perseguido de maneira muito diferente. Ele era o louco solitário; e toda a sociedade sã estava unida, não para salvá-lo, mas para matá-lo. Às vezes, fico agitado, inquieto e me pergunto se este ou aquele homem era meu perseguidor; se era Tarrant; se era Leonard Smyth; se era algum deles. E se fossem todos eles? Suponha que fossem todos os homens no barco, todos os homens no trem e todos os homens na aldeia. Suponha que, sendo eu o alvo, todos eles fossem assassinos. Eu pensava ter o direito de ficar alarmado porque rastejava pelas entranhas da terra no escuro e havia um homem votado a me destruir. O que aconteceria se o destruidor estivesse aqui em cima, à luz do dia, e possuísse toda a terra e comandasse todos os exércitos e multidões? E se ele pudesse parar todas as terras, ou me expulsar da minha toca, ou me matar no momento que eu pusesse o nariz para fora à luz do dia? Como seria lidar com um perseguidor dessas dimensões? O mundo esqueceu essas coisas, como até pouco tempo atrás havia esquecido a guerra.

— Sim — disse Padre Brown —, mas a guerra voltou. O peixe pode ser novamente levado para o subsolo, mas sairá à luz do dia novamente. Como Santo Antônio de Pádua observou com humor, só os peixes sobrevivem ao Dilúvio.

VI - A ADAGA ALADA

Em certo período de sua vida, era difícil para o Padre Brown pendurar o chapéu num gancho sem reprimir um leve estremecimento. A origem dessa idiossincrasia foi, de fato, um mero detalhe em meio a eventos muito mais complicados; mas talvez fosse este único detalhe o que restava, em meio a uma vida agitada, como lembrete de tudo. Sua origem remota pode ser encontrada nos fatos que levaram o Dr. Boyne, oficial médico vinculado à força policial, a mandar chamar o padre, em uma gelada manhã de dezembro.

O Dr. Boyne era um irlandês corpulento de cabelos negros. Um daqueles irlandeses um tanto desconcertantes que podem ser encontrados em todo o mundo, que gostam de falar sobre ceticismo científico, materialismo e cinismo longa e amplamente, mas que nem em sonhos se referem a qualquer tema que resvale no ritual religioso, exceto a religião tradicional de sua terra natal. Seria difícil dizer se o credo deles é um verniz muito superficial ou um substrato muito fundamental; mas muito provavelmente é ambos, com uma massa de materialismo pelo meio. De qualquer forma, quando ele considerava possível que tais assuntos estivessem envolvidos, ele pedia ao Padre Brown que aparecesse, embora não fingisse preferência por esse aspecto dos casos.

— Não tenho certeza se é de você que preciso, sabe? — foi sua saudação. — Ainda não tenho certeza de nada. Que caia um raio na minha cabeça se eu souber se esse caso pede um médico, um policial ou um padre.

— Bem — disse o Padre Brown, com um sorriso —, como presumo que você seja um policial e um médico, parece que estou em minoria.

— Reconheço que você é o que os políticos chamam de “minoría instruída” — respondeu o médico. — Quero dizer, sei que você também tem alguma experiência em nosso ramo, assim como no seu. Mas é muito difícil dizer se este negócio cabe ao seu ofício ou ao nosso, ou apenas ao ofício dos diretores de manicômio. Acabamos de receber uma mensagem de um homem que mora aqui perto, naquela casa branca na colina, pedindo proteção contra uma ameaça de assassinato. Analisamos os fatos o máximo que pudemos, e talvez seja melhor eu lhe contar a história como supostamente aconteceu desde o início. Parece que um homem chamado Aylmer, que era um rico proprietário de terras no Sudoeste da Inglaterra, casou-se bastante tarde e teve três filhos: Philip, Stephen e Arnold. Mas antes de se casar, quando pensava que não teria herdeiros, ele havia adotado um menino, a quem considerava muito brilhante e promissor e que atendia pelo nome de John Strake. Sua origem parece vaga. Dizem que ele era um enjeitado, alguns dizem que ele era um cigano. Acho que a última ideia vem do fato de que Aylmer se envolveu, em sua velhice, com toda sorte de ocultismo sombrio, incluindo quiromancia e astrologia, e seus três filhos dizem que Strake o

encorajou nisso. Mas eles disseram muitas outras coisas além disso. Disseram que Strake era um canalha singular e, especialmente, um mentiroso singular. Um gênio na arte de improvisar mentiras e contá-las de modo a enganar um detetive. Mas isso pode muito bem ser um preconceito compreensível, à luz do que aconteceu. Talvez você possa mais ou menos imaginar o que aconteceu. O velho deixou praticamente tudo para o filho adotivo, e quando ele morreu, os três filhos verdadeiros contestaram o testamento. Disseram que seu pai fora intimidado a ponto de ceder e, para não exagerar na ênfase, perder a razão. Disseram que Strake tinha as maneiras mais estranhas e astutas de se dirigir a ele, apesar das enfermeiras e da família, e aterrorizá-lo em seu leito de morte. De qualquer forma, parece que eles conseguiram provar algo sobre o estado mental do morto, pois os tribunais anularam o testamento e os filhos ficaram com a herança. Diz-se que Strake explodiu da maneira mais terrível e jurou que mataria todos os três, um após o outro, e que nada poderia protegê-los de sua vingança. É o terceiro ou último dos irmãos, Arnold Aylmer, que está pedindo proteção policial.

— Terceiro e último — disse o padre, olhando-o com ar grave.

— Sim — disse Boyne. — Os outros dois estão mortos — houve um silêncio antes de ele continuar. — É aí que entra a dúvida. Não há provas de que tenham sido assassinados, mas essa é uma possibilidade. O mais velho, que herdou do pai o título de squire, parece ter se suicidado em seu jardim. O segundo, que se estabeleceu como proprietário de uma indústria, foi atingido na cabeça pelo maquinário de sua fábrica; ele poderia muito bem ter tropeçado e caído. Mas se Strake os matou, ele certamente é muito astuto em sua maneira de tratar do assunto e fugir. Por outro lado, é mais do que provável que tudo não passe de uma mania de conspiração fundada em uma coincidência. Ouça, é isso que eu procuro: quero que alguém sensato, que não seja policial, suba e tenha uma conversa com esse Sr. Arnold Aylmer e faça uma boa leitura dele. Você sabe como é um homem quando delira e como é um homem quando está dizendo a verdade. Quero que você seja a vanguarda, antes de abordarmos o assunto.

— Acho muito estranho — disse o Padre Brown — que vocês ainda não tenham sido acionados. Se há alguma substância nesse caso, parece ser algo que já vem há um bom tempo. Existe algum motivo específico para ele mandar chamá-lo só agora, não antes?

— Isso me ocorreu, como você pode imaginar — respondeu o Dr. Boyne. — Ele alega uma razão, mas confesso que é uma das coisas que me faz pensar se a coisa toda não é apenas um capricho de um louco idiota. Ele declarou que, subitamente, todos os seus empregados entraram em greve e o abandonaram, de modo que ele se vê obrigado a chamar a polícia para cuidar de sua casa. E

soube, pelo que inquiri, que os empregados daquela casa na colina, de fato, fizeram um êxodo generalizado; e é claro que a cidade está cheia de histórias, histórias muito parciais, ousado dizer. O relato deles parece dizer que o empregador havia se tornado completamente impossível em suas inquietações, medos e exigências. Que ele exigia que guardassem a casa como sentinelas, ou se pusessem ao dispor, como enfermeiras do turno da noite em um hospital. Nunca eram deixados em paz, porque ele não podia ser deixado só. Então todos proclamaram em alta voz que ele era um lunático e foram embora. Claro que isso não prova que é um lunático, mas parece completamente esdrúxulo, hoje em dia, ouvir que um homem deseja que seu mordomo ou sua governanta atuem como guardas armados.

— E assim — disse o padre, com um sorriso — ele quer que um policial atue como sua governanta, visto que sua governanta não aceita atuar como policial.

— Também achei isso um tanto grosseiro — concordou o médico. — Não posso, porém, assumir a responsabilidade de uma recusa categórica até que tenha tentado um meio-termo. Você é o meio-termo.

— Muito bem — disse Padre Brown, com simplicidade. — Vou visitá-lo agora, se quiser.

O relevo ao redor da pequena cidade estava coberto de gelo, sob um céu claro e frio como aço, exceto a nordeste, onde nuvens com halos lúgubres começavam a se erguer. Era contra essas cores mais escuras e sinistras que a casa da colina brilhava, com uma fileira de pilares brancos que formavam uma pequena colunata de tipo clássico. Uma estrada sinuosa levava até ela, passando pela curva da colina e mergulhando em uma massa de arbustos escuros. Pouco antes de chegar aos arbustos, o ar parecia ficar cada vez mais frio, como se o Padre Brown estivesse se aproximando de um frigorífico ou do Polo Norte. Mas ele era uma pessoa altamente prática, que nunca tratava tais fantasias como nada mais que fantasias. E ele apenas ergueu o olhar para a grande nuvem lívida que se arrastava acima da casa e comentou alegremente:

— Vai nevar.

Passando por um portal baixo de ferro ornamentado em padrão italiano, ele adentrou um jardim que tinha algo daquela desolação que só se vê onde houver a desagregação do que já foi organizado. O tênue pó da geada acinzentara o verde-escuro das plantas, e a casa erguia-se como se atravessasse uma floresta raquítica de arbustos e moitas cuja altura lhe chegava à cintura. A vegetação consistia em grande parte de sempre-vivas ou plantas muito resistentes. Embora fosse tão espessa e pesada, era muito setentrional para ser chamada de exuberante. Ela poderia ser descrita como uma selva ártica. O mesmo acontecia, em certo sentido, com a própria casa, que tinha uma fileira

de colunas e uma fachada clássica, que poderia dar para o Mediterrâneo, mas que agora parecia definhar sob o vento do Mar do Norte. Esparsos adornos clássicos acentuavam o contraste. Cariátides e relevos de máscaras cômicas ou trágicas olhavam, dos cantos do prédio, a confusão cinzenta dos caminhos do jardim, mas os rostos pareciam congelados. As próprias curvas dos capitéis talvez tivessem se encolhido de frio.

Subindo os degraus cobertos de grama, o Padre Brown chegou a uma varanda quadrada, flanqueada por grandes pilares, e bateu na porta. Cerca de quatro minutos depois, bateu novamente. Então ele ficou parado, esperando pacientemente de costas para a porta, e olhou para a paisagem que lentamente escurecia. Estava escurecendo sob a sombra daquele grande continente de nuvem que viera voando do Norte. Olhando para cima além dos pilares do alpendre, que se erguiam sobre ele, enormes e negros sob o crepúsculo, o padre observava a borda opalescente e rastejante da grande nuvem, enquanto ela se espalhava sobre o teto da varanda e se curvava sobre o alpendre como um dossel. O grande dossel com suas franjas levemente coloridas parecia afundar cada vez mais no jardim à sua frente, até que, do que antes era um claro e pálido céu de inverno, restaram algumas fitas prateadas e farrapos de um enfermiço pôr do sol. Padre Brown esperou, e lá dentro nenhum som se produziu.

Desceu rapidamente os degraus e contornou a casa para procurar outra entrada. Por fim, encontrou uma porta lateral na parede lisa, também bateu nela e também aguardou diante dela. Então ele experimentou a maçaneta, e viu que a porta aparentemente estava trancada ou travada de alguma forma. Caminhou por aquele lado da casa, refletindo sobre as possibilidades da situação e se perguntando se o excêntrico Sr. Aylmer havia se entrincheirado fundo demais na casa para poder ouvir qualquer tipo de chamado; ou se ele, talvez, não se ocultaria ainda mais, supondo que qualquer chamado fosse o desafio do vingador Strake. Pode ser que os servos que fugiram tivessem destrancado apenas uma porta quando saíram pela manhã, e que seu mestre a tenha trancado, mas era improvável que eles, no clima daquele momento, tivessem tomado tanto cuidado com as defesas, qualquer que fosse sua maneira de agir. O padre continuou sua ronda pelo local. Não era realmente um imóvel grande, embora talvez um pouco pretensioso, e dentro de pouco tempo ele percebeu que o havia circundado completamente. Um momento depois encontrou o que suspeitava e procurava. A janela francesa de um quarto, cortinada e sombreada por trepadeiras, estava aberta por uma fresta. Sem dúvida ficara entreaberta por acidente, e ele se viu em uma sala central, confortavelmente mobiliada segundo uma moda um tanto obsoleta, com uma escada que subia para fora dela, numa extremidade, e uma porta de saída na outra extremidade. Imediatamente à sua frente havia outra porta com vidros vermelhos encaixilhados, um pouco

espalhafatosa demais para o gosto mais recente. Algo que parecia uma figura vestida de vermelho em um vitral barato. Em uma mesa redonda à direita havia uma espécie de aquário: um grande recipiente cheio de água esverdeada, no qual peixes e seres semelhantes se moviam como em um tanque; e bem à frente deste aquário, uma planta do gênero das palmeiras, com imensas folhas verdes. Tudo parecia tão empoeirado e do início da Era Vitoriana que o telefone, visível na alcova acortinada, foi quase uma surpresa.

— Quem é? — exclamou uma voz aguda e um tanto desconfiada por trás da porta de vidro colorido.

— Seria possível ver o Sr. Aylmer? — perguntou o padre, com tom de quem se desculpa.

A porta se abriu e apareceu um cavalheiro de robe verde-pavão, com um olhar inquisitivo. Seu cabelo estava bastante seco e despenteado, como se ele estivesse saindo da cama ou vivesse em um estado de lento despertar; seus olhos, porém, estavam bem abertos, alertas, alguns diriam alarmados. Padre Brown sabia que tal contradição era bastante comum em homens esgotados sob a sombra de uma ilusão ou de um perigo. Ele tinha um belo rosto aquilino quando visto de perfil, mas ao encará-lo de frente a primeira impressão era a bagunça e até mesmo o desleixo de sua barba castanha e rala.

— Sou o Sr. Aylmer — disse ele —, mas não estou esperando visitas.

Algo no olhar inquieto do Sr. Aylmer levou o padre a ir direto ao ponto. Se a perseguição do homem fosse apenas uma monomania, ele dificilmente se ressentiria disto.

— Eu estava me perguntando — disse suavemente o Padre Brown — se é verdade mesmo que o senhor nunca espera visitas.

— O senhor está certo — respondeu seu anfitrião com firmeza. — Eu sempre espero um visitante. E ele pode ser o último.

— Espero que não — disse o Padre Brown —, mas pelo menos fico aliviado ao inferir que não me pareço muito com ele.

O Sr. Aylmer se sacudiu numa espécie de risada selvagem.

— Não parece, com certeza — disse ele.

— Sr. Aylmer — disse o Padre Brown francamente —, peço desculpas pela liberdade, mas alguns amigos meus me contaram sobre seu problema e me pediram para ver se eu poderia fazer alguma coisa pelo senhor. A verdade é

que tenho um pouco de experiência em casos como este.

— Não há casos como este — disse Aylmer.

— O senhor quer dizer — observou o Padre Brown — que as tragédias em sua infeliz família não foram mortes normais?

— Quero dizer que não foram sequer assassinatos normais — respondeu o outro. — O homem que está nos perseguindo até a morte é um cão infernal, e seu poder vem do Inferno.

— Todo mal tem uma origem — disse o padre, gravemente. — Mas como pode saber que não foram assassinatos normais?

Aylmer respondeu com um gesto, oferecendo uma cadeira ao visitante, depois sentou-se lentamente em outra, carrancudo, com as mãos nos joelhos; mas quando ergueu os olhos, sua expressão tornara-se mais branda e atenciosa, e sua voz bastante cordial e composta.

— Senhor — disse ele —, não quero que imagine que sou uma pessoa irracional. Cheguei a essas conclusões pela razão, porque infelizmente a razão realmente leva a tais conclusões. Li muito sobre esses assuntos, pois fui o único que herdou a erudição que meu pai tinha em assuntos um tanto obscuros, e desde então também herdei sua biblioteca. O que digo, porém, não se baseia no que li, mas no que vi.

Padre Brown assentiu, e o outro prosseguiu, como se escolhesse as palavras:

— No caso de meu irmão mais velho, no princípio eu não tive certeza. Não havia marcas ou pegadas onde o encontraram baleado, e a pistola estava caída ao seu lado. Mas ele acabara de receber uma carta ameaçadora, certamente de nosso inimigo, pois estava marcada com um sinal de uma adaga alada, que era um de seus truques cabalísticos infernais. E uma criada disse que tinha visto algo, muito grande para ser um gato, mover-se ao longo do muro do jardim no crepúsculo. Fico por aqui. Tudo o que posso dizer é que, se um assassino esteve lá, conseguiu não deixar vestígios de sua presença. Mas quando meu irmão Stephen morreu, foi diferente, e desde então eu soube. Uma máquina funcionava em um andaime aberto ao lado da torre da fábrica. Subi a plataforma um momento depois de ele ter caído, golpeado pelo martelo de ferro que o atingiu; não vi mais nada atingi-lo, mas o que eu vi, eu vi. Uma grande nuvem de fumaça fabril estava rolando entre mim e a torre da fábrica, mas no instante entre duas emissões vi, no topo da torre, uma figura humana escura envolta no que me pareceu um manto negro. Então a fumaça sulfurosa voltou a cobrir o espaço entre nós e, quando clareou, olhei para a chaminé distante... mas não havia ninguém lá. Sou um homem racional, e perguntarei a todos os homens racionais: como ele alcançou aquela torre inacessível e

vertiginosa, e como a deixou?

Olhou para o padre com um desafio esfíngico. Após breve silêncio, disse abruptamente:

— O cérebro de meu irmão foi arrebatado, mas seu corpo não sofreu muito dano. E em seu bolso encontramos uma daquelas mensagens de advertência, datada do dia anterior e marcada com a adaga voadora. Tenho certeza — ele continuou gravemente — que o símbolo da adaga alada não é meramente arbitrário ou acidental. Nada nesse homem abominável é acidental. Ele só tem uma intenção; embora se trate, de fato, de uma intenção muito obscura e intrincada. Sua mente é tecida não apenas de esquemas elaborados, mas de todos os tipos de linguagens e sinais secretos, sinais mudos e imagens indescritíveis que dão nome ao inominável. Ele é o pior tipo de homem que o mundo já viu: o místico perverso. Ora, não pretendo abarcar tudo o que é transmitido por este símbolo, mas certamente parece que deve ter uma relação com tudo o que havia de mais notável, ou mesmo incrível, em seus movimentos enquanto pairava em torno de minha infeliz família. Não haveria conexão entre a ideia de uma arma alada e o mistério pelo qual Philip foi morto em seu próprio gramado sem que o mais leve toque de qualquer pegada tivesse perturbado a terra ou a grama? Não há conexão entre o punhal emplumado que voa como uma flecha e aquela figura no topo da chaminé, vestida com um manto à guisa de asas?

— Quer dizer — disse o Padre Brown, pensativo — que ele está em perpétuo estado de levitação.

— Simão Mago fazia isso — respondeu Aylmer —, e uma das profecias mais conhecidas da Idade das Trevas dizia que o Anticristo seria capaz de voar. De qualquer forma, havia a adaga voadora no documento, e quer ele possa voar ou não, certamente poderia ferir.

— O senhor notou qual era o tipo de papel usado nas cartas? — perguntou Padre Brown. — Papel comum?

O rosto esfíngico rasgou-se abruptamente, numa risada áspera.

— O senhor pode ver o papel — disse Aylmer, com voz severa —, pois eu mesmo recebi uma carta nesta manhã.

Estava agora recostado na cadeira, com as longas pernas projetadas para fora do robe verde, que era um pouco curto para ele, e o queixo barbudo apoiado no peito. Sem qualquer outro movimento, ele enfiou a mão no bolso do robe e apresentou, segurando de forma rígida, um pedaço de papel esvoaçante. Toda a sua atitude sugeria uma espécie de paralisia que era, ao mesmo tempo, rigidez e colapso. Mas a próxima observação do padre teve o curioso efeito de

despertá-lo.

Padre Brown estava observando o papel que lhe havia sido entregue à sua maneira míope. Era um tipo de papel singular, áspero sem ser comum, como que arrancado do caderno de desenho de um artista; e nele se via, corajosamente desenhada com tinta vermelha, uma adaga decorada com asas, como a vara de Hermes, e liam-se as seguintes palavras: “A morte chega amanhã, como chegou aos teus irmãos”.

Padre Brown jogou o papel no chão e sentou-se ereto em sua poltrona.

— O senhor não deve deixar que esse tipo de coisa o paralise — disse ele bruscamente. — Esses demônios sempre tentam, para nos tornar indefesos, roubar nossas esperanças.

Para sua surpresa, uma onda de ânimo varreu a figura prostrada, que saltou de sua cadeira como se despertasse de um sonho.

— O senhor tem razão, tem razão! — gritou Aylmer com um entusiasmo bastante estranho. — E os demônios hão de descobrir que, no fim das contas, não estou tão desesperançoso nem tão desamparado. Talvez eu tenha mais esperança e conte com uma ajuda melhor do que o senhor supõe.

Ficou em pé, com as mãos nos bolsos, encarando duramente o padre, que por um momento chegou a se perguntar, diante daquela mudez apreensiva, se o longo perigo do homem não teria afetado seu cérebro. Mas quando ele falou, foi com completa sobriedade.

— Acredito que meus infelizes irmãos falharam porque usaram as armas erradas. Philip carregava um revólver, e foi assim que sua morte veio a ser interpretada como um suicídio. Stephen tinha proteção policial, mas também pensava que isso o tornava ridículo, e não poderia aceitar que um policial subisse com ele uma escada até um andaime onde ele ficaria por apenas um momento. Ambos foram escarnecedores, reagindo com ceticismo ao estranho misticismo dos últimos dias de meu pai. Mas eu sempre soube que meu pai sabia mais do que eles percebiam. É verdade que, ao estudar magia, ele veio a cair, no fim, sob a praga da magia negra; a magia negra deste canalha Strake. Mas meus irmãos se enganaram quanto ao antídoto. O antídoto para a magia negra não é o materialismo bruto ou a sabedoria mundana. O antídoto para a magia negra é a magia branca.

— Isso depende — disse Padre Brown — do que o senhor compreende por magia branca.

— Quero dizer magia de prata — disse o outro, em voz baixa, como quem fala de uma revelação secreta. Então, depois de um silêncio, ele disse: — O

senhor sabe a que me refiro ao falar em magia de prata? Um momento, por favor.

Virou-se, abriu a porta central com o vidro vermelho e saiu para um corredor que havia atrás dela. A casa tinha menos profundidade do que Brown supunha. A porta, em vez de se abrir para quartos interiores, revelava um corredor que terminava numa outra porta para o jardim. Em um dos lados do corredor ficava a porta de um quarto; sem dúvida, disse o padre a si mesmo, o quarto do proprietário, de onde ele viera em seu roupão, apressadamente. Neste lado não havia mais nada além do costureiro porta-chapéus com a costureira bagunça de chapéus e sobretudos velhos. Mas do outro lado havia algo mais interessante: um velho aparador de carvalho muito escuro, decorado com alguma prataria velha e encimado por um troféu ou ornamento de armas antigas. Foi aí que Arnold Aylmer parou, olhando uma pistola longa e antiquada com boca em forma de sino.

A porta no final do corredor estava apenas entreaberta, e pela fresta entrava um raio de luz branca. O padre tinha instintos muito rápidos sobre as coisas naturais, e algo no brilho incomum daquela linha branca lhe disse o que havia acontecido lá fora. Era de fato o que ele havia profetizado quando se aproximava da casa. Passou às pressas por seu muito espantado anfitrião e abriu a porta, descobrindo uma paisagem, ao mesmo tempo, vazia e alva. O que ele vira, brilhando através da fenda, não era apenas a brancura mais negativa da luz do dia, mas a brancura positiva da neve. Ao redor, as vertiginosas lonjuras do campo estavam cobertas por aquela brilhante palidez que parece, ao mesmo tempo, grisalha e inocente.

— Está aí a magia branca, pelo menos — disse Padre Brown com sua voz alegre. Então, ao voltar para o salão, ele murmurou: — E suponho que também a magia de prata — pois o brilho branco tocava a prata com esplendor e aspergia luz sobre o velho aço do obscuro arsenal. A cabeça desgrehada do taciturno Aylmer parecia ter um halo de fogo prateado quando ele se virou, com o rosto na sombra e a estranha pistola na mão.

— O senhor sabe por que escolhi esse tipo de bacamarte? — perguntou ele.
— Porque posso carregá-la com esse tipo de bala.

Ele havia tirado do aparador uma pequena colher de prata lavrada e, fazendo força, quebrou a pequena figura que ornava sua ponta.

— Vamos voltar para a outra sala — acrescentou. — O senhor já leu sobre a morte do Visconde Dundee? — perguntou ele, depois que ambos estavam novamente sentados. Ele havia se recuperado de seu aborrecimento momentâneo com a inquietação do padre. — Graham, da Casa Claver, o que, como o senhor sabe, perseguiu os covenanters¹³ e tinha um cavalo preto capaz

de escalar precipícios. O senhor não sabe que ele só poderia ser ferido por uma bala de prata, porque havia se vendido ao Diabo? Uma coisa que me tranquiliza é que o senhor, pelo menos, é sábio o suficiente para acreditar no Diabo.

— Oh, sim — respondeu Padre Brown —, eu acredito no Diabo. O que eu não acredito é no Visconde Dundee. Refiro-me às lendas dos covenanters sobre Dundee e seu cavalo fantasmagórico. John Graham era simplesmente um soldado profissional do século XVII, bem mais competente do que a maioria. Se ele os arrastava era porque era um dragão da infantaria, mas não um dragão mágico. Pois bem, pelo que sei, quem se vende ao Diabo não costuma ser esse tipo de soldado arrogante. Os adoradores do Diabo que conheci eram bem diferentes. Para não mencionar nomes, que poderiam causar agitação social, vou escolher um homem da época de Dundee. O senhor já ouviu falar de Dalrymple, o Conde de Stair?

— Não — respondeu o outro rispidamente.

— Certamente o senhor já ouviu falar do que ele fez — disse Padre Brown —, e foi algo pior do que qualquer coisa que Dundee tenha feito. No entanto, ele escapa da infâmia pelo esquecimento. Foi ele quem realizou o Massacre de Glencoe.¹⁴ Era um homem muito erudito e um hábil advogado, um estadista com ideias muito sérias e amplas sobre o estadismo, um homem tranquilo, com um rosto muito refinado e intelectual. Esse é o tipo de homem que se vende ao Diabo.

Aylmer meio que se levantou de sua cadeira com um entusiasmo de concordância.

— Por Deus! O senhor tem razão — gritou ele. — Um rosto intelectual refinado! Esse é o rosto de John Strake.

Em seguida, levantou-se e observou o padre com uma concentração curiosa.

— Se puder esperar um pouco aqui — disse ele —, eu mostrarei algo ao senhor.

Passou de volta pela porta central e a fechou atrás de si. O clérigo presumiu que ele iria até seu velho aparador ou, possivelmente, para seu quarto. Padre Brown permaneceu sentado, olhando distraidamente o tapete, no qual reluzia um leve brilho vermelho, oriundo do vidro da porta. Por um momento, essa luz pareceu faiscar como um rubi e depois voltou a escurecer, como se o Sol daquele dia tempestuoso tivesse passado entre duas nuvens. Nada se movia, exceto as criaturas aquáticas que flutuavam de um lado para o outro no aquário verde escuro. Padre Brown raciocinava com afincos.

Um ou dois minutos depois, levantou-se e deslizou silenciosamente até a alcova do telefone, onde telefonou para seu amigo Dr. Boyne, na sede da força policial.

— Eu queria lhe falar sobre Aylmer e seu caso — disse ele calmamente. — É uma história esquisita, mas acho que há algo nela. Se eu fosse você, enviaria alguns homens para cá imediatamente. Diria uns quatro ou cinco homens para cercar a casa. Se algo acontecer, provavelmente haverá alguma agitação no sentido de uma fuga.

Depois voltou e sentou-se novamente, olhando para o tapete escuro, onde a luz da porta de vidro novamente brilhava em um tom vermelho de sangue. Algo naquela luz filtrada fez sua mente vagar por certas fronteiras do pensamento, com o primeiro alvorecer branco antes da chegada da cor, e todo aquele mistério que ora se vela e ora se revela no símbolo das janelas e das portas.

Um uivo inumano em uma voz humana veio de trás das portas fechadas, quase simultaneamente ao troar de um tiro. Antes que os ecos do tiro cessassem, a porta foi violentamente escancarada e seu anfitrião cambaleou para dentro da sala, com o roupão meio arrancado de seu ombro e a longa pistola fumegando em sua mão. Ele parecia estar tremendo em todos os membros, mas parte do tremor era o de uma risada não natural.

— Glória à magia branca! — exclamou ele. — Glória à bala de prata! O cão infernal fez uma caçada que não devia ter feito, e meus irmãos estão finalmente vingados.

Afundou em uma cadeira. A pistola escorregou de sua mão e caiu no assoalho. Padre Brown passou correndo por ele, deslizou pela porta de vidro e atravessou o corredor. Ao fazê-lo, pôs a mão na maçaneta da porta do quarto, como se pretendesse entrar. Depois ele parou por um momento, como se estivesse examinando algo, e então correu para a porta externa e a abriu.

No campo de neve, que pouco tempo antes parecera tão branco, jazia algo preto. À primeira vista, parecia um enorme morcego. Uma segunda olhada mostrou que era, afinal, uma figura humana, caída de bruços, a cabeça toda coberta por um largo chapéu preto de aspecto latino-americano, enquanto a aparência de asas negras vinha das duas abas ou mangas soltas de um manto preto muito vasto aberto ao máximo em ambos os lados, talvez acidentalmente. Embora ambas as mãos estivessem ocultas, o Padre Brown pensou poder identificar a posição de uma delas, perto da qual viu, sob a borda da capa, o brilho de alguma arma metálica. O efeito principal, porém, era curiosamente semelhante ao das extravagâncias simples da heráldica, como uma águia negra sobre um fundo branco. Mas, ao contorná-lo e espiar por

baixo do chapéu, o padre vislumbrou o rosto, que era, de fato, o que seu anfitrião havia chamado de refinado e intelectual, e até mesmo cético e austero: o rosto de John Strake.

— Bem, estou até meio tonto — murmurou o Padre Brown. — Realmente parece um grande vampiro que pousou como um pássaro.

— De que outra forma ele poderia ter vindo? — veio uma voz da porta, e Padre Brown olhou para cima, para ver Aylmer mais uma vez parado ali.

— Não poderia ter vindo a pé? — respondeu, evasivamente, o Padre Brown.

Aylmer estendeu o braço e varreu a paisagem branca com um gesto.

— Olhe a neve — disse ele em uma voz grave, com uma espécie de fluidez e emoção. — A neve não está imaculada? Pura como a magia branca, como o senhor mesmo disse? Quilômetros ao redor, há alguma mancha nela, exceto aquela mancha negra e imunda caída aí? Não há pegadas, exceto algumas suas e minhas. Não há nenhuma de alguém que venha para a casa de qualquer lugar.

Então ele, por um momento, olhou o pequeno padre com uma expressão concentrada e curiosa, e disse:

— Eu vou lhe dizer outra coisa. Aquele manto com o qual ele voa é longo demais para que alguém consiga andar. Ele não era um homem muito alto, o manto deixaria um rastro atrás dele. Estique-o sobre o corpo dele, se quiser, e veja.

— O que aconteceu entre vocês dois? — perguntou Padre Brown, abruptamente.

— Foi rápido demais para descrever — respondeu Aylmer. — Eu tinha olhado para fora pela porta e estava voltando quando surgiu uma espécie de rajada de vento ao meu redor, como se eu estivesse sendo golpeado por um redemoinho girando no ar. De alguma forma eu girei e atirei às cegas, e então não vi nada além do que o senhor vê agora. Mas estou mortalmente certo de que o senhor não o veria se eu não tivesse uma bala de prata em minha arma. O cadáver caído na neve seria de outra pessoa.

— A propósito — observou o Padre Brown —, devemos deixá-lo lá na neve? Ou o senhor preferiria que ele fosse levado para o seu quarto? Suponho que seja o seu quarto no corredor?

— Não, não — respondeu Aylmer apressadamente —, devemos deixá-lo aqui

até que a polícia o veja. Além disso, para mim basta desse assunto, por enquanto. Aconteça o que acontecer, vou tomar uma bebida. Depois disso, podem me enforcar se quiserem.

Dentro do apartamento central, entre a palmeira e o aquário com peixes, Aylmer caiu em uma cadeira. Quase derrubou o aquário quando entrou na sala, mas conseguiu encontrar a garrafa de conhaque depois de enfiar a mão às cegas em vários armários e cantos. Em nenhum momento parecera uma pessoa metódica, mas neste momento seu descuido chegou ao extremo. Bebeu com um longo gole e começou a falar um tanto febrilmente, como se para preencher um silêncio:

— Vejo que ainda está em dúvida — disse ele —, embora tenha visto com seus próprios olhos. Acredite, havia algo mais por trás da luta entre o espírito de Strake e o espírito da casa dos Aylmer. Além disso, não lhe convém ser incrédulo. O senhor deveria defender todas as coisas que a gente estúpida chama de superstições. Como é, o senhor não acha que há muita verdade naqueles contos da carochinha sobre sorte, feitiços e coisas assim, incluindo balas de prata? O que diz sobre tudo isso, enquanto católico?

— Digo que sou agnóstico — respondeu o Padre Brown, sorrindo.

— Não faz sentido — disse Aylmer, impaciente. — Acreditar nas coisas é seu trabalho.

— Ora, é claro que acredito em algumas coisas — admitiu o Padre Brown. — E, portanto, é claro que não acredito em outras.

Aylmer estava inclinado para frente e olhando para ele com uma intensidade estranha, quase a mesma de um hipnotizador.

— O senhor acredita nisso — disse ele. — O senhor acredita em tudo. Todos nós acreditamos em tudo, mesmo quando negamos tudo. Os que negam acreditam. Os incrédulos acreditam. O senhor não sente, em seu coração, que essas contradições realmente não se contradizem, mas que existe um cosmos que as contém todas? A alma gira sobre uma roda de estrelas e tudo tem seu retorno. Talvez Strake e eu tenhamos lutado em muitas formas, fera contra fera e pássaro contra pássaro, e talvez lutemos para sempre. Mas como buscamos e precisamos um do outro, até mesmo esse ódio eterno é um amor eterno. O bem e o mal giram numa roda que é uma coisa só, não muitas. O senhor não percebe em seu coração, não acredita por trás de todas as suas crenças, que existe apenas uma realidade e nós somos suas sombras? E que todas as coisas são apenas aspectos de uma única coisa: um centro onde os homens se fundem no Homem e o Homem em Deus?

— Não — disse o Padre Brown.

Lá fora, o crepúsculo começava a cair, naquela fase de um entardecer tão nevado em que a terra parece mais clara que o céu. No alpendre da entrada principal, visível através de uma janela semicortinada, o Padre Brown podia quase ver uma figura volumosa de pé. Olhou casualmente as janelas francesas pelas quais havia entrado originalmente e viu que estavam escurecidas por duas figuras igualmente imóveis. A porta interna com o vidro colorido estava entreaberta e ele podia ver no curto corredor além as extremidades de duas longas sombras, exageradas e distorcidas pela luz uniforme da noite, mas ainda funcionando como caricaturas cinzentas de silhuetas de homens. O Dr. Boyne já havia atendido à mensagem telefônica. A casa estava cercada.

— De que vale negar? — insistiu seu anfitrião, ainda com o mesmo olhar hipnótico. — O senhor viu, com seus próprios olhos, parte desse drama eterno. Viu a ameaça de John Strake: matar Arnold Aylmer com magia negra. Viu Arnold Aylmer matar John Strake com magia branca. Está vendo Arnold Aylmer vivo e falando com o senhor agora. E ainda assim, o senhor não acredita.

— Não, não acredito — disse o Padre Brown, e levantou-se de sua cadeira como quem encerra uma visita.

— Por que não? — perguntou o outro.

O padre só levantou um pouco a voz, mas ela ressoou como um sino em todos os cantos da sala.

— Porque você não é Arnold Aylmer — disse ele. — Sei quem é você. Seu nome é John Strake, e você assassinou o último dos irmãos, que está deitado na neve.

Um anel branco apareceu ao redor da íris dos olhos do outro homem. Com os olhos arregalados, ele pareceu fazer um último esforço para hipnotizar e dominar seu companheiro. Fez então um movimento brusco para o lado, mas nesse instante se abriu a porta atrás dele e um grande detetive à paisana colocou uma mão em seu ombro. A outra mão pendia, segurando um revólver. O homem, aterrorizado, olhou em volta e viu homens à paisana em todos os cantos da sala silenciosa.

Naquela noite, Padre Brown teve outra longa conversa com o Dr. Boyne sobre a tragédia da família Aylmer. Já então, não restava mais dúvida sobre o fato central do caso, pois John Strake havia confessado sua identidade e inclusive seus crimes, embora seja mais exato dizer que ele se gabara das próprias vitórias. Diante do fato de ter concluído a obra de sua vida com a morte do último Aylmer, todo o resto, incluindo a própria existência, parecia ser

indiferente para ele.

— O homem é uma espécie de maníaco — disse o Padre Brown. — Não se interessa por nenhum outro assunto, nem mesmo por qualquer outro assassinato. Neste sentido, estou em dívida com ele, pois muitas vezes, nesta tarde, precisei refletir para me consolar. Como sem dúvida já lhe ocorreu, em vez de tecer todo aquele selvagem mas engenhoso romance sobre vampiros alados e balas de prata, ele poderia ter me alvejado com uma bala de chumbo comum e deixado a casa. Eu lhe garanto que, a mim, essa ideia ocorreu muitas vezes.

— Eu me pergunto por que ele não o fez — observou Boyne. — Eu não entendo isso, mas ainda não entendo nada. Como diabos você descobriu, e o que diabos você descobriu?

— Ah, você me forneceu informações muito valiosas — respondeu o Padre Brown modestamente —, especialmente a única informação que realmente contava. Refiro-me à afirmação de que Strake era um mentiroso muito inventivo e imaginativo, que demonstrava grande presença de espírito ao criar suas mentiras. Nesta tarde, ele precisou fazer isso, mas decidiu caprichar. Talvez seu único erro tenha sido escolher uma história sobrenatural. Ele tinha a impressão de que, por ser um clérigo, eu acreditaria em qualquer coisa. Muita gente tem esse tipo de impressão.

— Mas não consigo entender nada — disse o médico. — Você precisa começar do começo.

— Primeiro, foi um robe — disse o Padre Brown com simplicidade. — O único disfarce bom que já vi. Quando você encontra um homem de robe em uma casa, presume automaticamente que ele está em sua própria casa. Eu mesmo presumi isso, mas depois coisas estranhas começaram a acontecer. Quando baixou a pistola, ele conferiu a trava, com o braço estendido, como um homem faz para verificar se uma arma desconhecida está ou não carregada. É claro que ele saberia se as pistolas em seu próprio salão estavam carregadas ou não. Não gostei da maneira como ele procurou o conhaque, ou do jeito que quase entrou no aquário de peixes. Pois um homem que tem como um acessório em suas dependências uma coisa frágil desse tipo adquire o hábito de desviar-se dela de forma mecânica. Mas essas coisas poderiam ter sido caprichos. O primeiro ponto real foi o seguinte: ele tinha saído do pequeno corredor entre as duas portas e, ao longo desse corredor, há apenas uma outra porta que se abre para um quarto. Então presumi que este fosse o quarto de onde ele acabara de sair. Eu experimentei a maçaneta, mas ela estava trancada. Achei isso estranho e olhei pelo buraco da fechadura. Era um cômodo totalmente vazio, obviamente deserto, sem cama, sem nada. Portanto, ele não viera de dentro de nenhum quarto, mas de fora da casa. E quando vi

isso, acho que vi o quadro completo.

“O pobre Arnold Aylmer sem dúvida dormia e talvez morasse no andar de cima, e desceu em seu roupão e passou pela porta de vidro vermelho. Na extremidade do corredor, negro contra a luz do dia de inverno, ele viu o inimigo de sua casa. Viu um homem alto e barbudo, com um chapéu preto de abas largas e uma grande capa preta esvoaçante. Não viu muito mais neste mundo. Strake saltou sobre ele, estrangulando-o ou esfaqueando-o, não podemos ter certeza até o inquérito. Então Strake, parado na passagem estreita entre o chapeleiro e o velho aparador, e olhando em triunfo o último de seus inimigos, ouviu algo que não esperava ouvir. Ele ouviu passos na sala à frente. Era eu, entrando pelas janelas francesas.

“Seu disfarce foi um milagre de prontidão. Ele empregou não apenas um disfarce, mas também um romance... um romance improvisado. Tirou o grande chapéu preto e a capa e vestiu o roupão do morto. Então fez uma coisa bastante terrível; pelo menos uma coisa que impressiona minha imaginação como mais terrível do que o resto. Pendurou o cadáver como um casaco em um dos ganchos do porta-chapéus, e o envolveu em seu longo manto, que sobrava bastante nos calcanhares. Com seu chapéu largo, cobriu inteiramente a cabeça. Era a única maneira possível de escondê-lo naquele pequeno corredor com a porta trancada, mas foi realmente muito inteligente. Eu mesmo passei pelo porta-chapéus uma vez, sem notar que ele tornara-se outra coisa além de um porta-chapéus. Acho que essa minha inconsciência sempre me causará um arrepio.

“Talvez ele pudesse ter parado por aí, mas eu poderia ter descoberto o cadáver a qualquer momento e, pendurado onde estava, era um cadáver exigindo o que se poderia chamar de explicação. Ele adotou o golpe mais ousado de descobri-lo e explicá-lo por conta própria.

“Então essa mente estranha e terrivelmente fértil concebeu uma história de substituição, a inversão das peças. Ele já havia assumido o papel de Arnold Aylmer. Por que seu inimigo morto não poderia assumir o papel de John Strake? Devia haver, nessa cambalhota, algo que atraía a atenção desse homem obscuramente fantasioso. Era como um pavoroso baile à fantasia, ao qual dois inimigos mortais iriam vestidos um como o outro. Só que o baile à fantasia seria uma dança da morte, e um dos dançarinos estaria morto. É por isso que posso imaginar aquele homem recebendo essa ideia em sua mente, e posso imaginá-lo sorrindo”.

Padre Brown estava olhando para o vazio com seus grandes olhos cinzentos que, quando não ficavam embaçados por seu hábito de piscar, eram a única coisa notável em seu rosto. Ele continuou falando, com simplicidade e seriedade.

— Todas as coisas vêm de Deus, e principalmente a razão, a imaginação e os grandes dons da mente. Tudo isso é intrinsecamente bom, e não devemos esquecer sua origem de modo algum, mesmo quando pervertidos. Ora, este homem possuía um poder muito nobre e suscetível à perversão: o poder de contar histórias. Embora grande romancista, distorceu seu poder ficcionista para fins práticos e malignos. Para enganar os homens com fatos falsos, em vez de ficção verdadeira. Tudo começou com ele enganando o velho Aylmer com desculpas elaboradas e mentiras engenhosamente detalhadas, mas mesmo isso pode ter sido, no início, pouco mais do que as histórias exageradas e lorotas de uma criança que tanto pode dizer que viu o Rei da Inglaterra quanto que viu o Rei das Fadas. Isso se fortaleceu nele através do vício que perpetua todos os vícios, o orgulho. Ele ficou cada vez mais vaidoso de sua prontidão ao criar histórias e com sua originalidade e sutileza ao desenvolvê-las. Foi isso que os jovens Aylmers queriam dizer ao afirmar que ele poderia enfeitiçar o pai. Era verdade. Era o tipo de feitiço que a contadora de histórias lançara sobre o tirano nas Mil e uma noites. E até o fim ele caminhou pelo mundo com o orgulho de um poeta e com a falsa, embora inextricável, coragem de um grande mentiroso. Ele sempre poderia produzir mais mil e uma noites se seu pescoço estivesse em perigo. E hoje seu pescoço estava em perigo.

“Mas tenho certeza, como já disse, de que ele apreciou tudo isso tanto como uma narrativa fantasiosa quanto como uma conspiração. Começou a tarefa de contar a história verdadeira da maneira errada: tratando o morto como vivo e o vivo como morto. Ele já havia envergado o robe de Aylmer; começou a se revestir com o corpo e a alma de Aylmer. Encarou o cadáver como se fosse seu próprio cadáver deitado frio na neve. Em seguida, ele o pousou daquele modo estranho para sugerir a descida arrebatadora de uma ave de rapina, e o adornou não apenas com suas próprias roupas escuras e esvoaçantes, mas com todo um conto de fadas sombrio sobre o pássaro negro que só uma bala de prata poderia abater. Não sei se foi o brilho prateado que reluzia no aparador ou a neve que reluzia além da porta que sugeriu ao seu temperamento intensamente artístico o tema da magia branca e do metal branco usado contra os magos. Mas qualquer que fosse a origem da inspiração, ele a tomou para si como um poeta e fez isso muito prontamente, como um homem prático. Ele completou a troca e inversão dos papéis jogando o cadáver na neve, como o cadáver de Strake. Fez o possível para criar uma concepção assustadora de Strake como algo pairando no ar em todos os lugares, uma harpia com asas velozes e garras fatais, para explicar a ausência de pegadas e outras coisas. Enquanto sujeito de impudência artística, eu o admiro enormemente. De fato, ele transformou uma das contradições de seu caso em um argumento probatório, e disse que o manto do homem era muito longo para ele, o que provava que ele não andava no chão como um mortal comum. Mas olhou para

mim com muita atenção, enquanto dizia isso, e algo me disse que ele estava, naquele momento, tentando um grande blefe”.

O Dr. Boyne parecia pensativo.

— Você já havia descoberto a verdade? — perguntou. — Há, para mim, algo muito estranho e enervante nas noções relativas à identidade. Não sei se seria mais estranho adivinhar algo assim rápida ou lentamente. Eu me pergunto em que momento você suspeitou e quando teve certeza.

— Acho que realmente suspeitei quando telefonei para você — respondeu o amigo. — E não foi por nada mais do que a luz vermelha no tapete, a luz que, vindo da porta fechada, brilhou mais forte e voltou a escurecer. Foi como um respingo de sangue que se tornava vívido enquanto gritava por vingança. Por que aquele brilho mudaria assim? Eu sabia que o Sol não havia saído. Só podia ser porque a segunda porta atrás da primeira, a que dava para o jardim, havia sido aberta e novamente fechada. Mas se ele tivesse saído e visto seu inimigo neste momento, ele teria dado o alarme assim que o visse, e foi algum tempo depois que a briga ocorreu. Comecei a sentir que ele tinha saído para fazer alguma coisa... para preparar alguma coisa... mas quanto ao momento que tive certeza, essa é outra questão. Soube, no final, que ele estava tentando me hipnotizar, me dominar pela arte negra de usar os olhos como talismãs e a voz como um encantamento. Era o que ele fazia com o velho Aylmer, sem dúvida. Não foi apenas a maneira como disse, mas o que disse. Era toda uma religião e uma filosofia.

— Infelizmente, sou um homem prático — disse o médico com humor áspero — e não me ocupo muito com religião e filosofia.

— Enquanto pensar assim, nunca será um homem prático — disse o Padre Brown. — Veja bem, doutor, você me conhece muito bem, e acho que sabe que não sou um fanático. Sabe que eu sei que existe todo tipo de gente em todas as religiões; homens bons nas religiões más e homens maus nas boas. Mas há apenas um pequeno fato que aprendi simplesmente como um homem prático, um ponto inteiramente prático, que aprendi com a experiência, como os truques de um animal ou a marca registrada de um bom vinho. Raramente encontrei um criminoso filosofante que não filosofasse na linha do orientalismo, da lei do retorno e da reencarnação, da roda do destino e da serpente que morde a própria cauda. Aprendi, pela simples experiência, que uma maldição toca os servos dessa serpente. Sobre o seu ventre andarão e o pó comerão, e nunca nasceu um canalha ou um libertino que não soubesse pregar esse tipo de espiritualidade. Esse pode não ser o caso nas verdadeiras origens de tais religiões, mas aqui em nosso mundo real essa é a religião dos patifes. E eu soube que era um patife quem estava falando.

— Ora — disse Boyne —, eu imaginaria que um patife poderia muito bem professar qualquer religião que ele escolhesse.

— Sim — assentiu o outro. — Ele poderia professar qualquer religião: poderia fingir ter qualquer religião, se tudo fosse fingimento. Se fosse mera hipocrisia mecânica e nada mais, sem dúvida ela poderia ser praticada por um mero hipócrita mecânico. Qualquer tipo de máscara pode ser colocada em qualquer tipo de rosto. Qualquer pessoa pode aprender certas frases ou declarar verbalmente que tem certas opiniões. Posso sair na rua e afirmar que sou um metodista wesleyano ou um sandemaniano, embora duvide que meu sotaque seja convincente. Mas estamos falando de um artista e, para o prazer do artista, a máscara deve ser, até certo ponto, moldada no rosto. O que ele faz externamente deve corresponder a algo dentro dele. Ele precisa basear sua interpretação em elementos existentes em sua alma. Concordo que ele poderia dizer que era um metodista wesleyano, mas ele nunca conseguiria ser um metodista tão eloquente como pode ser um místico e fatalista eloquente. Estou falando do tipo de ideal em que tal homem pensa, se realmente tenta ser idealista. Toda a sua jogada comigo consistia em ser o mais idealista possível, e sempre que esse tipo de homem tentar isso, você geralmente descobrirá que o ideal é desse gênero. Esse tipo de homem pode estar pingando sangue, mas ele sempre será capaz de lhe dizer, com toda a sinceridade, que o budismo é melhor do que o cristianismo. Não; ele lhe dirá, com toda a sinceridade, que o budismo é mais cristão do que o cristianismo. Isso por si só é suficiente para lançar um hediondo e medonho raio de luz sobre sua noção de cristianismo.

— Juro por Deus — disse o médico, rindo — que não sei se você o está denunciando ou defendendo.

— Dizer que um homem é um gênio não é defendê-lo — disse o Padre Brown. — Longe disso. E é simplesmente um fato psicológico: um artista se trairá por algum tipo de sinceridade. Leonardo da Vinci não sabe desenhar como se não soubesse desenhar. Mesmo que ele tentasse, sempre seria uma paródia forte de uma coisa fraca. Este homem teria feito do metodista wesleyano algo muito temível e maravilhoso.

Quando o padre saiu novamente e voltou o rosto na direção de casa, o frio havia se tornado mais intenso e, no entanto, de alguma forma, inebriante. As árvores se erguiam como candelabros de prata em um incrível rito de apresentação e purificação. Era um frio penetrante, como aquela espada de prata de pura dor que outrora perfurou o coração imaculado. Mas não era um frio mortal, exceto no sentido de parecer matar todos os obstáculos mortais à nossa imortal e imensurável vitalidade. O céu verde pálido do crepúsculo, com uma estrela como a de Belém, parecia por alguma estranha contradição ser uma caverna de claridade. Era como se pudesse haver uma verde fornalha de frio que despertasse todas as coisas para a vida como o calor, e quanto mais

fundo elas fossem naquelas cores frias e cristalinas, mais elas seriam leves como criaturas aladas e claras como vidro colorido. Ele formigava com a verdade e separava a verdade do erro com uma lâmina gélida, mas tudo o que restava nunca pareceu tão vivo. Era como se toda alegria fosse uma joia no coração de um iceberg. O padre mal entendia seu próprio estado de espírito enquanto avançava cada vez mais fundo no crepúsculo verdejante, bebendo goles cada vez mais profundos daquela vivacidade virginal do ar. Alguma confusão e morbidez esquecidas pareciam ter sido deixadas para trás ou apagadas quando a neve cobriu as pegadas do homem sanguinário. Enquanto cambaleava pela neve, a caminho de casa, ele murmurou para si mesmo:

— E, mesmo assim, ele tem razão quanto à existência de uma magia branca. Se ele ao menos soubesse onde procurá-la!

VII - A SINA DOS DARNAWAYS

Dois pintores estavam olhando para uma paisagem, no caso uma paisagem marítima, e ambos estavam curiosamente impressionados por ela, embora suas impressões não fossem exatamente as mesmas. Para um deles, um artista de Londres em ascensão, era tão nova quanto desconhecida. Para o outro, que era um artista local, mas com um tanto mais de fama na região, era mais conhecida, porém talvez ainda mais estranha pelo que ele sabia sobre ela.

Em termos de tom e forma, como esses homens a viam, era uma extensão de areia contra um trecho de pôr do sol, toda a cena jazendo em faixas de cores sombrias, verde esmaecido, bronze e marrom e um tom pardacento que não era neutro, mas de alguma forma, naquele crepúsculo, era mais misterioso que o ouro. Quebrando essas linhas paralelas havia somente um longo edifício que se estendia dos campos para as areias do mar, de modo que sua franja de ervas daninhas e juncos parecia quase encontrar as algas marinhas. Mas sua característica mais singular era o fato de que a parte superior tinha os contornos desiguais de uma ruína, perfurada por tantas janelas largas e grandes rasgos que parecia um mero esqueleto escuro contra a luz moribunda. Enquanto isso, o volume inferior do edifício quase não tinha janelas, a maioria delas estando cegas e emparedadas, e seus contornos apenas vagamente perceptíveis no crepúsculo. Mas pelo menos uma janela ainda era uma janela, e parecia a mais estranha de todas, porque por ela notava-se uma luz.

— Quem poderia viver nessa concha velha? — exclamou o londrino, que era um homem robusto, de ar boêmio, jovem, mas com uma barba ruiva desgrenhada que o fazia parecer mais velho, conhecido em Chelsea como Harry Payne.

— Fantasmas, supõe-se — respondeu seu amigo Martin Wood.¹⁵ — Bem, as pessoas que vivem lá realmente são como fantasmas.

Talvez fosse um paradoxo que o artista londrino parecesse quase bucólico em seus turbulentos frescor e admiração, enquanto o artista local parecia uma pessoa mais perspicaz e experiente, encarando-o com um ar de diversão madura e amigável. Na verdade, este último era uma figura mais quieta e convencional, vestindo roupas mais escuras e com seu rosto quadrado e impassível bem barbeado.

— É apenas um sinal dos tempos, é claro — continuou ele —, ou do fim dos

tempos antigos e, com eles, das famílias antigas. Os últimos dos grandes Darnaways moram naquela casa, e poucos dos novos pobres são tão pobres quanto eles. Não têm meios sequer de tornar habitável o andar superior. São obrigados a viver no andar térreo de uma ruína, como morcegos e corujas. No entanto, eles têm retratos de família que remontam à Guerra das Rosas e à primeira leva de retratos pintados na Inglaterra, e alguns deles são muito bons; eu por acaso sei disso porque eles pediram meu conselho profissional para restaurá-los. Há um deles especialmente, um dos primeiros, que é tão bom que dá arrepios.

— O imóvel todo dá arrepios, a julgar pela aparência — respondeu Payne.

— Bem — disse seu amigo —, para dizer a verdade, dá sim.

O silêncio que se seguiu foi agitado por um leve farfalhar entre os juncos ao lado do fosso, e isso causou neles um leve sobressalto quando uma figura escura se esgueirou ao longo da encosta, movendo-se rapidamente e quase como um pássaro assustado. Mas era apenas um homem caminhando rapidamente com uma mala preta na mão. Um homem com um rosto longo e pálido e olhos penetrantes que encararam o estranho londrino de uma maneira ligeiramente obscura e desconfiada.

— É apenas o Dr. Barnet — disse Wood, com uma espécie de alívio. — Boa noite, doutor. O senhor vai até a casa? Espero que ninguém esteja doente.

— Todo mundo está sempre doente em um lugar como aquele — rosou o médico —; só que às vezes eles ficam doentes demais para saber disso. O próprio ar do lugar é uma praga e uma pestilência. Não invejo o jovem australiano.

— E quem — perguntou Payne de forma abrupta e um tanto distraído — seria esse jovem australiano?

— Ah! — bufou o médico. — Seu amigo não lhe contou sobre ele? Na verdade, acredito que ele chegue hoje. Uma baita história, no velho estilo melodramático: o herdeiro volta das colônias para o seu castelo em ruínas, havendo até mesmo um antigo pacto familiar tratando de seu casamento com a dama que vigia na torre coberta de hera. Temas antigos e estranhos, não é? Mas acontece de verdade às vezes. Ele até tem algum dinheiro, que é o único ponto positivo no assunto.

— O que a própria senhorita Darnaway, em sua torre coberta de hera, acha do negócio? — perguntou Martin Wood, secamente.

— O que ela pensa sobre qualquer coisa, a esta altura — respondeu o médico.

— Neste velho antro de superstições, eles não pensam, apenas sonham e vagueiam. Acho que ela aceita o contrato familiar e o marido colonial como parte da sina dos Darnaways, entende? Acho até que se ele fosse um negro corcunda com um olho, louco e perigoso, ela só consideraria que isso serve como um toque final e combina com o cenário crepuscular.

— Você não está dando ao meu amigo de Londres uma imagem muito alegre de meus amigos locais — disse Wood, rindo. — Eu pretendia levá-lo até lá numa visita. Nenhum artista pode deixar de ver aqueles retratos dos Darnaways se tiver a chance. Mas talvez seja melhor adiar, já que eles estão sofrendo uma invasão australiana.

— Oh, vá lá e veja-os, pelo amor de Deus — disse o Dr. Barnet calorosamente. — Qualquer coisa que ilumine suas vidas destruídas tornará minha tarefa mais fácil. Penso que será preciso muitos primos coloniais para animar as coisas; e quanto mais, melhor. Venham, eu mesmo os levarei.

À medida que se aproximavam da casa, viram-na isolada como uma ilha cercada por um fosso de água salobra, que atravessaram por uma ponte. Do outro lado, estendia-se um pátio ou aterro de pedra bastante largo e com grandes rachaduras, nas quais pequenos tufo de ervas daninhas e espinhos brotavam esparsamente. Esta plataforma de pedra parecia grande e vazia ao crepúsculo cinzento, e Payne mal poderia acreditar que um tal pedaço do mundo pudesse conter tantos elementos essenciais de um deserto. Esta plataforma projetava-se apenas por um lado, como um degrau gigante, e ao fim dela estava a porta: um arco Tudor de batentes muito baixos, aberto, mas escuro como uma caverna.

Quando o enérgico doutor os conduziu sem cerimônia para dentro, Payne teve outro choque de depressão, por assim dizer. Ele talvez esperasse ver-se subindo uma torre muito ruínosa, por estreitíssimas escadas sinuosas; mas, neste caso, os primeiros passos para dentro da casa, na verdade, eram degraus para baixo. Eles desceram várias escadas curtas e quebradas em grandes salas crepusculares que, não fosse por suas filas de retratos escuros e estantes empoeiradas, poderiam ter sido as tradicionais masmorras sob o fosso do castelo. Aqui e ali, alguma vela num castiçal velho iluminava certo detalhe acidental empoeirado de uma elegância morta, mas essa luz artificial não causou ao visitante tão forte impressão, ou depressão, quanto o brilho pálido da luz natural. Ao passar pela sala comprida, ele viu a única janela naquela parede — uma curiosa janela oval baixa, no estilo de fins do século XVII. O estranho é que ela não se abria diretamente para algum trecho do céu, mas apenas para um reflexo do céu: uma faixa pálida de luz do dia apenas refletida no fosso, sob a sombra pendente da encosta. Payne lembrou-se da dama de Shallot, que nunca via o mundo lá fora, exceto através de um espelho. A dama desta Shallot não apenas via o mundo através de um espelho, em certo sentido,

mas também via o mundo de cabeça para baixo.

— É como se, literal e metaforicamente, a casa de Darnaway estivesse caindo — disse Wood em voz baixa. — Como se estivesse afundando, lentamente, em um pântano ou areia movediça, até que o mar a venha cobrir como um telhado verde.

Até mesmo o robusto Dr. Barnet se assustou um pouco com a aproximação silenciosa da figura que veio recebê-los. De fato, a sala estava tão silenciosa que todos ficaram surpresos ao perceber que não estava vazia. Havia três pessoas quando eles entraram: três figuras indistintas imóveis na sala escura, todos os três vestidos de preto e parecendo sombras escuras. Conforme a figura mais adiantada se aproximou da luz cinzenta da janela, exibiu um rosto de aspecto quase tão cinza quanto sua moldura de cabelo. Era o velho Vine, o mordomo, que há muito atuava in loco parentis desde a morte daquele excêntrico pai, o último Lorde Darnaway. Ele teria sido um velho bonito se não tivesse dente algum. Acontece que ele tinha um, que aparecia de vez em quando e lhe dava uma aparência bastante sinistra. Ele recebeu o médico e seus amigos com muita cortesia e os acompanhou até onde estavam sentadas as outras duas figuras de preto. Uma delas, Payne avaliou, dava um toque mais apropriado de antiguidade sombria ao castelo, pelo simples fato de ser um padre católico romano, que poderia ter saído de um esconderijo dos velhos tempos sombrios de perseguição. Payne podia imaginá-lo murmurando orações ou desfiando contas, tocando sinos ou fazendo uma série de coisas indistintas e melancólicas naquele lugar melancólico. Naquele momento, ele poderia estar dando consolo religioso à dama, mas dificilmente se poderia supor que o consolo fosse verdadeiramente consolador ou, ao menos, verdadeiramente animador. Quanto ao resto, a pessoa do padre era bastante insignificante; tinha feições simples e um tanto inexpressivas. Mas a dama era algo muito diferente. Seu rosto estava muito longe de ser simples ou insignificante: com uma palidez que era quase terrível, mas uma beleza quase terrivelmente viva, aquele rosto se destacava da escuridão de seu vestido, de seu cabelo e do cenário. Payne olhou para seu rosto tanto quanto ousou, e ele o olharia por muito mais tempo, antes de morrer.

Wood apenas trocou com seus amigos frases agradáveis e educadas que o levariam ao propósito de visitar os retratos. Ele se desculpou por aparecer num dia como aquele, que, pelo que soube, seria de boas-vindas familiares; mas logo se convenceu de que a família estava levemente aliviada pela chegada das visitas para distraí-los ou quebrar o choque. Ele não hesitou, portanto, em conduzir Payne através da sala de recepção central até a biblioteca, onde estava pendurado o retrato, pois havia um que ele estava especialmente empenhado em mostrar, não apenas como uma imagem, mas quase como um enigma. O pequeno padre caminhou com eles. Ele parecia saber algo sobre retratos antigos, bem como sobre orações antigas.

— Estou bastante orgulhoso de o ter notado — disse Wood. — Acredito que seja um Holbein. Se não for, algum pintor, contemporâneo de Holbein, era tão bom quanto Holbein.

Era um retrato no estilo austero, mas sincero e vivo da época, representando um homem vestido de preto enfeitado com ouro e pele, de rosto pesado, cheio, um tanto pálido, mas olhos atentos.

— Que pena que a arte não poderia parar para sempre exatamente nesse estágio de transição — exclamou Wood — e nunca mais mudasse. Não percebe que é realista o suficiente para ser real? Você não vê que o rosto fala tanto mais porque se destaca em relação à uma moldura mais rígida de coisas menos essenciais? E os olhos são ainda mais reais que o rosto. Pela minha alma, acho que os olhos são reais demais para o rosto! É como se esses astutos e rápidos globos oculares se projetassem de uma grande máscara pálida.

— Acho que a rigidez do rosto se estende um pouco à figura — disse Payne. — Eles ainda não tinham dominado a anatomia quando o medievalismo terminou, pelo menos no Norte. O desenho dessa perna esquerda me parece bastante imperfeito.

— Não tenho tanta certeza — respondeu Wood calmamente. — Esses homens que pintavam quando o realismo teve início, e antes que começasse a ser exagerado, muitas vezes eram mais realistas do que pensamos. Acrescentam legítimos detalhes de representação em coisas que são consideradas meramente convencionais. Você pode dizer que as sobranceiras ou as órbitas desse sujeito estão um pouco tortas, mas aposto que se você o conhecesse, descobriria que uma de suas sobranceiras realmente se destacava mais do que a outra. E não me admiraria se ele fosse coxo ou algo assim, e se essa perna preta fosse mesmo torta.

— Ele parece um diabo velho! — Payne explodiu. — Espero que o reverendo padre perdoe minha linguagem.

— Eu acredito no Diabo, não se preocupe — disse o padre com uma cara inescrutável. — Curiosamente, havia uma lenda de que o Diabo era coxo.

— Ora, vamos — protestou Payne. — Não está querendo dizer que esse cara era realmente o Diabo. Mas quem diabos foi ele?

— Foi o Lorde Darnaway sob Henrique VII e Henrique VIII — respondeu seu companheiro. — Mas também existem lendas curiosas a seu respeito, uma delas é mencionada nessa inscrição ao redor da moldura e desenvolvida em algumas notas deixadas por alguém em um livro que encontrei aqui. Ambas

são uma leitura bastante curiosa.

Payne se inclinou para a frente, esticando a cabeça para seguir a inscrição arcaica ao redor da moldura. Ignorando as letras e ortografia antiquadas, parecia ser uma espécie de estrofe que dizia:

No sétimo herdeiro retornarei,
na sétima hora partirei;
ninguém nesta hora segure a minha mão:
e aí daquela que segurar meu coração.

— Parece um tanto assustador — disse Payne —, mas parte do efeito pode se dar porque eu não entendo uma palavra.

— É muito assustador, mesmo quando você entende — disse Wood em voz baixa. — O registro feito em uma data posterior, no livro antigo que encontrei, é sobre como esse bonitão deliberadamente se matou de tal maneira que sua esposa foi executada por seu assassinato. Outra nota comemora uma tragédia posterior, sete sucessões depois, sob os Jorges, em que outro Darnaway cometeu suicídio, após intencionalmente envenenar o vinho de sua esposa. Dizem que os dois suicídios aconteceram às sete da noite. Suponho que a conclusão é que ele realmente retorna com cada sétimo herdeiro e torna as coisas desagradáveis, como sugere a estrofe, para qualquer dama suficientemente imprudente para estar casada com ele.

— Sob esse aspecto — respondeu Payne —, a situação do próximo sétimo cavalheiro seria um pouco desconfortável.

A voz de Wood soou ainda mais grave quando ele disse:

— O novo herdeiro será o sétimo.

Harry Payne, subitamente, levantou seu grande peito e ombros, como um homem que se livra de um fardo.

— De que loucuras estamos falando? — exclamou ele. — Somos todos homens educados em uma era iluminada, suponho. Antes de entrar nesta maldita atmosfera úmida, eu nunca teria acreditado que jamais falaria sobre coisas desse tipo, exceto para rir delas.

— Você está certo — disse Wood. — Se você vivesse o suficiente neste palácio subterrâneo, começaria a ter uma percepção diferente das coisas. Eu passei a me sentir de modo muito curioso a respeito daquele retrato, depois de ter me envolvido tanto com seu manuseio e exposição. Às vezes me parece que o rosto pintado é mais vivo do que os rostos mortos das pessoas que vivem aqui;

que é uma espécie de talismã ou ímã; que comanda os elementos e traça os destinos dos homens e das coisas. Acho que você diria que isso é muito fantasioso.

— Que barulho é esse? — Payne gritou de repente.

Todos se puseram atentos e não parecia haver qualquer barulho, exceto o estrondo surdo do mar distante. Então começaram a ter a sensação de que algo se misturava a ele, algo como uma voz chamando através do som da arrebentação, a princípio abafada por ela, mas se aproximando cada vez mais. No momento seguinte, eles tiveram certeza: alguém estava gritando no crepúsculo lá fora.

Payne se virou para a janela baixa atrás dele e se curvou para olhar para fora. Era a janela de onde nada se via a não ser o fosso com seu reflexo da encosta e do céu. Mas aquela visão invertida não era a mesma que ele tinha visto antes. Da sombra da encosta suspensa na água pendiam duas sombras escuras lançadas pelos pés e pernas de uma figura em pé sobre a encosta. Pela estreita abertura, eles nada podiam ver além das duas pernas negras contra o reflexo de um pôr do sol pálido e lívido. De alguma forma, porém, o próprio fato da cabeça ser invisível, como se estivesse nas nuvens, conferiu um teor terrível ao som que se seguiu. A voz de um homem gritando, em voz alta, algo que eles não puderam ouvir ou entender direito. Payne, especialmente, estava espiando pela janelinha com um rosto alterado, e com uma voz alterada ele disse:

— Que postura estranha a dele, lá em pé!

— Não, não — disse Wood, numa espécie de sussurro tranquilizador.

— Muitas vezes, o reflexo deixa as coisas assim. É a oscilação da água que lhe causa essa impressão.

— Qual impressão? — o padre perguntou brevemente.

— De que a perna esquerda dele está torta — disse Wood.

Payne tinha pensado na janela oval como uma espécie de espelho místico, e parecia-lhe que ele continha outras inescrutáveis imagens catastróficas. Havia algo mais que ele não entendia, além da silhueta: três pernas mais finas com a forma de linhas escuras contra a luz, como se uma monstruosa aranha ou pássaro de três pernas estivesse parado ao lado do estranho. Então ocorreu-lhe a noção menos insana de um tripé como o dos oráculos pagãos, e no momento seguinte a coisa havia desaparecido e as pernas da figura humana sumiram de cena.

Voltando-se, ele encontrou o rosto pálido do velho Vine, o mordomo, com a boca aberta, ansioso para falar e com seu único dente exposto.

— Ele chegou — disse ele. — O barco chegou da Austrália esta manhã.

Já enquanto saíam da biblioteca para o salão central, ouviram os passos do recém-chegado descendo os degraus da entrada, arrastando atrás de si vários itens de bagagem leve. Quando Payne viu um deles, riu com uma reação de alívio. O tripé nada mais era do que as pernas telescópicas de uma câmera portátil, facilmente montável e desmontável, e o homem que o carregava parecia, até o momento, demonstrar qualidades igualmente sólidas e normais. Ele estava vestido com roupas escuras, mas de estilo informal e festivo; sua camisa era de flanela cinza, e suas botas ressoavam sem restrições naqueles aposentos silenciosos. Quando avançou para cumprimentar seu novo círculo, seus passos deram pouco mais que uma insinuação de um coxeio. Mas Payne e seus companheiros olhavam seu rosto e mal conseguiam tirar os olhos dele.

Ele evidentemente sentiu que havia uma nota curiosa e desconfortável em sua recepção, mas eles poderiam jurar que ele mesmo não sabia qual era o motivo disso. A dama, supostamente já prometida a ele, sem dúvida era bonita o suficiente para atraí-lo; mas era evidente que ela também o assustava. O velho mordomo fez-lhe uma espécie de homenagem feudal, mas tratou-o como se fosse o fantasma da família. O padre ainda o olhava com um rosto totalmente indecifrável e, portanto, talvez ainda mais enervante. Um novo tipo de ironia, mais parecido com a ironia grega, começou a passar pela cabeça de Payne. Ele havia imaginado o estranho como um demônio, mas o fato de ele ser um destino inconsciente quase parecia pior. Ele parecia marchar para o crime com a monstruosa inocência de Édipo. Ele havia se aproximado da mansão da família com um espírito tão cegamente vivaz que montou sua câmera para fotografar sua primeira visão, e até a câmera assumiu a aparência do tripé de uma pitonisa trágica.

Pouco depois, ao despedir-se, Payne foi surpreendido por algo que mostrava que o australiano já estava menos inconsciente do que o rodeava. Ele disse em voz baixa:

— Não vá... ou volte logo. O senhor parece um ser humano. Este lugar me dá calafrios.

Quando Payne emergiu daqueles corredores quase subterrâneos e se viu cercado pelo ar da noite e o cheiro do mar, sentiu como se tivesse saído do submundo dos sonhos em que os eventos se amontoam de uma maneira ao mesmo tempo inquietante e irreal. A chegada do estranho parente fora um tanto insatisfatória e, por assim dizer, pouco convincente. A duplicação do mesmo rosto no retrato antigo e no recém-chegado o perturbava como um monstro de duas cabeças. E, no entanto, não era totalmente um pesadelo, nem era aquele rosto, talvez, que ele via com mais nitidez.

— O que você disse mesmo? — ele perguntou ao médico, enquanto caminhavam juntos pelas areias escuras e listradas do mar que escurecia. — O senhor disse que o jovem estava noivo da Srta. Darnaway por um pacto familiar ou algo assim? Parece um romance.

— Mas um romance histórico — respondeu o Dr. Barnet. — Todos os Darnaways foram dormir alguns séculos atrás, quando de fato aconteciam coisas que só vemos em romances. Sim, acredito que haja alguma tradição familiar pela qual os primos de segundo ou terceiro grau sempre se casam quando estão em certa relação de idade, para juntar os bens. Uma tradição incrivelmente tola, devo dizer. E se eles frequentemente se casam dessa maneira, o fato de estarem tão estragados pode ser atribuído aos princípios da hereditariedade.

— Eu não diria — respondeu Payne, com certa seriedade — que todos eles se estragaram.

— Bem — respondeu o médico —, o rapaz não parece estragado, é claro, embora certamente seja coxo.

— O rapaz! — exclamou Payne, repentina e irracionalmente zangado. — Bem, se o senhor acha que a moça parece estragada, acho que é o seu gosto que está estragado.

O rosto do médico ficou sombrio e amargo.

— Acho que sei mais sobre isso do que você — disparou ele.

Completaram a caminhada em silêncio, cada um sentindo que havia sido rude de maneira pouco razoável e sofrera uma rudeza igualmente irracional; e Payne ficou ruminando a questão sozinho, pois seu amigo Wood havia ficado para trás para cuidar de alguns assuntos relacionados aos retratos.

Payne aproveitou ao máximo o convite feito pelo primo vindo da colônia, que procurava alguém para alegrá-lo. Durante as semanas seguintes, ele frequentou bastante o escuro interior da casa dos Darnaways, embora possamos dizer que não se limitou apenas a alegrar o novo amigo. A melancolia da dama era mais antiga e talvez precisasse de um apoio maior. De qualquer forma, ele demonstrou uma laboriosa prontidão para apoiá-la. No entanto, era um homem consciente e a situação o deixava hesitante e desconfortável. Semanas se passaram e ninguém conseguia descobrir, pelo comportamento do novo Darnaway, se ele se considerava ou não comprometido conforme o antigo pacto. Perambulava pelas galerias escuras e ficava olhando vagamente o quadro escuro e sinistro. As sombras daquela prisão certamente estavam começando a se fechar sobre ele, e pouco restava de sua autoconfiança australiana. Mas Payne não conseguia descobrir nada sobre

o ponto que mais o preocupava. Certa vez, ele tentou se abrir com seu amigo Martin Wood, enquanto este tratava de suas responsabilidades na conservação de quadros, mas nem mesmo Martin pôde tranquilizá-lo.

— Acho que não há nada que você possa fazer — disse Wood secamente —, por causa do noivado.

— Claro que não vou tentar nada se existe um noivado — retorquiu seu amigo —; mas há? Eu não disse a ela uma palavra, é claro, mas já a conheço o suficiente para ter certeza de que ela não considera a existência do noivado, ainda que acredite que um dia ele poderá acontecer. Ele também não diz que há, nem sequer sugere que deveria haver. Eu acho esta leviandade bastante injusta com todos.

— Especialmente com você, suponho — disse Wood, um pouco áspero. — Mas se me perguntar, direi o que penso... acho que ele está com medo.

— Medo de ser recusado? — perguntou Payne.

— Não. Medo de ser aceito — respondeu o outro. — Não me mate... não quero dizer que ele tem medo da dama. Quero dizer que ele tem medo do retrato.

— Medo do retrato! — repetiu Payne.

— Quero dizer, medo da maldição — disse Wood. — Você não lembra da rima sobre a sina dos Darnaways que cairia sobre eles?

— Sim, mas veja — exclamou Payne. — Nem mesmo a sina dos Darnaways pode atirar para todos os lados ao mesmo tempo. Primeiro você me diz que não posso buscar meu objetivo, por causa do pacto. Depois que o pacto não pode atingir seu objetivo, por causa da maldição. Mas se a maldição pode destruir o pacto, por que Srta. Darnaway deveria ser obrigada ao pacto? Se eles têm medo de se casar entre si, são livres para se casar com qualquer outra pessoa e ponto final. Por que devo sofrer pela observância de algo que eles não se propõem a observar? Parece-me que sua posição é muito irracional.

— Claro que é tudo um emaranhado — disse Wood, um tanto irritado, e continuou martelando na moldura de uma tela.

De repente, certa manhã, o novo herdeiro quebrou seu longo e desconcertante silêncio. Ele fez isso de uma forma curiosa, um pouco grosseira, como era o seu jeito, mas com uma óbvia ânsia de fazer a coisa certa. Ele pediu conselhos francamente, não deste ou daquele indivíduo como Payne havia feito, mas a todos coletivamente. Quando falou, ele se lançou sobre toda

a turma, como um estadista viajando para o interior. Ele chamou isso de “pôr as cartas na mesa”. Felizmente a senhora não foi incluída neste grande gesto, e Payne estremeceu quando pensou nos sentimentos dela. Mas o australiano estava sendo totalmente sincero. Ele achava natural pedir ajuda e informações, convocando uma espécie de conselho familiar onde poderia pôr as cartas na mesa. Pode-se dizer que ele jogou as cartas na mesa, pois o fez com um ar bastante desesperado, como alguém que, por dias e noites, tem sido assediado pela pressão crescente de um problema. Nesse curto espaço de tempo, as sombras daquele lugar de janelas baixas e andares subterrâneos o haviam modificado e aumentado uma certa semelhança que se insinuava pelas memórias de todos os presentes.

Os cinco homens, incluindo o médico, estavam sentados em volta de uma mesa, e Payne refletia distraidamente que seus próprios tweeds claros e cabelos ruivos deviam ser as únicas cores na sala, pois o padre e o mordomo usavam preto, e Wood e Darnaway habitualmente usavam ternos cinza-escuros que pareciam quase pretos. Talvez fosse a essa incongruência que o jovem se referia ao chamá-lo de ser humano. Nesse momento, o próprio jovem virou-se abruptamente em sua cadeira e começou a falar. Um momento depois, o atordoado artista entendeu que o outro estava falando sobre a coisa mais terrível do mundo.

— Alguma coisa nisso é real? — ele estava dizendo. — É isso que venho me perguntando até quase enlouquecer. Eu nunca teria acreditado que chegaria a pensar em coisas assim, mas penso no retrato, na rima e nas coincidências ou como quer que vocês as chamem, e tenho calafrios. Isso faz algum sentido? Existe alguma sina dos Darnaways ou é apenas um maldito acidente estranho? Tenho o direito de me casar? Ou, ao fazer isso, atrairei do Céu, contra mim e outra pessoa, algo imenso e obscuro do qual nada sei?

Seus olhos revirados vagaram pela mesa e pousaram no rosto simples do padre, com quem ele agora parecia estar falando. A praticidade de Payne, submersa, ergueu-se em protesto contra a apresentação do problema da superstição a esse juiz extremamente supersticioso. Ele estava sentado ao lado de Darnaway e atacou antes que o padre pudesse responder.

— Bem, admito que as coincidências são curiosas — disse Payne, forçando um pouco um tom de alegria —; mas nós, com certeza... — e então ele parou, como se tivesse sido atingido por um raio. Pois Darnaway havia virado a cabeça abruptamente por cima do ombro com a interrupção e, com o movimento, sua sobranceira esquerda erguia-se bem acima da outra. Por um instante o rosto do retrato o encarou com um medonho exagero de exatidão. Os outros viram isso, e todos pareciam ter sido deslumbrados por um raio de luz. O velho mordomo deu um gemido.

— Isso não está bem — disse ele com voz rouca. — Estamos lidando com algo terrível demais.

— Sim — concordou o padre em voz baixa —, estamos lidando com algo terrível; com a coisa mais terrível que conheço, cujo nome é “bobagem”.

— O que o senhor disse? — perguntou Darnaway, ainda olhando para ele.

— Eu disse “bobagem” — repetiu o padre. — Eu particularmente não tinha dito nada até agora, pois não era da minha conta. Eu estava apenas em um trabalho temporário na vizinhança e a Srta. Darnaway pediu para me ver. Mas já que está me perguntando pessoalmente e à queima-roupa, ora, é fácil responder. Claro que não há nenhuma sina dos Darnaways para impedir que você se case com alguém com quem tenha um motivo decente para se casar. Um homem não está fadado a cair no menor pecado venial, muito menos em crimes como suicídio e assassinato. Você não pode ser arrastado a fazer coisas perversas contra sua vontade só porque seu nome é Darnaway, assim como eu não posso ser arrastado a nada apenas porque meu nome é Brown. “A sina dos Browns” — acrescentou com deleite —, a “esquisitice dos Browns” soaria ainda melhor.

— E é o senhor, entre todas as pessoas — repetiu o australiano, olhando fixamente —, quem me diz para pensar no assunto dessa maneira.

— Peço que pense em outra coisa — respondeu o padre, alegremente. — O que aconteceu com a nova arte da fotografia? Como está a câmera? Sei que está um pouco escuro lá embaixo, mas aqueles arcos ociosos no andar de cima poderiam facilmente ser transformados em um estúdio fotográfico de primeira linha. Uns poucos trabalhadores poderiam, num piscar de olhos, instalar um teto de vidro lá.

— Realmente — protestou Martin Wood —, de verdade eu imaginava que o senhor deveria ser o último homem no mundo a querer mexer naqueles belos arcos góticos, que são o melhor trabalho que sua religião já fez. Eu apostaria que o senhor tivesse algum sentimento por esse tipo de arte, mas não entendo por que se interessa tanto por fotografia.

— Gosto muito da luz do dia — respondeu Padre Brown —, especialmente em assuntos sombrios. E a fotografia tem a virtude de depender da luz do dia. E se ignora que eu transformaria todos os arcos góticos do mundo em pó para salvar a sanidade de uma única alma humana, você não sabe tanto sobre minha religião quanto pensa que sabe.

O jovem australiano ficou de pé como um homem rejuvenescido.

— Caramba! — exclamou. — É assim que se fala. Embora eu nunca

imaginei que fosse ouvir isso de alguém como o senhor. Quer saber, reverendo, farei algo para mostrar que, afinal, não perdi a coragem.

O velho mordomo ainda estava olhando para ele com uma vigilância trêmula, como se pressentisse algo assustador na ousadia do jovem.

— Oh! — exclamou ele. — O que o senhor vai fazer agora?

— Vou fotografar o retrato — respondeu Darnaway.

No entanto, apenas uma semana depois, a catástrofe pareceu cair do céu, como uma tormenta, escurecendo aquele sol de sanidade ao qual o padre havia apelado em vão, e voltando a mergulhar a mansão na treva da sina dos Darnaways. Tinha sido bastante fácil instalar o novo estúdio, e visto de dentro ele parecia muito com qualquer outro estúdio, vazio exceto pela plenitude da luz branca. Alguém que viesse dos salões sombrios no andar de baixo teria uma sensação mais intensa do que o normal de adentrar um brilho mais do que moderno, tão branco quanto o futuro. Por sugestão de Wood, que conhecia bem o castelo e havia superado suas primeiras queixas estéticas, uma pequena sala que permanecia intacta nas ruínas do andar superior foi facilmente transformada em uma sala escura, na qual Darnaway abandonava a luz do dia para tatear sob o brilho carmesim de uma lâmpada vermelha. Wood dizia, rindo, que a lâmpada vermelha o reconciliava com o vandalismo, pois aquela escuridão banhada de sangue era tão romântica quanto a caverna de um alquimista.

Darnaway levantara-se ao amanhecer, no dia em que pretendia fotografar o retrato misterioso, e o carregou da biblioteca pela única escada em espiral que ligava os dois andares. Lá ele o montou à luz do dia sobre uma espécie de cavalete e abriu seu tripé fotográfico diante dele. Ele disse que estava ansioso para enviar uma reprodução do quadro para um grande antiquário que havia escrito sobre as antiguidades da casa, mas os outros sabiam que isso era uma desculpa para encobrir coisas mais profundas. Era, se não exatamente um duelo espiritual entre Darnaway e a imagem demoníaca, pelo menos um duelo entre Darnaway e suas próprias dúvidas. Ele queria promover o encontro entre a luz diurna da fotografia e aquela sombria obra-prima da pintura, e descobrir se o sol da nova arte não expulsaria as sombras da velha.

Talvez por isso preferisse fazê-lo sozinho, mesmo que alguns detalhes parecessem mais demorados e custosos do que o normal. De qualquer forma, ele desencorajou os poucos que visitaram seu estúdio durante o dia do experimento, e que o encontraram concentrado e agitado, em um isolamento impenetrável. O mordomo havia deixado uma refeição para ele, que se recusara a descer. O velho cavalheiro também voltou algumas horas depois e

encontrou a refeição mais ou menos finalizada como de costume, mas quando mencionou isso, não recebeu nenhum sinal de gratidão além de um grunhido. Payne subiu uma vez para ver como ele estava, mas, descobrindo que o fotógrafo não queria conversar, voltou a descer. Padre Brown percorreu discretamente o caminho, para entregar a Darnaway uma carta do especialista a quem a fotografia deveria ser enviada. Porém deixou a carta em uma bandeja, e o que quer que tenha pensado sobre aquela grande estufa cheia de luz diurna e tal devoção a um passatempo, um mundo que em certo sentido ele mesmo havia criado, guardou para si mesmo e desceu. Muito em breve, ele teve motivos para lembrar que foi o último a descer a escada solitária que ligava os andares, deixando para trás um homem solitário em um cômodo vazio. Os outros estavam no salão que dava para a biblioteca, logo abaixo do grande relógio de ébano negro que parecia um caixão enorme.

— Como estava Darnaway — perguntou Payne, um pouco mais tarde — quando o senhor subiu lá pela última vez?

O padre passou a mão na testa.

— Não me diga que estou ficando místico — disse ele com um sorriso triste. — Acho que fui bastante ofuscado pela luz do dia na sala e não consegui ver as coisas direito. Honestamente, por um instante eu senti como se houvesse algo estranho na figura de Darnaway diante daquele retrato.

— Ah, é a perna manca — disse Barnet prontamente. — Sabemos como é.

— Sabe — disse Payne abruptamente, mas baixando a voz —, acho que não sabemos como é, não sabemos nada. Qual é o problema com a perna dele? Qual era o problema com a perna de seu ancestral?

— Oh, há algo sobre isso no livro que eu estava lendo lá, nos arquivos da família — disse Wood. — Vou buscá-lo para você — e ele entrou na biblioteca logo adiante.

— Acho — disse o Padre Brown calmamente — que o Sr. Payne deve ter algum motivo especial para perguntar isso.

— Acho que não faz mal falar de uma vez — disse Payne, mas em voz ainda mais baixa. — No fim das contas, há uma explicação racional. Qualquer homem, em qualquer lugar, poderia se tornar parecido com o retrato. O que sabemos sobre Darnaway? Ele está se comportando de maneira estranha...

Os outros estavam olhando para ele de uma forma bastante assustada, mas o padre pareceu analisar o assunto com muita tranquilidade.

— Acho que o retrato antigo nunca foi fotografado — disse ele. — É por isso

que ele quer fazer isso. Não acho que há nada de estranho.

— Na verdade, uma situação bastante comum — disse Wood com um sorriso; ele acabava de voltar, com o livro na mão. E bem enquanto ele falava, houve um movimento no mecanismo do grande relógio escuro atrás dele, e sucessivas batidas vibraram pela sala, contando até sete. Com a última pancada, soou no andar de cima um estrondo que sacudiu a casa como um raio, e Padre Brown já havia subido dois degraus na escada em caracol antes que o som cessasse.

— Meu Deus! — gritou Payne, involuntariamente. — Ele está sozinho lá em cima.

— Sim — disse o Padre Brown sem se virar, enquanto desaparecia escada acima. — Nós o encontraremos sozinho.

Quando o resto se recuperou da primeira paralisia e subiu correndo os degraus de pedra dirigindo-se para o novo estúdio, era verdade que o encontraram sozinho. Eles o encontraram caído em meio aos destroços de sua alta câmara, com os grandes pés da máquina estilhaçados e se projetando grotescamente em três direções diferentes. Darnaway havia caído sobre ela e a escura perna torta formava um quarto ângulo paralelo ao chão. Por um momento, o corpo parecia estar emaranhado em alguma horrível aranha gigante. Pouco mais do que um olhar e um toque foram necessários para lhes dizer que ele estava morto. Apenas o retrato permanecia intocado no cavalete, e podia-se imaginar que os olhos brilhavam com um sorriso.

Uma hora depois, Padre Brown, ajudando a acalmar a confusão da família atingida, encontrou o velho mordomo resmungando de uma maneira quase tão mecânica quanto a do relógio ao marcar a terrível hora. Quase sem ouvi-las, ele sabia quais deveriam ser as palavras murmuradas.

No sétimo herdeiro retornarei,
na sétima hora partirei.

Quando ele estava prestes a dizer algo reconfortante, o velho de repente pareceu começar a despertar e enrijecer de raiva. Seus murmúrios mudaram-se num grito feroz.

— Você! — ele bradou. — Você e sua luz do dia! Nem mesmo você vai negar, agora, que existe a sina dos Darnaways.

— Minha opinião a respeito não mudou — disse o Padre Brown, suavemente. Então, depois de uma pausa, acrescentou: — Espero que você cumpra o último desejo do pobre Darnaway e providencie o envio da fotografia.

— A foto! — exclamou o médico bruscamente. — De que adianta, agora? Na verdade, é bastante curioso, mas não há nenhuma fotografia. Afinal, parece que ele não chegou a tirar a foto, depois de trabalhar o dia todo.

Padre Brown girou bruscamente.

— Então tirem vocês mesmos — disse ele. — O pobre Darnaway estava certíssimo. É muito importante que a fotografia seja tirada.

Quando todos os visitantes, o médico, o padre e os dois artistas se afastaram em uma procissão negra e sombria pelas areias marrons e amarelas, a princípio mantiveram-se mais ou menos silenciosos, como se estivessem atordoados. E decerto houve algo semelhante a um trovão em um céu claro no cumprimento da superstição esquecida no exato momento em que eles a haviam esquecido; quando o médico e o padre tinham preenchido suas mentes de racionalismo, assim como o fotógrafo enchera seus aposentos de luz do dia. Eles poderiam ser tão racionalistas quanto quisessem, mas em plena luz do dia o sétimo herdeiro havia retornado, e em plena luz do dia, na sétima hora, ele pereceu.

— Receio que agora todos sempre acreditarão na superstição sobre os Darnaways — disse Martin Wood.

— Eu conheço uma pessoa que não acreditará — disse o médico, rispidamente. — Por que eu deveria me entregar à superstição pelo fato de outra pessoa se entregar ao suicídio?

— O senhor acha que o pobre Sr. Darnaway cometeu suicídio? — perguntou o padre.

— Tenho certeza de que ele cometeu suicídio — respondeu o médico.

— É possível — concordou o outro.

— Ele estava completamente sozinho lá em cima, e ele tinha todo um catálogo de venenos no quarto escuro. Além disso, é exatamente o tipo de coisa que os Darnaways fazem.

— O senhor não acha que há algum sentido de cumprimento da maldição familiar?

— Sim — disse o médico. — Acredito em uma maldição familiar, e a constituição familiar é essa maldição. Eu lhe disse que era hereditariedade, e eles são todos meio loucos. Se estagnar, acasalar e procriar assim em seu próprio pântano, você está fadado a degenerar, queira ou não. As leis da hereditariedade não podem ser evitadas. As verdades da ciência não podem ser negadas. As mentes dos Darnaways estão se desmanchando, assim como

seus velhos paus e pedras arruinados estão se desmanchando, consumidos pelo mar e pelo ar salgado. Suicídio... é claro que ele cometeu suicídio. Ouso dizer que todos os outros cometerão suicídio. Talvez seja a melhor coisa que eles possam fazer.

Enquanto o homem da ciência falava, surgiu de repente e com clareza surpreendente na memória de Payne o rosto da jovem Darnaway, uma pálida máscara trágica cercada por uma escuridão insondável, mas ela própria de uma beleza ofuscante e mais do que fatal. Ele abriu a boca para falar e se viu sem palavras.

— Entendo — disse o Padre Brown ao médico. — Então o senhor acredita na superstição, afinal?

— O que quer dizer com acreditar na superstição? Acredito no suicídio como uma questão de necessidade científica.

— Bem — respondeu o padre —, não vejo diferença entre a sua superstição científica e a outra superstição mágica. Ambas parecem acabar transformando as pessoas em paráliticos, incapazes de mover suas próprias pernas ou braços ou salvar suas próprias vidas ou almas. A estrofe dizia que a sina dos Darnaways era ser morto, e o livro científico diz que a sina dos Darnaways é se matar. Em ambos os casos, eles parecem ser escravos.

— Mas eu pensei que o senhor tinha dito acreditar em visões racionais dessas coisas — disse o Dr. Barnet. — O senhor não acredita em hereditariedade?

— Eu disse que acreditava na luz do dia — respondeu o padre em voz alta e clara — e não vou escolher entre dois túneis de superstição subterrânea que terminam, ambos, no escuro. E a prova disso é esta: vocês estão totalmente no escuro sobre o que realmente aconteceu naquela casa.

— Refere-se ao suicídio? — perguntou Payne.

— Refiro-me ao assassinato — disse o Padre Brown, e sua voz, embora apenas ligeiramente elevada, pareceu ressoar, de alguma forma, por toda a costa. — Foi assassinato, mas assassinato é um ato da vontade, que Deus criou livre.

O que os outros disseram em resposta a isso, naquele instante, Payne nunca soube. Pois a palavra teve um efeito bastante curioso sobre ele. Agitando-o como o toque de uma trombeta e, contudo, fazendo-o parar. Ele ficou parado no meio do deserto arenoso e deixou os outros irem à sua frente. Sentia o sangue correr por todas as suas veias e a sensação que chamam de arrepio, e no entanto, sentia uma felicidade nova e antinatural. Um processo psicológico muito rápido e muito complicado para que ele o seguisse já havia chegado a

uma conclusão que ele não conseguia analisar, mas a conclusão era de alívio. Depois de ficar parado por um momento, ele se virou e, lentamente, caminhou pelas areias até a casa dos Darnaways.

Atravessou o fosso com um passo que sacudiu a ponte, desceu as escadas e atravessou os longos quartos com um passo retumbante, até chegar ao local onde Adelaide Darnaway estava sentada sob o halo da débil luz da janela oval, quase como uma santa esquecida no vale da morte. Ela olhou para cima, e uma expressão de admiração tornava seu rosto ainda mais maravilhoso.

— O que há? — disse ela. — Por que voltou?

— Eu vim buscar a Bela Adormecida — disse ele num tom que parecia uma risada. — Esta velha casa adormeceu há muito tempo, como disse o médico, mas é tolice da sua parte fingir que é velha. Venha para a luz do dia e ouça a verdade. Eu trouxe uma palavra para você, é uma palavra terrível, mas ela quebra o encanto do seu cativeiro.

Ela não entendeu uma palavra do que ele disse, mas algo a fez se levantar e permitir que ele a conduzisse pelo longo corredor, subindo as escadas e saindo sob o céu noturno. As ruínas de um jardim morto estendiam-se para o mar, e lá ainda havia uma velha fonte com a figura de um tritão, esverdeado de zinabre, cujo chifre seco nada derramava em uma bacia vazia. Muitas vezes ele tinha visto aquele contorno desolado contra o céu noturno enquanto passava, e ele lhe parecia, de diversas formas, um tipo de fortuna perdida. Em breve, sem dúvida, aquelas fontes ocas estariam cheias, mas seria com as amargas águas verde-claras do mar, e as flores seriam afogadas e sufocadas por algas marinhas. Então, ele dizia a si mesmo, a filha dos Darnaways poderia, de fato, se casar; mas ela estaria casada com a morte e uma sina tão surda e implacável quanto o mar. Agora, porém, ele tinha a mão no tritão de bronze, que era como a mão de um gigante, e o sacudia como se pretendesse derrubá-lo como um ídolo ou um deus maligno do jardim.

— O que você quer dizer? — ela perguntou firmemente. — Que palavra é essa que nos libertará?

— A palavra é assassinato — disse ele —, e a liberdade que ela traz é tão fresca quanto as flores da primavera. Não, não quero dizer que matei alguém. Mas o fato de que qualquer um pode ser assassinado é uma boa notícia, depois dos pesadelos que você tem vivido. Não entende? Nesse seu pesadelo, tudo que lhe aconteceu vinha de dentro de você: a sina dos Darnaways se ocultava nos Darnaways. Ela desabrochava como uma flor horrível. Não havia escapatória, nem mesmo por um feliz acidente. Tudo era inevitável, fosse segundo Vine e seus antigos contos folclóricos ou segundo Barnet e sua moderna hereditariedade. Mas este homem que morreu não foi vítima de uma maldição

mágica nem de uma loucura herdada. Ele foi assassinado, e para nós esse assassinato é simplesmente um acidente. Sim, requiescat in pace, mas um acidente feliz. É um raio de luz do dia, porque vem de fora.

Ela sorriu de repente.

— Sim, acho que compreendo. Eu suponho que você esteja falando como um lunático, mas entendo. Mas quem o assassinou?

— Eu não sei — respondeu ele calmamente —, mas o Padre Brown sabe. E como diz o Padre Brown, o assassinato é, pelo menos, algo realizado pela vontade, que é livre como o vento do mar.

— Padre Brown é uma pessoa maravilhosa — disse ela após uma pausa —; ele foi a única pessoa que iluminou minha existência de alguma forma, antes...

— Antes de quê? — perguntou Payne e fez um movimento quase impetuoso, inclinando-se para ela e empurrando o monstro de bronze para longe de tal maneira que este pareceu balançar em seu pedestal.

— Bem, antes de você — ela disse e sorriu novamente.

Assim, o palácio adormecido foi despertado, e não compete a esta história descrever os estágios de seu despertar, embora ele ocorresse, em grande parte, antes que a escuridão daquela noite caísse sobre a praia. Ao caminhar mais uma vez de volta para casa, através daquelas areias escuras que ele havia cruzado outras vezes com ânimos tão diversos, Harry Payne estava no ápice da felicidade que é dada nesta vida mortal, e o mar vermelho dentro dele estava em sua mais alta maré. Ele não teria dificuldade em imaginar todo aquele lugar voltando a florescer, o tritão de bronze brilhante como um deus dourado e água ou vinho a fluir da fonte. Mas todo esse brilho e florescimento lhe tinham sido revelados pela palavra “assassinato”, e esta era ainda uma palavra que não entendia. Ele a havia aceitado em confiança, e não errou nisso; pois ele era um daqueles que têm um dom para reconhecer a verdade.

Mais de um mês depois, Payne voltou à sua casa em Londres, a fim de seguir para um encontro marcado com o Padre Brown, levando consigo a fotografia solicitada. Seu romance pessoal havia prosperado tão bem quanto possível, sob a sombra de tal tragédia, e a sombra em si, portanto, era bem mais leve sobre ele, mas era difícil ver aquilo como algo além da sombra de uma fatalidade familiar. De muitas maneiras, ele havia estado muito ocupado, e foi só quando a família Darnaway retomou sua rotina um tanto severa, e bem depois de o retrato ser devolvido ao seu lugar na biblioteca, que ele conseguiu fotografá-lo com um flash de magnésio. Antes de enviá-lo ao antiquário, conforme originalmente combinado, ele o trouxe ao padre que o havia exigido com tanta

urgência.

— Não consigo entender sua atitude a este respeito, Padre Brown — disse ele. — O senhor age como se já tivesse resolvido o problema de alguma forma.

O padre balançou a cabeça tristemente.

— Nem um pouco — respondeu ele. — Eu devo ser muito estúpido, mas estou completamente emperrado, e emperrado no ponto mais prático de todos. É um negócio esquisito, tão simples até certo ponto e então... Deixe-me dar uma olhada na fotografia, sim?

Ele a segurou por um momento, perto de seus olhos míopes e apertados, e então disse:

— Você tem uma lupa?

Payne apresentou uma, e o padre examinou atentamente por algum tempo e então disse:

— Olhe para o título daquele livro na extremidade da estante, ao lado da moldura. É A história da Papisa Joana. Agora, me pergunto... sim, caramba! E acima há alguma coisa da Islândia. Senhor! Que jeito estranho de descobrir! Que idiota, que burro fui eu, que não notei isso quando estava lá!

— Mas o que o senhor descobriu? — Payne perguntou, impacientemente.

— O último elo — disse o Padre Brown —, e não estou mais emperrado. Sim, acho que agora sei como foi essa história infeliz, do início ao fim.

— Mas por quê? — insistiu o outro.

— Ora, porque — disse o padre com um sorriso — a biblioteca de Darnaway continha livros sobre a Papisa Joana e a Islândia, para não mencionar outro que vejo, cujo título começa com A religião de Frederico, e que não é tão difícil de descobrir como termina. — Então, vendo o aborrecimento do outro, seu sorriso desapareceu e ele disse com mais seriedade: — Na verdade, este último ponto, embora seja o último elo, não é o assunto principal. Havia no caso coisas muito mais curiosas do que isso. Uma delas é mais uma curiosidade probatória. Deixe-me começar dizendo algo que pode surpreender você. Darnaway não morreu às sete horas daquela noite. Ele já estava morto há um dia inteiro.

— Surpreender é uma palavra muito branda — disse Payne severamente —, já que você e eu o vimos andando por aí depois.

— Não, não vimos — respondeu o Padre Brown calmamente. — Acho que nós dois o vimos, ou pensamos tê-lo visto, mexendo com o foco de sua câmera. A cabeça dele não estava debaixo daquela capa preta quando você passou pela sala? Quando eu passei, estava. E é por isso que senti que havia algo estranho na sala e na figura. Não porque a perna estivesse torta, mas sim porque não estava. Ele estava vestido com o mesmo tipo de roupa escura, mas se vir o que julga ser um homem em pé, imitando outro homem, você achará a postura dele estranha e tensa.

— O senhor quer mesmo dizer — exclamou Payne com algo como um estremecimento — que era um homem desconhecido?

— Era o assassino — disse Padre Brown. — Ele já havia matado Darnaway ao raiar do dia e se escondido, junto com o cadáver, no quarto escuro... um excelente esconderijo, porque normalmente ninguém entra lá ou, se entrar, não enxerga muita coisa. Mas ele o derrubou no chão às sete horas, é claro, para que tudo pudesse ser explicado pela maldição.

— Mas eu não entendo — observou Payne. — Por que ele não o matou às sete, em vez de se encarregar de um cadáver por quatorze horas?

— Deixe-me fazer outra pergunta — disse o padre. — Por que nenhuma fotografia foi tirada? Porque o assassino fez questão de matá-lo assim que ele se levantou e antes que pudesse tirá-la. Era essencial, para o assassino, impedir que a fotografia chegasse ao especialista em antiguidades dos Darnaways.

Houve um silêncio repentino por um momento, e então o padre continuou em voz mais grave:

— Não vê como é simples? Ora, você mesmo viu um lado da possibilidade, mas é mais simples até do que pensava. Você disse que um homem poderia se disfarçar para se parecer com um retrato antigo. Certamente é mais simples que um retrato seja alterado para se parecer com um homem. Em palavras simples, sob um ponto de vista bastante especial é verdade que não havia uma sina dos Darnaways. Não havia nenhum retrato antigo. Não havia estrofe antiga. Não havia a lenda de um homem que causou a morte de sua esposa. Mas havia um homem muito perverso e muito esperto que estava disposto a causar a morte de outro homem para roubá-lo de sua prometida esposa.

O padre, subitamente, deu a Payne um sorriso triste, como se o estivesse tranquilizando.

— No momento, acho que pensou que me referia a você — disse ele —, mas você não era a única pessoa que assombrava aquela casa por motivos sentimentais. Você conhece o homem, ou melhor, pensa que conhece. No entanto havia coisas profundas no homem chamado Martin Wood, artista e

antiquário, que nenhum de seus meros conhecidos artísticos poderia adivinhar. Lembre-se que ele foi chamado para criticar e catalogar os retratos. Neste tipo de aristocracia decadente, na prática isso significa simplesmente informar aos Darnaways quais tesouros artísticos eles possuíam. Não ficariam surpresos com o surgimento de coisas que nunca haviam notado antes. Precisava ser algo benfeito, e foi. Talvez ele dissesse a verdade ao declarar que, se o autor não era Holbein, foi alguém do mesmo gênio.

— Sinto-me bastante atordoado — disse Payne —, e há vinte coisas que ainda não vejo. Como ele sabia como era Darnaway? Como ele o matou, de fato? Por ora, os médicos parecem bastante intrigados.

— Eu vi uma fotografia, possuída pela jovem, que o australiano enviou antes de sua chegada — disse o padre —, e há várias maneiras pelas quais ele poderia descobrir coisas, quando o novo herdeiro foi reconhecido. Podemos não conhecer esses detalhes, mas estas não são dificuldades. Você se lembra que ele costumava ajudar no quarto escuro. Me parece um lugar ideal, digamos, para espetar um homem com um alfinete envenenado, com tantos venenos à mão. Não, digo que estas não são dificuldades. A dificuldade que me deixou perplexo foi como Wood poderia estar em dois lugares ao mesmo tempo. Como ele poderia tirar o cadáver da câmara escura e apoiá-lo contra a câmera para que caísse em alguns segundos, sem descer as escadas, quando estava na biblioteca folheando um livro? E fui tão tolo que não olhei os livros da biblioteca. E foi apenas nesta fotografia, por uma sorte muito imerecida, que vi o simples fato de que havia um livro sobre a Papisa Joana.

— O senhor guardou o melhor enigma para o final — disse Payne, severamente. — O que diabos a Papisa Joana tem a ver com isso?

— Não se esqueça do livro sobre algo da Islândia — aconselhou o padre —, ou a religião de um homem chamado Frederico. Resta apenas perguntar que tipo de homem era o falecido Lorde Darnaway.

— Ah, é? — observou Payne, sarcasticamente.

— Ele era um tipo de homem culto, excêntrico e bem-humorado, creio eu — continuou o Padre Brown. — Sendo culto, ele sabia que essa pessoa, a pretensa Papisa Joana, nunca existiu. Sendo bem-humorado, era muito provável que ele tivesse pensado num título como “As cobras da Islândia” ou outra coisa que não existe. Atrevo-me a reconstruir o terceiro título como A religião de Frederico, o Grande... que também não existe. Agora, não lhe parece que esses seriam os melhores títulos para colocar no verso de livros que não existem; ou, em outras palavras, em uma estante que não era uma estante?

— Ah! — exclamou Payne. — Entendo o que quer dizer agora. Havia uma

escada escondida...

— E ela subia para a sala que o próprio Wood selecionou como um quarto escuro — disse o padre, balançando a cabeça. — Sinto muito. Não poderíamos ter evitado. É terrivelmente banal e estúpido, tão estúpido quanto eu fui, neste caso bastante banal. Mas estávamos metidos em um verdadeiro romance velho e bolorento sobre a nobreza decadente e uma mansão familiar em ruínas. Era demais esperar que pudéssemos escapar de uma passagem secreta. Era um esconderijo de padres, da época da perseguição aos católicos. Um “buraco de padre”, e eu mereço ser posto dentro dele.

VIII - O FANTASMA DE GIDEON WISE

Padre Brown sempre considerou este caso como o mais estranho exemplo da teoria do álibi: a teoria pela qual se sustenta, em desafio ao mitológico pássaro irlandês, ser impossível que alguém esteja ao mesmo tempo em dois lugares. Para começar, James Byrne, sendo um jornalista irlandês, talvez fosse o que há de mais próximo do pássaro irlandês. Chegou ele o mais perto possível de estar em dois lugares ao mesmo tempo, pois esteve em dois lugares nos extremos opostos do mundo social e político dentro de um intervalo de vinte minutos. O primeiro foi nos salões babilônicos de um grande hotel chamado Babylon, escolhido como ponto de encontro de três magnatas do comércio que pretendiam organizar um locaute de carvão e denunciá-lo como uma greve dos carvoeiros. O segundo foi em uma curiosa taberna, tendo por fachada uma mercearia, onde se reuniu um triunvirato, mais subterrâneo, de sujeitos que adorariam transformar o locaute em uma greve — e a greve em uma revolução. De um lado para o outro, o repórter transitava entre os três milionários e os três líderes bolchevistas, com a imunidade do moderno arauto ou do novo embaixador.

Ele encontrou os três magnatas da mineração ocultos em uma selva de plantas com flores e uma outra floresta de colunas caneladas e floridas de gesso dourado. Gaiolas douradas estavam penduradas no alto sob as cúpulas pintadas, em meio às mais altas folhas das palmeiras, e nelas havia pássaros de cores heterogêneas e cantos variados. Nunca o canto de um pássaro nos ermos passou mais despercebido, e nenhuma flor jamais desperdiçou sua doçura no ar do deserto mais completamente do que as flores daquelas plantas altas desperdiçadas sobre homens de negócios enérgicos e ofegantes, na maioria americanos, que falavam e corriam de um lado para o outro naquele lugar. E lá, em meio a uma profusão de ornamentos rococós que ninguém nunca observava, uma tagarelice de pássaros estrangeiros caros que ninguém jamais ouvia, uma profusão de sublimes estofados e um labirinto de arquitetura

luxuosa, os três homens sentaram-se e conversaram sobre como o sucesso se baseava no pensamento, na parcimônia e numa economia de vigilância e autocontrole. Um deles, de fato, não falava tanto quanto os outros, mas observava, com olhos muito brilhantes e imóveis que pareciam presos pelo pince-nez, e o sorriso permanente sob seu pequeno bigode preto era um permanente riso de escárnio. Este era o famoso Jacob P. Stein, e ele não falava até que tivesse algo a dizer. Porém seu companheiro, o velho Gallup, da Pensilvânia, um sujeito enorme e gordo com honoráveis cabelos grisalhos, mas rosto de pugilista, falava muito. Ele estava de bom humor, incentivando e também em parte intimidando o terceiro milionário, Gideon Wise — um velho duro, seco e anguloso, do tipo que seus compatriotas comparam à nogueira, com uma barbicha dura e grisalha e os modos e vestimentas de qualquer velho fazendeiro das planícies centrais. Havia, entre Wise e Gallup, uma velha divergência a respeito de “associação” e “competição”. Pois o velho Wise ainda conservava, com as maneiras de um velho colono, algo de suas opiniões de antigo individualista. Ele pertencia, como diríamos na Inglaterra, à Escola de Manchester, e Gallup sempre tentava persuadi-lo a eliminar a competição e concentrar os recursos.

— Será preciso aceitar, meu velho, mais cedo ou mais tarde — Gallup estava dizendo jovialmente, quando Byrne chegou. — É assim que o mundo está indo, e agora já não podemos voltar ao empreendimento individual. Todos nós precisamos nos manter unidos.

— Se pudesse dizer uma palavra — disse Stein, em seu jeito tranquilo —, eu diria que há algo um pouco mais urgente do que permanecermos unidos comercialmente. Custe o que custar, devemos nos unir politicamente. E é por isso que pedi ao Sr. Byrne para nos encontrar aqui hoje. Na questão política necessitamos de harmonia, pela simples razão de que todos os nossos inimigos mais perigosos já estão em harmonia.

— Ah, eu concordo plenamente sobre a harmonia política — resmungou Gideon Wise.

— Veja aqui — disse Stein ao jornalista —, sei que o senhor conhece bem esses lugares esquisitos, Sr. Byrne, e quero que faça algo para nós, extraoficialmente. O senhor sabe onde esses homens se reúnem. Só dois ou três deles importam, John Elias e Jake Halket, que é quem faz os discursos, e talvez aquele cara que é poeta, o Horne.

— Ora, Horne era amigo de Gideon — disse o zombeteiro Sr. Gallup. — Os dois eram colegas na Escola Dominical ou algo assim.

— Nessa época ele era cristão — disse solenemente o velho Gideon —, mas quando um homem se envolve com ateus, nunca se sabe. Ainda o encontro de

vez em quando. Eu estava pronto para apoiá-lo contra a guerra e o recrutamento e tudo mais, é claro, mas quanto a todos esses malditos bolches por aí...

— Com licença — interrompeu Stein —, o assunto é bastante urgente, então espero que me dê licença de expô-lo ao Sr. Byrne. Sr. Byrne, posso dizer-lhe confidencialmente que detenho informações, ou melhor, provas que levariam pelo menos dois desses homens à prisão por um longo período, em conexão com conspirações durante a última guerra. Não quero usar essas provas. No entanto, quero que o senhor os procure, discretamente, e diga-lhes que vou usá-las, e amanhã mesmo, a menos que mudem sua atitude.

— Bem — respondeu Byrne —, o que o senhor propõe certamente seria chamado de cumplicidade e poderia ser chamado de chantagem. Não acha que é bastante perigoso?

— Acho que é bastante perigoso para eles — disse Stein com um estalo. — E quero que o senhor vá lhes dizer isso.

— Oh, muito bem — disse Byrne, levantando-se, com um suspiro semicômico. — Está tudo na ordem do dia, mas se eu me meter em apuros, aviso que tentarei arrastá-lo.

— Tentar você vai, rapaz — disse o velho Gallup com uma gargalhada.

Pois ainda resta tanto daquele grandioso sonho de Jefferson e daquilo que os homens chamam de democracia que, em seu país, conquanto os ricos governem como tiranos, os pobres não falam como escravos; mas há franqueza entre o opressor e o oprimido.

O ponto de encontro dos revolucionários era um lugar estranho, vazio e caído de branco, em cujas paredes havia um ou dois esboços toscos e distorcidos em preto e branco, no estilo de algo que se supunha ser arte proletária, da qual nem mesmo um proletário a cada milhão poderia entender nada. Talvez o único ponto em comum entre os dois conciliábulos fosse o fato de ambos violarem a Constituição americana, pelo consumo de bebida forte. Coquetéis de várias cores tinham passado diante dos três milionários. Halket, o mais violento dos bolcheviques, considerava a vodka a única bebida adequada. Ele era um sujeito alto e corpulento, inclinado para a frente de forma ameaçadora, e seu perfil era agressivo como o de um cachorro: tinha o nariz e os lábios esticados juntos e, sobre estes últimos, um bigode ruivo esfarrapado e curvado para fora com perpétuo desprezo. John Elias era um homem moreno e atento, de óculos, com uma barba preta pontiaguda; e aprendera, em muitos cafés europeus, a gostar de absinto. A primeira e última impressão do jornalista foi a de que John Elias e Jacob P. Stein, afinal, eram

parecidos. Eram tão parecidos no rosto, na mente e nas maneiras que o milionário poderia ter desaparecido por um alçapão no Babylon Hotel e ressurgido no reduto dos bolcheviques.

O terceiro homem também tinha, quanto a bebidas, um gosto peculiar, e a sua bebida era um símbolo dele. Pois o que estava diante do poeta Horne era um copo de leite, e sua própria suavidade parecia ter, naquele ambiente, algo de sinistro, como se sua cor opaca e incolor fosse um pus leproso mais mortífero do que o verde morto e doentio do absinto. No entanto, na verdade, a brandura era genuína, pois Henry Horne chegara aos quartéis da revolução por um caminho muito diferente e vindo de origens muito diferentes das de Jake, o trombadinha vulgar, e de Elias, o conspirador cosmopolita. Ele recebeu o que se chama de uma boa educação, frequentou a capela na infância e carregou pela vida uma abstinência da qual não conseguiu se livrar, após rejeitar ninharias como o cristianismo e o matrimônio. Tinha cabelos claros e um rosto fino que poderia parecer o de Shelley, se não tivesse enfraquecido o queixo com uma pequena e estrangeira franja de barba. De alguma forma, a barba o fazia parecer mais com uma mulher. Era como se aqueles poucos fios dourados fossem tudo de que ele era capaz.

Quando o jornalista entrou, o notório Jake estava falando, como sempre. Horne havia proferido alguma frase casual e convencional contendo um “Deus não permita” uma coisa qualquer, e isso foi o bastante para desencadear em Jake uma torrente de palavras.

— “Deus não permita”! Isso é tudo o que ele realmente faz — disse ele. — O Céu nunca faz nada além de não permitir, proibir isso e aquilo. Nos proíbe de atacar, e nos proíbe de lutar, e nos proíbe de atirar nos malditos usurários e sugadores de sangue. Por que o Céu não proíbe nadinha a eles? Por que os malditos padres e párocos não se levantam e contam a verdade sobre esses brutos para variar? Por que o precioso Deus deles não...

Elias permitiu que um leve suspiro, como o de cansaço, se lhe escapasse.

— Os padres — disse ele — pertenciam, como Marx mostrou, ao estágio feudal do desenvolvimento econômico e, portanto, não são mais parte do problema. O papel antes desempenhado pelo padre agora é desempenhado pelo capitalista especializado e...

— Sim — interrompeu o jornalista, com sua implacabilidade sombria e irônica — e já é hora de saberem que alguns desses são muito bons em desempenhar seus papéis — e sem tirar os olhos dos olhos brilhantes, mas mortos, de Elias, informou-o da ameaça de Stein.

— Eu estava preparado para algo desse tipo — disse o sorridente Elias

sem se mover. — Posso dizer que estou perfeitamente preparado.

— Cães sujos! — explodiu Jake. — Se um homem pobre dissesse uma coisa dessas, ele iria para a cadeia e para os trabalhos forçados. Mas acho que eles irão para algum lugar pior antes que percebam. Se eles não forem para o Inferno, não sei para onde diabos irão...

Horne fez um movimento de protesto, talvez não tanto pelo que o homem estava dizendo, mas pelo que ele ia dizer, e Elias interrompeu o discurso com uma exatidão fria.

— É totalmente desnecessário para nós — disse ele, olhando para Byrne firmemente através de seus óculos — fazer ameaças ao outro lado. Basta que suas ameaças sejam ineficazes no que nos diz respeito. Também fizemos todos os nossos próprios arranjos, e alguns deles não serão conhecidos até que entrem em ação. No que nos diz respeito, uma ruptura imediata e um teste extremo de forças estão de acordo com o planejado.

Enquanto ele falava de uma maneira bastante calma e digna, algo em seu rosto amarelo imóvel e seus grandes óculos fez com que um leve medo subisse pela espinha do jornalista. O rosto selvagem de Halket parecia conter um rosnado em sua própria silhueta, quando visto de lado, mas encarado frente a frente, a raiva guardada em seus olhos também continha um elemento de ansiedade, como se o enigma ético e econômico fosse afinal um pouco demais para ele. E Horne parecia ainda mais amarrado às cordas da apreensão e da autocritica. Mas sobre esse terceiro homem de óculos, que falava de maneira tão sensata e simples, havia algo estranho. Ele era como um homem morto falando à mesa.

Quando Byrne foi embora, portando sua mensagem de desafio, e passou pela estreitíssima passagem ao lado da mercearia, encontrou o fim da passagem obstruído por uma figura estranha, embora estranhamente familiar: baixinha e robusta, um vulto de ar insólito na escuridão, com sua cabeça redonda e chapéu largo.

— Padre Brown! — exclamou o atônito jornalista. — Acho que o senhor deve ter entrado na porta errada. Não creio que o senhor esteja nessa pequena conspiração.

— A minha conspiração é bem mais antiga — respondeu o Padre Brown, sorrindo —, mas é uma conspiração bastante divulgada.

— Bem — respondeu Byrne —, o senhor não deve supor que haja aqui alguém que esteja a menos de mil milhas da sua responsabilidade.

— Nem sempre é fácil dizer — respondeu o padre, ponderado. — Mas, na

verdade, há uma pessoa aqui que está a um centímetro do meu cuidado.

Desapareceu pela entrada escura e o jornalista seguiu, muito intrigado, seu caminho. Ele ficou ainda mais intrigado com um pequeno incidente que lhe ocorreu quando entrou no hotel para apresentar o relatório para seus clientes capitalistas. Chegava-se ao caramanchão de flores e gaiolas, em que aqueles velhos cavalheiros rabugentos estavam protegidos, por um lance de degraus de mármore, ladeado por ninfas e tritões dourados. Por esses degraus vinha descendo um jovem ativo de cabelos pretos, nariz arrebitado e uma flor na lapela, que o agarrou e puxou para o lado antes que ele pudesse subir a escada.

— Olha — sussurrou o jovem —, eu sou Potter... o secretário do velho Gid. Agora, entre nós, vem tempestade por aí, hein?

— Cheguei à conclusão — respondeu Byrne cautelosamente — que o Ciclope tem algo na bigorna. Lembre-se sempre, porém, que o Ciclope é um gigante, mas só tem um olho. Acho que o bolchevismo é...

Enquanto ele falava, o secretário ouvia com um rosto que tinha uma certa imobilidade quase asiática, apesar da vivacidade das pernas e do traje. Mas quando Byrne disse a palavra “bolchevismo”, os olhos pene trantes do jovem se desviaram e ele disse rapidamente:

— Como é que... ah, sim, esse tipo de tempestade. Desculpe, erro meu. Falava de bigorna mas eu me referia a congelador.

E com isso o extraordinário jovem desapareceu descendo os degraus e Byrne continuou a subi-los, com sua mente cada vez mais obscura.

Ele encontrou o grupo aumentado de três para quatro membros pela presença de uma pessoa com um rosto modelado a machadadas, cabelo cor de palha muito ralo e monóculo. Parecia ser uma espécie de conselheiro do velho Gallup, possivelmente seu advogado, embora não fosse assim chamado, definitivamente. Seu nome era Nares, e as perguntas que dirigiu a Byrne tratavam principalmente, por uma razão ou outra, do número de pessoas provavelmente alistadas na organização revolucionária. Sobre isto, dado que Byrne sabia pouco, ele falou menos, e os quatro homens finalmente se levantaram de seus assentos, a última palavra sendo dada ao homem que mais permanecera calado.

— Obrigado, Sr. Byrne — disse Stein, fechando os óculos. — Resta apenas dizer que está tudo pronto. Nesse ponto concordo plenamente com o Sr. Elias. Amanhã, antes do meio-dia, a polícia terá prendido o Sr. Elias, com base em provas que já lhes terei apresentado, e ao menos aqueles três estarão presos antes de anoitecer. Como o senhor sabe, tentei evitar essa rota. Acho que é tudo, cavalheiros.

Mas o Sr. Jacob P. Stein não prestou depoimento no dia seguinte, por uma razão que muitas vezes já interrompeu as atividades de pessoas tão industriosas quanto ele. Ele não o fez porque estava morto; e todo o resto do plano foi abandonado, por uma razão que Byrne descobriu em letras gigantescas quando abriu seu jornal matutino: “Terrível assassinato triplo: três milionários mortos em uma noite”. Seguiam-se outras frases exclamativas, em letras menores, apenas cerca de quatro vezes o tamanho do tipo normal, o que enfatizava a característica especial do mistério: o fato de que os três homens haviam sido mortos não apenas simultaneamente, mas em três lugares muito distantes. Stein em sua artística e luxuosa residência de campo, distante da costa cento e sessenta quilômetros; Wise no terreno de seu reduzido bangalô à beira da praia, onde se nutria da brisa do mar e de uma vida simples; e o velho Gallup em um matagal fora dos muros de sua grande casa, no outro extremo do condado. Em todos os três casos, não havia dúvida sobre as cenas de violência que precederam a morte, embora até o segundo dia não tivesse sido encontrado o cadáver propriamente dito de Gallup no lugar onde estava, largado, inchado e horrível, entre as forquilhas e galhos quebrados do pequeno arbusto no qual seu corpo havia caído, como um bisão que afronta as lanças; enquanto Wise havia claramente sido arremessado do penhasco para o mar, não sem luta, pois suas pegadas rastejantes e escorregadias ainda podiam ser rastreadas bem na borda do penhasco. Mas o primeiro sinal da tragédia tinha sido a visão de seu grande e amolecido chapéu de palha, flutuando ao longe nas ondas, enxergado do alto dos penhascos. A princípio, o cadáver de Stein também iludiu o resgate, até que um leve rastro de sangue levou os investigadores a uma piscina que ele estava construindo em seu jardim, no antigo estilo romano. Ele era um homem de mente experimental e apreciador de antiguidades.

O que quer que pensasse, Byrne se viu obrigado a admitir que não havia provas legais contra ninguém, dentro do cenário em questão. Ter um motivo para o assassinato não era suficiente. Mesmo uma aptidão moral para o assassinato não era suficiente. E ele não conseguia conceber aquele jovem e pálido pacifista, Henry Horne, massacrando outro homem com violência brutal, embora pudesse conceber o blasfemo Jake e até mesmo o sarcástico judeu como sendo capazes de qualquer coisa. A polícia e o homem que parecia auxiliá-los (que não era outro senão o misterioso homem de monóculo, apresentado como Sr. Nares) percebiam a situação com tanta clareza quanto o jornalista.

Sabiam que, por enquanto, os conspiradores bolcheviques não poderiam ser indiciados e condenados, e que seria um grande fracasso sensacionalista se eles fossem indiciados e absolvidos. A primeira providência de Nares foi, com uma franqueza engenhosa, recebê-los numa espécie de concílio, convidando-os para um conclave privado e pedindo-lhes que dessem suas opiniões livremente, pelo bem da

humanidade. Ele havia começado suas investigações no local mais próximo da tragédia, o bangalô à beira-mar; e Byrne teve permissão para estar presente em uma cena curiosa, ao mesmo tempo uma negociação pacífica entre diplomatas e uma velada inquisição ou interrogatório de suspeitos. Para surpresa de Byrne, o incongruente conjunto sentado ao redor da mesa no bangalô à beira-mar incluía a figura atarracada e a cabeça de coruja do Padre Brown, embora sua ligação com o caso só ficasse patente algum tempo depois. A presença do jovem Potter, secretário do falecido, era mais natural. Ainda assim, de alguma forma, seu comportamento não era tão natural. Só ele estava totalmente familiarizado com o local de encontro e, de certa forma, era o anfitrião; no entanto, forneceu pouca ajuda ou informação. Seu rosto redondo de nariz arrebitado tinha uma expressão mais de irritação que de tristeza.

Jake Halket, como sempre, foi quem mais falou; e não se podia esperar que um homem desse tipo acatasse a polida ficção de que ele e seus amigos não estavam sendo acusados. O jovem Horne, à sua maneira mais refinada, tentou contê-lo quando começou a desrespeitar os homens que haviam sido assassinados; mas Jake estava sempre tão pronto para atropelar seus amigos quanto seus inimigos. Em uma torrente de blasfêmias, ele descarregou de sua alma um obituário não oficial do falecido Gideon Wise. Elias estava sentado, imóvel e aparentemente indiferente por trás daqueles óculos que mascaravam seus olhos.

— Seria inútil, suponho — disse Nares friamente —, dizer-lhe que seus comentários são indecentes. Talvez faça mais efeito se eu disser que eles são imprudentes. O senhor praticamente admite que odiava o homem morto.

— Vai me botar em cana por isso, não é? — zombou o demagogo. — Tá certo. Só que você vai ter que construir uma prisão para um milhão de homens se quiser prender todos os pobres que, com razão, odiavam Gid Wise. E você sabe muito bem que essa é a verdade de Deus.

Nares ficou em silêncio, e ninguém falou até que Elias interveio com seu tom claro, embora levemente ciciado.

— Isso me parece ser uma discussão altamente inútil para ambos os lados — disse ele. — Os senhores nos chamaram aqui para nos pedir informações ou para nos submeter a um interrogatório? Se acreditam em nós, respondemos que não temos informações. Se suspeitam de nós, devem nos dizer do que somos acusados, ou ter a delicadeza de guardar o fato para si mesmos. Ninguém foi capaz de sugerir a mais leve evidência conectando qualquer um de nós com essas tragédias mais do que com o assassinato de Júlio César. Os senhores não ousam nos prender e não pretendem dar crédito às nossas palavras. Então, de que serve nossa presença aqui?

E ele se levantou, abotoando calmamente o casaco, e seus amigos seguiram seu exemplo. Enquanto se dirigiam para a porta, o jovem Horne voltou-se e encarou os investigadores por um momento com seu rosto pálido e fanático.

— Gostaria de dizer — disse ele — que estive numa prisão imunda durante toda a guerra, porque não consenti em matar homem nenhum.

Com isso eles se retiraram, e os membros restantes do grupo se entreolharam severamente.

— Eu não me iludo — disse o Padre Brown — de que ainda sejamos os únicos vitoriosos, apesar da retirada deles.

— Nada me incomoda — disse Nares — exceto ser ofendido por Halket, aquele canalha blasfemo. Horne é um cavalheiro, de qualquer maneira. Mas o que quer que digam, tenho certeza absoluta de que sabem. Estão no esquema, ou a maioria deles está. Quase admitiram isso. Eles nos insultaram por não sermos capazes de provar que estamos certos, muito mais do que por estarmos errados. O que o senhor acha, Padre Brown?

O padre olhou para Nares com um olhar quase desconcertantemente suave e meditativo.

— É bem verdade — disse ele — que me ocorreu a ideia de que uma pessoa em particular sabe coisas que não nos contou. Mas acho que seria bom eu não mencionar o nome dele, por enquanto.

O monóculo de Nares caiu de seu olho e ele ergueu os olhos bruscamente.

— Nada ainda é oficial — disse ele. — Creio que o senhor saiba que, se reter informações em um estágio posterior, sua situação pode se complicar.

— Minha posição é simples — respondeu o padre. — Estou aqui para cuidar dos interesses legítimos de meu amigo Halket. Acho que será útil para ele, dadas as circunstâncias, se eu lhes disser que acredito que ele logo cortará sua ligação com esta organização e deixará de ser um socialista nesse sentido. Tenho todos os motivos para acreditar que ele provavelmente vai acabar católico.

— Halket! — explodiu o outro, incrédulo. — Ora, ele amaldiçoa os padres o dia inteiro!

— Acho que o senhor não entende muito bem esse tipo de homem — disse o Padre Brown, suavemente. — Ele amaldiçoa os padres por deixarem (em sua opinião) de afrontar o mundo inteiro em nome da justiça. Por que ele esperaria deles que afrontassem o mundo inteiro em nome da justiça, a menos

que ele já tivesse começado a presumir que eles sejam... o que eles são? Mas não nos reunimos aqui para discutir a psicologia da conversão. Menciono isso apenas porque pode simplificar sua tarefa... talvez restringir sua investigação.

— Se for verdade, seria muito bom restringi-la a esse patife de cara longa, o tal de Elias... e para mim não seria nenhuma surpresa, pois nunca vi um demônio mais assustador, calculista e sarcástico.

Padre Brown suspirou.

— Ele sempre me lembrou o pobre Stein — disse ele. — Na verdade, acho que eram aparentados.

— Ah, eu vou dizer que... — começou Nares, quando seu protesto foi interrompido pela porta sendo escancarada e revelando, mais uma vez, a longa e folgada silhueta e o rosto pálido do jovem Horne, que parecia exibir não apenas sua palidez natural, mas uma nova e antinatural.

— Olá — exclamou Nares, colocando seu único monóculo —, por que voltou?

Horne atravessou a sala um tanto trêmulo sem dizer uma palavra e sentou-se pesadamente em uma cadeira. Depois, como se estivesse atordoado, ele disse:

— Eu perdi os outros... me perdi no caminho. Achei melhor voltar.

Os restos das beberagens noturnas estavam sobre a mesa, e Henry Horne, o proibicionista desde sempre, serviu-se de uma taça de conhaque e a bebeu de um gole.

— O senhor parece chateado — disse o Padre Brown.

Horne pôs as mãos na testa e falou como se estivesse à sombra delas. Ele parecia falar apenas com o padre, em voz baixa.

— Acho que não tem problema se eu disser. Eu vi um fantasma.

— Um fantasma! — repetiu Nares, espantado. — Fantasma de quem?

— O fantasma de Gideon Wise, o dono desta casa — respondeu Horne com mais firmeza — flutuando sobre o abismo no qual ele caiu.

— Ah, que loucura! — disse Nares. — Nenhuma pessoa sensata acredita em fantasmas.

— Isso não é exato — disse o Padre Brown, sorrindo um pouco. — Há tão boas provas da existência de muitos fantasmas quanto da maioria dos crimes.

— Bem, meu trabalho é correr atrás dos criminosos — disse Nares, um tanto rudemente — e prefiro deixar para os outros o de fugir dos fantasmas. Se a esta altura do campeonato alguém escolhe ter medo de fantasmas, é problema dele.

— Eu não disse que tenho medo de fantasmas, embora ouse dizer que poderia ter — disse o Padre Brown. — Ninguém sabe até experimentar. Eu disse que acreditava em fantasmas. Ao menos o suficiente para querer ouvir mais sobre este. O que exatamente o senhor viu, Sr. Horne?

— Foi ali na beira daqueles penhascos erodidos. Como o senhor sabe, há uma espécie de lacuna ou fenda quase no local de onde ele foi jogado. Os outros tinham ido na frente e eu atravessava a charneca em direção à senda que ladeia o penhasco. Caminhava por ela frequentemente, pois gostava de ver as ondas altas batendo contra os rochedos. Hoje não pensei muito a respeito, além de imaginar que o mar estaria bastante agitado sob uma noite de luar tão claro. Eu podia ver as pálidas cristas de espuma aparecerem e desaparecerem, conforme as grandes ondas saltavam sobre o promontório. Três vezes vi o rápido reflexo do luar na espuma, e então vi algo inexplicável. O quarto reflexo da espuma prateada pareceu se fixar no céu. Ele não se apagou. Esperei com uma intensidade insana que se apagasse. Imaginei que estava louco e que aquele instante havia sido misteriosamente pausado ou prolongado numa ilusão minha. Então me aproximei e acho que gritei alto. Pois aquela aspersão suspensa, como flocos de neve que flutuam, havia composto um rosto e uma figura, brancos como um leproso e terríveis como um relâmpago imóvel.

— E, como você disse, era Gideon Wise?

Horne assentiu sem falar. Houve um silêncio interrompido abruptamente por Nares, que se levantou. Tão abruptamente, de fato, que derrubou uma cadeira.

— Oh, isso tudo é um absurdo — disse ele —, mas é melhor irmos lá ver.

— Eu não vou — disse Horne com súbita violência. — Nunca mais vou andar por essa trilha.

— Acho que todos devemos andar por essa trilha nesta noite — disse o padre, gravemente. — Embora eu jamais vá negar que trata-se de uma trilha perigosa... para mais do que uma pessoa.

— Eu não vou... Deus, como vocês todos me perturbam — gritou Horne, e revirava os olhos de uma forma estranha. Ele havia se levantado com os outros, mas não fez nenhum movimento em direção à porta.

— Sr. Horne — disse Nares com firmeza —, sou um policial, e esta casa, embora o senhor não saiba disso, está cercada pela polícia. Tentei investigar amigavelmente, mas devo investigar tudo, até mesmo algo tão idiota quanto

um fantasma. Devo pedir-lhe que me leve ao local de que fala.

Houve outro silêncio, enquanto Horne arfava e ofegava como se sofresse com medos indescritíveis. Então, de repente, ele voltou a se sentar em sua cadeira e disse, com uma voz totalmente nova e muito mais composta:

— Eu não posso fazer isso. Melhor eu dizer logo o porquê. O senhor ia descobrir isso mais cedo ou mais tarde. Eu o matei.

Por um instante houve o silêncio de uma casa atingida por um raio e cheia de cadáveres. Então, em meio àquele silêncio enorme, soou a voz do Padre Brown, estranhamente baixa como o guincho de um rato.

— Você o matou deliberadamente? — perguntou.

— Como se pode responder a tal pergunta? — respondeu o homem na cadeira, mordiscando o dedo. — Eu estava louco, suponho. Sei que ele era intolerável e insolente. Eu estava em sua propriedade, e acredito que ele me atacou. De qualquer forma, chegamos a lutar e ele caiu do penhasco. Quando já estava bem longe da cena, percebi que havia cometido um crime que me separava dos homens. A marca de Caim latejava em minha testa e em minha mente. Pela primeira vez percebi que havia, de fato, matado um homem. Eu sabia que teria de confessar mais cedo ou mais tarde — ele se sentou repentinamente ereto em sua cadeira. — Mas não direi nada contra ninguém. Não adianta me perguntar sobre conspirações ou cúmplices... não direi nada.

— À luz dos outros assassinatos — disse Nares — é difícil acreditar que a luta tenha sido tão não premeditada. Com certeza alguém o mandou para lá?

— Não direi nada contra ninguém com quem trabalhei — disse Horne, com orgulho. — Sou um assassino, mas não serei um traidor.

Nares interpôs-se entre o homem e a porta e chamou, num estilo oficial, alguém que estava do lado de fora.

— De qualquer forma, iremos todos ao local — disse ele em voz baixa ao secretário —; mas este homem deve ser posto sob custódia.

Após a confissão do assassino, a opinião geral do grupo era que ir caçar fantasmas em um penhasco era um anticlímax muito idiota. Mas Nares, embora o mais cético e desdenhoso de todos, considerava seu dever verificar o que havia sob cada pedra, ou sob cada lápide, alguém talvez dissesse. Pois, afinal, aquele penhasco erodido era a única lápide sobre o túmulo aquático do pobre Gideon Wise. Nares trancou a porta, sendo o último a sair da casa, e seguiu os outros pela charneca até o penhasco, quando ficou surpreso ao ver o

jovem Potter, o secretário, voltar-se para eles num movimento rápido, com seu rosto tão branco quanto a lua que o iluminava

— Por Deus, senhor — disse ele, falando pela primeira vez naquela noite —, há realmente algo lá. É... é exatamente como ele.

— Ora, você está delirando — ofegou o detetive. — Todo mundo está delirando.

— Acha que não o reconheço quando o vejo? — exclamou o secretário com singular amargura. — Eu tenho motivos para isso.

— Talvez — disse incisivamente o detetive — você seja um daqueles que tinham motivos para odiá-lo, como disse Halket.

— Talvez — disse o secretário. — De qualquer forma, eu o conheço, e posso dizer que pude vê-lo parado ali, olhando fixamente sob esta Lua infernal.

E apontou para a fenda nas falésias, onde eles já viam algo que podia ser um raio de luar ou um lençol de espuma, mas que já começava a parecer um pouco mais sólido. Eles se aproximaram mais cem metros, e o que quer que fosse, ainda estava imóvel, mas parecia uma estátua de prata.

O próprio Nares estava um pouco pálido e parecia estar pensando no que fazer. Potter estava abertamente tão assustado quanto o próprio Horne, e até mesmo Byrne, que era um repórter endurecido, relutava em se aproximar se não fosse inevitável. Ele não pôde deixar de considerar um pouco estranho, portanto, que o único homem que parecia não ter medo de um fantasma fosse o homem que dissera abertamente que talvez tivesse medo. Pois o Padre Brown avançava, em seu passo lento, com tanta firmeza como se fosse consultar um quadro de avisos.

— Isso não parece afetá-lo muito — disse Byrne ao padre —, e, no entanto, eu tinha pensado que o senhor era o único que acreditava em assombrações.

— Se esse é o assunto — respondeu o Padre Brown —, eu tinha pensado que o senhor não acreditasse nelas. Mas acreditar em fantasmas é uma coisa, e acreditar em um fantasma é outra coisa bem diferente.

Byrne parecia bastante envergonhado de si mesmo e, quase disfarçadamente, observou os promontórios erodidos sob o luar frio, onde se abrigava a visão ou ilusão.

— Eu não acreditava, até que vi — disse ele.

— E eu acreditava, até que vi — disse o Padre Brown.

O jornalista observou-o enquanto ele avançava pelo grande terreno baldio que se erguia em direção ao promontório fendido, similar à encosta de uma colina cortada em duas partes. Sob a Lua sem cor, a grama lembrava longos cabelos grisalhos, penteados para o lado pelo vento, parecendo apontar para o lugar onde o penhasco quebrado exibia brilhos pálidos de giz na relva verde-acinzentada, e onde estava a figura pálida ou sombra brilhante que ninguém ainda conseguia entender. Até então aquela figura pálida dominava uma paisagem desolada, vazia exceto pelo torso preto e quadrado e a figura metódica do padre que, sozinho, avançava em direção a ela. Então o prisioneiro Horne separou-se repentinamente de seus captores com um grito penetrante e correu à frente do padre, caindo de joelhos diante do espectro.

— Eu já confessei — ouviram-no chorar. — Por que veio contar a eles que eu o matei?

— Vim lhes dizer que você não me matou — disse o fantasma, e lhe estendeu a mão. Então, o homem ajoelhado saltou com um grito de gênero desconhecido, e eles entenderam que a mão era de carne.

Foi a mais notável fuga da morte registrada nos últimos tempos, disse o experiente detetive e o não menos experiente jornalista. No entanto, em certo sentido, tinha sido algo muito simples, afinal. Pedacos e estilhaços do penhasco caíam continuamente, e alguns haviam ficado presos na fenda gigantesca, de modo a formar uma verdadeira saliência ou bolsão onde normalmente haveria apenas uma queda abrupta na escuridão até o mar. O velho, que era um velho muito duro e magro, tinha caído nesta plataforma rochosa inferior e passado vinte e quatro horas terríveis tentando escalá-la de volta por penhascos que constantemente desmoronavam sob ele, mas que por fim formaram, pela própria repetição do desabamento, uma espécie de escada de fuga. Essa pode ser a explicação da ilusão de ótica de Horne sobre uma onda branca que aparecia e desaparecia, e finalmente veio para ficar. De qualquer maneira, lá estava Gideon Wise, sólido em seus ossos e tendões, todo sujo em seus cabelos brancos rurais, suas roupas brancas rurais e suas rudes feições rurais, que estavam, no entanto, muito menos duras do que o normal. Talvez seja salutar, para quem é milionário, passar vinte e quatro horas em uma saliência de rocha a trinta centímetros da eternidade. De qualquer forma, ele não apenas renunciou a qualquer queixa contra o criminoso, mas relatou os fatos de um modo que modificou consideravelmente o crime. Declarou que Horne não o havia arremessado de forma alguma, que o terreno em constante erosão cedeu sob os pés dele e que Horne até fez algum movimento similar a uma tentativa de socorro.

— Naquele monte providencial de pedras lá embaixo — disse ele solenemente —, eu prometi ao Senhor perdoar meus inimigos, e o Senhor veria como uma grande maldade se eu não perdoasse um pequeno acidente

como esse.

Horne teve que partir sob supervisão policial, é claro, mas o detetive não se iludiu, sabendo que a detenção do prisioneiro provavelmente seria curta e sua punição, se houvesse, insignificante. Não é todo assassino que pode trazer o homem assassinado até o banco das testemunhas para dar um depoimento em seu favor.

— É um caso estranho — disse Byrne, enquanto o detetive e os outros percorriam a trilha do penhasco em direção à cidade.

— É — disse o Padre Brown. — Não é da nossa conta, mas gostaria de parar e conversar um pouco com o senhor sobre isso.

Houve um silêncio e então Byrne cedeu, dizendo de repente:

— Suponho que o senhor já estava pensando em Horne, quando disse que alguém não estava dizendo tudo o que sabia.

— Quando eu disse isso — respondeu seu amigo —, estava pensando no extremamente silencioso Sr. Potter, o secretário do não mais falecido ou (digamos) saudoso Sr. Gideon Wise.

— Bem, na única vez que Potter falou comigo pensei que ele fosse um lunático — disse Byrne, olhando fixamente —, mas nunca pensei que fosse um criminoso. Pelo que me disse, tudo tinha a ver com um congelador...

— Sim, pensei que ele soubesse algo sobre o assunto — disse Padre Brown, pensativo. — Eu nunca disse que ele tinha algo a ver com o assunto... Acho que o velho Wise é mesmo forte o suficiente para conseguir sair do abismo.

— O que quer dizer? — perguntou o atônito repórter. — Ora, é claro que saiu do abismo. A prova disso é que lá está ele.

O padre não respondeu, mas perguntou abruptamente:

— O que acha de Horne?

— Bem, não se pode chamá-lo exatamente de criminoso — respondeu Byrne. — Ele não tem nada a ver com qualquer criminoso que eu já tenha visto, e tenho alguma experiência. E, claro, Nares tem muito mais do que eu. Acho que nunca acreditamos que ele fosse um criminoso.

— E eu nunca acreditei que ele fosse qualquer outra coisa — disse o padre, calmamente. — O senhor pode saber mais sobre criminosos. Mas há uma classe de pessoas que eu provavelmente conheço melhor do que o senhor, ou

até mesmo Nares. Conheço muitos deles e conheço seus atos.

— Outra classe de pessoas — repetiu Byrne, perplexo. — Ora, que classe é esta?

— Os penitentes — disse o Padre Brown.

— Não entendo muito bem — objetou Byrne. — Quer dizer que não acredita no crime dele?

— Não acredito na confissão dele — disse o Padre Brown. — Já ouvi muitas confissões, e nenhuma confissão genuína é como a dele. Foi uma confissão romântica, toda conforme a cartilha. Note como ele falava da marca de Caim. Isso é seguir uma cartilha. Não é o que alguém sentiria, se tivesse real e pessoalmente feito alguma coisa que, até então, considerasse horrível. Suponha que o senhor é um balconista ou vendedor honesto chocado ao sentir, pela primeira vez, que roubou algum dinheiro. Sua primeira e imediata reflexão seria julgar seu ato como o mesmo de Barrabás? Suponha que matou uma criança em um medonho ataque de fúria. Voltaria na história até poder identificar sua ação com a de um potentado idumeu chamado Herodes? Acredite, nossos crimes particulares são horivelmente privados e prosaicos demais para fazerem com que nosso primeiro pensamento se volte aos correspondentes his tóricos, por mais adequados que estes sejam. E por que ele fez questão de dizer que não denunciaria seus colegas? Precisamente ao dizer isso ele estava delatando-os. Ninguém havia lhe pedido até o momento para entregar nada ou ninguém. Não, não acho que ele disse a verdade e não lhe daria a absolvição. Que coisa bonita as pessoas sendo absolvidas pelo que não fizeram — e o Padre Brown, com a cabeça virada, olhava fixamente o mar.

— Mas não entendo aonde o senhor quer chegar — exclamou Byrne. — Qual é a vantagem de atormentá-lo com suspeitas quando ele está perdoado? Seja como for, ele está fora de suspeita. Está bem seguro.

Padre Brown girou como um pião e agarrou o amigo pelo casaco, numa inesperada e inexplicável agitação.

— É isso — exclamou enfaticamente. — Guarde isso! Ele está bem seguro. Está fora disso. É por isso que é a chave do enigma.

— Ai! Socorro! — disse Byrne, debilmente.

— Quero dizer — persistiu o padreco —, ele está dentro porque está fora. Essa é a explicação completa.

— Completa e muito lúcida, também — disse o jornalista, briosamente.

Por algum tempo, ficaram contemplando o mar em silêncio. Em seguida Padre Brown disse com alegria:

— E assim, voltamos ao congelador. Desde o início, onde todos vocês erraram neste caso é onde muitos jornais e homens públicos erram. Porque assumiram não haver, no mundo moderno, nada por que lutar, a não ser o bolchevismo. Esta história não tem nada a ver com o bolchevismo; exceto, talvez, como um disfarce.

— Não vejo como isso pode ser verdade — protestou Byrne. — Temos, vítimas de assassinato, os três milionários do mesmo ramo...

— Não! — disse o padre, com uma voz aguda e retumbante. — Não temos. É só isso. Não temos três milionários assassinados. Temos dois milionários assassinados, e temos o terceiro milionário muito vivo e disposto a fazer a festa. E temos esse terceiro milionário perpetuamente livre da ameaça que foi lançada em sua cara, diante do senhor, em termos jocosamente educados, naquela conversa que, segundo o senhor, aconteceu no hotel. Gallup e Stein ameaçaram o velho camelô mais antiquado e independente de que, se ele não entrasse no negócio deles, eles o congelariam. O que explica essa conversa de “congelador”, é claro.

Após uma pausa, continuou.

— Existe, sem dúvida, um movimento bolchevista no mundo moderno, e sem dúvida deve-se resistir a ele, embora eu não dê muito crédito à sua maneira de resistir a ele. Mas o que ninguém percebe é que existe outro movimento igualmente moderno e igualmente avançado: o grande movimento rumo ao monopólio ou à transformação de todos os ofícios em trustes. Esse movimento também é revolucionário. Ele também produz o que todas as revoluções produzem. Os homens matarão por ele e contra ele, como matam a favor e contra o bolchevismo. Ele tem seus ultimatos, suas invasões e suas execuções. Esses magnatas monopolistas têm seus tribunais, como se fossem reis. Eles têm seus guarda-costas e seus capangas. Têm seus espiões no território inimigo. Horne era um dos espiões do velho Gideon em um dos acampamentos inimigos, mas neste caso, ele foi usado contra outro inimigo: os rivais que o estavam perseguindo por seu individualismo.

— Ainda não entendo bem como — disse Byrne — ou por qual vantagem ele teria sido usado.

— Não percebe — exclamou o Padre Brown, bruscamente — que eles deram um alibi um ao outro?

Byrne ainda olhava para ele com um pouco de dúvida, embora a compreensão começasse a surgir em seu rosto.

— É isso que quero dizer — continuou o outro — quando digo que eles estavam dentro porque estavam fora. A maioria das pessoas diria que eles estavam fora nos outros dois crimes, porque estavam dentro neste. Na verdade, estavam nos outros dois porque estavam fora neste: porque este nunca aconteceu. Um tipo de álibi muito esquisito e improvável, é claro. Improvável e, portanto, impenetrável. A maioria das pessoas diria que um homem que confessa um assassinato só pode estar sendo sincero. Um homem que perdoa seu assassino só pode estar sendo sincero. Ninguém pensaria na ideia de que o crime nunca aconteceu, de modo que um homem não tenha nada a perdoar e o outro nada a temer. Foram fixados aqui naquela noite por causa de uma história contra eles mesmos. Mas não estavam aqui naquela noite; pois Horne estava assassinando o velho Gallup na floresta, enquanto Wise estrangulava aquele pequeno judeu em sua piscina romana. É por isso que pergunto se Wise era mesmo forte o suficiente para a aventura da escalada.

— Uma aventura muito boa — disse Byrne, com pesar. — Encaixava-se na paisagem e, de fato, era muito convincente.

— Convincente demais para convencer — disse o Padre Brown, balançando a cabeça. — Que imagem vívida, a espuma que, ao luar, se erguia e se transformava em um fantasma. E tão literária! Horne é um canalha e um rato, mas não esqueça que, como tantos outros canalhas e ratos da história, ele também é um poeta.



NOTAS DE RODAPÉ

1 James Monroe (1758–1831), presidente dos EUA.e 1817 a 1825, cuja política externa era baseada em proteger o continente americano de toda intervenção europeia, “América para os americanos” — NE.

2 Conspirador inglês, responsável por criar graves e caluniosas acusações contra diversos católicos — NT.

3 Feriado nacional nos EUA.ue comemora a declaração da independência (1776) — NE.

4 Apelido de Andrew Jackson (1767–1845), sétimo presidente dos EUA — NT.

5 Ou seja, tinha consumido bebidas alcóolicas. A emenda proíbia fabricar, vender e transportar bebidas alcoólicas — NT.

6 Jocosamente, Padre Brown cita a declaração de independência dos EUA. trocando happiness (felicidade) por automobilismo — NT.

7 Deusa da Noite na mitologia romana — NE.

8 Frase atribuída a Mirabeau, quando os títulos foram abolidos e passou a ser chamado pelo sobrenome civil — NT.

9 Podendo-se entender o “M” como “Marquis” e “Monsieur” — nt.

10 Uma das primeiras histórias de locked room, em que o mistério envolve um crime cometido num local inacessível — nt.

11 Trocadilho intraduzível entre nose e noose. Original: “He had a nose on his face and he had a noose round his neck” — nt.

12 Ilha voadora mencionada em As viagens de Gulliver, de Jonathan Swift — NT.

13 Aliancistas ou testamentários; partido político e religioso escocês do século xvii — NT.

14 Massacre de um clã escocês em 1692 — NT.

15 Nome curiosamente parecido com um reflexo da palavra doom: o w. como um m.e cabeça para baixo, e neste conto fala-se de um reflexo verticalmente invertido — NT.

Table of contents

1. [Nota do autor](#)
2. [I - A ressurreição do Padre Brown](#)
3. [II - A flecha do Céu](#)
4. [III - O oráculo do cão](#)
5. [IV - Milagre em Moon Crescent](#)
6. [V - A maldição da cruz de ouro](#)
7. [VI - A adaga alada](#)
8. [VII - A sina dos Darnaways](#)
9. [VIII - O fantasma de Gideon Wise](#)
10. [Notas de Rodapé](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)
3. [Sumário](#)

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)

21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)
44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)
53. [53](#)
54. [54](#)
55. [55](#)
56. [56](#)
57. [57](#)
58. [58](#)
59. [59](#)
60. [60](#)
61. [61](#)
62. [62](#)
63. [63](#)
64. [64](#)

65. [65](#)
66. [66](#)
67. [67](#)
68. [68](#)
69. [69](#)
70. [70](#)
71. [71](#)
72. [72](#)
73. [73](#)
74. [74](#)
75. [75](#)
76. [76](#)
77. [77](#)
78. [78](#)
79. [79](#)
80. [80](#)
81. [81](#)
82. [82](#)
83. [83](#)
84. [84](#)
85. [85](#)
86. [86](#)
87. [87](#)
88. [88](#)
89. [89](#)
90. [90](#)
91. [91](#)
92. [92](#)
93. [93](#)
94. [94](#)
95. [95](#)
96. [96](#)
97. [97](#)
98. [98](#)
99. [99](#)
100. [100](#)
101. [101](#)
102. [102](#)
103. [103](#)
104. [104](#)
105. [105](#)
106. [106](#)
107. [107](#)
108. [108](#)

109. [109](#)
110. [110](#)
111. [111](#)
112. [112](#)
113. [113](#)
114. [114](#)
115. [115](#)
116. [116](#)
117. [117](#)
118. [118](#)
119. [119](#)
120. [120](#)
121. [121](#)
122. [122](#)
123. [123](#)
124. [124](#)
125. [125](#)
126. [126](#)
127. [127](#)
128. [128](#)
129. [129](#)
130. [130](#)
131. [131](#)
132. [132](#)
133. [133](#)
134. [134](#)
135. [135](#)
136. [136](#)
137. [137](#)
138. [138](#)
139. [139](#)
140. [140](#)
141. [141](#)
142. [142](#)
143. [143](#)
144. [144](#)
145. [145](#)
146. [146](#)
147. [147](#)
148. [148](#)
149. [149](#)
150. [150](#)
151. [151](#)
152. [152](#)

153. [153](#)
154. [154](#)
155. [155](#)
156. [156](#)
157. [157](#)
158. [158](#)
159. [159](#)
160. [160](#)
161. [161](#)
162. [162](#)
163. [163](#)
164. [164](#)
165. [165](#)
166. [166](#)
167. [167](#)
168. [168](#)
169. [169](#)
170. [170](#)
171. [171](#)
172. [172](#)
173. [173](#)
174. [174](#)
175. [175](#)
176. [176](#)
177. [177](#)
178. [178](#)
179. [179](#)
180. [180](#)
181. [181](#)
182. [182](#)
183. [183](#)
184. [184](#)
185. [185](#)
186. [186](#)
187. [187](#)
188. [188](#)
189. [189](#)
190. [190](#)
191. [191](#)
192. [192](#)
193. [193](#)
194. [194](#)
195. [195](#)
196. [196](#)

197. [197](#)
198. [198](#)
199. [199](#)
200. [200](#)
201. [201](#)
202. [202](#)
203. [203](#)
204. [204](#)
205. [205](#)
206. [206](#)
207. [207](#)
208. [208](#)
209. [209](#)
210. [210](#)
211. [211](#)
212. [212](#)
213. [213](#)
214. [214](#)
215. [215](#)
216. [216](#)
217. [217](#)
218. [218](#)
219. [219](#)
220. [220](#)
221. [221](#)
222. [222](#)
223. [223](#)
224. [224](#)
225. [225](#)
226. [226](#)
227. [227](#)
228. [228](#)
229. [229](#)
230. [230](#)
231. [231](#)
232. [232](#)
233. [233](#)
234. [234](#)
235. [235](#)
236. [236](#)
237. [237](#)
238. [238](#)
239. [239](#)
240. [240](#)

241. [241](#)
242. [242](#)
243. [243](#)
244. [244](#)
245. [245](#)
246. [246](#)
247. [247](#)
248. [248](#)
249. [249](#)
250. [250](#)
251. [251](#)
252. [252](#)
253. [253](#)
254. [254](#)
255. [255](#)
256. [256](#)
257. [257](#)
258. [258](#)
259. [259](#)
260. [260](#)
261. [261](#)
262. [262](#)
263. [263](#)
264. [264](#)
265. [265](#)
266. [266](#)
267. [267](#)
268. [268](#)
269. [269](#)
270. [270](#)
271. [271](#)
272. [272](#)
273. [273](#)
274. [274](#)
275. [275](#)
276. [276](#)
277. [277](#)
278. [278](#)
279. [279](#)
280. [280](#)
281. [281](#)